

ÍNDICE

| | | |
|-------------|---|--------|
| 6.4 - | Caracterização dos Aspectos do Meio Socioeconômico | 1/544 |
| 6.4.1 - | Considerações Gerais | 1/544 |
| 6.4.1.1 - | Áreas de Estudo para o Meio Socioeconômico | 3/544 |
| 6.4.1.2 - | Metodologia e Aspectos da Pesquisa | 6/544 |
| 6.4.1.2.1 - | Levantamento de Dados Secundários | 6/544 |
| 6.4.1.2.2 - | Roteiro para Pesquisa de Campo..... | 7/544 |
| 6.4.1.2.3 - | Reconhecimento da Área de Influência Direta - Traçado da LT | 9/544 |
| 6.4.1.2.4 - | Apresentação do Diagnostico Socioeconômico..... | 11/544 |
| 6.4.2 - | Aspectos Geopolíticos da Área de Abrangência Regional (ARR)..... | 15/544 |
| 6.4.2.1 - | Histórico de Ocupação Regional (AAR) | 15/544 |
| 6.4.2.2 - | Importância Estratégica do Território Amazônico: Projetos e ZEE.... | 19/544 |
| 6.4.2.3 - | Planos e Programas na Área de Abrangência Regional - AAR | 24/544 |
| 6.4.2.3.1 - | Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil | 24/544 |
| 6.4.2.3.2 - | Plano Amazônia Sustentável - PAS..... | 26/544 |
| 6.4.2.3.3 - | Programa de Desenvolvimento Sustentável da Produção Familiar Rural da Amazônia - PROAMBIENTE | 28/544 |
| 6.4.2.3.4 - | Programa Bolsa Família..... | 30/544 |
| 6.4.2.3.5 - | Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) | 31/544 |
| 6.4.2.3.6 - | Programa Brasil Quilombola | 31/544 |
| 6.4.2.3.7 - | Programa de Apoio à Elaboração dos Planos Diretores Municipais do Estado do Pará (PDM - Pará)..... | 32/544 |
| 6.4.2.3.8 - | Planos e Programas na Área Influência Direta | 32/544 |

| | | |
|-------------|---|---------|
| 6.4.3 - | Demografia, Estrutura Produtiva e Malha Urbana..... | 35/544 |
| 6.4.3.1 - | Histórico de Ocupação na Área de Influência Indireta..... | 35/544 |
| 6.4.3.1.1 - | Histórico de Ocupação no Estado do Pará..... | 35/544 |
| 6.4.3.1.2 - | Histórico dos Municípios da Área de Influência Indireta - Pará..... | 41/544 |
| 6.4.3.1.3 - | Histórico de Ocupação do Estado do Amapá..... | 48/544 |
| 6.4.3.1.4 - | Histórico dos Municípios da Área de Influência Indireta - Amapá..... | 52/544 |
| 6.4.3.1.5 - | Uso e Ocupação do Solo dos municípios atravessados pela LT..... | 55/544 |
| 6.4.3.1.6 - | Dados Gerais e Desmatamento..... | 62/544 |
| 6.4.3.1.7 - | Estrutura Fundiária..... | 67/544 |
| 6.4.3.1.8 - | Instrumentos de Gestão Territorial dos Municípios..... | 74/544 |
| 6.4.3.2 - | Dinâmica de Circulação..... | 80/544 |
| 6.4.3.2.1 - | Via Terrestre..... | 80/544 |
| 6.4.3.2.2 - | Ramais ou Estradas Vicinais..... | 84/544 |
| 6.4.3.2.3 - | Via Fluvial..... | 85/544 |
| 6.4.3.2.4 - | Serviços de Transporte..... | 87/544 |
| 6.4.3.3 - | Hierarquia Urbana Região: Pólos Regionais e Locais..... | 90/544 |
| 6.4.3.3.1 - | Metrópoles..... | 93/544 |
| 6.4.3.3.2 - | Capitais Regionais..... | 95/544 |
| 6.4.3.3.3 - | Centro Sub-regional..... | 95/544 |
| 6.4.3.3.4 - | Centro Local..... | 96/544 |
| 6.4.3.3.5 - | Outras Centralidades..... | 99/544 |
| 6.4.3.4 - | Aspectos Demográficos e Populacionais..... | 99/544 |
| 6.4.3.4.1 - | Área de Influência Indireta - Pará..... | 100/544 |

| | | |
|---------------|--|---------|
| 6.4.3.4.1.1 - | Concentração e Crescimento Populacional..... | 100/544 |
| 6.4.3.4.1.2 - | Distribuição da População e Situação do Domicílio | 103/544 |
| 6.4.3.4.1.3 - | Composição da População por Sexo de Grupos de Idade..... | 105/544 |
| 6.4.3.4.1.4 - | Evolução dos Indicadores Sociais: Esperança de Vida ao Nascer e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) | 108/544 |
| 6.4.3.4.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 109/544 |
| 6.4.3.4.2.1 - | Concentração e Crescimento Populacional..... | 109/544 |
| 6.4.3.4.2.2 - | Distribuição da População e Situação do Domicílio | 111/544 |
| 6.4.3.4.2.3 - | Composição da População por Sexo e Grupos de Idade | 114/544 |
| 6.4.3.4.2.4 - | Evolução dos Indicadores Sociais: Esperança de Vida ao Nascer e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) | 117/544 |
| 6.4.4 - | Organização Social, Serviços Públicos e Vulnerabilidades | 118/544 |
| 6.4.4.1 - | Saneamento Básico | 119/544 |
| 6.4.4.1.1 - | Área de Influência Indireta - Pará | 120/544 |
| 6.4.4.1.1.1 - | Abastecimento de Água | 120/544 |
| 6.4.4.1.1.2 - | Esgotamento Sanitário..... | 121/544 |
| 6.4.4.1.1.3 - | Destino do Lixo | 122/544 |
| 6.4.4.1.1.4 - | Saneamento Ambiental..... | 124/544 |
| 6.4.4.1.1.5 - | Serviços de Energia e Telecomunicação | 125/544 |
| 6.4.4.1.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 125/544 |
| 6.4.4.1.2.1 - | Abastecimento de Água | 125/544 |
| 6.4.4.1.2.2 - | Esgotamento Sanitário..... | 126/544 |
| 6.4.4.1.2.3 - | Destino do Lixo | 127/544 |
| 6.4.4.1.2.4 - | Saneamento Ambiental..... | 128/544 |
| 6.4.4.1.2.5 - | Serviços de Energia e Telecomunicação | 129/544 |

| | | |
|---------------|---|---------|
| 6.4.4.2 - | Saúde | 130/544 |
| 6.4.4.2.1 - | Área de Influência Indireta - Pará | 132/544 |
| 6.4.4.2.1.1 - | Serviços de Saúde | 132/544 |
| 6.4.4.2.1.2 - | Incidência de Endemias | 137/544 |
| 6.4.4.2.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 144/544 |
| 6.4.4.2.2.1 - | Serviços de Saúde | 144/544 |
| 6.4.4.2.2.2 - | Incidência de Endemias | 148/544 |
| 6.4.4.3 - | Educação | 151/544 |
| 6.4.4.3.1 - | Área de Influência Indireta - Pará | 152/544 |
| 6.4.4.3.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 156/544 |
| 6.4.4.4 - | Segurança Pública..... | 161/544 |
| 6.4.4.4.1 - | Área de Influência Indireta - Pará | 161/544 |
| 6.4.4.4.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 161/544 |
| 6.4.4.5 - | Infra-estrutura..... | 161/544 |
| 6.4.4.5.1 - | Acesso Rodoviário | 161/544 |
| 6.4.4.5.2 - | Acesso Ferroviário..... | 165/544 |
| 6.4.4.5.3 - | Acesso Fluvial e Portos | 166/544 |
| 6.4.4.5.4 - | Acessos Aéreos..... | 170/544 |
| 6.4.4.6 - | Organização Social..... | 171/544 |
| 6.4.4.6.1 - | Migração e Deslocamento | 171/544 |
| 6.4.4.6.2 - | Os Conflitos Agrários e Tensões Sociais..... | 173/544 |
| 6.4.4.6.3 - | Antecedentes Históricos..... | 174/544 |
| 6.4.4.6.4 - | Os Conflitos Agrários no Presente | 176/544 |
| 6.4.4.6.5 - | Conflitos Agrários na Região do Sul do Amapá..... | 176/544 |
| 6.4.4.6.6 - | Os Assentamentos Rurais no Estado do Amapá | 186/544 |

| | | |
|---------------|---|---------|
| 6.4.4.6.7 - | Conflitos Agrários no Estado do Pará | 188/544 |
| 6.4.4.6.8 - | Assentamentos Rurais Localizados no Pará (All) | 189/544 |
| 6.4.5 - | Atividades Econômicas, Mercado de Trabalho e Finanças Públicas | 190/544 |
| 6.4.5.1 - | Área de Influência Indireta - Pará | 191/544 |
| 6.4.5.1.1 - | Composição do Produto Interno Bruto (PIB) por Setor da Economia | 191/544 |
| 6.4.5.1.2 - | Finanças Públicas | 203/544 |
| 6.4.5.1.3 - | Emprego | 203/544 |
| 6.4.5.2 - | Área de Influência Indireta - Amapá | 204/544 |
| 6.4.5.2.1 - | Composição do Produto Interno Bruto (PIB) por Setor da Economia | 204/544 |
| 6.4.5.2.2 - | Finanças Públicas | 213/544 |
| 6.4.5.2.3 - | Emprego | 214/544 |
| 6.4.6 - | Populações Indígenas, Quilombolas e Tradicionais | 215/544 |
| 6.4.6.1 - | Povos Indígenas | 216/544 |
| 6.4.6.1.1 - | Grupos Étnicos na All | 219/544 |
| 6.4.6.1.1.1 - | Tronco Linguístico Caribe | 220/544 |
| 6.4.6.1.1.2 - | Tronco Linguístico Tupi-Guarani | 222/544 |
| 6.4.6.1.2 - | Ocupação Territorial e Organização Social dos Povos Indígenas | 224/544 |
| 6.4.6.1.3 - | Terras Indígenas na All | 227/544 |
| 6.4.6.2 - | Comunidades Tradicionais | 233/544 |
| 6.4.6.2.1 - | Comunidades Remanescentes de Quilombo | 236/544 |
| 6.4.6.2.1.1 - | Processo Histórico | 236/544 |
| 6.4.6.2.1.2 - | Comunidades Remanescentes de Quilombos nos Municípios da All | 244/544 |

| | | |
|----------------|--|---------|
| 6.4.6.2.1.3 - | Comunidades Remanescentes de Quilombos na Área Influência Direta..... | 248/544 |
| 6.4.6.2.1.4 - | Aspectos Culturais..... | 248/544 |
| 6.4.6.2.1.5 - | Quilombo do Rosa | 249/544 |
| 6.4.6.2.1.6 - | Quilombo Ilha Redonda | 250/544 |
| 6.4.6.2.1.7 - | Comunidade do Torrão do Matapi | 252/544 |
| 6.4.6.2.1.8 - | Comunidade de Campina Grande | 254/544 |
| 6.4.6.2.1.9 - | Comunidade do Curralinho..... | 256/544 |
| 6.4.6.2.1.10 - | Comunidade de Curiaú | 257/544 |
| 6.4.6.2.2 - | Comunidades Extrativistas | 258/544 |
| 6.4.6.2.2.1 - | Reserva Extrativista do Rio Cajari (Resex do Cajari) | 260/544 |
| 6.4.6.2.3 - | Comunidades Ribeirinhas..... | 267/544 |
| 6.4.7 - | Dinâmica e Uso do Território na Área Atravessada pela LT | 270/544 |
| 6.4.7.1 - | Dinâmicas e Classificações Locais do Território..... | 270/544 |
| 6.4.7.1.1 - | Povoados..... | 272/544 |
| 6.4.7.1.2 - | Quilômetros | 273/544 |
| 6.4.7.1.3 - | Retiros ou Sítios | 273/544 |
| 6.4.7.1.4 - | Fazendas..... | 275/544 |
| 6.4.7.1.5 - | Assentamentos Rurais e Assentamentos Agroextrativistas..... | 278/544 |
| 6.4.7.1.6 - | Projetos Integrados de Colonização - PICs | 282/544 |
| 6.4.7.1.7 - | Projeto Jari..... | 285/544 |
| 6.4.7.1.8 - | Expansão Urbana / Loteamentos | 287/544 |
| 6.4.7.2 - | Caracterização dos Usos: Sistema de Produção Rural na AID | 289/544 |
| 6.4.7.2.1 - | A Agricultura de Subsistência..... | 290/544 |
| 6.4.7.2.2 - | Sistema: Várzea - Terra Firme | 293/544 |

| | | |
|---------------|---|---------|
| 6.4.7.2.3 - | Exploração Extrativista | 296/544 |
| 6.4.7.2.3.1 - | Exploração da Castanha do Brasil (Castanha do Pará ou Castanha da Amazônia)..... | 298/544 |
| 6.4.7.2.4 - | Agropecuária Extensiva e Silvicultura | 303/544 |
| 6.4.7.2.5 - | Pesca | 306/544 |
| 6.4.7.3 - | Principais Culturas Plantadas na Região e Dieta dos Moradores | 309/544 |
| 6.4.8 - | Descrição do Território Atravessado pela LT..... | 313/544 |
| 6.4.8.1 - | Considerações Iniciais | 313/544 |
| 6.4.8.1.1 - | Trecho 01: Oriximiná - Alenquer | 314/544 |
| 6.4.8.1.1.1 - | Município de Oriximiná | 318/544 |
| 6.4.8.1.1.2 - | Município de Óbidos..... | 319/544 |
| 6.4.8.1.1.3 - | Município de Curuá..... | 324/544 |
| 6.4.8.1.1.4 - | Povoados Situados nos Limites Territoriais dos Municípios de Curuá e Alenquer | 325/544 |
| 6.4.8.1.1.5 - | Município de Alenquer | 329/544 |
| 6.4.8.1.2 - | Trecho 02: Monte Alegre - Prainha | 333/544 |
| 6.4.8.1.2.1 - | Município de Monte Alegre..... | 336/544 |
| 6.4.8.1.2.2 - | Município de Prainha..... | 342/544 |
| 6.4.8.1.3 - | Trecho 03: Prainha - Almeirim | 345/544 |
| 6.4.8.1.3.1 - | Município de Prainha..... | 348/544 |
| 6.4.8.1.3.2 - | Município de Almeirim..... | 349/544 |
| 6.4.8.1.4 - | Trecho 04: Almeirim - Laranjal do Jari | 358/544 |
| 6.4.8.1.4.1 - | Município de Almeirim..... | 360/544 |
| 6.4.8.1.4.2 - | Município de Laranjal do Jari..... | 363/544 |
| 6.4.8.1.5 - | Trecho 05: Laranjal do Jari - Mazagão | 370/544 |

| | | |
|----------------|---|---------|
| 6.4.8.1.5.1 - | Município de Laranjal do Jari..... | 373/544 |
| 6.4.8.1.5.2 - | Município de Mazagão | 381/544 |
| 6.4.8.1.6 - | Trecho 06: Mazagão - Macapá | 390/544 |
| 6.4.8.1.6.1 - | Município de Mazagão | 393/544 |
| 6.4.8.1.6.2 - | Município de Santana | 396/544 |
| 6.4.8.1.6.3 - | Município de Macapá..... | 398/544 |
| 6.4.9 - | Pontos de Relevante Interesse Social na AID..... | 405/544 |
| 6.4.9.1 - | Pontos de Relevante Interesse Social Próximos à Faixa de Servidão . | 407/544 |
| 6.4.10 - | Síntese Conclusiva..... | 408/544 |
| 6.4.10.1 - | Padrões de Ocupação..... | 409/544 |
| 6.4.10.2 - | Comunidades Negras | 409/544 |
| 6.4.10.3 - | Intervenções da Faixa de Servidão nas Áreas de Plantio das Comunidades | 410/544 |
| 6.4.11 - | Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural | 411/544 |
| 6.4.11.1 - | Introdução..... | 411/544 |
| 6.4.11.2 - | Apresentação e Objetivos | 412/544 |
| 6.4.11.3 - | Contextualização Arqueológica | 414/544 |
| 6.4.11.4 - | Contextualização Histórica | 421/544 |
| 6.4.11.4.1 - | Os Povos Indígenas Remanescentes | 421/544 |
| 6.4.11.4.1.1 - | Etnias Indígenas da Região..... | 423/544 |
| 6.4.11.4.1.2 - | As Comunidades Quilombolas..... | 428/544 |
| 6.4.11.4.2 - | Contexto Histórico - Pará e Amapá..... | 438/544 |
| 6.4.11.4.2.1 - | O Estado do Pará | 438/544 |
| 6.4.11.4.2.2 - | Municípios Abrangidos pelo Empreendimento | 445/544 |
| 6.4.11.4.2.3 - | O Estado do Amapá | 457/544 |

| | | |
|----------------|--|---------|
| 6.4.11.4.2.4 - | Municípios Abrangidos pelo Empreendimento | 462/544 |
| 6.4.11.4.3 - | Contexto Arqueológico da Região Amazônica..... | 484/544 |
| 6.4.11.5 - | O Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico | 490/544 |
| 6.4.11.5.1 - | Fases e Tradições Ceramistas do Pará e Amapá | 490/544 |
| 6.4.11.5.2 - | O Material Lítico da Região Amazônica | 497/544 |
| 6.4.11.5.3 - | O Grafismo Rupestre da Região Amazônica | 504/544 |
| 6.4.11.5.4 - | O Patrimônio Arqueológico Histórico..... | 508/544 |
| 6.4.11.5.4.1 - | Os Fortes Militares | 509/544 |
| 6.4.11.5.4.2 - | Os Aldeamentos Jesuíticos..... | 517/544 |
| 6.4.11.5.4.3 - | Estruturas de Queima: Fornos, Fornalhas e Fogões | 519/544 |
| 6.4.11.5.5 - | Patrimônio Arqueológico Existente na All | 529/544 |
| 6.4.11.5.5.1 - | Estado do Pará | 529/544 |
| 6.4.11.5.5.2 - | Estado do Amapá | 541/544 |
| 6.4.11.6 - | Recomendações | 544/544 |

ANEXOS

Anexo 1 - Partes Interessadas no Empreendimento

Anexo 2 - Relação dos Sítios Arqueológicos Existentes na Área de Abrangência da LT 230 kV Jurupari
- Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná

6.4 - CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS DO MEIO SOCIOECONÔMICO

6.4.1 - Considerações Gerais

O diagnóstico do meio socioeconômico foi elaborado a partir Termo de Referência (Processo número 02001.004314/2008-62) elaborado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA para subsidiar o processo de Licenciamento Ambiental das Atividades de Instalação e Operação da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná, localizada nos estados do Pará e do Amapá.

Esta parte do estudo tem como objetivo caracterizar os principais aspectos sociais, culturais e econômicos das áreas de inserção do empreendimento e das populações residentes que podem ser afetadas pelo empreendimento, considerando a implantação da faixa de servidão, as áreas de abertura de acessos aos locais das torres, empréstimo e bota-fora, o sistema viário utilizado para o transporte de equipamentos, materiais e trabalhadores, bem como demais interferências oriundas das etapas de implantação e operação da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná.

A partir dos levantamentos de dados primários e secundários, bem como das análises feitas sobre os dados obtidos, são apresentados nesta seção os diagnósticos que servirão com base para a avaliação dos impactos e a proposição das medidas e programas ambientais pertinentes, bem como os meios e as alternativas mais eficazes para mitigar ou eliminar os impactos.

Para tanto, o estudo procurou caracterizar as dinâmicas sociais na região de inserção do empreendimento, considerando os históricos de ocupação e ciclos econômicos, a fim de permitir a contextualização das ocupações humanas nas cidades e nas áreas atravessadas pela LT, permitindo observar suas conseqüências sobre a organização espacial, recursos florestais disponíveis e, principalmente, sobre o cotidiano das comunidades residentes na área de inserção do empreendimento. Desta forma, os levantamentos *in loco*, buscaram identificar a dinâmica de circulação local, as formas apropriações dos espaços e a organização do território das populações residentes ao longo do corredor de 10 km da diretriz do traçado da Linha de Transmissão.

Seguindo os apontamentos do Termo de Referência, tópico 3.6.5 Caracterização dos aspectos do Meio Socioeconômico (IBAMA, 2008), optou-se por agrupar os aspectos socioeconômicos das Áreas de Influências do empreendimento por temas, a fim de facilitar a leitura e integrar as informações. Dessa forma, o presente estudo foi estruturado em:

O Quadro 6.4.1-1 apresenta um resumo da estruturação dos temas e dos aspectos socioeconômicos abordados neste estudo.

Quadro 6.4.1-1 - Resumo da Estruturação - Meio Socioeconômico

| Itemização do Estudo | Aspectos Abordados |
|--|--|
| 1. Considerações gerais | Metodologia e Aspectos da Pesquisa e Áreas de Influência: AAR, All e AID (Recorte metodológico, Coleta de dados secundários, levantamento de campo e apresentação dos itens a serem abordados) |
| 2. Aspectos Geopolíticos - ARR. | Histórico de Ocupação (Processo de desenvolvimento socioeconômico responsável pela ocupação na região e nas unidades territoriais que compõem a All), Importância Estratégica do Território Amazônico, ZEE e Planos e Programas Governamentais para AAR - All |
| 3. Demografia, estrutura produtiva e malha urbana - AID/All | Densidade demográfica e Crescimento Populacional, Concentração Populacional, Situação do domicílio, Migração (População residente por lugar de nascimento), Composição da População (sexo e grupos de idade), Indicadores Sociais e IDH (esperança de vida ao nascer, renda, longevidade e educação) |
| 4. Organização social, serviços públicos e vulnerabilidades - All. | Histórico de Ocupação, Uso e Ocupação do Solo (Áreas antropizadas e cobertas por vegetação, Área dos estabelecimentos agropecuários, utilização da terra e condição legal das terras), Plano Diretor (aqui), Estrutura Fundiária e Conflitos Agrários. |
| | Educação (Matrículas, tipos de estabelecimentos e cursos disponíveis); Saúde (estabelecimentos, leitos hospitalares, PSF, Profissionais disponíveis e Incidência de Endemias); Saneamento básico (água, esgoto e lixo); Qualidade ambiental da All; Luz elétrica |
| | Transporte Aquaviário (Portos); Instalações Aeroportuárias; Transporte Rodoviário; Transporte Ferroviário; Sistema de Comunicação e Energia, Segurança Pública. |
| 5. Atividades Econômicas, Mercado de Trabalho e Finanças Públicas | PIB Estadual, Participação dos municípios na formação do PIB estadual, por setor econômico; Setor Primário (efetivo de rebanho, produção animal, lavouras temporária e permanente e extração vegetal), Setor Secundário e Terciário (estabelecimentos empresariais, pessoal ocupado), finanças públicas e PEA. |
| 6. Populações indígenas, quilombolas e tradicionais. | All e AID (ribeirinhos, quilombolas, RESEX do Cajari) |
| | Descrição dos atores sociais: Agro-extrativistas, Assentados, colonos, pequenos agricultores, fazendeiros, população urbana, Projeto Jari |

| Itemização do Estudo | Aspectos Abordados |
|---|--|
| 7. Dinâmica e uso do território na área atravessada pela LT | Domínios e Classificações dos espaços na AID: povoados, quilômetros, retiros ou sítios, fazendas, assentamentos, loteamentos e vetor de expansão das zonas urbanas |
| | Uso e Sistema de Produção: agropecuária, extrativismo, agricultura de subsistência, pesca |
| | Dinâmica de Circulação: principais pólos (regionais municipais e locais); vias acessos e sistemas de transportes e Segurança Pública. |
| 8. Descrição do Traçado da LT | Povoados e Localidades na AID, pontos notáveis e síntese conclusiva das intervenções. |
| 9. Pontos de Relevante Interesse Social | Pontos de Relevante Interesse Social Próximos à Faixa de Servidão |
| 10. Síntese Conclusiva | Padrões de Ocupação, Comunidades Negras e Intervenções da Faixa de Servidão nas Áreas de Plantio das Comunidades |
| 11. Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural | Contextualização Histórica, Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico, Festas e Tradições do Pará e Amapá |

6.4.1.1 - Áreas de Estudo para o Meio Socioeconômico

Seguindo o Termo de Referência, as abrangências definidas para a realização dos estudos englobaram três diferentes níveis de potencial “irradiação” dos efeitos decorrentes do empreendimento. A primeira é a Área de Abrangência Regional (AAR), que está “englobando a totalidade dos estados a serem atendidos/beneficiados, onde investimentos ou empreendimentos do setor elétrico possam aumentar a antropização da região”. A Área de Influência Indireta (AII), foi definida de forma a compreender os impactos e interferências socioeconômicas regionais do empreendimento, especialmente aqueles que ainda não apresentam uma espacialidade definida, mas sim uma potencial influência sobre os aspectos sociais, econômicos e políticos dos municípios atravessados pela linha. A Área de Influência Direta (AID), compreende os aspectos socioeconômicos e culturais das populações que serão afetadas de forma imediata pelo empreendimento, considerando a implantação da faixa de

servidão, as áreas de abertura de acessos aos locais das torres, empréstimo e bota-fora, o sistema viário utilizado para o transporte de equipamentos, materiais e trabalhadores, bem como demais interferências oriundas as etapas de implantação e operação da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná.

Nesse sentido, considerando a organização sociopolítica dos municípios atravessados pela Linha de Transmissão, para o meio socioeconômico as áreas de influência do empreendimento foram delimitadas da seguinte forma

- **Área de Abrangência Regional - AAR**

Para esse grupo foram definidos basicamente duas grandes regiões da Amazônia, que são as mesorregiões do Baixo Amazonas Paraense e o Estado do Amapá. Contudo, no caso do Pará, em virtude de suas dimensões continentais, apenas a porção localizada no Baixo rio Amazonas, e especialmente, no caso da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná, na calha norte.

Desta maneira, se destacam, portanto:

- ▶ **Mesorregião do Baixo Amazonas** que compreende os municípios localizados no Estado do Pará tais como: Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Placas, Porto de Moz, Prainha, Santarém, Terra Santa. Entre estes municípios o que mais se destaca e constitui-se como pólo regional é o município de Santarém. Uma das principais características desta mesorregião é a transformação lenta do espaço agrário, se comparado a outras regiões mais dinâmicas da Amazônia.
- ▶ **O Estado do Amapá** que compreende os municípios de Amapá, Cutias, Ferreira Gomes, Itaubal, Laranjal do Jari, Macapá, Mazagão, Oiapoque, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Santana, Serra do Navio, Vitória do Jari. Entre estes municípios o que se destacam são Macapá e Laranjal do Jari. Diferentemente da outra mesorregião, o Amapá tem apresentado, desde a década de 60, notável aceleração do crescimento demográfico e da urbanização, em função, também, de altos índices de migração. A população se concentra nas regiões onde vêm se instalando empreendimentos de grande porte, como o projeto Jari-Celulose, que contribui para privilegiar o Sul do Estado do Amapá e,

particularmente, os municípios selecionados como Área de Influência Indireta (AII) do Amapá, que serão abordado no grupo seguinte.

▪ **Área de Influência Indireta - AII**

De acordo com Termo de Referência esta área de influência “*corresponde ao território onde a implantação do projeto impacte de forma indireta os meios físico, biótico e socioeconômico. A delimitação da AII circunscreve a área de influência direta - AID, e os critérios adotados para a definição de seu limite devem ser claramente apresentados e justificados tecnicamente, podendo variar em função do meio em análise*”.

Deste modo, esta área de influência é composta, para fins deste Plano de Trabalho, por aqueles municípios que estão localizados na região de passagem da LT, ou seja, aqueles municípios em cujo território se encontra a faixa de servidão, ao longo do traçado da LT, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.1-2, a seguir.

Quadro 6.4.1-2 - Municípios atravessados pelo Traçado da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná

| Nome | UF | Microregião | Mesoregião | Total Atravessado | km Inicial | km Final | |
|------------------|----|-------------|----------------|-------------------|------------------|----------|--------|
| Oriximiná | PA | Óbidos | Baixo Amazonas | 6,81 | 0 | 6,81 | |
| Óbidos | PA | | | 55,9 | 6,81 | 62,71 | |
| Curuá | PA | Santarém | | 12,2 | 62,71 | 74,91 | |
| Alenquer | PA | | | 55,03 | 74,91 | 129,94 | |
| Monte Alegre | PA | | | 117,26 | 129,94 | 247,2 | |
| Prainha | PA | | | 34,21 | 247,2 | 281,41 | |
| Almeirim | PA | Almeirim | | 70,88 | 281,41 | 352,28 | |
| Almeirim | PA | | | 98,67 | 352,28 | 450,95 | |
| Laranjal do Jari | AP | Mazagão | | Sul do Amapá | 69,15 | 450,95 | 520,1 |
| Mazagão | AP | | | | 99,59 | 520,1 | 619,69 |
| Santana | AP | Macapá | 30,66 | | 619,69 | 650,34 | |
| Macapá | AP | | 39,07 | | 650,34 | 689,41 | |
| Total | | | | | 689,43 km | | |

Fonte: Ecology Brasil, 2008

▪ Área de Influência Direta - AID

De acordo com o TR a AID “é a área cuja incidência dos impactos ocorre de forma direta sobre os recursos ambientais, modificando a sua qualidade ou diminuindo seu potencial de conservação ou aproveitamento. A rede de relações sociais, econômicas e culturais a ser afetada durante todas as fases do empreendimento deve ser considerada na sua delimitação” e ainda deve considerar “áreas destinadas à instalação da infra-estrutura necessária à implantação e operação do empreendimento, áreas de canteiros de obras, de empréstimo e bota-fora, áreas onde serão abertos novos acessos, o sistema rodoviário e fluvial a ser utilizado para o transporte de equipamentos, materiais e trabalhadores, bem como as demais áreas que sofrerão alterações conseqüentes da ação direta do empreendimento, a serem identificadas no decorrer dos estudos. Inclui ainda pontos de localização de obras civis decorrentes ou associadas ao empreendimento tais como cidades, vilas residenciais, alojamentos e demais pontos de apoio logístico”.

Deste modo, para fins deste diagnóstico, a Área de Influência Direta compreende todos os pontos de ocupação humana, tais como: comunidades, vilas, distritos, loteamentos, fazendas, projetos de assentamento, populações tradicionais e ribeirinhos localizados numa faixa de 10 quilômetros (05 km para cada lado do eixo) ao longo da diretriz do traçado. Além das áreas destinadas ao apoio da atividade e que poderão ser impactados pelas obras e operação da Linha de Transmissão 230 kV Jurupari - Laranjal do Jari - Macapá e 500 kV, Jurupari - Oriximiná.

6.4.1.2 - Metodologia e Aspectos da Pesquisa

6.4.1.2.1 - Levantamento de Dados Secundários

O levantamento de dados secundários tem como objetivo compor as informações referentes a Área de Abrangência Regional e Área de Influência Indireta, bem como auxiliar projetar cenário e tendências nas áreas de influência do empreendimento. As informações secundárias foram coletadas através da revisão bibliográfica e a análise dos dados já existentes sobre a região.

A análise dos dados estatísticos procurou enfatizar aspectos uso e ocupação da área em estudo, as atividades socioeconômicas, os aspectos demográficos, a infra-estrutura disponível na região, as condições de vida da população residente nos municípios, tais como: educação, saúde, saneamento, dentre outros.

Os dados secundários foram obtidos a partir de consultas as instituições oficiais e os bancos de dados disponibilizados pelos órgãos federais e estaduais, bem como por instituições de pesquisa. Entre os principais órgãos consultados, figuram os órgãos de pesquisa: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, EPE - Empresa de Pesquisa Energética, bem como os principais bancos de dados disponibilizados pelos Ministérios da Saúde (SVS e DATASUS), Educação, Meio Ambiente, Minas e Energia, Transportes (DNIT) e Comunicações, Agências Reguladoras (ANAC, ANATEL e ANEEL), PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil), Ministério da Saúde (SVS - DATASUS), Secretarias Estaduais e Municipais, além de trabalhos acadêmicos e de estudos de conflitos e impacto ambiental sobre a região.

6.4.1.2.2 - Roteiro para Pesquisa de Campo

Para a caracterização da Área de Influência Direta da Linha de Transmissão em 230 kV Jurupari - Laranjal do Jari - Macapá e 500 kV Jurupari- Oriximiná, foi realizada a pesquisa de campo entre os dias 30 de outubro a 14 de novembro de 2008.

As informações foram coletadas por meio de dados primários e secundários, obtidos em levantamentos de campo, mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas, roteiros e observações diretas. Assim, dentro da metodologia proposta, procurou-se, através de um conjunto de abordagens inter-relacionadas, apreender, registrar e compreender as formas mais significativas de organização social, econômica e cultural dos atores que residentes na Área de Influência Direta do empreendimento.

A estratégia adotada foi identificar as populações residentes ao longo da faixa de servidão (60 m) e que povoados e localidades distantes até 5 Km do traçado da Linha de Transmissão. Assim, procurou-se analisar as percepções destas populações em relação aos recursos naturais, usos e sentidos atribuídos ao território, bem como as percepções em relação ao empreendimento e aos impactos sociais já existentes na região Amazônica.

Além disso, intercalaram-se esses dados com uma pesquisa direcionada para as instituições de representação social que mantém alguma relação com a região. Bem como, organizações governamentais e não governamentais que atuam nas Mesorregiões do Baixo Amazonas e Sul do Amapá, buscando caracterizar os principais aspectos sociais e ambientais da região, tendo em vista as características locais e os impactos do empreendimento.

Por intermédio de conversas e da observação dos modos de vida das populações locais, foram registradas e apreendidas as formas de organização social e as práticas costumeiras dos atores sociais locais. Foi realizado, também, um mapeamento das principais entidades de representação, bem como a sua relação com os empreendimentos já instalados ou a própria relação dessas entidades entre si. Para isso, foi necessária a realização de entrevistas com representantes das principais entidades locais (Prefeitura, associações de pescadores, Conselho Comunitário, entre outros), além de lideranças e pessoas que tinham certo conhecimento do território.

Assim, foi utilizada, principalmente, uma abordagem voltada para a coleta de narrativas sobre histórias de vida, estratégias de ocupação do espaço e formas de organização no trabalho, da relação com o território e com a natureza dos impactos ambientais e dos conflitos existentes na região. Com essas informações associadas às observações de campo, aos outros dados secundários e ao levantamento do processo histórico de ocupação da região, permitiram uma melhor compreensão dos aspectos simbólicos, culturais, sociais e econômicos que orientam as formas de classificação dos espaços e das coisas cotidianas das famílias residentes na AID.

Nesse sentido, os saberes, as sensibilidades e os costumes locais são os elementos que identificam e dão sentido aos espaços e aos bens materiais e imateriais de um determinado território. Portanto, o trabalho partiu da noção de apropriação não só física do território, como também, social e simbólica.

Segundo o antropólogo Marcel Mauss (2003), todas as representações estão ligadas a determinados agentes que as legitimam. Assim, a forma como o empreendedor percebe o empreendimento é, certamente, diferenciada da forma como o ator local o faz. Com esse recurso analítico é possível clarear a situação social presente no processo - e de que forma afeta distintos grupos sociais, dentro de uma perspectiva sociológica.

a) Atores Entrevistados

Dando ênfase à compreensão dos modos de vida das pessoas mais diretamente afetadas pelo empreendimento. Assim, foi priorizada a percepção dos atores sociais e instituições de representação da comunidade. No caso do presente, para se obter o maior número de informações das a respeito das localidades visitadas, adotou-se como critério de escolha do entrevistado, principalmente o seu grau de conhecimento geral da localidade, sua legitimidade junto aos demais moradores e sua forma de inserção social. Deste modo, e com

base na experiência dos pesquisadores, saltaram aos olhos três sujeitos principais a serem entrevistados.

O primeiro deles é o “presidente do bairro” que é escolhido mediante eleição formal para o cargo principal da associação de moradores, produtores rurais, pescadores e outras associações do gênero, estejam ou não constituídas a partir de estatuto. A este representante cabe, em tese, a tarefa de encaminhar as reivindicações e demandas da comunidade, junto ao poder público fazendo a mediação entre os mesmos no sentido de seu atendimento. Este era, quando da chegada dos pesquisadores a cada localidade, o primeiro sujeito a ser identificado para a realização das entrevistas semi-estruturadas.

Na ausência de organização social através de associações e por consequência, de presidente ou outro representante instituído, investigava-se a existência de líderes informais minimamente assim identificados na exploração inicial dos pesquisadores de campo. Em geral, os moradores mais antigos ou membros das primeiras famílias a ocuparem a localidade se enquadram neste perfil, seguidos dos líderes religiosos e dirigentes sindicais. Por último, os agentes comunitários de saúde e professores das escolas públicas por seu conhecimento sobre a comunidade e por transitarem em todos os segmentos fizeram parte do conjunto de entrevistados no presente estudo.

b) Abordagens Utilizadas no Trabalho

Para o levantamento e alcance dos resultados do trabalho foi necessário traçar algumas abordagens para o estudo que permitiram compreender os modos de vida das populações residentes na região, que será afetada pela Linha de Transmissão em 500 kV Jurupari-Oriximiná e 230 kV Jurupari - Laranjal do Jari - Macapá. A seguir são apresentadas às diversas abordagens utilizadas nas etapas de realização do trabalho de campo na área de socioeconomia.

6.4.1.2.3 - Reconhecimento da Área de Influência Direta - Traçado da LT

Para identificar os grupos sociais e localidades passíveis de serem afetados pelo empreendimento, procurou-se percorrer todo o percurso do Traçado proposto para a Linha de Transmissão, visitando todos os núcleos populacionais integrantes da AID. O reconhecimento do traçado da LT iniciou-se o trabalho a partir do município de Macapá. A partir desta cidade a equipe percorreu o traçado em estudo com a utilização de automóvel 4x4. Os dois pesquisadores

tiveram a sua disposição equipamento de GPS, cartas do IBGE e imagens de satélite para auxiliar no deslocamento e navegação. O trecho entre os municípios de Almeirim e Prainha, em virtude da ausência de estradas, foi feito por via fluvial, através de barco e com o auxílio de lancha (voadeira), para permitir o acesso às comunidades ribeirinhas residentes nos igarapés existentes na AID.

a) Entrevistas Abertas¹

Durante o trabalho de campo procurou-se privilegiar, na coleta das informações, uma técnica muito usada em pesquisa social - as entrevistas abertas - a partir de um roteiro pré-elaborado. A vantagem do uso da entrevista é que esta permite ao entrevistado manifestar suas opiniões, seus argumentos e pontos de vista. Assim, privilegia-se uma abordagem voltada para a coleta de narrativas dos atores entrevistados. Haguette (2000) esclarece que a entrevista é um instrumento com o mesmo rigor da objetividade científica, o que garante a sua eficácia metodológica.

Outra vantagem da entrevista é sua maior flexibilidade, elemento importante para o trabalho em questão. No caso de um questionário fechado, se a pessoa interpreta erradamente uma pergunta ou registra suas respostas de maneira confusa, geralmente, pouco se pode fazer para remediar a situação. Numa entrevista, existe a possibilidade de repetir as perguntas, ou apresentá-las de outro modo para que se possa ter a certeza de que são compreendidas, ou ainda, fazer outras perguntas a fim de esclarecer o sentido de uma resposta. Existe, também, a possibilidade de o pesquisador interagir mais com o entrevistado.

Para tanto, coube como tarefa dos pesquisadores, a utilização de linguagem simples e clara junto aos entrevistados, permitindo assim, um contato mais próximo para a obtenção de informações mais detalhadas. Além disso, a utilização de mapas como recurso visual mostrou-se um instrumento extremamente importante para deixar o entrevistado à vontade durante a pesquisa, pois o mesmo reconhece e visualiza a região onde reside e/ou trabalha facilitando a coleta de informações.

b) Observação de Campo

Além desse conjunto de técnicas, um dos caminhos escolhidos para entender o cotidiano das comunidades foi à observação e análise dos dias passados na região, que permitiram conhecer

¹ Optou-se principalmente pela entrevista pela maior flexibilidade que o método tem se compararmos ao questionário.

o sistema de relações que sustentam esse espaço, ou que nele se articulam com as diversas formas de convivência. Tal como Malinowski (1978) expressou, através da convivência diária, da capacidade de compreender o que está sendo dito, ou seja, atentando para as categorias e para as formas como as pessoas falam de seus próprios mundos, além de participar das conversas e acontecimentos do cotidiano dos nativos referentes ao objeto de estudo, a observação participante seria ideal e mais interessante metodologicamente nesses casos.

c) Uso da Imagem: Fotografia e Mapas

Além do conjunto de técnicas apontadas logo acima também foi utilizada a fotografia, como um importante instrumento para o registro dos detalhes da vida dos atores sociais e do cotidiano desses lugares. Lira (1997) aponta que desde meados do século XIX, as imagens produzidas pelo artifício mecânico da representação do mundo passaram a fazer parte da bagagem dos cientistas sociais como um instrumento importante no levantamento de dados etnográficos. Desta forma, essa ferramenta passou a ser um instrumento ilustrativo do cotidiano no ambiente das sociedades analisadas. A imagem fotográfica dentro das varias possibilidades do campo da Antropologia Visual tem sido utilizada, sobretudo, como instrumento, que atinge detalhes muitas vezes não percebidos pelo olhar do pesquisador.

Assim, buscou-se através da fotografia registrar a realidade das famílias presentes na área de influência do empreendimento, bem como algumas características do meio ambiente local. Ademais, neste documento as fotografias servirão como um instrumento de apoio nos resultados do trabalho de campo.

A construção de mapa, principalmente, no município de Monte Alegre foi importante para entender o processo de ocupação dos Projetos de colonização dirigidos pelos governos federal nas décadas de 1970 e 1980. Neste desenho está representada a atual configuração destes espaços.

6.4.1.2.4 - Apresentação do Diagnostico Socioeconômico

A apresentação dos resultados dos levantamentos realizados, tanto das informações coletadas em campo como a revisão bibliográfica, apoiada pela coleta de dados em bases oficiais foram organizadas de forma a compor uma descrição do temas concernentes à socioeconomia, conforme apresentado nas secções seguintes.

Após a apresentação dos aspectos metodológicos, a seção seguinte apresenta a análise dos “Aspectos Geopolíticos da Área de Abrangência Regional”, que compreende o histórico de ocupação da AAR, pontuações sobre a importância estratégica do território amazônico, sobre o andamento da elaboração e implantação do Zoneamento Ecológico Econômico nos estados do Amapá e do Pará e sobre os planos e programas governamentais dirigidos à AAR. Baseia-se, essencialmente, no levantamento de documentos elaborados por órgãos governamentais, como o *Programa Amazônia Sustentável* e o *Zoneamento Ecológico Econômico do Estado do Pará*, complementados por textos acadêmicos.

Em seguida, na seção “Demografia, Estrutura Produtiva e Malha Urbana”, a All, é apresentada subdividida em All do Amapá e All do Pará. Para cada uma delas, é desenvolvida a análise de concentração e crescimento populacional, situação do domicílio, migração e composição da população por idade e sexo, com base nos dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo Demográfico e da Contagem de População, recobrando o período de 1991 a 2007. Também são analisados indicadores sociais, como a Esperança de Vida ao Nascer e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com base em dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), considerando-se sua evolução entre 1991 e 2000.

Além disso, são apresentados o histórico de ocupação e aspectos de uso e ocupação atuais dos municípios da All, com base no Censo Agropecuário do IBGE, relacionando-os com os planos diretores municipais, quando existentes. A análise de uso e ocupação tem por base a evolução do uso do solo nos estabelecimentos agropecuários entre 1996 e 2006, enquanto aspectos fundiários são pensados através da condição legal das terras, com a limitação dos dados disponíveis, somente para o ano de 1996. Nesse capítulo são abordados também os conflitos agrários na região.

A seção seguinte - “Organização Social, Serviços Públicos e Vulnerabilidades” - também apresenta a subdivisão em All do Amapá e do Pará. As condições de saneamento ambiental são mensuradas através do número de domicílios por forma de abastecimento de água, tipo de esgotamento sanitário e destino do lixo, com base no Censo Demográfico 2000. O número de domicílios atendidos por luz elétrica também consideraram os dados do Censo Demográfico 2000. A infra-estrutura de saúde é analisada através do número de estabelecimentos de saúde por tipo, presentes em cada município, além do número de leitos hospitalares disponibilizados nos municípios, segundo sua especialidade, e da cobertura da população pelo Programa de Saúde da Família (PSF), com base em dados recentes do Ministério da Saúde (DATASUS e SVS).

Estas informações são complementadas pela porcentagem de médicos e enfermeiros por habitante, referente ao ano de 2000, fornecida pelo IPEA, e qualificadas por informações disponibilizadas pelos respectivos governos municipais, quando existentes. Quanto à incidência de endemias, os dados disponibilizados pelo DATASUS - SVS, referentes aos estados do Pará e do Amapá, são complementados com informações dos governos municipais, quando disponíveis. A análise da infra-estrutura em educação toma por base as informações acerca das matrículas nos diferentes níveis de ensino, da creche ao ensino profissionalizante, fornecidas pelo INEP, através do Censo Escolar, além do número de instituições de ensino superior presentes nos municípios em estudo, encontradas no Censo do Ensino Superior do INEP.

Além disso, nesta seção qualifica-se a infra-estrutura de transporte existente - rodovias, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos - nos Estados do Pará e do Amapá, enfatizando a rede que atende aos municípios em estudo nestes Estados. A infra-estrutura de energia é analisada através da presença e da capacidade de geração de energia de empreendimentos em operação, além daqueles em processo de instalação ou com a outorga assinada, nos Estados do Pará e do Amapá, com maior detalhamento dos empreendimentos situados nos municípios em estudo. A análise do sistema de comunicação para os municípios da All foi feita a partir dos dados disponíveis no Censo Demográfico 2000. Houve grande dificuldade para se obter informações a respeito de Segurança Pública para os municípios da All, estas informações foram obtidas durante o levantamento de campo, realizado em outubro de 2008.

A análise das “Atividades Econômicas, Mercado de Trabalho e Finanças Públicas”, inicia a seguinte seção apresentando o Produto Interno Bruto (PIB) dos estados nos quais estão inseridos os municípios em estudo - Amapá e Pará. Em seguida, para cada subdivisão da All (All do Amapá e All do Pará), são apresentados os PIBs municipais, divididos pela setores primário, secundário e terciário, estabelecendo uma comparação de representatividade percentual com o PIB estadual setorial, de modo a situar cada município no panorama das atividades econômicas do Estado ao qual pertence, com base em dados do IPEA.

Segue-se a análise das atividades econômicas de cada setor. Para os setores secundário e terciário, são utilizados como base dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE, referentes ao ano de 2005, complementados por outras fontes bibliográficas. Quanto ao setor primário, dado o elevado o grau de informalidade das atividades econômicas, tanto no que se refere ao registro de unidades empresariais quanto com relação à contratação de pessoal, optou-se pela análise de informações sobre a produção animal e vegetal, fornecidas pela Pesquisa Pecuária Municipal, pela Produção Agrícola Municipal, e Produção da Extração Vegetal e Silvicultura,

realizadas pelo IBGE. Para analisar as finanças públicas, observa-se a participação dos municípios da All na cota-parte de fundo de participação municipal, nas transferências correntes de tributos estaduais para os municípios, na receita tributária municipal e nas receitas de capital, tomando por base dados do IPEA.

Finalmente, o nível de emprego é analisado através de dados do Censo Demográfico 2000, estabelecendo-se uma comparação entre o total da População Economicamente Ativa (PEA) e o percentual da PEA que se encontra efetivamente empregada - População Ocupada (PO).

Na seção destinada à identificação das “Populações Indígenas, Quilombolas e Tradicionais Residentes nas All e AID”, tomou como base as informações coletadas na AID durante a realização dos levantamentos de campo (outubro, 2008), ofícios das instituições governamentais - FUNAI e Fundação Palmares, referentes as populações indígenas e quilombolas. Destaca-se que não foram identificadas Terras Indígenas na AID e a FUNAI não se pronunciou a respeito do tema. Contudo, seguindo as diretrizes do TR são apresentadas as Terras Indígenas localizadas nos municípios que compõem a All. Com relação às comunidades Quilombolas são apresentadas as áreas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares e, as demais encontradas na AID que se auto-denominaram quilombola apesar de não serem reconhecidas oficialmente. Quanto às populações tradicionais, foram identificados e descritos os principais aspectos socioeconômicos das diversas localidades presentes ao longo da linha, com ênfase para a descrição dos modos de vidas das populações extrativistas, dentre elas, a RESEX do Cajari.

Nesta seção também são descritos os grupos sociais e comunidades residentes na AID com o empreendimento, sendo eles: Agro-extrativistas, Assentados, colonos, pequenos agricultores, fazendeiros, população urbana, Projeto Jari. A descrição apresentada nesse capítulo tomou por base os levantamentos de campo, com a utilização de diferentes abordagens metodológica, conforme apresentado anteriormente.

Na seção “Domínio do Território: Dinâmica de Circulação e Apropriação do Espaço na AID” são apresentadas as dinâmicas de circulação local, os principais pólos (regionais, municipais e locais); vias acessos e sistemas de transportes e Segurança Pública. Também são descritos os povoados, retiros ou sítios, fazendas, assentamentos, loteamentos e vetor de expansão das zonas urbanas e as formas de classificação do espaço empregadas utilizadas pela população residente e os usos da terra e sistema de produção, caracterizando as atividades agropecuária, extrativistas, agricultura de subsistência e pesca. A caracterização do território foi feita a partir das observações de campo, emprego do DRPE e entrevistas semi-estruturadas junto a população residente na AID.

Na seção destinada à “Descrição do Traçado da LT”, optou-se por apresentar as informações por trechos do traçado, por conta das semelhanças no padrão de ocupação e nos modos de vidas dos grupos sociais identificados. A descrição do traçado tem início na Subestação (SE) de Oriximiná, terminando na Subestação de Macapá. A apresentação de cada trecho é acompanhada de sua respectiva imagem para permitir a visualização da área descrita. Para ilustrar principalmente o padrão construtivo e paisagens integrantes da AID apresentar-se-á o registro fotográfico ao longo da descrição dos trechos e das coordenadas UTM correspondentes aos trechos e fotos correspondentes.

Deste modo, estima-se que, será possível perceber e apresentar os aspectos sociais da área de influência direta que potencialmente sofrerão interferências relacionadas com o empreendimento, ou aqueles que poderão condicionar o modo como estas inferências se darão sobre a cultura, sociedade e dinâmica local. Por outro lado, também se chegará a uma compreensão do contexto das localidades atingidas, de modo a orientar os programas ambientais e demais medidas mitigadoras para que ambos sejam adequados às condições locais e, portanto, mais precisos e eficazes.

A seção seguinte é destinada à apresentação dos “Pontos de Relevante Interesse Social” que compreende as localidades que possuem importância para as demais da Área de Influência Direta em virtude de sua infra-estrutura e de serviços que oferecem. Em seguida é apresentada uma “Síntese Conclusiva” das informações com aspectos relevantes para a compreensão da dinâmica socioeconômica das áreas de influência. Por último, é apresentada a seção de “Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural” e as informações e estudos referentes às áreas de influência direta e indireta do empreendimento.

6.4.2 - Aspectos Geopolíticos da Área de Abrangência Regional (ARR)

6.4.2.1 - Histórico de Ocupação Regional (AAR)

Os grandes investimentos em infra-estrutura, bem como a implantação de projetos de assentamento, projetos industriais e de mineração foram os fatores determinantes no processo de ocupação e principais vetores de transformação do espaço e da dinâmica social na Amazônia ao longo das últimas décadas. Ora defendidos como condição essencial ao desenvolvimento e à integração da região ao País, ora criticados como vetor de devastação ambiental e fragmentação territorial, esses projetos ainda não foram avaliados adequadamente quanto aos seus custos e benefícios. As decisões sobre as obras jamais foram integradas a um processo abrangente de planejamento multissetorial para a região, o que resultou um padrão errático de intervenções, com grande impacto socioambiental, em que, raramente as vocações econômicas e os interesses das populações regionais foram considerados.

Em geral, tais políticas de desenvolvimento se resumiram a ações de indução passiva de investimentos por grandes empresas, a exemplo dos incentivos fiscais e creditícios da antiga Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e do Banco da Amazônia - BASA, ou a investimentos em grandes estradas à frente da demanda.

O “boom” das grandes políticas de desenvolvimento implementadas na Amazônia ocorreu a partir da década de 60. Na visão dos governos militares, a Amazônia deveria ser ocupada e explorada com o objetivo de reafirmar a soberania nacional e de acelerar o crescimento econômico do país. As principais estratégias foram estabelecidas com a criação da SUDAM (1966); a criação do Banco da Amazônia - BASA; da Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA e da implantação da “Operação Amazônia”.

A Operação Amazônia se sustentava sobre o seguinte tripé: i) incentivos fiscais e financeiros, para atrair capital privado, ii) política de terras, para solucionar o problema da posse da terra em outras regiões e também para ampliar as áreas de utilização agrícola e iii) infra-estrutura de telecomunicações e estradas, viabilizando as primeiras. Através dessas estratégias, os governos militares buscaram promover o processo de desenvolvimento regional.

Ao longo de um período de 20 anos, foram tomadas medidas para implementação dessas políticas e de seus projetos (Plano Nacional de Desenvolvimento -PND, Projetos Demonstrativos-PDA, POLAMAZÔNIA, entre outros), que resultaram na construção das principais rodovias federais e estaduais (Belém-Brasília, Transamazônica, Santarém-Cuiabá) e das principais hidrelétricas da região, além da criação da Zona Franca de Manaus (1967), dos principais projetos de colonização (década de 70) e dos grandes projetos para uso dos recursos naturais da região, como o Porto Trombetas, o Projeto Carajás e ainda o Projeto Jari (todos na década de 80).

O deslocamento de pessoas para fora do setor agrícola, por conta das inúmeras ofertas de empregos, criadas nesse período em outros municípios e/ou em outros setores (indústria, comércio, ou mesmo para áreas de garimpos que proliferaram bastante nessa época), assumiu proporções importantes na região amazônica como um todo, uma vez que um grande contingente da população de vários municípios “correu” para os grandes centros (num ascendente processo de urbanização de cidades como Belém e Manaus), buscando os benefícios desses projetos (Oliveira, 1983 Miranda Neto, 1986 *apud* Oliveira 2002).

A formação de eixos de transporte decorrentes do processo de integração terrestre e fluvial do território atraiu investimentos públicos e privados, definindo uma espécie de macro-zoneamento de fato da região. Estabeleceu-se a concentração dos migrantes e os núcleos urbanos, induzindo

à forte pressão sobre o meio ambiente em termos de desmatamento, queimadas e conflitos fundiários.

Além dos nordestinos que migraram para a região nos séculos XIX e XX, nas últimas décadas, chegaram migrantes do Sul e do Sudeste do Brasil, especialmente na Amazônia Ocidental. Entre os migrantes estrangeiros, destacam-se os japoneses, que desempenharam importante papel na agricultura do município de Alenquer, na margem esquerda do rio Amazonas, enquanto nas fronteiras, há trocas constantes nos dois sentidos com países vizinhos, da Bolívia à Guiana Francesa.

Tanto a atração de capitais voltados à transformação modernizadora da economia regional, quanto a imigração espontânea, na esteira das novas estradas e cidades, resultaram na multiplicação de expectativas contraditórias de controle sobre recursos naturais, subitamente abertos à apropriação. Tal posição contrastava com a fragilidade, ou mesmo ausência, de uma estrutura de regulação adequada. A presença do governo federal era, em geral, incipiente. Quando presentes, as instituições federais eram, não raro, capturadas por grupos dominantes, o que acirrava a grave crise de legitimidade. Governos Estaduais e Municipais não dispunham nem da autoridade política e nem dos meios para estruturarem as demandas conflitantes nos limites do marco legal e no âmbito da negociação política. O nível de organização da sociedade era baixo e as regras e convenções, cruciais ao diálogo e à solução pacífica de conflitos, virtualmente inexistentes.

A partir da década de 90, foram incentivadas e redirecionadas algumas políticas agrícolas, tendo como pano de fundo a valorização da agricultura familiar. Um exemplo foi à criação de novas linhas de crédito, menos burocratizadas, em contraponto às inúmeras linhas de crédito acessíveis somente aos produtores mais capitalizados. A nova política do governo para o campo levou a um aumento no volume de recursos aplicado no Setor Agrícola nacional.

Por outro lado, faltam condições infra-estruturais básicas para viabilizar a economia local, principalmente em termos de acesso à energia, manutenção de estradas vicinais e ramais, melhora da confiabilidade e segurança do transporte fluvial, acesso a comunicações, capacidade de estocagem e boa conservação dos produtos.

Tem-se observado notável efeito das políticas públicas, em particular aquelas associadas à infraestrutura, nas expectativas dos diversos segmentos sociais. A simples possibilidade de novas estradas vem produzindo intensa mobilização de agentes, que procuram garantir primazia no acesso aos recursos.

A matriz energética regional consiste de geração hidroelétrica, termoelétrica, movida a diesel e agora a gás natural, lenha e carvão vegetal, com potencial de fontes alternativas. A dependência do diesel, com altos custos e ineficiência da geração, é ainda muito alta, faltando investimentos na geração de alternativas locais descentralizadas e isoladas e em novas linhas de transmissão. Importa-se energia elétrica da Venezuela e gás da Bolívia.

Visando reverter esse quadro o governo federal prevê a incorporação dos municípios e povoados existentes na Área de Abrangência Regional ao Sistema Interligado Nacional- SIN. As LTs 500 kV Jurupari - Oriximiná e 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá fazem parte do projeto de ampliação e incorporação das cidades de Manaus-Macapá ao Sistema Interligado Nacional (SIN). A ligação entre as duas cidades será efetivada quando do término da implantação da LT Tucuruí-Macapá-Manaus, com 1.829 km dividido em três de linhas de transmissão, dos 679 Km correspondem as LTs 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná, denominada de Lote B. A Figura 6.4.2-1, a seguir ilustra as referidas Linhas de Transmissão previstas para a região. Esta Interligação passará a ter papel relevante no que se refere à inserção da Amazônia no programa de universalização da energia elétrica em nosso país, bem como será fonte de atendimento às comunidades situadas à margem esquerda do rio Amazonas.

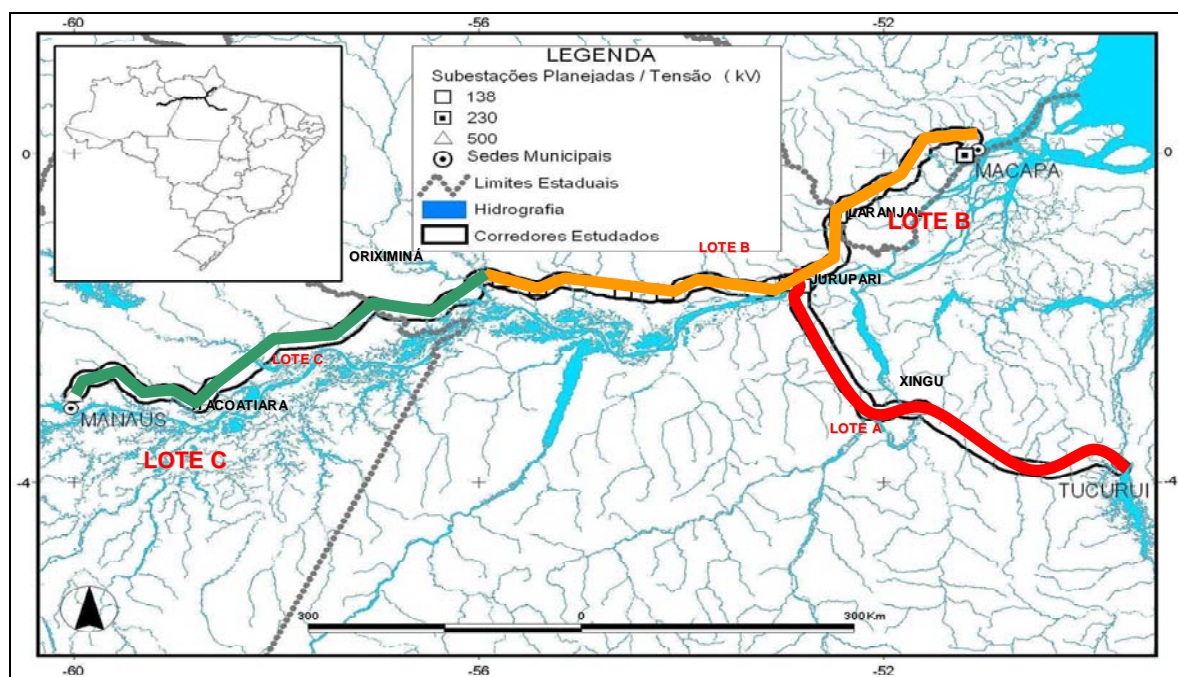


Figura 6.4.2-1 - Tucuruí-Macapá-Manaus - 1.829 km dividido em três de linhas de transmissão.

Além da integração das cidades de Manaus e Macapá, a ONS prevê a interligação dos sistemas isolados do Acre e Rondônia, além da ampliação do aproveitamento hidrelétrico do rio Jarí, através da implantação da UHE Santo Antonio do Jarí.

6.4.2.2 - Importância Estratégica do Território Amazônico: Projetos e ZEE

A Amazônia tem sido foco da atenção nacional e mundial no que diz respeito à preservação do Meio Ambiente e em relação à importância e riqueza dos seus recursos naturais. Se por um lado a importância ambiental e política da maior floresta tropical do planeta enquanto acervo de biodiversidade e para a manutenção do clima global, avança em consonância com a afirmação de políticas ambientais globais, em outra mão, o discurso desenvolvimentista, normalmente presente nas políticas regionais, ressaltam a importância da exploração dos recursos naturais da região para o seu desenvolvimento econômico. Desta forma, muitas das análises que envolvem o espaço amazônico, possuem um caráter paradoxal acerca do uso dos recursos naturais. Historicamente, ressalta-se que o modelo de desenvolvimento para a Amazônia, salvo algumas exceções pontuais, prima pela perda de sua riqueza natural decorrente da exploração predatória e conseqüente prejuízos para as comunidades amazônicas.

Contudo, apesar de pressões cada vez mais intensas, a Amazônia conserva ainda hoje as principais características de seu patrimônio natural, social e cultural, o que lhe confere uma identidade singular. O complexo ecológico transnacional é caracterizado principalmente pela contigüidade da floresta que, juntamente com o amplo sistema fluvial amazônico, unifica vários subsistemas ecológicos distribuídos pela Guiana Francesa, Suriname, Guyana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

Desta forma, alguns esforços governamentais tem sido dirigidos para o desenvolvimento sustentável da região amazônica, especialmente para a compatibilização da exploração eficiente dos recursos naturais, coadunando ações de preservação ambiental. Esta política é expressa, por exemplo, no PAS (Plano Amazônia Sustentável), que integra a política de desenvolvimento regional da Amazônia definido diretrizes para o desenvolvimento e ocupação da região norte, envolvendo ações dos governos federal e estadual. Desenvolvido a partir do ano de 2003, o PAS vem sendo discutido e aprimorado através de diagnósticos e consultas públicas e influenciado diversos programas em andamento e definido novos programas para a região.

Segundo documento publicado pelo Ministério do Meio Ambiente, em que estão definidas principais diretrizes do PAS, ficou estabelecido o objeto principal do plano, qual seja:

“... a promoção do desenvolvimento sustentável da Amazônia brasileira, mediante a implantação de um novo modelo pautado na valorização de seu enorme patrimônio natural e no aporte de investimentos em tecnologia e infra-estrutura, voltado para a viabilização de atividades econômicas dinâmicas e inovadoras com a geração de emprego e renda, compatível com o uso sustentável dos recursos naturais e a preservação dos biomas, e visando a elevação do nível de vida da população”. PAS, 2008.

No diagnóstico apresentado no “Programa Ambiental Sustentável”, documento prévio apresentado no ano de 2003 pelo MMA, foi definido previamente um zoneamento da região, cujo aspecto mais relevante é diferenciação entre os processos e a intensidade da ocupação. Neste estudo, a AAR foi inserida na Macrorregião da Amazônia Central, fora da região de povoamento adensado, composta pelas áreas mais a oeste. O diagnóstico então apresentado identifica o arco que se estende do Amapá ao Amazonas, chegando ao sul do Pará e Tocantins, como mostra a Figura 6.4.2-2, claramente marcado pela presença de núcleos populacionais mais expressivos. A região central da Amazônia, por outro lado, compreende duas regiões distintas.

A porção norte da Região central Amazônica tem como principais características a presença de muitos núcleos populacionais localizados nas margens do rio Amazonas e na região do projeto Jari, com especial destaque para os municípios de Santarém na Margem direita e Óbidos, na margem esquerda, região onde está localizada a LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e 500 kV Jurupari - Oriximiná. Mas ao norte, está localizada a região definida como “Fronteira de Preservação”, onde a porção norte do Pará, o noroeste do Amapá e as fronteiras políticas com as Guianas, Suriname e Venezuela e caracteriza-se pela dificuldade de acesso, baixíssimas densidades demográficas e elevada proporção de unidades de conservação e terras indígenas. (PAS, 2003).

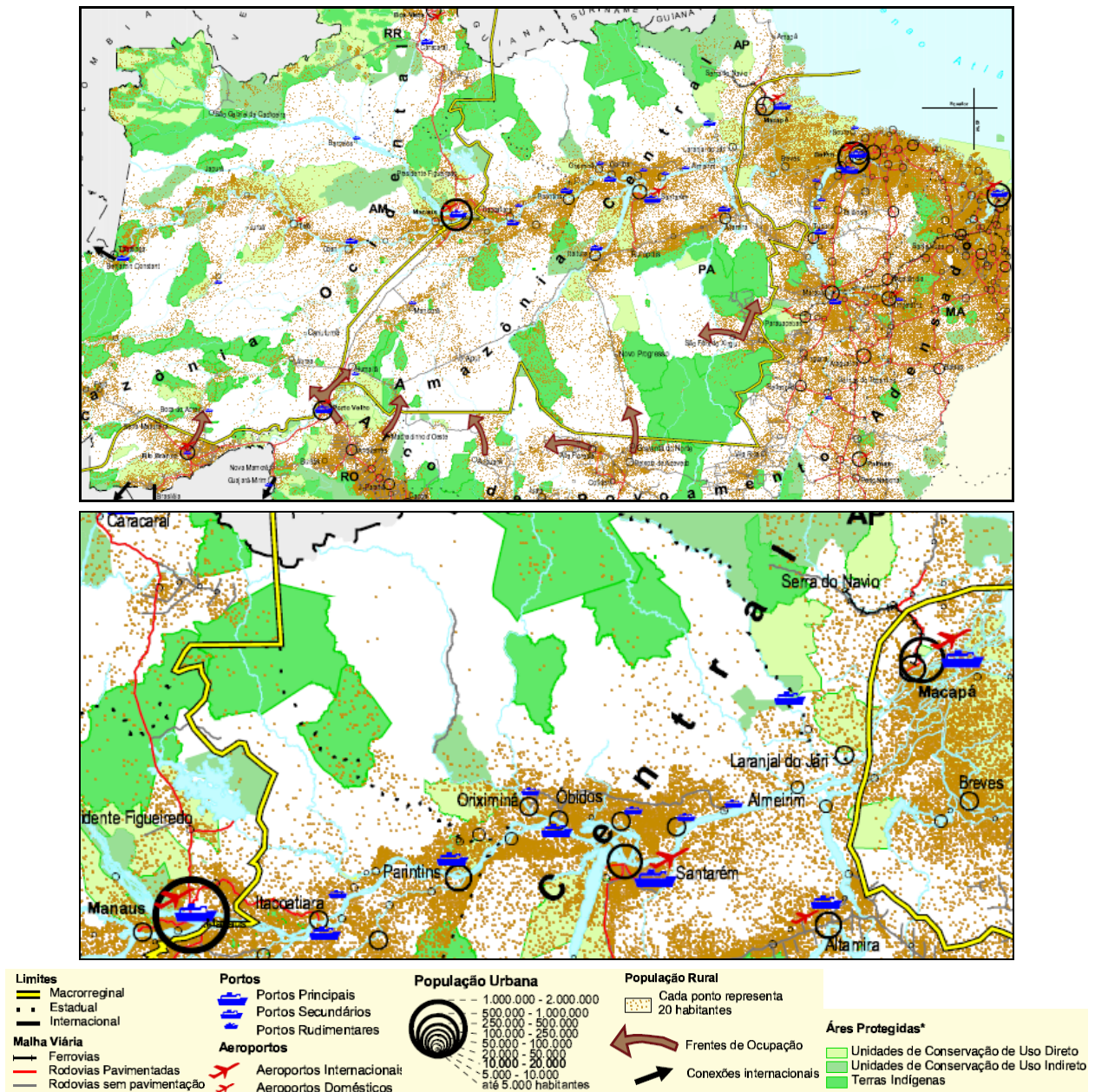


Figura 6.4.2-2 - Mapa de Macrorregiões do PAS (PAS, 2003)

Segundo o diagnóstico apresentado em 2003 no PAS, o desenvolvimento sustentável na Amazônia está especialmente condicionado à importância dos seus recursos naturais, resumidas em três conjuntos estratégicos - os patrimônios biológico, hidrológico e geológico:

Patrimônio biológico. A Amazônia abriga um terço das florestas tropicais úmidas do Planeta, que concentram 50% da diversidade biológica mundial e apresentam imenso potencial genético,

princípios ativos de inestimável interesse econômico e social e oferta de produtos florestais com alto valor no mercado. O mato florestal é administrado, em sua maior parte, por um mesmo Estado nacional. Seus habitantes acumularam conhecimento singular sobre suas características e seu funcionamento. Assim, o patrimônio biológico representa grande potencial ecológico, econômico e político, de importância estratégica regional, nacional e internacional.

Patrimônio hidrológico. A bacia hidrográfica estende-se por mais de 6 milhões de km² e reúne mais de 1.100 afluentes. Pela bacia do rio Amazonas, flui cerca de 15% da água doce não congelada do planeta, recurso cada vez mais escasso, e 80% da água disponível no território brasileiro. O potencial hidrelétrico é fundamental para o País. A bacia dispõe, ainda, de vastos recursos pesqueiros e potencial excepcional para a aqüicultura.

Patrimônio pedológico/geológico. A Amazônia possui meio bilhão de hectares de solos de aptidão agrícola variada, cerca de um quinto dos quais aberto, um subsolo com gigantescas reservas de minérios tradicionais em exploração (ferro, bauxita, ouro, cassiterita) e ocorrências de minérios com potencial para novas aplicações tecnológicas (nióbio, manganês, titânio).

Dada a importância estratégica da Amazônia, foi criado em 2001, o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE), com o objetivo de estabelecer um modelo de desenvolvimento sustentável, a fim de conciliar conflitos de uso do território e exploração dos recursos naturais. A regulação do território passou a ser abordada segundo três princípios básicos - eficácia, valorização da diferença e descentralização.

Destaca-se que o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) é um instrumento de planejamento do ordenamento territorial que vem sendo elaborado em algumas regiões prioritárias de determinadas macro-regiões do Brasil, especialmente na Amazônia.

O ZEE foi considerado como instrumento de gestão territorial técnico (provê informação integrada em uma base geográfica e classifica o território segundo suas potencialidades e vulnerabilidades) e político (permite integrar políticas públicas e é instrumento de negociação entre esferas do governo, setor privado e a sociedade civil).

O ZEE, como instrumento de planejamento, possui três características fundamentais:

- integração harmônica e interdependência entre os aspectos ecológicos e econômicos;
- processualidade operacional em uma seqüência interativa de fases contínuas, de modo a superar o modelo de utilização de recursos naturais gerador de desequilíbrios;

- adequação à realidade considerada, no que tange a preservar as peculiaridades próprias dos sistemas físico-bióticos, sócio-econômicos, culturais e políticos, retratando uma opção de desenvolvimento sustentável.

O ZEE junto com a regularização fundiária é o estabelecimento da fronteira da legalidade ambiental, demandada por governos, técnicos, ambientalistas, empresários sérios e universidades. Estabelece o que pode ser feito, como e onde, criando a base da sustentabilidade e uma clareza e foco nas operações de repressão ao crime ambiental.

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) organizou com o IBGE, a Embrapa e a CPRM (recursos minerais) o Consórcio ZEE Brasil para apoiar os estados na elaboração dos seus zoneamentos. A conclusão de todos os ZEEs estaduais e do Macro-zoneamento até o final de 2009 é um compromisso do MMA e do governo federal. Três estados concluíram (Acre, Rondônia e Pará), outros 3 enviaram às Assembleias Legislativas, o estado do Amazonas o apresentou à Comissão e envia ao parlamento estadual até o início de março.

No caso da Área de Abrangência Regional do empreendimento, o ZEE do Estado do Amapá ainda se encontra em fase de elaboração. No Estado do Pará, o ZEE foi elaborado pelo Governo do Estado. Dentre os objetivos do ZEE-PA, podemos citar:

- Ordenar o uso e a ocupação do solo no interior do estado, de forma a aumentar a eficiência econômica dessa ocupação, e ao mesmo tempo minimizar seus impactos ambientais;
- Reduzir a exigência de reserva legal de 80% para 50% da área das propriedades onde o ZEE tiver sido implementado;
- Implementar um sistema de compensações de reserva legal, compatibilizando com os parâmetros estabelecidos pela legislação.

O Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Pará identifica como vocações econômicas da região do Baixo Amazonas:

- Indústria extrativa mineral (bauxita, caulim, calcário, fosfato);
- Celulose;
- Fibras (malva, juta, curauá);
- Fruticultura;

- Mandioca;
- Pesca;
- Pecuária bovina de corte;
- Exploração madeireira e florestal;
- Grãos (arroz, feijão, milho, soja);
- Turismo.

6.4.2.3 - Planos e Programas na Área de Abrangência Regional - AAR

A identificação dos planos e programas implementados ou em andamento na Área de Abrangência Regional da Linha de Transmissão em 500 kV Jurupari- Oriximiná e 230 kV Jurupari - Laranjal do Jari - Macapá, procurou privilegiar as ações voltadas para a área socioambiental devido a importância estratégica do território amazônico, conforme apontado no item anterior.

Nesse sentido, grande parte das políticas e programas governamentais para região são apoiadas em Programas de gestão e manejo do uso dos recursos florestais e de melhoria da qualidade de vida da população, com o objetivo de contribuir para uso sustentável dos recursos naturais, respeito às populações locais e redução da exploração de mão-de-obra local, através do fortalecimento das ações de zoneamento e valorização das atividades extrativistas e da agricultura familiar.

Os Programas apresentados a seguir foram pesquisados nos planos de governo dos Estados e nos sites dos Ministérios do Governo Federal. Devido à grande quantidade de programas existentes será apresentada uma breve descrição para que possa orientar ou nortear o empreendedor ao longo das fases de implantação e operação do empreendimento.

6.4.2.3.1 - Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil

O Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil é uma iniciativa conjunta do Governo Brasileiro, da sociedade civil brasileira e da comunidade internacional, que busca encontrar formas de conservar as florestas tropicais da Amazônia e da Mata Atlântica. É o mais

importante programa já desenvolvido para a proteção e manejo sustentável das florestas tropicais brasileiras.

Coordenado pelo Governo Brasileiro, o Programa Piloto realiza suas ações por meio de convênios de diversos ministérios com governos estaduais, municipais e com organizações da sociedade civil brasileiras. Os recursos que financiam tais ações são provenientes de doações feitas pelos oito países mais desenvolvidos do mundo e pela União Européia e de contrapartida brasileira.

O Programa Piloto foi proposto na reunião do Grupo dos Sete países industrializados (G-7), em Houston, Texas (EUA), em 1990. Foi aprovado pelo G-7 e pela Comissão Européia em dezembro de 1991. Em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92, o programa foi oficialmente lançado no Brasil.

A missão do Programa Piloto é contribuir para a formulação e a implantação de políticas que resultem na conservação dos recursos naturais e na promoção do desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira e na Mata Atlântica. Seus objetivos específicos são:

- Criar, validar e difundir conhecimentos gerados a partir das experiências desenvolvidas no âmbito da Amazônia brasileira e da Mata Atlântica;
- Influenciar a formulação e implementação de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável;
- Apoiar a expansão de modelos e experiências bem-sucedidas;
- Fortalecer a capacidade de instituições públicas, privadas e da sociedade civil organizada para implementar políticas e aplicar novos conhecimentos.

O Programa Piloto possui uma ampla gama de beneficiários: gestores públicos responsáveis pela aplicação das políticas ambientais nos diferentes níveis, comunidades indígenas e populações tradicionais, instituições da sociedade civil, setor privado e a comunidade científica. As linhas de ação do Programa Piloto incluem:

- Demonstração e experimentação de formas de proteger as florestas e utilizá-las de maneira sustentável;
- Proteção e conservação dos recursos naturais;

- Fortalecimento institucional de instâncias governamentais e não-governamentais relacionadas com a proteção das florestas tropicais brasileiras;
- Pesquisa científica orientada para o desenvolvimento sustentável;
- Geração e disseminação de lições estratégicas para a conservação das florestas tropicais, com relevância para o Brasil e outras regiões.

6.4.2.3.2 - Plano Amazônia Sustentável - PAS

O conceito de desenvolvimento almejado pelo PAS difere do conceito subjacente aos planos de desenvolvimento regional anteriores. O PAS reconhece, por exemplo, a importância do crescimento dos investimentos e do PIB regional para qualquer estratégia de desenvolvimento, mas não se limita a essa dimensão, uma vez que diferentes composições de produto e de investimento podem resultar em estruturas distintas de distribuição de renda, sustentabilidade política e social, geração de emprego e resposta às necessidades da maioria da população.

O PAS, obedecendo a compromisso de governo, deverá contribuir para a transferência de responsabilidades e meios para Estados e Municípios, inclusive nas áreas de competência compartilhada.

Reconhecendo o ambiente de fragilidade institucional e extremo antagonismo entre setores sociais, especialmente nas áreas de fronteira, a estratégia de implementação do PAS está alicerçada na ampla mobilização da sociedade regional. A solução proposta pelo PAS é um compromisso de ampliar as condições de participação de grupos de indivíduos que enfrentam maiores custos nesta direção, sugerindo a adoção de regras que interajam com a base desigual da sociedade, minimizando as conseqüências indesejáveis. O apoio do estado a esforços de auto-organização e mobilização dos setores tradicionalmente excluídos das decisões sobre políticas públicas é um compromisso central da estratégia de implementação do PAS.

No campo da produção sobressaem-se, de um lado, a apropriação e comercialização em escala ampliada dos produtos da floresta, a demandar incorporação acelerada de conhecimentos técnico-científicos e, de outro, a renovação e diversificação das bases de produção tradicionais da região, tornando-as mais eficientes e incorporadoras de mão-de-obra, bem como melhor adaptadas às condições do meio ambiente.

No campo social, os mecanismos de cooperação intergovernamental, as medidas de caráter assistencial atinentes à universalização do acesso aos bens e serviços públicos básicos e as iniciativas de transferência de renda são aspectos cruciais da agenda devotada à inclusão social e à cidadania. A estratégia básica consiste, nesse caso, em angariar apoio para um tratamento mais especializado da Amazônia, diante do quadro de menores taxas de cobertura da população, que puxam as médias nacionais para baixo na maior parte dos indicadores.

A estratégia preconizada pelo PAS pressupõe dotar as cidades de equipamentos e serviços para aprimorar a qualidade de vida das populações, particularmente tratando da habitação e do saneamento, mas também assegurando adequada provisão de infra-estruturas básicas de telecomunicação, viária e de energia.

A integração da Amazônia sul-americana constitui outro elemento estratégico do PAS, tendo em vista as perspectivas que abre para o desenvolvimento da região. A compensação pelos serviços ambientais prestados abre um caminho de valorização de práticas compatíveis com a conservação ambiental. Além dos serviços ambientais globais, referentes principalmente à conservação da biodiversidade e à fixação de carbono, será importante também contemplar, no futuro, os serviços regionais e nacionais, referentes principalmente a recursos hídricos e ao equilíbrio ecossistêmico.

Dentre as metas estabelecidas pelo PAS, podemos citar:

- (i) a gestão ambiental e o ordenamento territorial;
- (ii) a produção sustentável com inovação e competitividade;
- (iii) a inclusão social e a cidadania;
- (iv) a infra-estrutura para o desenvolvimento; e
- (v) o novo padrão de financiamento.

No Vale do Amazonas e na área de Santarém, a opção estratégica principal, proposta pelo PAS, se relaciona com o controle da expansão da soja de penetração recente e estimulada por empresa tradicional do setor, que detém o porto e financia o plantio do produto. A oferta de tecnologia por parte da empresa aos produtores não pode ser desprezada e merece registro, mas deve-se buscar associar esta ajuda a um apoio complementar aos produtores individuais, inclusive na perspectiva de uma possível diversificação produtiva. Cogita-se maneira de

redirecionar a expansão desenfreada da ocupação nessa área, especialmente na direção da Flona do Tapajós, com o estímulo ao uso mais intenso das terras abandonadas na macrorregião de Povoamento Adensado. Da mesma forma, cabe coibir qualquer tentativa de expansão da soja pelos terrenos frágeis de várzea.

Segundo o programa, as políticas públicas na macrorregião do Arco de Povoamento Adensado, que se estende até a capital amapaense, devem focalizar a consolidação do desenvolvimento, dando suporte à intensificação das atividades dinâmicas não predatórias, prevenindo fenômenos de abandono para novas fronteiras e priorizando a recuperação de áreas alteradas por desmatamento e criação extensiva, assim como de áreas abandonadas. O estímulo à pecuária e suas indústrias correlatas, como a de couro, os frigoríficos e a de laticínios, são também parte fundamental da estratégia em uma área onde a pecuária representa atividade marcante. A incorporação da atividade pecuária ao conjunto de iniciativas que colaboram para o alcance de um uso mais intenso dos recursos naturais permite antever possibilidades de consorciamento da pecuária com o complexo produtivo da soja.

Na sub-região do Arco da Embocadura, que inclui os municípios de Macapá e Santana, o PAS propõe o fortalecimento do gerenciamento costeiro e o controle dos recursos do mar, estratégicos porque contribuem para articular iniciativas nos três estados litorâneos e podem auxiliar na abertura de novas ocupações produtivas afinadas com a cultura e a tradição da região.

6.4.2.3.3 - Programa de Desenvolvimento Sustentável da Produção Familiar Rural da Amazônia - PROAMBIENTE

O Programa de Desenvolvimento Sustentável da Produção Familiar Rural na Amazônia (PROAMBIENTE) é um programa socioambiental direcionado aos produtores e produtoras familiares da Amazônia Legal. Está voltado para a produção de sistemas equilibrados de produção, como o manejo integrado dos recursos naturais.

O objetivo é permitir que os produtores não sejam apenas fornecedores de produtos agroextrativistas - como alimentos, fibras e borrachas -, mas, também, produtores de serviços ambientais à sociedade.

Para isso, o produtor ou produtora rural vai contar com um financiamento ou apoio para um projeto técnico de produção sustentável, recebendo a cobertura de custos ambientais e

remuneração de serviços ambientais prestados à sociedade, além de apoio para a organização social, equipe técnica exclusiva e processo de certificação socioambiental independente.

A adesão ao programa, por parte de agricultores familiares, só é permitida por meio de uma organização social, que formará um pólo de aproximadamente 500 famílias. Esse pólo corresponde a uma microrregião, envolvendo cerca de três municípios, de acordo com a área de cada um. As famílias participantes em cada pólo assinarão um termo de adesão se comprometendo a seguir as diretrizes socioambientais do programa.

Em uma primeira fase, serão implementados 12 pólos pioneiros, atendendo seis mil famílias nos nove estados da Amazônia Legal.

Atualmente, o produtor familiar rural tem um rebate de cem por cento, somados os encargos, dos financiamentos do crédito rural. O Programa de Crédito Ambiental vai permitir ao produtor rural um rebate de 60% para os financiamentos. Os outros 40% serão custeados por um Fundo Ambiental, cujas fontes são o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Além disso, o Fundo Ambiental vai remunerar os custos ambientais, em cinco parcelas diretas, equivalentes a dez por cento do financiamento.

Para os produtores familiares que optem por não aderir à linha de crédito e decidam financiar os projetos com recursos próprios, existe o Programa de Serviços Ambientais: assim, o produtor é diretamente recompensado com a remuneração de serviços ambientais, equivalentes a 40% do financiamento, e a cobertura de custos ambientais, equivalentes a 10%.

A proposta original do PROAMBIENTE surgiu em maio de 2000, iniciativa das Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGS) dos estados da Amazônia Legal, durante o Grito da Amazônia 2000. O Projeto PROAMBIENTE foi criado em janeiro de 2001, dentro de um dos quatro programas de pesquisa do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) - o Programa Floresta e Comunidade. Durante o ano de 2001, foram realizados diversos encontros, reuniões e seminários para a construção do programa e estruturação dos pólos.

O PROAMBIENTE é uma iniciativa das FETAGS, do Movimento Nacional dos Pescadores (MONAPE) e da Coordenação das Nações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). Conta com o apoio técnico da Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e IPAM. O ministério do Meio Ambiente (MMA) e do Desenvolvimento Agrário (MDA) também participam do programa.

6.4.2.3.4 - Programa Bolsa Família

O Governo Federal, por intermédio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, é o gestor do Programa Bolsa Família no âmbito federal. A inclusão das famílias no Programa é operacionalizada pela Secretaria Nacional de Renda e de Cidadania - SENARC, que realiza a concessão do benefício, segundo regras predeterminadas.

Ainda em âmbito federal, os Ministérios da Saúde e da Educação também desempenham um importante papel em relação à gestão de benefícios, uma vez que o acompanhamento do cumprimento das condicionalidades tem efeitos diretos sobre os benefícios das famílias.

O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 60,01 a R\$ 120,00) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 60,00). O PBF integra o Fome Zero, que visa assegurar o direito humano à alimentação adequada.

O Programa pauta-se na articulação de três dimensões essenciais à superação da fome e da pobreza:

- Promoção do alívio imediato da pobreza, por meio da transferência direta de renda à família;
- Reforço ao exercício de direitos sociais básicos nas áreas de Saúde e Educação, por meio do cumprimento das condicionalidades, o que contribui para que as famílias consigam romper o ciclo da pobreza entre gerações;
- Coordenação de programas complementares, que têm por objetivo o desenvolvimento das famílias, de modo que os beneficiários do Bolsa Família consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. São exemplos de programas complementares: programas de geração de trabalho e renda, de alfabetização de adultos, de fornecimento de registro civil e demais documentos.

O Bolsa Família prevê a unificação dos Programas Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio Gás e Cartão Alimentação. São os chamados “programas remanescentes”.

A participação dos estados na gestão de benefícios está focada na coordenação dos municípios que fazem parte de seu território. Os estados exercem a função de promotores do desenvolvimento das atribuições municipais, não apenas estimulando uma ação local qualificada,

como também fornecendo o suporte e o apoio técnico necessário ao planejamento e desenvolvimento do Programa.

No modelo de gestão descentralizada do PBF, os governos municipais são os principais gestores do Programa junto às famílias. Neste sentido, os gestores municipais, como executores locais do PBF, podem identificar mudanças socioeconômicas das famílias e realizar as devidas atividades de gestão de benefícios, de forma centralizada ou descentralizada. O gestor municipal deve manter-se atento, também, à mobilidade geográfica, característica presente nesse estrato da população, promovendo os ajustes necessários nos cadastros das famílias beneficiárias.

Em todos os municípios da área em estudo, há famílias cadastradas neste programa. O vice-prefeito do município de Óbidos, em entrevista, destaca importância do Bolsa Família para os 4.997 atendidos no município.

6.4.2.3.5 - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)

O PETI é um Programa do Governo Federal que tem como objetivo retirar as crianças e adolescentes, de 07 a 14 anos, do trabalho considerado perigoso, penoso, insalubre ou degradante, ou seja, aquele trabalho que coloca em risco a saúde e segurança das crianças e adolescentes. A família que for inserida no PETI recebe uma bolsa mensal por cada filho, com idade entre 07 e 14 anos, que for retirado do trabalho. Para isto, as crianças e adolescentes devem estar freqüentando a escola e a jornada ampliada, ou seja, em um período as crianças e adolescentes devem ir para a escola e no outro período devem ir para jornada ampliada, onde elas terão um reforço escolar além de desenvolverem atividades esportivas, culturais, artísticas e de lazer.

Na área em estudo, destaca-se a relevância do PETI, especialmente, nos municípios de Prainha, Óbidos e Almeirim, de acordo com funcionários municipais em entrevista.

6.4.2.3.6 - Programa Brasil Quilombola

Trata-se da política do governo federal para áreas remanescentes de quilombos, abrangendo um conjunto de ações inseridas nos diversos órgãos governamentais. Estabelece uma metodologia que possibilita o desenvolvimento sustentável quilombola em consonância com as especificidades históricas e contemporâneas, garantido os direitos à titulação e a permanência na terra, à documentação básica, alimentação, saúde, esporte, lazer, moradia adequada, trabalho, serviços

de infra-estrutura e previdência social, entre outras políticas públicas destinadas à população brasileira.

Destaca-se a parceria da prefeitura de Óbidos com o governo federal, com o objetivo de garantir educação, saúde, qualificação profissional e regularização fundiária nos quilombos situados no município.

6.4.2.3.7 - Programa de Apoio à Elaboração dos Planos Diretores Municipais do Estado do Pará (PDM - Pará)

Dos sete municípios incluídos na Área de Influência Indireta (All) do Pará, cinco recebem apoio do Governo do Estado para a elaboração de seus Planos Diretores Municipais - as exceções são Alenquer e Óbidos. A maior parte destes planos diretores ainda se encontra em fase de elaboração.

6.4.2.3.8 - Planos e Programas na Área Influência Direta

Os principais programas governamentais identificados ao longo dos levantamentos de campo realizados em 2008 foram: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), aposentadoria rural, seguro defeso (para pescadores profissionais), Luz Para Todos e o Bolsa Família do Governo Federal.

Foi possível perceber que os programas são muito importantes para as famílias, pois, a carência de emprego, as atividades restritas a economia extrativista e as dificuldades encontradas na região são amenizadas com ajuda dos recursos desses programas. Ademais, esses programas contribuem para que as crianças em idade escolar freqüente as escolas das Vilas, possibilitando os alunos a comprarem materiais escolares ou gêneros alimentícios.

Além desses programas governamentais encontrados em todas as comunidades da região, existe a presença de outros programas específicos como o programa da Secretaria Estadual da Agricultura que forneceria um caminhão para apoio as famílias poderem comercializar seus produtos na feira de Macapá, também identificou-se o Programa Luz Para Todos em assentamentos rurais na região de Santana e Macapá, criação de assentamentos rurais com o financiamento de créditos oriundos do PRONAF, sobretudo na região entre as divisas de Mazagão com Santana. Programa Luz Para Todos em comunidades nas proximidades da PA-254.



Figura 6.4.2-3 - Placa indicando a presença do Programa Luz Para Todos, na zona rural do município de Santana-AP.



Figura 6.4.2-4 - Faixa indicando que a venda de lotes da reforma agrária seria proibido.



Figura 6.4.2-5 - Placa indicando presença do Programa Luz Para Todos, na zona rural do município de Oriximiná-PA.



Figura 6.4.2-6 - Placa indicando presença do Programa Luz Para Todos, na zona rural do município de Óbidos-PA.

Além desses projetos federais, foi possível encontrar o Projeto Parteiras Tradicionais no Estado do Amapá. Esse projeto envolve mulheres parteiras, que receberiam um salário mínimo por mês do governo do Estado do Amapá, para realizar o trabalho com gestantes das comunidades de ribeirinhos, extrativistas e populações tradicionais do Estado.

O Projeto iniciou-se no ano de 1995, através de lei estadual. Neste programa o governo paga os serviços dessas mulheres, além de oferecer cursos de formação e aperfeiçoamento. Essas mulheres fazem partos, pré-natal, e acompanhamento das gestantes durante todo o período de gestação.

Segundo informações de uma entrevistada, por causa das distâncias dos hospitais, é comum que algumas mulheres tenham seus filhos em casa, e por isso o papel das parteiras seria importante para a comunidade.

O Projeto Parteiras Tradicionais já teria recebido dois prêmios nacionais um pela Fundação Ford em 1998 (Programa Gestão Pública e Cidadania) e o outro pela Fundação Roberto Marinho (Paulo Freire). O trabalho dessas parteiras no Estado do Amapá tem contribuído para a queda no índice de mortalidade materno-infantil na população de baixa renda.

Na AID, foi encontrada também, a presença da atuação de Projetos financiados por empresas, entre estas estão à atuação do grupo Orsa². Entre os projetos desenvolvidos pelo grupo estão: o projeto Escola da Natureza, que tem por objetivo a mobilização e sensibilização da comunidade através da promoção de ações ambientais na região. Os Agentes de Desenvolvimento local do Vale do Jari, que procura incentivar e apoiar os processos participativos na região. Além do Centro de Excelência da Mulher (CEM), que consiste num projeto sócio-educativo de formação humana e organização social e econômica das mulheres do Vale do Jari.

Outro projeto desenvolvido pelo grupo Orsa com algumas comunidades do município de Almeirim, entre a região da rodovia do Projeto Jari é o município de Almeirim, é o estímulo de Plantio de eucalipto e curuá. Esse último destinado a fabricação de fibras para indústria automobilística. O projeto visa apoiar através de orientação de profissionais do Grupo Orsa, visando principalmente o beneficiamento e despoldamento das fibras para ser entregue para as empresas que fabricam os produtos finais.

“Na fase de implantação do projeto, a Fundação Orsa é responsável pela multiplicação do material genético, seleção das famílias participantes, assistência técnica e auxílio na comercialização da fibra. A previsão é que, em cinco anos, a comunidade domine a produção e a comercialização de fibras. Dessa forma, a Fundação Orsa poderá estender o projeto a outras comunidades” (Fundação Orsa, 2008).

Também, identificou-se nas terras de preto no Estado do Amapá, como no Torrão do Matapi em Macapá, a atuação das ONG's, Povos da Floresta e o Instituto de Mulheres Negras do Amapá - IMENA. Que vem desenvolvendo ações sócio-educativas nestas comunidades e o Conselho das comunidades Afro-Descendentes do Amapá- CCADA.

² O Grupo Orsa, criado em 1981, é um conglomerado de capital integralmente brasileiro. Composto por quatro empresas (Orsa Celulose, Papel e Embalagens, Jari Celulose, Orsa Florestal e Fundação Orsa), Fonte: www.orsa.com.br

6.4.3 - Demografia, Estrutura Produtiva e Malha Urbana

6.4.3.1 - Histórico de Ocupação na Área de Influência Indireta

6.4.3.1.1 - Histórico de Ocupação no Estado do Pará

Os municípios em estudo no Estado do Pará estão inseridos na região do Baixo Amazonas, que tem como maior pólo regional o município de Santarém. Historicamente, o rio Amazonas e seus afluentes foram o principal eixo de penetração na região. A ocupação sempre foi muito difícil, em razão do relevo acidentado e das chuvas na região, que desfavorecem a navegação até nos rios mais caudalosos entre os que deságuam no Amazonas, como o Trombetas, o Curuá e o Jari. Mais recentemente, a rodovia PA-254 é definida como o principal vetor de ocupação das terras da Calha Norte.

O Baixo Amazonas como um todo apresenta algumas peculiaridades que o diferencia das regiões mais dinâmicas da Amazônia. Entre elas, está o lento processo de transformação do espaço agrário regional. Na margem esquerda, esse processo pode ser compreendido a partir de quatro grandes períodos da História Agrária local, segundo Myriam de Oliveira (Belém 2002: 41).

a) Período extrativista - sec. XVIII a 1940

Historicamente, a complexa composição do ecossistema (baseado em dois ambientes definidos de várzea e terra firme e um de transição de beira de rio) influenciou o processo de ocupação humana da margem esquerda e da região do Baixo Amazonas em geral. É possível perceber a importância dessa composição desde a época das sociedades indígenas (algumas datam de dois mil anos), quando as tribos de várzea e terra firme se diferenciavam em termos de concentração populacional e modos de exploração, sendo a primeira alvo de maior concentração demográfica por apresentar maior produtividade em caça, pesca e agricultura no verão (CEHILA, 1992; Vieira, 1992 *apud* Oliveira 2002).

Pela grande quantidade de rios na região, esse processo de ocupação se iniciou com a penetração da população pelas áreas ribeirinhas desenvolvendo-se, no sentido rio-estrada (ou beira-centro), característico das áreas tradicionais (Velho, 1981 *apud* Oliveira 2002). Sem contar com a ocupação indígena, a primeira grande penetração de famílias nos municípios da margem esquerda se deu a partir do século XVIII, quando a igreja, com intuito de "abrir caminho" para confirmar e expandir os domínios da colonização portuguesa, passou a atuar ao

longo do rio Amazonas, criando diversos povoados que, posteriormente, deram origem a maioria dos municípios da região amazônica - entre os povoados criados, estavam o de Santo Antônio de Surubiú, em 1775 (atual Alenquer), fundada pelos Capuchos da Piedade (ou de São José), e o de Gurupatuba, em 1758 (atual Monte Alegre), fundada pelos jesuítas da Companhia de Jesus (Oliveira, 1983).

Tanto a população indígena, quanto a população cabocla que a sucedeu, e até mesmo os poucos migrantes nordestinos que chegaram depois - nos ciclos da borracha e da juta - fixaram-se nas áreas ribeirinhas seguindo um padrão de ocupação espontâneo. Diante disso, as famílias se instalaram ao longo dos rios, em porções de terra de tamanho variável.

Além do extrativismo, nessa época, a pecuária também passou a se desenvolver no Baixo Amazonas. Introduzida pelos portugueses, no século XVIII, e bem adaptada à região, tornou-se atividade tradicional, conseguindo causar um impacto positivo na economia local, pois, ao final do século XIX, o Baixo Amazonas já detinha um dos maiores rebanhos bovinos do Estado, destacando-se os municípios de Alenquer, Óbidos, Santarém e Monte Alegre (Santos, 1980 *apud* Oliveira 2002).

As áreas ribeirinhas caracterizavam-se por estabelecimentos diversificados, baseados principalmente no extrativismo de vários produtos nativos, na lavoura branca (milho, feijão, caupi, mandioca, arroz), nas pequenas criações e, algumas vezes, na criação de gado. Essa última era mais praticada pelos grandes criadores, uma vez que os pequenos produtores ou não possuíam o domínio técnico (conhecimento esse adquirido aos poucos com a proximidade dos pecuaristas) ou não dispunham de recursos suficientes para a aquisição e manutenção dos animais.

Nos municípios da margem esquerda, no final do século XIX, época de auge do ciclo da borracha, a queda na produção de alimentos causada pela grande saída de agricultores para os seringais estimulou os imigrantes/migrantes, vindos em decorrência do ciclo ou de programas de colonização, a incrementarem a produção agrícola de terra firme, com o objetivo de preencher essa lacuna do mercado local. Os estabelecimentos de terra firme deixaram de ser unicamente voltados para subsistência e se inseriram no mercado, desenvolvendo um sistema de produção caracterizado pelas pequenas criações, pelo extrativismo (aqui mais coleta e caça) e, principalmente, pela produção de gêneros alimentícios. Assim, culturas que antes eram importadas, como o arroz e o feijão, ou sem

muita relevância, como o milho, o algodão e o tabaco, tornaram-se importantes geradoras de renda para as famílias.

O ciclo da borracha promoveu algumas mudanças no meio envolvente amazônico, pois contribuiu para a criação da Província do Amazonas (em 1850), a introdução da navegação a vapor (em 1852), a abertura do rio Amazonas à navegação estrangeira (em 1866) e a criação do Banco da Borracha (em 1950) - que deu origem posteriormente ao Banco da Amazônia - entre outros (Miranda Neto, 1986). Foram acontecimentos marcantes na história da região e, acima de tudo, determinantes para o desenvolvimento regional, mas ainda pouco expressivos no que se referiu ao desenvolvimento dos municípios da margem esquerda. Nesse período, a infra-estrutura era precária, sobretudo em termos de transporte (tanto terrestre como fluvial) e na oferta de serviços básicos como educação e saúde, fornecidos somente nas cidades (ou nas sedes locais ou nos grandes núcleos urbanos - Manaus e/ou Belém). A situação não se alterou nem nas áreas de Monte Alegre envolvidas nos primeiros programas de colonização implementados na região.

b) Período da juta (na várzea) e das culturas industriais (na terra firme) - 1940 a 1970

A predominância do extrativismo, sobretudo na economia varzeira, se mantém até a década de 40, quando a Amazônia se volta quase completamente para a atividade jutícola. Introduzida pelos japoneses, bem adaptada às condições do meio físico e estimulada pela valorização das fibras naturais no mercado mundial, a produção de juta toma conta das áreas ribeirinhas, transformando-se na nova base da economia regional da época.

Esse foi um período no qual as mudanças nos estabelecimentos ribeirinhos ocorreram de forma mais significativa. Num sistema extensivo de incorporação de novas áreas ao processo produtivo a cada dois anos no máximo, a juta modificou brusca e rapidamente a paisagem da várzea, transformando, em aproximadamente 30 anos, a maioria dos ambientes de várzea, de mata primária, secundária, campos e igapós, em capoeira rala ou campo nativo (vegetação dominante nas margens dos rios após a colheita da fibra). Por iniciativa dos próprios agricultores ou do governo, através de financiamentos oferecidos na época pelo BASA para o cultivo da juta (financiamentos que duraram mais ou menos 3 anos), a expansão dessa cultura se deu de forma tão acelerada e devastadora que logo os jutais faziam parte dos recursos naturais da região (Miranda Neto, 1986; Homma, 1995 *apud* Oliveira, 2002).

Além do domínio da juta na várzea, esse período caracterizou-se também pela ascensão do tabaco e do algodão na economia local. Introduzidas no século XVIII, essas culturas ganharam

alguma importância na margem esquerda, e especialmente em Monte Alegre (com mais importância) e Alenquer, depois do início dos fluxos migratórios para a região, mas foram de fato valorizadas entre as décadas de 50 e 70, quando seus preços no mercado nacional e internacional sofreram um aumento significativo. Essa fase de valorização de culturas industriais na terra firme, entretanto, não se restringiu somente ao fumo e ao algodão, a economia das fibras também se estendeu a essas áreas através da malva e da produção de juta-semente. Ao mesmo tempo, nesse período ocorreu também um outro fluxo migratório intensivo para a região. Durante o Governo Vargas, foi incentivada maciçamente a migração nordestina, em função de uma nova política para a colonização da região amazônica, privilegiando as migrações internas às estrangeiras, sendo o principal saldo dessa política a criação das Colônias Agrícolas Nacionais - CAN's.

c) Período de ascensão da pesca comercial e valorização da terra firme - 1970 a 1990

Sempre atrelada ao mercado internacional, a jiticultura começou a entrar em declínio na segunda metade da década de 60 em consequência da crise no mercado interno de fibras. No âmbito nacional, o fim do ciclo da juta coincidiu com o “boom” das grandes políticas de desenvolvimento implementadas na Amazônia a partir da década de 60 e, até certo ponto, influenciado pelas mesmas.

Apesar dessas medidas provocarem um impacto importante na região, na margem esquerda, esse impacto se deu mais pela implantação do Porto Trombetas em Oriximiná. Nos demais municípios, essas políticas repercutiram de forma discreta, tendo como principais consequências a construção da rodovia PA-254 (Prainha-Oriximiná), a reativação do PIC-Monte Alegre e a implantação da COMARA (empresa responsável pela extração de calcário em Monte Alegre), que empregou várias pessoas na década de 80.

A entrada em áreas de terra firme mais distantes teve início com a instalação de agricultores e fazendeiros (locais e/ou de fora) nos lotes da faixa da estrada; em menor proporção, os fazendeiros de fora vieram para a região estimulados pelos incentivos fiscais. A medida que as fazendas foram se expandindo, as famílias de agricultores foram sendo, passiva e gradativamente, deslocadas para o interior das vicinais dando lugar aos pecuaristas. Desse modo, até meados de 80, praticamente toda a extensão da estrada já estava tomada por fazendas.

Assim, depois da juta e da ascensão da pecuária, o uso das pastagens naturais para a criação de gado tornou-se a principal exploração das terras de várzea sendo a pesca, contudo, a base dos estabelecimentos familiares.

Ao mesmo tempo em que tais acontecimentos afetaram os sistemas de produção ribeirinhos, os estabelecimentos de terra firme foram afetados pela queda dos preços do algodão e do tabaco. Com o declínio das culturas industriais de terra firme, a valorização dos produtos agropecuários (característica dessa fase) provocou a ascensão comercial de várias culturas já cultivadas nos estabelecimentos familiares, porém restritas à finalidade de subsistência. Assim, é o exemplo da mandioca e dos grãos (já importantes na região, mas que ganharam um impulso maior nessa época). De acordo com os tipos dos solos e com o seu nível de fertilidade, essas culturas ascenderam em áreas distintas: a mandioca, por exemplo, pouco exigente em termos de fertilidade, ganhou destaque nas áreas de ocupação mais antiga, onde predominavam os cultivos de fumo e algodão e onde a exploração já se fazia há bastante tempo; enquanto nos estabelecimentos de ocupação mais recente o investimento foi feito na produção de grãos, devido à melhor fertilidade de seus solos.

Os créditos na região e nos municípios da área de estudo surgiram nesse período. Ainda esporádicos, eles foram responsáveis pela introdução do gado em vários estabelecimentos familiares e pela ascensão comercial de algumas culturas perenes e semi-perenes nos sistemas de produção de terra firme. Em decorrência desses financiamentos, algumas culturas foram expandidas originando pequenos ciclos.

Nesse contexto, o meio envolvente na margem esquerda, marcado por um impacto discreto dos grandes projetos e políticas públicas federais, foi muito mais influenciado pelo conjunto das grandes atividades econômicas desenvolvidas na região. Essas atividades eram voltadas quase que exclusivamente para o setor primário, que evoluiu em função do crescimento populacional interno. Um dos fatos relevantes na margem esquerda nessa evolução do meio envolvente foi a invasão, a partir da segunda metade da década de 70, das geleiras nos grandes lagos da região. Em função delas, ao mesmo tempo em que foram abertas as fábricas de gelo nessa margem e surgiram os grandes frigoríficos de exportação de pescado na região, iniciaram os inúmeros conflitos travados entre pescadores e geleiros pelo acesso aos recursos pesqueiros.

Mesmo predominando a ocupação espontânea, durante esse período, foi instituído nesse município um projeto de colonização oficial, Projeto de Assentamento (PA) Novo Horizonte,

um dos poucos PA's implantados na região. Criado pelo INCRA em 1987, abrange uma área de 11 mil hectares e, até 1996, já havia recebido mais de 160 mil famílias, distribuídas em lotes de tamanho variável, entre 25 e 100 hectares.

Esse foi o único caso de Assentamento, mas a atuação do INCRA na região concentrou-se na distribuição oficial de terras em glebas, para facilitar a regularização fundiária das áreas ocupadas. Dessa distribuição de glebas, pode-se citar: Camburão; Santo Antônio das Gertrudes, abrangendo Alenquer e Monte Alegre; Mamiá, abrangendo Alenquer e Óbidos; Cuminapanema; e Parú d'Oeste, abrangendo Alenquer, Óbidos e Oriximiná.

d) Período de consolidação da agropecuária na terra firme - a partir de 1990

Esses últimos anos da década de 90 foram marcados pelo fortalecimento da produção agropecuária regional e por um novo ritmo de exploração, mais dinâmico, do espaço agrário da margem esquerda e do Baixo Amazonas como um todo.

Nesse período, as principais mudanças nos sistemas de produção ocorreram nas áreas de terra firme da zona de ocupação mais recente, através da introdução do elemento árvore nesses sistemas. A nova política de créditos aumentou a importância das culturas perenes e semi-perenes nos estabelecimentos, devido a estarem previstos nos planos de financiamento cultivos de culturas como coco, café, laranja, entre outras. O acesso ao crédito, juntamente com a melhoria do sistema viário, possibilitou também o aparecimento de experiências com hortaliças na terra firme, mas ainda em pequena escala.

Em relação às pastagens, nessa década, se intensificou o uso de maquinaria agrícola, para a recuperação de pastagens degradadas ou mesmo para a transformação de pastagens em áreas de lavoura. Isso ocorreu, e vem ainda ocorrendo, devido à queda do preço do gado depois da implementação do Plano Real, em 1994. Esse uso de maquinaria na margem esquerda ainda não é expressivo.

Ao mesmo tempo em que ocorrem essas inovações, atividades tradicionalmente desenvolvidas em alguns sistemas de produção permaneceram sendo efetuadas como nos casos das coletas de castanha e cumaru, praticadas pelos produtores de Alenquer. Da mesma forma, os sistemas varzeiros também foram atingidos nesse período por alguns acontecimentos marcantes, como a instalação, na margem esquerda, de empresas agrícolas, aproveitando o incentivo à produção agrícola.

Sem modificar muito do período anterior, a evolução do meio envolvente, nesse último período, contou com a construção da rodovia PA-255, em 1994/95, ligando Monte Alegre a Santarém, com a liberação do seguro desemprego e com a falência de fato da assistência técnica no meio rural.

A construção da PA-255 não tem os mesmos efeitos no processo migratório como aquele ocorrido na PA-254, mas ela abre novas áreas para a fixação de famílias, sem ser considerada uma nova frente de ocupação.

Quanto ao seguro desemprego, liberado através do INSS, surgiu em 1993, após várias reivindicações das Colônias de Pescadores, sendo viabilizado em toda a região amazônica. Este seguro constituiu-se na solução do problema criado pelas medidas tomadas pelo IBAMA para proibir, no âmbito nacional, através da lei 7679/88, a pesca de "piracema", correspondente à época de reprodução de algumas espécies de peixes regionais, no sentido de ter um controle sobre a pesca predatória (Isaac et al., 1993).

Até recentemente, a região guardava suas características históricas marcadas pela pesca e agricultura de várzea e pela importância de grandes cidades como Santarém e Óbidos, onde se concentrou a dinâmica regional. No entanto, novas tendências se verificam na terra firme: culturas de feijão do sul, milho e mandioca, influência de empresas na produção de frangos (para atendimento da Varig) e arroz (induzida pelo Arroz Tio João). Ao que tudo indica, já se verificam, também, experimentos com a soja, como expansão do movimento de Santarém. Por sua vez, a pesca comercial ameaça a pesca tradicional.

Santarém organiza uma zona produtora de soja capitaneada pela Cargill e seu porto de exportação, que transforma pequenos produtores de arroz em produtores terceirizados de soja, mediante financiamento e compra antecipada da produção.

6.4.3.1.2 - Histórico dos Municípios da Área de Influência Indireta - Pará

a) Município de Oriximiná

Em junho de 1877, o Padre José Nicolino de Souza, natural de Faro (Portugal), em visita religiosa chegou à foz do rio Nhamundá e subindo o Rio Trombetas, localizou a parte de terra firme, à margem esquerda do Rio Trombetas, em frente a desembocadura do Nhamundá e instalou-se a Cruz de Cristo, que foi o marco fundamental da Civilização, com o nome de Uruá-Tapera. Essa civilização durou um período de nove anos e o seu crescimento

populacional, provocado pelo entusiasmo missionário do Padre José Nicolino, fez com que o lugarejo multiplicasse sua população, que logo alcançou centenas de residências, com pessoas que se deslocavam de diversas partes da região. Esse crescimento significativo chamou a atenção das autoridades do Estado, que o Presidente da Província da época Dr. Joaquim da Costa Barrada, através da Lei nº 1.288, promulgada em 11/12/1886, determinou a sua elevação à categoria de freguesia de Santo Antônio do Uruá-Tapera. A aglomeração populacional é notória para o Estado, tanto que através de Ato administrativo o Governador Lauro Sodré em 09/06/1894, transformou a freguesia em vila já com o nome de Oriximiná.

Em 03 de abril de 1900, o Governador do Estado assinou a Lei nº 729 extinguindo a vila de Oriximiná e dividindo seu território entre os municípios de Faro e Óbidos. A área ocupada inicialmente (período de 1877 a 1934) é o trecho atual compreendido entre as Travessas Antonio Bentes de Oliveira Guimarães (antiga Travessa Pe. José Nicolino de Souza) e a Antônio de Souza Bentes (antiga Travessa Santo Antônio) e as ruas 24 de dezembro (antiga Rua 15 de novembro) e Barão do Rio Branco.

Em 04 de junho de 1933 o então Interventor do Pará criou a Sub-Prefeitura de Oriximiná e logo em seguida assinou a Lei nº 1.442 de 24 de dezembro de 1934 emancipando politicamente Oriximiná.

No período de 1894 a 1955, a ocupação se expandiu nos trechos compreendidos entre: as atuais Travessas Santa Luzia e Emídio Martins Ferreira (antiga Travessa Nova) e as ruas Barão do Rio Branco e 15 de novembro (antiga 4ª rua sem denominação); Travessas Antônio de Souza Bentes e Emídio Martins Ferreira e as Ruas 24 de dezembro (antiga Rua 15 de novembro) e Barão do Rio Branco.

No período de 1955 a 1975, a ocupação urbana se deu nos trechos compreendidos entre as Travessas Carlos Calderaro e Antônio Imbiriba e as Ruas 15 de novembro e Braz Antônio Miléo. Nesses primeiros dois períodos, a ocupação se deu de forma centralizada.

Num período que se estende até 1979, o processo de ocupação começa a acelerar caracterizado pelas obras de implantação do empreendimento de exploração de Bauxita na localidade de Porto Trombetas pela Empresa Mineração Rio do Norte S/A. Com isso, muitas pessoas migraram da zona rural e de outras regiões, para tentar empregos nas obras dessa localidade e suas famílias ficavam na cidade até conseguir moradia em Porto Trombetas. O trecho de ocupação desse período vai das Travessas João Estumano a Jonathas Athias a uma parte da Antônio Imbiriba a João Guerreiro e entre um trecho da Rua 24 de dezembro a Braz

Antônio Miléo e nos trechos das Travessas João Estumano a Antônio Imbiriba e Ruas Braz Antônio Miléo e 31 de março.

No período de 1975 a 1990, a ocupação foi maior na direção Oeste, Norte e Leste da cidade.

A ocupação mais recente se deu no período de 1990 a 2005. A partir de 1997 até 2004, começa uma série de obras de infra-estrutura na cidade e na zona rural: pavimentação de ruas, construções de praças, postos de saúde, escolas, quadras poliesportivas, micro-abastecimento de água e outros, que fizeram com que a migração de pessoas de outras regiões aumentasse consideravelmente, fazendo com que o índice de invasões de áreas públicas e privadas fosse o maior na história do município. Com essas invasões, surgem Bairros com ruas e travessas e alguns com infra-estrutura completa. Esse trecho compreende: uma parte das Travessas Antônio Imbiriba até a Travessa do Piquiá e entre as Ruas 24 de dezembro até a Pe. José Nicolino de Souza (próximo ao Igarapé do Melgaço); Parte das Travessas Senador Magalhães Barata até a Travessa Sem Denominação próxima a cerca de um terreno de propriedade privada, e entre parte das Ruas 24 de dezembro até as áreas de invasões que margeam a PA 439 (antiga PA-254). (Mapa 16).

b) Município de Óbidos

A localização atual do município de Óbidos tem a ver com uma escolha de cunho estratégico feita pelos colonizadores portugueses. O lugar escolhido para a fixação foi às margens do rio Amazonas, na parte em que ele apresenta um estreitamento considerável. Tanto a boa localização, como o fato de se ter podido desenvolver a catequese no lugar, foram os fatores que contribuíram para a fixação da sede naquele local.

A aldeia prosperou e o forte servia para registrar o movimento de embarcações que desciam e subiam o rio, até que, em março de 1758, o capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ao passar pela aldeia dos Pauxis, erigiu-a em vila, aumentando-a com mais duas aldeias próximas, com o nome de Óbidos, de origem portuguesa, constituindo dessa forma, o Município, sob o orago de Senhora Santana.

Dois fatos históricos importantes ocorreram em Óbidos em 1924 e 1932. Em 23 de julho de 1924, eclodiu um movimento revolucionário em Manaus, com a determinação de depor o governador interino e acabar com a oligarquia reguista. Após a dominação de Manaus e o resto do Amazonas, os revolucionários decidiram, então, conquistar toda a Amazônia, sendo Óbidos o primeiro alvo: de lá, segundo os planos traçados, tomariam o resto do Baixo Amazonas e

investiriam contra Belém. Não houve dificuldade na tomada de Óbidos, tendo a legalidade sido restabelecida cerca de um mês depois.

Em 1932, o General Bertoldo Klinger levantou as tropas de São Paulo, visando a reconstitucionalização do país. No Pará houve reflexos em duas cidades: Óbidos e Belém. Após a rendição dos paulistas, a ordem foi restabelecida.

Foi estabelecida a divisão judiciário-administrativa, para o período 1944-48, apresentada pelo decreto-lei nº. 4.505, de 30 de dezembro de 1943, em que o município de Óbidos ficava constituído somente pelo distrito sede, situação que se encontra até hoje.

c) Município de Curuá

O município tem sua origem na instalação de uma missão catequista, pelos padres capuchos da Piedade, no fim do século XVIII, à margem do rio Curuá para atrair os índios que habitavam nas redondezas. E à missão deram a denominação de Arcozelos, porém uma série de dificuldades impediram o seu desenvolvimento levando os padres a seguirem para outro local, onde mais tarde surgiria o município de Alenquer.

Nos Decretos de 1930, 1935 e 1938 que relacionam os municípios do Estado, Curuá consta como um distrito de Alenquer.

O município de Curuá foi criado através da Lei nº 5.924 de 28 de dezembro de 1995, assinada pelo governador Jáder Barbalho, desmembrado do município de Alenquer, com sede na localidade de Curuá, que passou à categoria de cidade, com a mesma denominação.

Sua instalação aconteceu em 1º de janeiro de 1997, com a posse do prefeito José Vieira de Castro, do vice-prefeito e vereadores eleitos no pleito municipal de 3 de outubro de 1996.

d) Município de Alenquer

O povoado que deu origem ao município de Alenquer surgiu no século XVIII, quando a igreja passou a atuar ao longo do rio Amazonas, criando povoados, entre eles o de Santo Antônio do Surubiú, em 1775, de onde se originou o atual Alenquer. Com a expansão da pecuária, no século XIX, Alenquer chegou a possuir um dos maiores rebanhos bovinos do Estado. Em Alenquer, a colonização de novas áreas, de terra firme (uma vez que as áreas de várzea, dedicadas ao extrativismo, já apresentavam maior concentração demográfica) foi feita por famílias locais, migrantes nordestinos - sobretudo cearenses não absorvidos ou não adaptados

à extração de borracha - e, em menor escala, por imigrantes japoneses egressos da Vila Amazônia, no Estado do Amazonas. Além disso, seguiu um padrão de ocupação espontâneo, semelhante à zona ribeirinha e comum aos demais municípios da margem esquerda, com a diferença que os lotes assumiram uma delimitação mais formal.

Nas décadas de 60 e 70, ocorreu o auge da cultura na juta nas áreas de várzea, simultânea à expansão das culturas industriais em terra firme, que não mais se limitavam ao tabaco e ao algodão, havendo cultivos de malva e juta-semente. Alenquer, durante praticamente todo esse período, deteve a exclusividade da produção de juta-semente na região.

Em consequência do trabalho desenvolvido por organizações (principalmente os sindicatos de trabalhadores rurais) e pela igreja, na organização das famílias, começaram a proliferar no município, na segunda metade da década de 90, iniciativas de grupos informais em valorizar o trabalho comunitário, através da implementação de açougues, cantinas, beneficiadoras de arroz e trilhadeiras de milho comunitárias, que ajudaram na redução dos custos de produção, no estímulo ao trabalho em grupo e na conscientização da capacidade que esse trabalho têm em resolver problemas que afetam o conjunto da comunidade.

e) Município de Monte Alegre

Monte Alegre é umas das mais antigas cidades da Amazônia. O ano de fundação e o responsável por ela ninguém sabe ao certo, apenas que foi no século XVIII, quando religiosos encarregados da catequese de grupos indígenas na margem esquerda do rio Amazonas se estabeleceram na aldeia Gurupatuba, transformada em vila em 1758. Monte Alegre, assim como outros municípios da margem esquerda do rio Amazonas, vivenciou os ciclos do extrativismo e da pecuária, destacando-se nesta última, ao final do século XIX.

No entanto, Monte Alegre se constituiu em um caso particular no Baixo Amazonas, devido ao fato de ser colonizado a partir de programas e projetos implementados pelo governo. Alvo dessas iniciativas de colonização dirigida, o povoamento do município nessa época e nessas áreas foi formado a partir de uma mistura de famílias caboclas, imigrantes japoneses/espanhóis e migrantes nordestinos (em sua maioria cearenses). Também por conta dessas iniciativas, foram criadas as colônias agrícolas de Itauajuri e Igarapé-açu, em 1894, para fixação de migrantes espanhóis, e de Açaizal e Dois Galhos, em 1930, para imigrantes japoneses.

A colonização japonesa, aliás, foi a mais incentivada pelo governo federal, tendo lhes sido doados 400 mil hectares em Monte Alegre, dos 1.030 mil hectares do Estado destinados a esse programa (Santos, 1980; Santos et al., 1993 *apud* Oliveira, 2002). Nessa época, ao longo do processo de penetração nas áreas de terra firme, a ocupação espontânea por migrantes nordestinos e famílias locais se fez até meados do século XX, para depois se encaixar no padrão de colonização dirigida, com a criação do Núcleo Colonial Inglês de Souza, em 1928.

O impulso que a economia local recebeu, por influência da juta na várzea e das culturas industriais na terra firme, aliado à implantação de políticas dirigidas de colonização em Monte Alegre, possibilitou que a infra-estrutura local apresentasse algumas melhorias. As estradas interiores começaram a proliferar, mesmo que em condições precárias, assim como começaram a se desenvolver lentamente alguns serviços básicos à população do campo.

As políticas de desenvolvimento que tiveram lugar a partir da década de 60 se fizeram sentir discretamente em Monte Alegre, pela construção da rodovia PA-254 (Prainha - Oriximiná). Na década de 80, a implantação da COMARA (empresa de extração de calcário) empregou várias pessoas no município.

No município de Monte Alegre, durante o quinquênio de 90 a 95, os recursos destinados à produção familiar cresceram de maneira significativa. Esses recursos foram direcionados principalmente para investimentos em crédito, construção de vicinais e apoio à atividade pesqueira, através da concessão do seguro desemprego para os pescadores associados às Colônias de Pescadores, durante o período da reprodução dos peixes, chamada época do defeso.

f) Município de Prainha

Os primórdios de Prainha como povoado são até agora ignorados, sabendo-se apenas que sua sede municipal é de origem colonial. Historicamente, o município teve origem na margem do rio Urubuquara, com a denominação de Outeiro. O acesso ao local não era cômodo e nem fácil, motivo pelo qual seus moradores o transferiram para as margens do rio Amazonas.

Em 1758, foi elevado à categoria de freguesia, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Com a Lei provincial nº 941, de 14 de agosto de 1879, recebeu o predicamento de vila, elevando seu território à categoria de município, foi instalado no dia 7 de janeiro de 1881. Por meio do Decreto nº 78, em 27 de dezembro de 1930, o município de Prainha foi extinto e seu

território anexado ao de Monte Alegre. Mas a Lei nº 8, de 31 de outubro de 1935, lhe restabeleceu a autonomia. (CORRÊA, 1976).

Com a proclamação da República, o município de Prainha fez a sua adesão ao novo regime em sessão de 28 de novembro de 1889, comunicando-a ao governo provisório do Estado, por ofício da mesma data, assinado por Antonio Maria de Souza, Presidente, e Vereadores: Manoel A. de Oliveira e Leopoldino Ferreira dos Santos.

g) Município de Almeirim

Os fundamentos do atual município de Almeirim, situado na zona fisiográfica da Baixo Amazonas, foram lançados pelos frades capuchos de Santo Antônio, que fundaram, juntamente com os índios descidos do centro, a Aldeia do Paru. Ela prosperou, inclusive, quando uniu-se à taba dos índios do Rio Uacapari.

Manoel da Mota e Siqueira, objetivando defender o território, construiu à margem esquerda do Rio Amazonas, no local onde se encontra a Sede Municipal, um forte de pedra e barro, denominado forte do Paru. Essa iniciativa foi um dos principais fatores do desenvolvimento do povoado Aldeia do Paru.

Em 1758, por ato do Governador e Capitão-General, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, adquiriu categoria de Vila, passando a chamar-se Almeirim. Entretanto, na época da Independência veio a ser extinta, em virtude da preocupação do Governo da Capitania de alargar os domínios coloniais portugueses, para o Alto Amazonas.

Em 1835, Almeirim foi palco de Cabanagem, que assolou o interior da Província.

Com o advento da República, em 1890, readquiriu categoria de Vila e também de município. Porém, em 1930, o então município foi extinto, sendo seu território anexado ao de Prainha, onde se restabeleceu no mesmo ano. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 4 distritos: Almeirim, Boca do Braço, Santana do Cajari e Santo Antônio de Caracuru.

Pelo decreto-lei estadual nº 3131, de 31-10-1938, é criado o distrito de Arumanduba criado com território do extinto distrito de Santana do Cajari. Sob o mesmo decreto, extintos os distritos Boca do Braço e Santo Antônio de Caracuru e anexado ao distrito de Arumanduba.

Em divisão territorial datada de I-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Almeirim e Arumanduba. Pela lei estadual nº 5075, de 02-05-1983, é criado o distrito de Monte Dourado e anexado ao município de Almeirim. Em divisão territorial datada de 18-VIII-1988, o município é constituído de 3 distritos: Almeirim, Arumanduba e Monte Dourado. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Na década de 70, a implantação da empresa Jari Celulose, sediada no distrito de Monte Dourado, estimulou a emigração, principalmente da região norte e nordeste.

6.4.3.1.3 - Histórico de Ocupação do Estado do Amapá

O processo de ocupação portuguesa, onde hoje se situa o Estado do Amapá, se inicia com a doação da Capitania da Costa do Cabo Norte ao português Bento Manuel Parente, em 1637. Esta doação, mais do que a colonização do território, objetivou o controle dos portugueses das incursões de ingleses e holandeses na região.

A descoberta do ouro, ao final do século XVIII, em Oiapoque, Caciporé e Amapá aumentou a cobiça francesa por este recurso. Paralelamente, em razão da fraca ocupação portuguesa e da fragilidade das fortificações ali existentes, a Coroa portuguesa decide, em 1751, a elevar o povoado de São José de Macapá à categoria de vila. O grande interesse nas atividades garimpeiras trouxe também disputas internacionais pela região, que só tiveram fim em 1º de maio de 1900, quando a região foi concedida ao Brasil pela Comissão de Arbitragem de Genebra, passando a fazer parte do estado do Pará, com o nome de Araguaí.

A partir de meados do século XIX, inicia-se uma nova fase, em que se buscava integrar a região à economia nacional, apoiada na extração do látex para a produção da borracha para o mercado internacional. Segue-se, então, uma fase em que a região se vê contemplada com um grande contingente de migrantes do Nordeste.

Ao final do século XIX, com o processo de ocupação bastante debilitado, em função do declínio da exploração da borracha e da extração do ouro, houve um grande período de estagnação econômica. Necessitando com urgência de incentivos para solucionar esta situação, o Governo do então Território do Amapá, com auxílio da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA, lançou-se em direção aos projetos de colonização que visavam à implantação de núcleos de povoados com pequenos agricultores. Grande parte desse

processo caracteriza hoje as atividades de cultivos de lavouras de subsistência, associadas a criação de gado e animais de pequeno porte e à exploração dos bens florestais.

Ao longo do tempo, constatou-se que as iniciativas públicas fundiárias e agrícolas não conseguiram estimular o desenvolvimento baseado na exploração da terra e dos recursos naturais. A área ocupada com imóveis rurais no Amapá ainda hoje é pequena, em comparação com o Brasil e mesmo com a própria Região Norte.

A fase inicial da ocupação da região se caracterizou por processos de formação de ilhas de povoamento, que não tinham nenhuma força de expansão, sofrendo os grandes problemas do isolamento do centro-sul do país. Logo em seguida à criação do Território, existiam apenas os municípios de Macapá, Amapá e Mazagão, que tinham uma população muito reduzida e as atividades econômicas se fundamentavam, principalmente, na coleta da borracha e da castanha-do-Brasil, nas áreas próximas ao rio Amazonas, na extração do ouro e na criação de gado nas áreas mais interioranas.

A ocupação do Estado em direção ao interior se deu de forma gradativa e bastante lenta e foi também, parcialmente, facilitada pela rede hidrográfica dos rios Oiapoque, Caciporé, Calçoene, Amapá, Araguari, Vila Nova, Maracá e Cajari.

Desde a criação dos Territórios Federais (1943), o objetivo do Poder Público na Amazônia foi ocupar as regiões de fronteira fracamente povoadas e possibilitar a participação dos Territórios na exploração de seus recursos minerais. No caso do Amapá, tratava-se, sobretudo, de levantar a potencialidade mineral da área e garantir a exploração do manganês, descoberto na Serra do Navio, em 1945-6. Esta fase de desenvolvimento revolucionou a economia local, com a construção de uma série de infraestruturas de apoio à mineração, que, através de um conjunto de medidas, proporcionou aumento de emprego, atraindo contingentes de migração para a região.

Dentre as principais infraestruturas criadas, pode-se fazer referência à construção da hidrelétrica Coaracy Nunes (1ª hidrelétrica da Amazônia) para fornecer energia à Companhia de Indústria e Comércio de Minérios S.A- ICOMI e à cidade de Macapá e a construção da estrada de ferro (194 km), ligando Santana à mineração, para escoamento do minério. A exploração desse recurso propulsiona um crescimento significativo de população, em função não apenas das atividades mineradoras, mas também em função de outras atividades que estavam ligadas ou não à exploração do manganês. Assim é que, para melhor atender à exportação do minério, foi

construído um cais flutuante em Santana, que, por sua profundidade e condições de navegabilidade, permite a entrada de navios de grande calado.

A década de 60 no Estado agrega aos fatores de desenvolvimento regional a instalação de um empreendimento madeireiro pela BRUMASA que, dado seu crescimento e necessidade de exportação de compensados, propiciou o deslocamento do núcleo populacional em torno do porto de Santana para outra área, ampliando e expandindo a ocupação em direção ao norte da cidade. Já na década de 70, é a Amapá Florestal e Celulose S.A- AMCEL, produtora de celulose para papel, que se torna responsável pela ampliação da área portuária. À reboque dessas empresas, instala-se o Distrito Industrial, com novas empresas como a Texaco, Madecamp, Reicon e Silnave, ampliando um pouco mais esse processo que, posteriormente veio a caracterizar uma área significativamente urbanizada, no contexto do Estado.

Com o fim dos governos militares, se estabelece um novo período para a região, na corrente das mudanças internacionais que demandam novas estratégias para o desenvolvimento. Com a Constituição de 1988, o então Território passa à condição de Unidade da Federação, dispondo de maior autonomia. O Amapá assume sua autonomia política e econômica e, nesse novo período do desenvolvimento, a ocupação do Estado passa por processo de planejamento social, político e econômico. A consolidação da organização político-administrativa do novo Estado vai acontecendo, com a criação gradativa de vários municípios: Ferreira Gomes, Laranjal do Jari, Santana e Tartarugalzinho, em 1987; Cutias, Itaubal, Pedra Branca do Amaparí, Porto Grande, Pracuúba e Serra do Navio, em 1992.

Denominado por alguns como “modelo sócio-ambiental”, está surgindo como uma alternativa de desenvolvimento, em substituição ao modelo anterior, que gerou uma enorme quantidade de impactos de ordem econômica, social e ambiental. É considerado como produto de uma progressiva aliança entre o movimento ecologista e o movimento social, pois tenta unificar as preocupações ambientais e sociais.

No Amapá, a criação da RESEX do rio Cajari é um dos exemplos dessa nova vertente do desenvolvimento. Também o número de Unidades de Conservação de Proteção Integral e de Terras Indígenas coloca o Estado como um dos mais avançados em relação às ações de desdobramentos de promoção de uma política de proteção ambiental concomitante ao desenvolvimento sustentável.

Pari-passo a este modelo, que sustenta suas propostas de atividades produtivas em bases ecológicas e também de mercado, caminha uma outra corrente, que organiza o Estado do ponto

de vista da geopolítica da integração, cujas premissas estão voltadas essencialmente à economia de mercado, agora sob o foco da globalização. Sob este enfoque, deve-se mencionar as negociações em andamento para tornar o Amapá ponta-de-lança do Mercosul, através da criação da Agência Mercorope. As bases para essa agência foram estabelecidas recentemente, através de um encontro bilateral entre Amapá e Guiana Francesa para, através da Guiana e do Governo Francês, estabelecer acordos que visem à integração da economia brasileira, e do Amapá em especial, com os países vizinhos e com a União Européia. É possível que, com a evolução dessa política para ações concretas, se estabeleçam novas formas de avanço da fronteira econômica, principalmente se ela vier seguida das infraestruturas tradicionais de interiorização, como as estradas que proporcionaram a ocupação de grandes terras na região amazônica.

Destaca-se que no ano 2000 o Censo Demográfico do IBGE apurou uma população de 480.000 habitantes no Estado do Amapá, dos quais cerca de 90% encontravam-se residindo nas cidades, principalmente em Macapá e Santana, que, juntas, abarcavam 75% da população estadual.

Do ponto de vista da dinâmica populacional, desde a década de 60, o Amapá tem experimentado uma acentuada aceleração no seu crescimento demográfico. Esse crescimento vem acontecendo em função de eventos localizados, como a instalação da ICOMI - Indústria e Comércio S/A; da implantação do Projeto Jari e da criação e implantação da Zona de Livre Comércio nos municípios de Macapá e Santana. Esses fatos desencadearam processos de concentração de população nas regiões onde se instalaram os empreendimentos, favorecendo particularmente os municípios de Laranjal do Jari, Vitória do Jari e Mazagão. Aliado ao efeito das ações exercidas pela implantação dessas atividades econômicas, destaca-se ainda um conjunto de ações governamentais que visam estimular o desenvolvimento do território amazônico, através de planos e projetos especiais.

O contínuo crescimento da população é explicado não apenas pelo crescimento vegetativo, mas também pelo contingente migratório recebido. Entre 1991 e 2000 a população imigrante representou 20,6% do total da população do estado.

Segundo os critérios do PAS, programa do Governo Federal, a Área de Influência Indireta (AII) do Amapá se encontra inserida na Macrorregião de povoamento adensado, integrando a sub-região do Arco da Embocadura, que se estende da área povoada do Amapá até o Maranhão, em torno da foz do rio Amazonas. Esta sub-região é dinamizada por Belém, associada, hoje, a Macapá e São Luiz. Aí se encontram as maiores densidades demográficas na Amazônia, relativamente maiores índices de renda per capita e de desenvolvimento humano. No entanto, é dentro das cidades que

se verifica maior desigualdade social. Os serviços e equipamentos não são acessíveis a todos e grandes parcelas da população vivem em áreas periféricas insalubres e exercem atividades no setor informal da economia, gerando variados movimentos reivindicatórios de cidadania, sobretudo em Belém.

É variada a origem geográfica e cultural da população, mas Belém continua a ser o grande centro da cultura amazônica. Belém, hoje uma metrópole com mais de 1,75 milhão de habitantes, é o centro de comando dominante até São Felix do Xingu, onde a influência de Brasília/Goiânia já se faz sentir. Embora perdendo parte de sua área de influência para estas duas cidades, Belém tende a estender sua ação para o norte, para o Suriname e, através de Macapá, para a Guiana Francesa. São Luiz, com mais de 835 mil habitantes, também é hoje uma metrópole.

6.4.3.1.4 - Histórico dos Municípios da Área de Influência Indireta - Amapá

a) Município de Laranjal do Jari

O potencial extrativista da região sul do Amapá ensejou a ocupação da região onde hoje se situa o município de Laranjal do Jari. A partir do século XVII, a região passou por diferentes episódios históricos, dentre os quais a exploração centrada nas “drogas do sertão” e, posteriormente, na borracha e castanha-do-brasil, cujo ápice ocorreu já no século XX.

Na década de 70, a implantação da empresa Jari Celulose, sediada em Monte Dourado, no município de Almeirim (PA), estimulou a emigração, principalmente da região norte e nordeste, propiciando o crescimento populacional da área sul do Estado do Amapá, em concentrações como a da “Vila Beiradão” (margem esquerda do rio Jari), área fronteira de Monte Dourado. Parte do contingente empregatício direto e indireto da empresa, nas atividades de extração de madeira, silvicultura, canteiro de obras e implantação da indústria propriamente dita, transformou “Beiradão” num centro comercial dinâmico.

Em dezembro de 1987, através do Decreto nº 7.639, foi criado o município de Laranjal do Jari, cujas terras foram desmembradas do município de Mazagão. No presente, Laranjal do Jari dispõe da terceira maior população do Estado.

A área portuária de Laranjal do Jari, ainda hoje, após o deslocamento e a expansão da cidade para a terra firme interior, continua sendo local de grande movimentação pessoal e comercial.

b) Município de Mazagão

A história de Mazagão está relacionada à expansão política de Portugal na África e às lutas decorrentes da tentativa de dominação cristã sobre o islamismo naquele continente. No século XVII, Portugal conquistou a região da antiga Mauritània, no reino de Marrocos, ao norte da África. A resistência dos muçulmanos impôs altos custos ao erário português, que, ante a impossibilidade de manutenção daquela possessão (cidadela de Mazagão “africana”), devido à iminência da invasão dos muçulmanos à cidadela, arrasando-a (como de fato aconteceu), o rei D. José I, em 1769, determinou a imediata retirada de todas as famílias ali residentes. As 340 famílias retiradas foram levadas a Belém do Pará e, dessas, 163 foram conduzidas à região do que hoje é Mazagão Velho, sendo que a primeira leva chegou ali em 23 de janeiro de 1770, data histórica de fundação do atual município de Mazagão.

Com a chegada daquelas pessoas à região, instalou-se a Vila de Mazagão (amazônica), à margem esquerda do então rio Mutuacá (hoje rio Mazagão), e foram implantadas atividades produtivas, centradas na produção agrícola (algodão e arroz) e comércio, que serviam para abastecer a Companhia de Comércio “São Luís e Grão Pará”. Junto com as 163 famílias, vieram 103 escravos, e as tradições de base profano-religiosas que, ao longo do tempo, foram sendo dinamizadas, tanto por parte dos “senhores” como por parte dos escravos, com o consentimento daqueles.

Politicamente, a Mazagão amazônica, atualmente Mazagão Velho, foi o centro dinâmico da região, quer como vila, inicialmente instituída, quer como sede de Comarca.

O município de Mazagão foi criado através da lei nº 226, de 28 de novembro de 1890, portanto o segundo município criado no Estado (o primeiro foi Macapá, em 1856), cujas terras foram desmembradas do município de Macapá, num total de 46.787,9 km². Atualmente, Mazagão detém uma área de 13.189,6 km², devido ao desmembramento para formação dos municípios de Laranjal do Jari e Vitória do Jari. O município possui três distritos, Mazagão sede, Carvão do Mazagão e Mazagão Velho.

c) Município de Santana

Segundo município mais populoso do Amapá, Santana tem uma conurbação com o município de Macapá, a capital do estado. A história do município de Santana, em muitos aspectos, aproxima-se do que ocorrera com o município de Macapá. Quando o governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão (capitão-general Mendonça Furtado) fundou a vila de São José de

Macapá, no dia 4 de fevereiro de 1758, seguiu viagem para a capitania de São José do rio Negro e deparou-se com a ilha de Santana, situada à margem esquerda do rio Amazonas, elevando-a à categoria de povoado.

Os primeiros habitantes eram moradores de origem européia, principalmente portugueses, mestiços vindos do Pará e índios da nação Tucujus. Estes últimos vindos de aldeamentos originários do rio Negro, chefiados por Francisco Portilho de Melo, que fugiam das autoridades fiscais paraenses, em decorrência de estarem atuando no comércio clandestino.

Santana foi elevado à categoria de município através do Decreto-lei nº 7369, de 17 de dezembro de 1987.

d) Município de Macapá

Macapá é a única capital brasileira que está à margem esquerda do rio Amazonas e que é cortada pela linha do equador.

O nome Macapá é uma variação de Maca-Paba, que, na língua dos índios, quer dizer estância das Macabas, ou lugar de abundância da bacaba. Bacaba é um fruto gorduroso, originário da "bacabeira", palmeira nativa da região, de onde se extrai um vinho de cor acizentada, típica, e muito saboroso.

Antes do chamado Descobrimento do Brasil, em 1.499, Américo Vespúcio, participando da expedição de Alonso de Hojeda - sob ordens dos reis católicos da Espanha Fernando e Isabel - há uma carta-documento, escrita por esse navegador, na qual narra o momento em que sua expedição atravessa a linha do equador, ao Município de Macapá, hoje capital do Estado do Amapá. Portanto, muito antes de ser oficializado o nome Macapá, Américo Vespúcio já havia passado em sua frente, através do rio Amazonas.

Mas, antes de achar-se Macapá, o primeiro nome oficial dado a estas terras foi "ADELANTADO DE NUEVA ANDALUZIA", em 1.544, pelo então Rei da Espanha Carlos V, numa concessão a Francisco Orellana, navegador espanhol.

A história da cidade de São José de Macapá remonta aos idos coloniais e está relacionada com a defesa e fortificação das fronteiras do Brasil e com a preocupação em garantir a fixação do homem às terras brasileiras, onde formou-se o primeiro núcleo de colonização portuguesa, em 1.738, após sérios conflitos com os franceses de Caiena. Este primeiro núcleo pertencia a então província do Maranhão e Grão-Pará.

Em 1.751, o Governador do Maranhão e Grão Pará continuou a colonização, trazendo alguns casais de colonos das Ilhas de Açores para a ocupação do povoado, com o objetivo de iniciar uma pequena povoação e construir barracos para servirem de alojamento aos soldados que viriam para Macapá. O povoado rapidamente progrediu, mas a insalubridade do local foi um grave problema para os colonos.

Tão logo aconteceu a fuga da família real de Portugal para o Brasil, logo, por volta de 1.808, D. João VI determinou a integração da Fortaleza de Macapá ao seu plano denominado Fronteiras do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

A Fortaleza e a Vila, pelas suas posições geográficas, precisavam ser governadas por quem dispusesse de poderes amplos. E, de Lisboa, começaram a ser nomeadas autoridades, denominadas de Governadores de Macapá.

Em 07 de janeiro de 1.835, eclodiu a Cabanagem, revolta armada encabeçada basicamente por humildes habitantes ribeirinhos que moravam em cabanas, daí o nome do movimento.

A cabanagem, sendo um movimento reformista composto por mestiços, não conseguiu a adesão dos macapaenses, descendentes de antigos colonos portugueses (não miscigenados). O temor da perda de privilégios os levou a formar uma frente de reação aos cabanos, com o apoio das Vilas de Gurupá, Monte Alegre, Santarém e Cametá.

A luta entre cabanos e tropas imperiais intensificou-se. Perseguidos no baixo-Amazonas, os cabanos se refugiaram no Município de Macapá, nas ilhas de Santana e Vieirinha, bem como na localidade de Furo de Beija-flor. Em 20 de dezembro de 1.835, foram atacados por tropas macapaenses e expulsos da região.

Em 1.841, foi criada a Comarca de Macapá e, em 06 de setembro de 1.856, foi elevado à categoria de cidade pela lei n.º 281 do Estado do Pará.

6.4.3.1.5 - Uso e Ocupação do Solo dos municípios atravessados pela LT

A caracterização do Uso e Ocupação da Terra é baseada nos dados sobre a utilização da área rural, disponibilizados nos Censos Agropecuários do IBGE de 1996 e de 2006. As informações referem-se à utilização de terras rurais, não tendo como objetivo estabelecer comparação de magnitudes, mas determinar, em linhas gerais, as principais tendências no uso da terra para fins rurais. Posteriormente são apresentados os dados do mapeamento realizado pelo INPE, onde são

apontadas as taxas de desflorestamento da Amazônia Legal seguindo a Metodologia PRODES. São apresentados, também, os dados do ZEE (Zoneamento Ecológico-Econômico) do MMA, com a utilização dos dados do Mapa Integrado dos ZEEs dos Estados da Amazônia Legal. Na terceira seção, é analisada a estrutura fundiária segundo as informações dos Censos Agropecuários realizados pelo IBGE nos Municípios da All. Por fim, são apresentados os mecanismos de gestão territorial municipais, especialmente Planos Diretores.

a) Estado do Pará

Para a análise de uso do solo, foram utilizados os dados do Censo Agropecuário, do IBGE. As unidades recenseadas nesta pesquisa são os estabelecimentos agropecuários. O IBGE define o estabelecimento agropecuário como “toda unidade de produção dedicada, total ou parcialmente, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, subordinada a uma única administração: a do produtor ou a do administrador. Independente de seu tamanho, de sua forma jurídica ou de sua localização em área urbana ou rural, tendo como objetivo a produção para subsistência e/ou para venda, constituindo-se assim numa unidade recenseável” (IBGE - Notas técnicas: 7). Também foram consideradas como unidades recenseáveis: “as fazendas, hortos, postos zootécnicos, estações experimentais e hotéis-fazenda, assim como as explorações em conventos, hospitais, asilos, orfanatos, escolas profissionais, patronatos, reformatórios, prisões ou locais para lazer, desde que tivessem tido explorações agropecuária, florestal e aquícola, estando sujeitas ao levantamento apenas as atividades ligadas diretamente a estas explorações”, e, ainda, “a parte diretamente ligada à atividade agropecuária, florestal e aquícola dos estabelecimentos pertencentes a unidades industriais, cuja atividade principal era a indústria”.

O Censo Agropecuário fornece subsídios para a análise do uso do solo nos estabelecimentos agropecuários através da divisão de sua área em área de matas e florestas, área de pastagens, área de lavouras temporárias e área de lavouras permanentes. As áreas de matas e florestas “compreendem as áreas utilizadas para a extração vegetal, cobertas por matas, e as florestas naturais, não plantadas, inclusive as áreas com mato ralo, caatinga ou cerrado, que foram utilizadas ou não para o pastoreio de animais. Não se incluiu as áreas de preservação permanente e as áreas em sistemas agroflorestais” (Idem: 16).

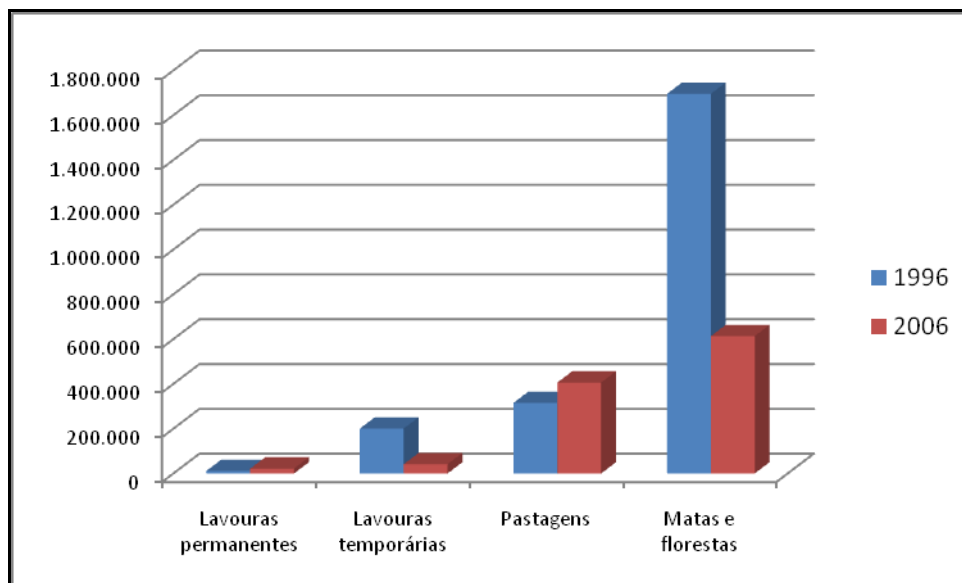
No conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará, de 1996 a 2006, a área dos estabelecimentos agropecuários sofreu redução de 50,9%, passando a ocupar 1.117.828 hectares, no ano de 2006, em toda a All paraense.

A maior diminuição da área destes estabelecimentos ocorreu nas áreas ocupadas por matas e florestas, que sofreram uma redução de 63,8% em relação à área ocupada por matas e florestas em 1996 - uma diminuição de 1.081.949 hectares de matas e florestas, convertidos em áreas antropizadas. As áreas de matas e florestas, no interior dos estabelecimentos agropecuários, passaram a ocupar 54,9% da área total de estabelecimentos agropecuários na All do Pará, em 2006, enquanto que, em 1996, este percentual era de 74%, como pode ser observado na Figura 6.4.3-1.

A área dos estabelecimentos agropecuários utilizada para a pecuária aumentou 28,9% no período analisado, em relação à área destinada a este uso em 1996, passando a representar 36,3% da área de estabelecimentos agropecuários da All do Pará em 2006. Em relação às pastagens, a partir da década de 90, se intensificou o uso de maquinaria agrícola, para a recuperação de pastagens degradadas ou mesmo para a transformação de pastagens em áreas de lavoura, embora o uso de maquinaria ainda não seja amplamente expressivo em todo o Baixo Amazonas.

A área destinada às lavouras permanentes aumentou 10.551 hectares, o que representou um acréscimo de 94,6% em relação à área ocupada por estes cultivos em 1996. Ainda assim, em relação à área total dos estabelecimentos agropecuários da All paraense, as lavouras permanentes ocupam apenas 1,9%. O crescimento se deve a mudanças nos sistemas de produção, que ocorreram nas áreas de terra firme da zona de ocupação mais recente, a partir dos anos 90, através da introdução de cultivos arbóreos nesses sistemas. A nova política de créditos aumentou a importância das culturas perenes e semi-perenes nos estabelecimentos, para cultivos de culturas como coco, café, laranja, entre outras. O acesso ao crédito, juntamente com a melhoria do sistema viário, possibilitou também o aparecimento de experiências com hortaliças na terra firme, ainda em pequena escala.

A área dos estabelecimentos agropecuários utilizada para o cultivo de lavouras temporárias, de 1996 a 2006, sofreu sensível diminuição na All do Pará - 79,4%, ou 159.075 hectares a menos para estas culturas. Em 2006, a área dos estabelecimentos agropecuários destinada às lavouras temporárias representava 3,7% da área total destes estabelecimentos no conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará.



Fonte: Censo Agropecuário, 1996 e 2006.

Figura 6.4.3-1 - Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização da terra - All do Pará

Com relação ao uso do solo, os municípios que compõem a All do Pará apresentaram comportamento diferenciado no período analisado. Por isso, são detalhadas as variações no uso dos estabelecimentos agropecuários de cada município.

Os municípios de Óbidos e Monte Alegre apresentaram expressivo crescimento da área total ocupada por estabelecimentos agropecuários (15,1% e 20,8%, respectivamente). Houve aumento tímido nos municípios de Prainha e Curuá. Estes municípios acompanham a tendência de fortalecimento da produção agropecuária regional, desde os últimos anos da década de 90, no espaço agrário da margem esquerda e do Baixo Amazonas como um todo.

Em Óbidos, o aumento da área total dos estabelecimentos agropecuários se deve, principalmente, à expansão das pastagens, tendo sido observado, também, pequeno crescimento da área utilizada para lavouras permanentes. Ao mesmo tempo, houve diminuição da área destinada a lavouras temporárias e redução da área ocupada por matas e florestas.

Em Monte Alegre, houve expansão das áreas de pastagens e de matas e florestas, e redução da área destinada às lavouras. Durante o quinquênio de 90 a 95, o acesso a recursos destinados à produção familiar cresceu de maneira significativa no município. Os dados de 2006, no entanto, revelam uma descontinuidade destes programas.

No município de Prainha observa-se uma redução da área de matas e florestas e expansão das lavouras e das pastagens.

Em Curuá, o crescimento das áreas de matas e florestas foi expressivo, tendo havido também expansão das pastagens e diminuição da área destinada às lavouras.

Nos municípios de Almeirim, Alenquer e Oriximiná, ao contrário, houve diminuição na área ocupada por estabelecimentos agropecuários. O decréscimo, nos três municípios, se deve principalmente à redução da área ocupada por matas de florestas, que foi de 92,5%, em relação ao ano de 1996. , no município de Almeirim, e de 36,5% em Alenquer e em Oriximiná.

Em Almeirim, ocorreu diminuição de 9,2% na área ocupada por estabelecimentos agropecuários 1.118.211 hectares a menos do que em 1996. No interior destes estabelecimentos, houve redução de 1093.445 hectares de matas e florestas e 57.115 hectares de lavouras temporárias. A redução da área dos estabelecimentos usada para lavouras temporárias, somada àquela ocupada por matas e florestas, ultrapassa a redução total da área destes estabelecimentos, revelando que, não só áreas que pertenciam a estabelecimentos agropecuários passaram a ter usos urbanos, mas também que houve redução de matas e florestas e lavouras temporárias em favor do expressivo crescimento da área utilizada para cultivo de lavouras permanentes e pastagens.

Em Alenquer, a diminuição foi de 38,4% em relação à área dos estabelecimentos agropecuários em 1996. Dos 83.618 hectares a menos na área total de estabelecimentos agropecuários, 37.186 hectares foram de matas e florestas.

Em Alenquer, houve diminuição da área ocupada por lavouras temporárias e por pastagens, e crescimento de 3.933 hectares da área utilizada para lavouras permanentes.

Em Oriximiná ocorreu uma redução de 24,9% das áreas dos estabelecimento agropecuários, em relação ao ano de 1996. A área ocupada por lavouras temporárias sofreu decréscimo de 11.795 hectares, enquanto houve expansão das pastagens e leve crescimento das lavouras permanentes. A partir de 1997, tiveram início uma série de obras de infraestrutura na cidade e na zona rural: pavimentação de ruas, construções de praças, postos de saúde, escolas, quadras poliesportivas, micro-abastecimento de água e outros, que fizeram com que a migração de pessoas de outras regiões aumentasse consideravelmente, fazendo com que o índice de ocupação de áreas públicas e privadas fosse o maior na história do

município. Com essas ocupações, surgiram bairros com ruas e travessas e alguns com infraestrutura completa.

Quadro 6.4.3-1 - Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização da terra (Hectare) - 1996- 2006

| Municípios e All PA | Total | | Lavouras permanentes | | Lavouras temporárias | | Pastagens | | Matas e florestas | |
|---------------------|-----------|-----------|----------------------|--------|----------------------|--------|-----------|---------|-------------------|---------|
| | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 |
| Almeirim | 1.284.330 | 166.119 | 703 | 959 | 58.230 | 1.115 | 15.306 | 70.814 | 1.182.564 | 89.119 |
| Praíha | 175.956 | 179.694 | 541 | 5.241 | 10.451 | 11.546 | 42.786 | 60.294 | 118.549 | 99.233 |
| Monte Alegre | 205.983 | 248.896 | 2.411 | 2.330 | 42.691 | 14.274 | 56.420 | 93.478 | 99.140 | 131.324 |
| Alenquer | 217.512 | 133.894 | 3.503 | 7.436 | 41.471 | 4.490 | 63.058 | 49.421 | 102.115 | 64.929 |
| Curuá | 94.617 | 95.413 | 461 | 294 | 10.841 | 629 | 45.157 | 10.775 | 35.918 | 83.628 |
| Óbidos | 176.282 | 202.954 | 1.894 | 3.473 | 23.168 | 7.518 | 54.024 | 78.716 | 90.902 | 103.081 |
| Oriximiná | 121.051 | 90.858 | 1.519 | 1.850 | 13.548 | 1.753 | 38.231 | 42.401 | 66.001 | 41.926 |
| All | 2.275.731 | 1.117.828 | 11.032 | 21.583 | 200.400 | 41.325 | 314.982 | 405.899 | 1.695.189 | 613.240 |

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

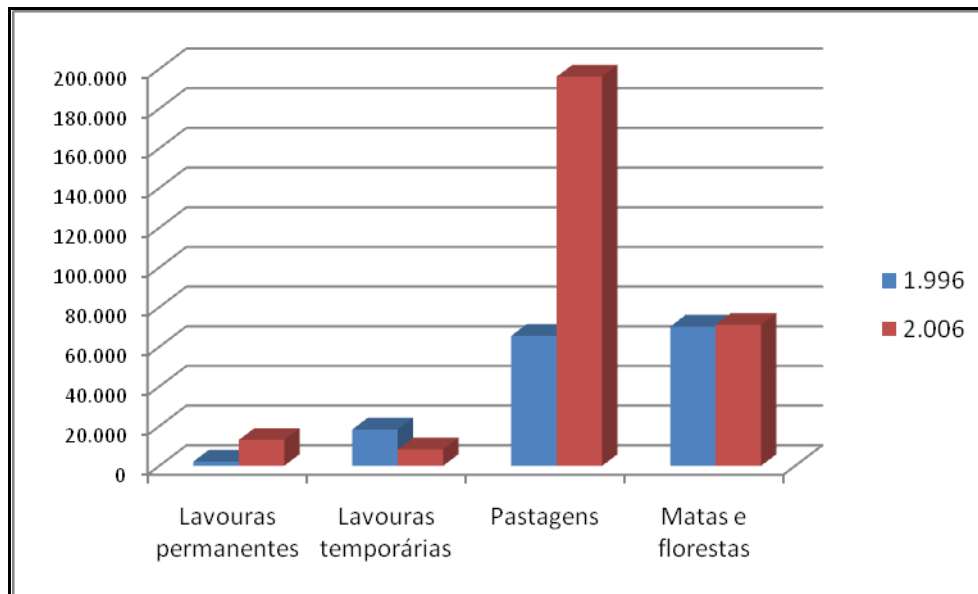
b) Estado do Amapá

Na All do Amapá, de 1996 a 2006, houve crescimento de 69,3% na área ocupada por estabelecimentos agropecuários - 115.301 hectares, como pode ser visto na Figura 1. No entanto, toda esta expansão se deve à capital, Macapá, onde ocorreu um acréscimo de 127.520 hectares à área total ocupada por estabelecimentos agropecuários. Este crescimento, observado em Macapá, está relacionado, principalmente, à expansão das áreas de pastagens do município, com um acréscimo de 105.426 hectares em relação à área destinada a este uso em 1996.

Ocorreu, ainda, no município de Macapá, aumento de 16.855 hectares nas áreas cobertas por matas e lavouras nos estabelecimentos agropecuários e pequeno aumento nas áreas de lavouras permanentes, e diminuição da área destinada a lavouras temporárias.

O Programa Amazônia Sustentável, do governo federal, preconiza para esta região o estímulo à pecuária e suas indústrias correlatas, como a de couro, os frigoríficos e a de laticínios, como parte fundamental da estratégia, em uma área onde a pecuária representa atividade marcante. A incorporação da atividade pecuária ao conjunto de iniciativas que colaboram para o alcance de um uso mais intenso dos recursos naturais permite antever possibilidades de consorciamento da pecuária com o complexo produtivo da soja.

Na sub-região do Arco da Embocadura, que inclui os municípios de Macapá e Santana, o PAS propõe o fortalecimento do gerenciamento costeiro e o controle dos recursos do mar, estratégicos porque contribuem para articular iniciativas nos três estados litorâneos e podem auxiliar na abertura de novas ocupações produtivas afinadas com a cultura e a tradição da região.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário.

Figura 6.4.3-2 - Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização da terra- All do Amapá

Nos outros três municípios em estudo no Estado do Amapá (Santana, Mazagão e Laranjal do Jari), houve diminuição da área total dos estabelecimentos agropecuários entre 1996 e 2006.

No município de Santana, no interior dos estabelecimentos agropecuários, houve redução da área de matas e florestas e da área utilizada para lavouras temporárias, enquanto expandiu-se a área de pastagens, além de pequeno crescimento da área destinada às lavouras permanentes.

Em Laranjal do Jari, diminuiu a área destinada às lavouras. Ainda assim, no ano de 2006, o município foi o maior produtor de milho, feijão, arroz e banana, dentre os municípios amapaenses em estudo. Foi observado, ainda, o crescimento da área de pastagens nos estabelecimentos agropecuários do município e redução da área de matas e florestas.

Em Mazagão, observa-se crescimento da área utilizada para cultivo de lavouras permanentes, enquanto reduz-se a área destinada às lavouras temporárias, às pastagens e a área coberta por matas e florestas.

Quadro 6.4.3-2 - Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização da terra - 1996 -2006

| Municípios e All AP | Total | | Lavouras permanentes | | Lavouras temporárias | | Pastagens | | Matas e florestas | |
|---------------------|---------|---------|----------------------|--------|----------------------|-------|-----------|---------|-------------------|--------|
| | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 | 1996 | 2006 |
| Macapá | 95.025 | 222.545 | 904 | 1.572 | 6.402 | 3.881 | 52.136 | 157.562 | 31.299 | 48.154 |
| Santana | 29.150 | 25.031 | 526 | 1.740 | 5.633 | 2.142 | 8.118 | 33.350 | 13.606 | 7.267 |
| Mazagão | 35.367 | 31.420 | 578 | 9.659 | 5.615 | 2.139 | 5.026 | 4.886 | 20.090 | 13.606 |
| Laranjal do Jari | 6.746 | 2.593 | 175 | 68 | 690 | 76 | 275 | 358 | 5.212 | 2.091 |
| All AP | 166.288 | 281.589 | 2.183 | 13.039 | 18.340 | 8.238 | 65.555 | 196.156 | 70.207 | 71.118 |

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

6.4.3.1.6 - Dados Gerais e Desmatamento

De uma maneira geral, os municípios atravessados pela LT dispõem de grandes extensões territoriais e grandes áreas de floresta. Ainda assim, de acordo com dados gerados pelo INPE, através da Metodologia PRODES, as áreas de floresta vêm sofrendo redução gradativa nos municípios em estudo. De acordo com o INPE, as áreas de florestas ocupam 68,8% do território do conjunto dos municípios que compõem a All. O crescimento da taxa de desmatamento é maior nos municípios paraenses, e, particularmente no município de Monte Alegre, onde o total desmatado, até 2007, chegava a 21% da área do município.

As estimativas de desmatamento por município, fornecidas pelo INPE, foram obtidas a partir do cruzamento do mapa de Municípios de 2001, escala 1:2.500.000 contido no CD "Malha Municipal Digital do Brasil - Situação em 2001 - volume 1" do IBGE, com dados de desmatamento do PRODES Digital, relativos aos anos de 2000 a 2005.

Os mapas digitais de desmatamento gerados pelo PRODES, para cada ano, obedecem ao recorte das imagens satélite Landsat TM, cuja resolução espacial original é de 60 x 60 metros, foram reunidos em um mosaico e convertidos para a resolução espacial de 120 x 120 metros. Esta conversão de resolução resultou em uma diferença, entre o dado de desmatamento original e o dado reamostrado, menor do que 1%, calculada por estado. A estimativa de extensão desmatada por município baseia-se no cálculo do desmatamento acumulado e observado até o ano selecionado dentro dos limites administrativos dos municípios que fazem parte da Amazônia Legal. Além da classe com a extensão desflorestada, as áreas de outras classes de cobertura da

terra e nuvem, foram calculadas para cada ano de análise como: floresta, nuvem, não floresta, hidrografia e área não observada. A classe “área não observada” se refere às áreas cujas cenas Landsat TM foram descartadas pelo PRODES em um determinado ano, devido ao excesso de nuvens (aprox. 75% da cena coberta de nuvens sobre área de floresta) ou à baixa qualidade radiométrica.

É possível observar que os municípios em estudo ainda possuem extensas áreas de floresta, especialmente Laranjal do Jari (80% da área do município), Almeirim (76%) e Oriximiná (72% do território municipal).

Os municípios que apresentam os maiores percentuais de áreas desmatadas, até 2007, em relação à área do município, são Monte Alegre (21%) e Curuá (21%). Em ambos, ocorreu expansão da área cadastrada pelo IBGE como pertencente a estabelecimentos agropecuários e, no interior destes, as áreas classificadas como “pastagens” e “matas e florestas”, como será analisado em maiores detalhes no próximo item

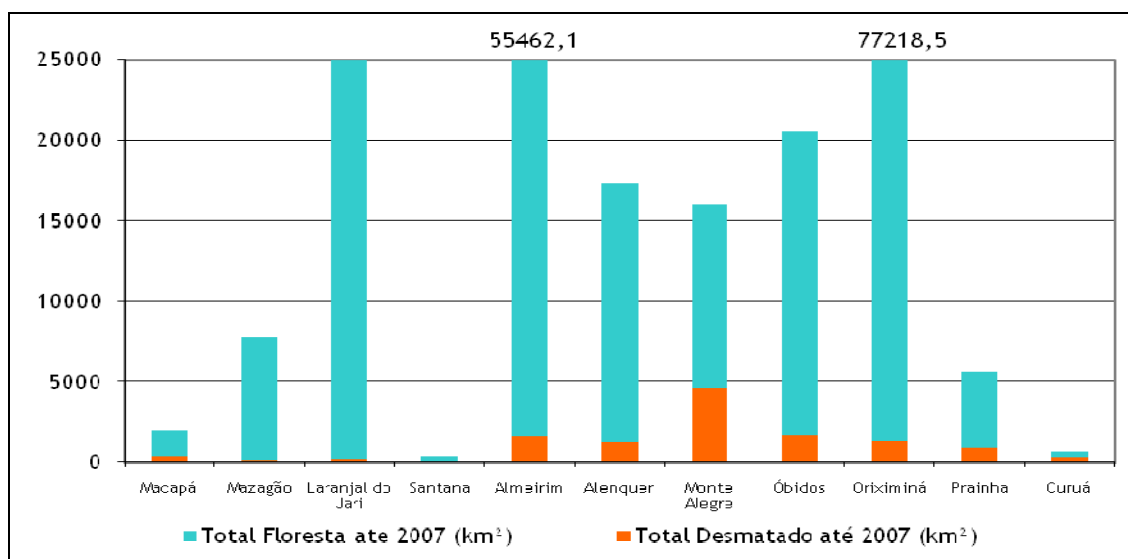


Figura 6.4.3-3 - Área de floresta e total desmatado nos Municípios da AII - 2007

O IBGE define o estabelecimento agropecuário como “toda unidade de produção dedicada, total ou parcialmente, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, (...) tendo como objetivo a produção para subsistência e/ou para venda, constituindo-se assim numa unidade recenseável”. Assim sendo, as áreas de matas e florestas cadastradas no interior destes estabelecimentos podem estar associadas a atividades produtivas. O IBGE as define como “as áreas utilizadas para a extração vegetal, cobertas por matas, e as florestas naturais, não plantadas, inclusive as áreas

com mato ralo, caatinga ou cerrado, que foram utilizadas ou não para o pastoreio de animais. Não se incluiu as áreas de preservação permanente e as áreas em sistemas agroflorestais.”

Os municípios de Macapá e Santana, mais urbanizados, constituintes da Região Metropolitana de Macapá, apresentam as maiores áreas de “não floresta” em relação ao território do município - 49% e 59%, respectivamente, enquanto, nos demais municípios em estudo, as áreas de “não floresta” variam de 3% em Oriximiná a 23% em Prainha.

Quadro 6.4.3-3 - Percentual de área Desflorestada nos municípios da Amazônia Legal - AII para 2007

| Municípios da AII | Área (km2)(*) | Desflorestamento até 2007 (%) | Incremento 2006/2007 (%) | Floresta até 2007 (%) | Nuvem até 2007 (%) | Não Observado em 2007 (%) | Não Floresta em 2007 (%) | Hidrografia em 2007 (%) | Check |
|-------------------|---------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------------|--------------------|---------------------------|--------------------------|-------------------------|-------|
| Almeirim | 72969 | 1583.5 (2%) | 33.9 (0%) | 55462.1 (76%) | 12111.2 (17%) | 62.7 (0%) | 2712.7 (4%) | 1036.8 (1%) | 100 |
| Prainha | 12600 | 865.2 (7%) | 27.2 (0%) | 4789.1 (38%) | 2513.7 (20%) | 9.5 (0%) | 2872.5 (23%) | 1550.0 (12%) | 100 |
| Monte Alegre | 21701 | 4636.6 (21%) | 26.8 (0%) | 11357.5 (52%) | 2669.1 (12%) | 6.1 (0%) | 1888.2 (9%) | 1143.5 (5%) | 99 |
| Alenquer | 22275 | 1270.4 (6%) | 18.8 (0%) | 16047.6 (72%) | 1885.0 (8%) | 7.2 (0%) | 2474.1 (11%) | 590.7 (3%) | 100 |
| Curuá | 1430 | 304.2 (21%) | 5.2 (0%) | 380.0 (27%) | 3.5 (0%) | 0.9 (0%) | 271.6 (19%) | 469.8 (33%) | 100 |
| Óbidos | 28043 | 1675.6 (6%) | 39.8 (0%) | 18859.0 (67%) | 1552.4 (6%) | 6.6 (0%) | 4593.4 (16%) | 1356.0 (5%) | 100 |
| Oriximiná | 107778 | 1358.0 (1%) | 25.1 (0%) | 77218.4 (72%) | 23687.5 (22%) | 108.2 (0%) | 3638.4 (3%) | 1767.5 (2%) | 100 |
| Laranjal do Jari | 30971 | 162.2 (1%) | 3.7 (0%) | 24799.2 (80%) | 5525.2 (18%) | 274.1 (1%) | 146.9 (0%) | 63.4 (0%) | 100 |
| Mazagão | 13141 | 83.0 (1%) | 5.7 (0%) | 7669.9 (58%) | 3790.6 (29%) | 4.4 (0%) | 1347.0 (10%) | 246.1 (2%) | 100 |
| Santana | 1578 | 67.4 (4%) | 0.6 (0%) | 334.2 (21%) | 192.2 (12%) | 0.3 (0%) | 938.9 (59%) | 45.0 (3%) | 99 |
| Macapá | 6420 | 377.2 (6%) | 5.0 (0%) | 1629.8 (25%) | 338.9 (5%) | 1.7 (0%) | 3121.6 (49%) | 950.8 (15%) | 100 |

Fonte: INPE

O incremento da área total desmatada, entre 2000 e 2007, tem sido mais reduzido nos municípios amapaenses de Santana, Laranjal do Jari e Mazagão.

De acordo com estudo do IBGE a respeito do potencial florestal dos Estados da Amazônia Legal, diferentemente de outros estados da Amazônia, “o Amapá, ainda conserva praticamente intacto seu patrimônio florestal e possui 75% de seu território coberto por florestas ombrófilas de valor comercial madeireiro.” O Estado do Pará, por sua vez, “pode ser considerado como um dos mais atingidos pelas transformações do avanço da fronteira econômica. Seu patrimônio florestal vem sofrendo enormes perdas que ainda não foram contabilizadas, tanto do ponto de vista do valor

comercial de espécies madeireiras e extrativistas, como da perda de espécies de valor ambiental em termos de sua biodiversidade” (IBGE 2007:6).

Com relação à área desmatada, destaca-se a exploração comercial da madeira. O Estado do Pará possui um total de 33 pólos madeireiros, com cerca de 1.600 empresas atuando, respondendo por 51% das empresas do setor, situadas na região da Amazônia Legal, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.3-3. O Estado do Amapá apresenta apenas um pólo madeireiro, situado na capital, Macapá, com 66 empresas e totalizando em 1998, um volume de madeira explorado na ordem de 140.000m³.

Os dados do IBGE (2007) apontam que a indústria madeireira no Estado do Pará gera quase a 185.000 empregos, entre diretos (indústria madeireira propriamente dita e na área de extração) e indiretos. De acordo ainda com os dados do IBGE³, o estado consome anualmente em torno de 12 milhões de metros cúbicos de madeira, (cerca de 46% da madeira consumida em toda a região da Amazônia Legal) e gerando uma renda bruta superior a um milhão de dólares em 2004, respondendo praticamente pela metade da produção madeireira da Amazônia Legal. Destaca-se que mais de 50% da madeira produzida no Pará é destinada ao mercado externo, ou seja, são exportadas.

Quadro 6.4.3-4 - Consumo de madeira em tora e renda bruta da indústria madeireira - Pará e Amazônia Legal (2004)

| Estado e Região da Amazônia Legal | N. Pólos Madeireiros | % em relação a região | N. Empresas | % em relação a região | Consumo Anual de Toras (milhares de m ³) | % em relação a região | Renda Bruta (US\$ milhões) | % em relação a região |
|-----------------------------------|----------------------|-----------------------|-------------|-----------------------|--|-----------------------|----------------------------|-----------------------|
| Pará | 33 | 40% | 1.592 | 51% | 11.150 | 46% | 1.113,60 | 48% |
| Amazônia Legal | 82 | 100% | 3.132 | 100% | 24.460 | 100% | 2.310,70 | 100% |

Fonte: IBGE, Potencial Florestal do Estado do Pará, 2007.

O IBGE aponta que “a matéria-prima florestal, em sua maioria (mais de 60%), origina-se de área de terceiros, onde verifica-se que as grandes propriedades são as que exploram o maior percentual de volume de madeira, quando comparadas com as pequenas e médias. Quanto ao volume de madeira explorado em áreas de manejo florestal sustentável, seus valores são pouco expressivos, tanto em área quanto em volume, dada a pouca tradição e a falta de uma mentalidade voltada para esse segmento de exploração florestal. Não obstante, tais valores vêm

³ IBGE, 2007. Potencial Florestal do Estado do Pará - Relatório Técnico. RJ. em WWW.ibge.gov.br

apresentando crescimento sistemático nos últimos anos” (IBGE,2007;p.17). Das 1.600 empresas que atuam no Estado, apenas oito possuem certificação FSC^{4*}, dentre elas, a Jarí Celulose presente na Área de Influência Direta do empreendimento no município de Laranjal do Jari, com uma área de 427.736 ha certificados como manejo sustentável.

Outro fator, que vem sendo responsável pelo aumento das taxas de desmatamento nos municípios em estudo é a implantação de Projetos de Assentamentos Rurais. O município de Monte Alegre, devido aos projetos de assentamento, se destaca tanto pela maior área municipal desmatada, quanto por um dos maiores incrementos percentuais do desmatamento no período analisado. Também apresentam sensível incremento do desmatamento os municípios de Almeirim, Óbidos, Oriximiná e Prainha.

Nos municípios de Óbidos e Prainha, como acontece em Monte Alegre e Curuá, houve expansão da área cadastrada pelo IBGE como pertencente a estabelecimentos agropecuários e, no interior destes, expansão das áreas de pastagens e matas e florestas.

Em Almeirim e Oriximiná, ao contrário, diminuiu a área total de estabelecimentos agropecuários, principalmente devido à diminuição das áreas de matas de florestas dentro destes estabelecimentos que, além de perderem espaço para pastagens e lavouras permanentes, deixaram de ser classificadas como estabelecimentos agropecuários, passando a apresentar uso urbano.

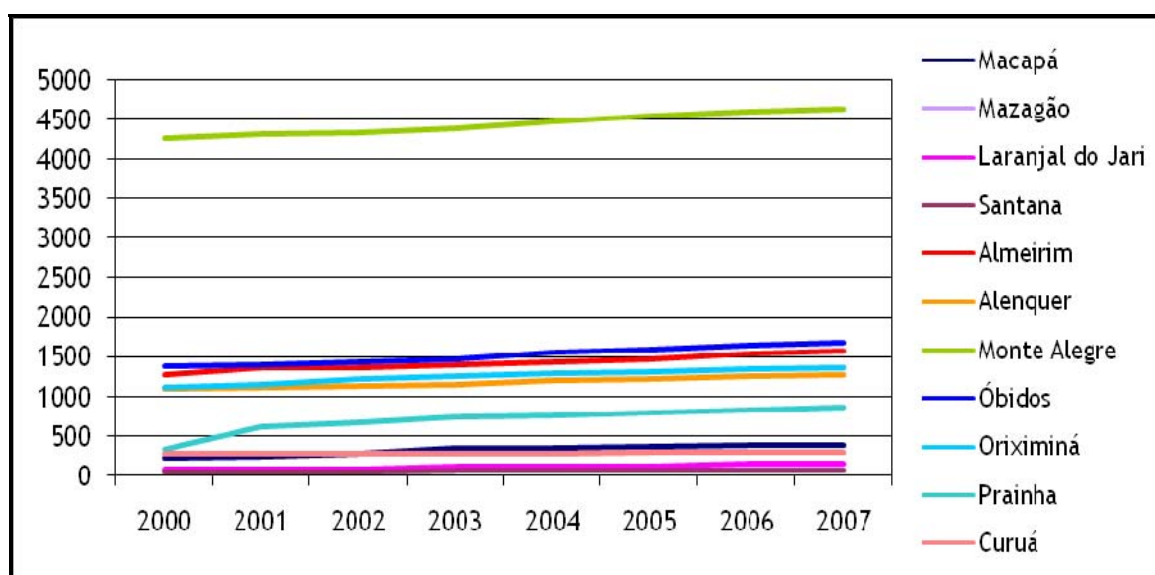


Figura 6.4.3-4 - Incremento da área desflorestada nos municípios da AII- 2000/2007

⁴ * Forest Stewardship Council.

Os municípios de Almeirim e Monte Alegre vêm apresentando os maiores incrementos anuais de desmatamento desde o ano de 2000, em virtude da presença de assentamentos em Monte Alegre e do Projeto Jari, em Almeirim. Em Macapá, Oriximiná e Óbidos, houve incremento mais sensível entre 2001 e 2004. O município de Curuá apresentou maior incremento proporcional nos últimos 3 anos analisados.

Quadro 6.4.3-5 - Incremento da área desflorestada - 2000/2007

| Municípios da All | Incremento 2000/2001 (%) | Incremento 2001/2002 (%) | Incremento 2002/2003 (%) | Incremento 2003/2004 (%) | Incremento 2004/2005 (%) | Incremento 2005/2006 (%) | Incremento 2006/2007 (%) |
|-------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Almeirim | 84,8 | 4 | 29,7 | 42,6 | 36,6 | 68,1 | 33,9 |
| Prainha | 289 | 47,8 | 75,3 | 27,2 | 19,2 | 52,7 | 27,2 |
| Monte Alegre | 46,5 | 26,3 | 48,2 | 98,3 | 67,8 | 56,8 | 26,8 |
| Alenquer | 22,9 | 11,4 | 14,3 | 51,7 | 17,1 | 32,7 | 18,8 |
| Curuá | 2,5 | 2,1 | 1,2 | 6,9 | 3,8 | 5,4 | 5,2 |
| Óbidos | 17,9 | 40,2 | 35 | 77 | 30,3 | 54 | 39,8 |
| Oriximiná | 40 | 59,8 | 37,8 | 37,6 | 23 | 24,5 | 25,1 |
| Laranjal do Jari | 1,9 | 1,4 | 26,5 | 4,1 | 2,6 | 36,9 | 3,7 |
| Mazagão | 1,6 | 2,9 | 12,3 | 1,3 | 1,7 | 5,5 | 5,7 |
| Santana | 1,4 | 2,5 | 2,5 | 0,5 | 1,6 | 2,7 | 0,6 |
| Macapá | 8,3 | 35,5 | 62,9 | 12,1 | 8,8 | 12,5 | 5 |

Fonte: INPE

6.4.3.1.7 - Estrutura Fundiária

O Brasil apresenta uma estrutura fundiária caracterizada pela existência de grandes extensões de terra concentradas em poucas propriedades por um lado e, por outro, uma pequena parcela de terra ocupada por um grande número de propriedades muito pequenas, com menos de 10 hectares. A Figura 6.4.3-5, a seguir, mostra a concentração das terras em nível nacional, relacionando o número de propriedades rurais com a área em hectares por elas ocupada. Os dados do Censo Agropecuário do IBGE - 1996, relativos à estrutura fundiária brasileira, mostram que cerca de 50% das propriedades existentes no país ocupam aproximadamente 2% das terras destinadas ao uso agropecuário. Importante destacar que o tamanho desses estabelecimentos é de até 10 hectares, enquanto um número bem reduzido de propriedades (2,23%) concentra mais de 55% das terras disponíveis do país, distribuídas em propriedades que variam de 500 a mais de 100 mil hectares.

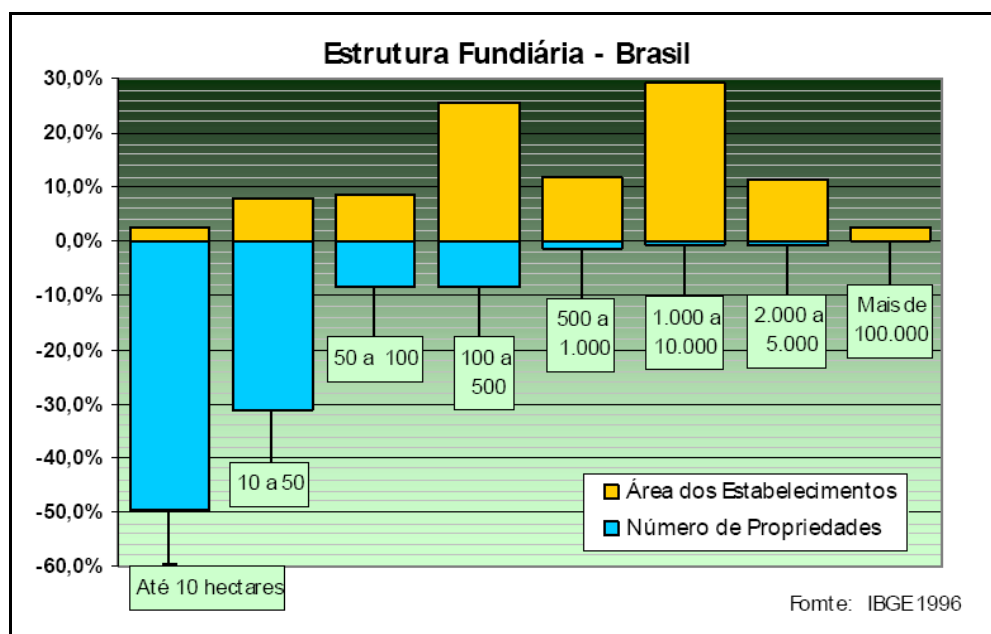


Figura 6.4.3-5 - Estabelecimento Agropecuário por Grupo de Área Ocupada - Brasil

Essa concentração fundiária é fruto, em parte, do nosso passado de ocupação e distribuição de terras no período colonial (semarias), em que o camponês em geral não era possuidor de terra. Tal situação, agravada no fim do período escravista, traz profundas conseqüências para as formas de ocupação mais recentes, refletidas especialmente na concentração fundiária e nas relações de dependência do camponês e do trabalhador rural.

De acordo com documento elaborado pelo INCRA em parceria com a Fundação Demócrito Rocha (2006), nos últimos 20 anos, a situação fundiária brasileira se agravou. A propriedade da terra continua se concentrando e, conseqüentemente, aumentam os conflitos agrários. Destaca-se que a agricultura familiar é responsável por cerca de 80% do pessoal ocupado no setor rural e por 50% da produção, apesar de ocupar apenas 25% da área dos estabelecimentos rurais.

A região Norte ocupa 45,3% do território nacional, com uma superfície territorial de 8.514.204,90 km². A área de estabelecimentos agropecuários, cadastrada pelo Censo Agropecuário/1996, era de 58.358.880 hectares, distribuindo-se em 446.175 estabelecimentos agropecuários. Destes estabelecimentos, 206.404 estavam situados no Estado do Pará, ocupando uma área de 22.520.229 hectares, e 3.349 no Estado do Amapá, em uma área de 700.047 hectares.

De acordo com as informações, constantes do último Censo Agropecuário (1995-1996), verifica-se que havia, em toda a região Norte, 134.803 estabelecimentos rurais (30,2%) com área de até 10

hectares (pequenas propriedades), ocupando cerca de 0,8% da área total cadastrada, na região. Na faixa dos imóveis de 1,0 mil hectares e mais (grandes propriedades), 1,8% dos estabelecimentos agropecuários ocupavam, em 1996, 51,9% da área cadastrada. No Estado do Pará, em 1996, 31,4% dos estabelecimentos agropecuários eram pequenas propriedades, ou seja, possuíam até 10 hectares, e ocupavam 0,9% da área total cadastrada, enquanto 1,2% destes estabelecimentos possuíam 1000 hectares ou mais (grandes propriedades) e ocupavam 50,9% da área total de estabelecimentos agropecuários. No Estado do Amapá, 28,5% dos estabelecimentos agropecuários possuíam até 10 hectares e ocupavam, juntos, apenas 0,4% de toda a área cadastrada, abaixo da média apresentada pela Região Norte (0,8%), enquanto 2,2% dos estabelecimentos dispunham de 1000 hectares ou mais e ocupavam 59,7% da área cadastrada, acima, portanto, da média da região, de 51,9%⁵, conforme pode ser observado nos Quadros 6.4.3-6 e Quadro 6.4.3-7 a seguir.

Quadro 6.4.3-6 - Número de estabelecimentos agropecuários por grupos de área - Pará e Amapá -1996

| Região Geográfica e Estados | Total | Menos de 10 ha | (%) | 10 a menos de 100 ha | (%) | 100 a menos de 1000 ha | (%) | 1000 ha e mais | (%) |
|-----------------------------|---------|----------------|------|----------------------|------|------------------------|------|----------------|-----|
| Pará | 206.404 | 64.838 | 31,4 | 104435,0 | 50,6 | 34476,0 | 16,7 | 2450,0 | 1,2 |
| Amapá | 3.349 | 953 | 28,5 | 1095,0 | 32,7 | 1152,0 | 34,4 | 75,0 | 2,2 |
| Região Norte | 446.175 | 134.803 | 30,2 | 217097,0 | 48,7 | 83647,0 | 18,7 | 8023,0 | 1,8 |

Fonte: IBGE - Censo agropecuário, 1996

Quadro 6.4.3-7 - Área de estabelecimentos agropecuários por grupos de área - Pará e Amapá -1996

| Região Geográfica e Estados | Total | Menos de 10 ha | (%) | 10 a menos de 100 ha | (%) | 100 a menos de 1000 ha | (%) | 1000 ha e mais | (%) |
|-----------------------------|------------|----------------|-----|----------------------|------|------------------------|------|----------------|------|
| Pará | 22.520.229 | 210.417 | 0,9 | 4117745,0 | 18,3 | 6735076,0 | 29,9 | 11456992,0 | 50,9 |
| Amapá | 700.047 | 3.027 | 0,4 | 43572,0 | 6,2 | 235815,0 | 33,7 | 417633,0 | 59,7 |
| Região Norte | 58.358.880 | 485.318 | 0,8 | 8700578,0 | 14,9 | 18859848,0 | 32,3 | 30313137,0 | 51,9 |

Fonte: IBGE - Censo agropecuário, 1996

Na Área de Influência Indireta do empreendimento, para tratar da estrutura fundiária, é preciso, primeiramente, fazer menção ao grande latifúndio pertencente ao Projeto Jari, que ocupa 1.200.000 hectares do município paraense de Almeirim, representando 93,4% do total da área de estabelecimentos agropecuários do município, e 48,9% da área de estabelecimentos

⁵ “A estrutura agrária brasileira se caracteriza pela existência de uma maioria de pequenas propriedades (até 10 hectares) e por uma minoria de grandes latifúndios (mais de 1000 hectares)” (Muller 2006:14), segundo Carlos Muller, Chefe do Departamento de Análises Estatísticas do INCRA.

agropecuários de toda a All. Além disso, as grandes propriedades de mais de 1000 hectares a menos de 100.000 hectares ocupam 14,5% do total da área de estabelecimentos agropecuários situados na All. Assim, a área em estudo apresenta percentual de área ocupada por grandes propriedades de 67,4%, bastante acima dos 50,9% apresentados pelo total do Estado do Pará e mesmo do Amapá, que foi de 59,7%.

Ao mesmo tempo, as pequenas propriedades, de até 10 hectares, ocupam apenas 0,6% da área de estabelecimentos agropecuários da área em estudo. Os estabelecimentos que possuem entre 100 e menos de 1000 hectares são o segundo extrato mais representativo na All, ocupando 22,1% da área total, enquanto 13,9% cabem às médias propriedades, com áreas variando entre 10 e menos de 100 hectares.

Juntamente com o município de Almeirim, os municípios de Laranjal do Jari e Prainha apresentam concentração fundiária bastante elevada, com mais da metade da área total de estabelecimentos agropecuários ocupada por grandes propriedades, cuja área varia de 1000 a menos de 100.000 hectares. No município de Alenquer, os estabelecimentos agropecuários deste grupo de área também são predominantes sobre a área total de estabelecimentos, representando 40,7% deste total.

No município de Macapá, predominam na ocupação da área total de estabelecimentos agropecuários os estabelecimentos cuja área varia entre 100 e menos de 1000 hectares (48,9%), seguidos por aqueles cuja área varia entre 1000 e menos de 100.000 hectares (44,1%), restando apenas 5,9% da área para as médias propriedades e 0,8% para as pequenas propriedades.

Também nos municípios de Mazagão, Santana, Oriximiná e Óbidos, predominam, em termos de ocupação percentual da área total dos estabelecimentos agropecuários, os estabelecimentos situados no grupo de área que vai de 100 a menos de 1000 hectares. Os percentuais são de 76,6%, 66%, 62,5% e 56%, respectivamente.

O município de Óbidos é o que apresenta o maior percentual de área de estabelecimentos agropecuários ocupado por pequenas propriedades, de até 10 hectares - 2,5%. Além disso, 33,1% da área total de estabelecimentos agropecuários do município é constituída por médias propriedades, estabelecimentos cuja área varia entre 10 e menos de 100 hectares.

No município de Monte Alegre, o grupo dos estabelecimentos agropecuários situados na faixa de 10 a menos de 100 hectares ocupa a maior parte da área total de estabelecimentos do município - 47,7%, cabendo ainda 40,8% da área aos estabelecimentos cuja área varia entre 100 e menos de 1000 hectares, conforme pode ser observado Quadro 6.4.3-8 a seguir.

Quadro 6.4.3-8 - Área dos estabelecimentos por grupo de área total - 1996

| Municípios e All | Total | Menos de 10 ha | (%) | 10 a menos de 100 ha | (%) | 100 a menos de 1000 ha | (%) | 1.000 a menos de 100.000 ha | (%) | 100.000 há e mais | (%) |
|------------------|--------------|----------------|------|----------------------|-------|------------------------|-------|-----------------------------|-------|-------------------|-------|
| Almeirim | 1.284.330,00 | 946,065 | 0,07 | 18.893,42 | 1,47 | 29.408,52 | 2,29 | 35082 | 2,73 | 1.200.000,00 | 93,43 |
| Prainha | 175.955,74 | 1117,84 | 0,64 | 27.132,06 | 9,74 | 59.701,76 | 33,93 | 88004,073 | 50,01 | - | - |
| Monte Alegre | 205.983,10 | 2500,124 | 1,21 | 98.193,20 | 47,67 | 84.114,78 | 40,84 | 21175 | 10,28 | - | - |
| Alenquer | 312.129,17 | 2508,357 | 0,80 | 85.889,22 | 27,52 | 96.527,71 | 30,93 | 127203,89 | 40,75 | - | - |
| Curuá | | 0 | | 0,00 | | 0,00 | | 0 | | | |
| Óbidos | 176.282,02 | 4391,903 | 2,49 | 58.414,82 | 33,14 | 98.739,30 | 56,01 | 14736 | 8,36 | - | - |
| Oriximiná | 121.050,59 | 1705,228 | 1,41 | 35.346,50 | 29,20 | 75.718,86 | 62,55 | 8280 | 6,84 | - | - |
| Laranjal do Jari | 20.031,49 | 275,008 | 1,37 | 3.279,21 | 16,37 | 6.372,27 | 31,81 | 10105 | 50,45 | - | - |
| Mazagão | 35.366,55 | 479,941 | 1,36 | 5.329,43 | 15,07 | 27.097,18 | 76,62 | 2460 | 6,86 | - | - |
| Santana | 29.150,44 | 17,689 | 0,06 | 2.017,75 | 6,92 | 19.255,00 | 66,05 | 7860 | 26,96 | - | - |
| Macapá | 95.025,02 | 751,838 | 0,79 | 5.613,94 | 5,91 | 46.454,24 | 48,89 | 42205 | 44,41 | - | - |
| Total All | 2.455.304,11 | 14693,99 | 0,60 | 340.109,54 | 13,85 | 543.389,62 | 22,13 | 357110,96 | 14,54 | 1.200.000,00 | 48,87 |

Fonte: IBGE - Censo agropecuário, 1996

No conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará, em 1996, 98,1% da área dos estabelecimentos agropecuários era de terras próprias. O percentual de área dos estabelecimentos de terras arrendadas e cedidas em parceria era bastante reduzido, e as terras ocupadas chegavam a 1,7% da área dos estabelecimentos rurais. O percentual de área de estabelecimentos agropecuários formados por terras ocupadas, em 1996, variava de 0,4% em Almeirim a 7,2% em Óbidos.

Quadro 6.4.3-9 - Área dos estabelecimentos agropecuários por condição legal das terras PA- 1996

| Municípios e All | Total | Terras próprias | (%) | Terras arrendadas | (%) | Terras em parceria | (%) | Terras ocupadas | (%) |
|------------------|--------------|-----------------|-------|-------------------|------|--------------------|------|-----------------|------|
| Almeirim | 1.284.330,00 | 1.279.395,54 | 99,62 | 68,2 | 0,01 | 176,249 | 0,01 | 4.690,01 | 0,37 |
| Prainha | 175.955,74 | 170.061,00 | 96,65 | 550,55 | 0,31 | 50 | 0,03 | 5.294,19 | 3,01 |
| Monte Alegre | 205.983,10 | 198.337,68 | 96,29 | 140,852 | 0,07 | 692,792 | 0,34 | 6.811,78 | 3,31 |
| Alenquer | 312.129,17 | 303.855,56 | 97,35 | 1.420,12 | 0,45 | 192,742 | 0,06 | 6.660,76 | 2,13 |
| Curuá | - | - | | - | | - | | - | |
| Óbidos | 176.282,02 | 162.655,39 | 92,27 | 518,142 | 0,29 | 415,5 | 0,24 | 12.692,99 | 7,20 |
| Oriximiná | 121.050,59 | 117.527,28 | 97,09 | 525 | 0,43 | 20 | 0,02 | 2.978,31 | 2,46 |
| All PA | 2.275.730,62 | 2.231.832,45 | 98,07 | 3.222,86 | 0,14 | 1.547,28 | 0,07 | 39.128,02 | 1,72 |

Fonte: IBGE - Censo agropecuário, 1996

No conjunto de municípios em estudo no Amapá, no ano de 1996, 83,2% da área dos estabelecimentos agropecuários era constituída por terras próprias, 2,5%, por terras arrendadas, e 14,3%, por terras ocupadas. A maior área de terras ocupadas está situada no município de Mazagão - 15.669,51 hectares, que representam 44,3% da área de estabelecimentos agropecuários do município. De uma maneira geral, os municípios em estudo acompanhavam o padrão apresentado pela All como um todo, com a maior proporção da área de estabelecimentos agropecuários formada por terras próprias.

Quadro 6.4.3-10 - Área dos estabelecimentos agropecuários por condição legal das terras AP- 1996

| Municípios e All | Total | Terras próprias | (%) | Terras arrendadas | (%) | Terras em parceria | (%) | Terras ocupadas |
|------------------|------------|-----------------|------|-------------------|-----|--------------------|------|-----------------|
| Macapá | 95.025,02 | 83.958,27 | 88,4 | 4.500,00 | 4,7 | 10 | 0,01 | 6.556,75 |
| Santana | 29.150,44 | 28.646,44 | 98,3 | - | | - | | 504 |
| Mazagão | 35.366,55 | 19.697,04 | 55,7 | - | | - | | 15.669,51 |
| Laranjal do Jari | 20.031,49 | 17.114,33 | 85,4 | - | | - | | 2.917,16 |
| All AP | 179.573,49 | 149.416,08 | 83,2 | 4.500,00 | 2,5 | 10,00 | 0,01 | 25.647,42 |

Fonte: IBGE - Censo agropecuário, 1996

Os dados do Censo Agropecuário do IBGE disponibilizados para o ano de 2006 permitem a comparação com a pesquisa anterior através do número de estabelecimentos agropecuários, além de lançar luz sobre a evolução da produção familiar, através das informações sobre o número de estabelecimentos e o pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários com laço de parentesco com o produtor.

Na área em estudo no Estado do Pará, a produção familiar é predominante. Cerca de 90% do pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários possuía laço de parentesco com o produtor.

O município de Óbidos apresentou o maior percentual de pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários sem laço de parentesco com o produtor - 18,6%, índice que apresentou crescimento em relação a 1996, quando era de 8,1%. Destaca-se que no município de Prainha o número de estabelecimentos cresceu quase 100%, simultaneamente ao incremento de 31% do pessoal ocupado nestes estabelecimentos (2.222 trabalhadores a mais). Neste município, é expressiva a importância da produção familiar, pois apenas 2,37% do pessoal ocupado em 2,6% dos estabelecimentos agropecuários não possuem laço de parentesco com o produtor.

Quadro 6.4.3-11 - Número de estabelecimentos agropecuários e pessoal ocupado por laço de parentesco com o produtor - 2006 - All do Pará

| Municípios e All | Número de estabelecimentos agropecuários (Unidade) | | | Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários (Pessoas) | | | Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários (Percentual) | | |
|------------------|--|------------------------|------------------------|---|------------------------|------------------------|--|------------------------|------------------------|
| | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco |
| Almeirim | 885 | 885 | 63 | 2.870 | 2.673 | 197 | 100 | 93,14 | 6,86 |
| Prainha | 2.615 | 2.615 | 69 | 9.385 | 9.163 | 222 | 100 | 97,63 | 2,37 |
| Monte Alegre | 3.990 | 3.990 | 371 | 15.263 | 13.610 | 1.653 | 100 | 89,17 | 10,83 |
| Alenquer | 2.394 | 2.394 | 172 | 8.388 | 7.773 | 615 | 100 | 92,67 | 7,33 |
| Curuá | 794 | 794 | 48 | 3.020 | 2.843 | 177 | 100 | 94,14 | 5,86 |
| Óbidos | 3.214 | 3.214 | 512 | 12.944 | 10.606 | 2.338 | 100 | 81,94 | 18,06 |
| Oriximiná | 1.017 | 1.017 | 115 | 4.711 | 4.339 | 372 | 100 | 92,1 | 7,9 |
| All do Pará | 14909 | 14909 | 1350 | 56581 | 51007 | 5574 | 100 | 90,15 | 9,85 |

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário, 2006

Assim como observado no Pará, nos municípios do Amapá em estudo, a produção familiar é predominante. Cerca de 85% do pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários possuía laço de parentesco com o produtor. Embora, tenha-se observado no período de 1996-2006 uma redução tanto do número de estabelecimentos agropecuários quanto do pessoal ocupado nestes estabelecimentos. Proporcionalmente, diminuiu a importância da produção familiar, uma vez

que cresceu o percentual de pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários sem laço de parentesco com o produtor.

Quadro 6.4.3-12 - Número de estabelecimentos agropecuários e pessoal ocupado por laço de parentesco com o produtor - 2006 - All do Amapá

| Municípios e All | Número de estabelecimentos agropecuários (Unidade) | | | Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários (Pessoas) | | | Pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários (Percentual) | | |
|------------------|--|------------------------|------------------------|---|------------------------|------------------------|--|------------------------|------------------------|
| | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco | Total | Com laço de parentesco | Sem laço de parentesco |
| Laranjal do Jari | 353 | 353 | 43 | 1.202 | 1.040 | 162 | 100 | 86,52 | 13,48 |
| Mazagão | 392 | 392 | 33 | 1.583 | 1.480 | 103 | 100 | 93,49 | 6,51 |
| Santana | 133 | 133 | 34 | 472 | 376 | 96 | 100 | 79,66 | 20,34 |
| Macapá | 412 | 412 | 117 | 1.594 | 1.221 | 373 | 100 | 76,6 | 23,4 |
| All do Amapá | 1290 | 1290 | 227 | 4851 | 4117 | 734 | 100 | 84,87 | 1,30 |

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário, 2006

6.4.3.1.8 - Instrumentos de Gestão Territorial dos Municípios

A maior parte dos municípios em estudo conta com Planos Diretores elaborados recentemente (após 2005). As exceções são os municípios de Almeirim e Prainha, nos quais o documento ainda se encontra em fase de elaboração, e o município amapaense de Mazagão, que não dispõe de nenhum dos instrumentos citados de política urbana e de planejamento municipal. Em Macapá, o Plano Diretor, elaborado na década de 90, se encontra em processo de revisão.

Apenas quatro municípios na área em estudo contam com lei de zoneamento ou equivalente - Santana, Macapá, Óbidos e Curuá. Existe lei de parcelamento no solo nos municípios de Óbidos, Santana e Macapá. Seis dentre os onze municípios da área em estudo contam com código de obras como instrumento de planejamento municipal.

Quadro 6.4.3-13 - Instrumentos de planejamento municipal e de política urbana - 2008

| Municípios da All | Existência de Plano Diretor | Lei de zoneamento ou equivalente | Lei de parcelamento do solo | Código de obras |
|-------------------|-----------------------------|----------------------------------|-----------------------------|-----------------|
| Almeirim | Em elaboração | Não | Não | Sim |
| Prainha | Em elaboração | Não | Não | Não |
| Monte Alegre | Sim, criado após 2005 | Não | Não | Não |
| Alenquer | Sim, criado após 2005 | Não | Não | Sim |
| Curuá | Sim, criado após 2005 | Sim | Não | Sim |
| Óbidos | Sim, criado após 2005 | Sim | Sim | Não |
| Oriximiná | Sim, criado após 2005 | Não | Não | Sim |

| Municípios da All | Existência de Plano Diretor | Lei de zoneamento ou equivalente | Lei de parcelamento do solo | Código de obras |
|-------------------|-----------------------------|----------------------------------|-----------------------------|-----------------|
| Laranjal do Jari | Sim, criado após 2005 | Sim | Não | Não |
| Mazagão | Não | Não | Não | Não |
| Santana | Sim, criado após 2005 | Sim | Sim | Sim |
| Macapá | Sim, em revisão | Sim | Sim | Sim |

Fonte: IBGE - Perfil dos Municípios Brasileiros

De uma maneira geral, os planos diretores municipais identificam as unidades de conservação e as terras quilombolas e indígenas, além de estabelecerem parâmetros, mais ou menos detalhados nos diferentes municípios, no sentido de um zoneamento.

Em Prainha, o documento mais recente de ordenamento territorial é o projeto de lei que dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Prainha, elaborado em 2006. Na sua Seção III, estabelece um macrozoneamento do município, dividido em: 1 - Macrozona urbana; 2 - Macrozona rural e de consolidação; e 3 - Macrozona de proteção ambiental, Flona e comunidades tradicionais.

O documento considera como áreas urbanas os seguintes aglomerados urbanos: Sede, Vila Santa Maria, Vila Boa Vista do Cuçari, Distrito de Pacoval, Vila Canaã e Vila Jatuarana. As áreas rurais e de consolidação são aquelas compreendidas entre as áreas urbanas e de proteção ambiental.

As áreas de proteção são os sítios arqueológicos, na área de Pacoval e Jatuarana, comunidade Quilombola no distrito de Pacoval, APA na comunidade de Guajará e área de Flona no extremos norte do município.

O documento preconiza a delimitação de zonas no território municipal, a serem conceituadas e definidas em lei específica: zonas especiais de interesse social; zona de uso residencial; zona de uso misto; zona comercial; zona de uso industrial, zona portuária; zona aeroportuária e zona de interesse municipal.

No município paraense de Óbidos, o Plano Diretor chega a estabelecer um zoneamento, com destaque para a preocupação em criar zonas especiais de preservação e de recuperação ambiental. Neste município, onde foi identificada a maior área de estabelecimentos agropecuários constituídos por terras ocupadas da All do Pará, é possível observar a atenção do ordenamento territorial municipal em criar duas Zonas Especiais de Interesse Social, para as quais figuram entre as diretrizes a regularização fundiária, construção de habitações populares e melhoria das existentes e realização de programas de geração de emprego e renda.

O Plano Diretor Participativo - Cidade de Todos, do município de Oriximiná, além de identificar e localizar unidades de conservação e áreas indígenas e quilombolas, identifica, também, áreas de risco, ocupações irregulares em áreas públicas e privadas, loteamentos clandestinos, áreas impróprias para ocupação e lotes vazios. São citadas nominalmente as seguintes áreas:

- *Áreas de proteção ambiental:* (i) Floresta Nacional Saracá-Taquera (FLONA); (ii) Reserva Biológica do Rio Trombetas (REBIO). Destaca-se que FLONA Saracá-Taquera foi criada em 1989, em área adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas que juntas compõem as Unidades de Conservação – UC federais do rio Trombetas, responsáveis pela proteção/preservação de cerca de 800.000 ha do bioma amazônico. Uma forte característica da região é a presença de comunidades Remanescentes de Quilombos, que se distribuem ao longo do rio Trombetas e estão presentes tanto na FLONA como na REBIO e seus entornos. Na FLONA existe a exploração de bauxita pela Mineração Rio do Norte S/A – MRN que explora o minério desde 1976. A área possui 70 (setenta) sítios arqueológicos registrados, com potencial para descoberta de novos sítios.
- *Áreas quilombolas:* Os territórios quilombolas no município são formados por extensas áreas de floresta ainda conservadas que registram ocorrências de castanhais bem como, outras áreas de extrativismo. Essas comunidades localizadas na Bacia do rio Trombetas são denominadas: Área Alto Trombetas I: Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração, Mãe-Cué; Área Alto Trombetas II: Juquirizinho, Curussá, Juquiri Grande, Jamari, Palhal, Erepecú, Moura, Boa Vista Trombetas; Área Trombetas: Mussurá, Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan do Meio, Arancuan de Baixo, Serrinha, Terra Preta II, Jarauacá; Área Erepecurú: Jarauacá, Poço Fundo, Acapu, Varre Vento Erepecuru, Boa Vista Cuminá, Santa Rita, Jauary, Araçá, Espírito Santo, São Joaquim, Pancada; Área Cuminá: Água Fria e Ariramba.
- *Áreas indígenas:* A terra indígena Trombetas - Mapuera, que se estende pelos municípios de Faro, Nhamundá, Oriximiná, foi a última terra indígena identificada pela FUNAI. Com quase quatro milhões (4.000.000) hectares, a área é habitada pelos WAI WAI, Karafawyana. Outras terras indígenas situadas no município de Oriximiná são: a terra indígena Nhamundá-Mapuera, que é habitada pelas tribos Hixkaryana, Katuena, Tirió, Xereu e Wai Wai; a terra indígena Parque do Tumucumaque é formada pela tribo Apalai.

Plano Diretor de Macapá estabelece diretrizes para o crescimento urbano, a integração das áreas urbanas com áreas rurais, distritos e municípios vizinhos, além da proteção de ambientes naturais e de sítios históricos e culturais. O Plano Diretor de Macapá aborda os seguintes temas:

- *Meio Ambiente:* (i) Proteção dos ambientes naturais (ressacas, lagos, rios, várzeas, cerrado e outros);
- *Ordenamento Territorial:* (i) Formas adequadas de crescimento da cidade; (ii) Formas de ordenamento dos espaços públicos (praças, balneário, feiras, ruas etc.); Melhoria das condições da habitação popular; (iii) Medidas para orientar a localização de áreas de comércio;
- *Desenvolvimento Econômico:* (i) Oportunidade de desenvolvimento dos distritos; (ii) Oportunidade de desenvolvimento dos distritos; (iii) Incentivos a implantação de atividades geradoras de trabalho e renda para a população; (iv) Possibilidade de parcerias e de comunicação entre a Prefeitura e a população;
- *Aspectos Culturais:* (i) Valorização dos costumes e tradições locais; (ii) Preservação dos bens históricos e culturais;
- *Infra-estrutura e equipamentos públicos:* Cobertura e qualidade dos serviços de saneamento ambiental (água, esgoto, lixo e drenagem); (ii) Distribuição e qualidade dos equipamentos urbanos (posto de saúde, hospital, posto de polícia, escola, creche etc.); (iii) Integração das áreas rurais e ribeirinhas à cidade.

O Plano Diretor de Laranjal do Jari ainda não se encontra disponível, embora já esteja elaborado, através de um convênio de cooperação técnica e científica firmado entre a prefeitura do município e a Universidade Federal do Amapá.

No entanto, há um estudo do IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá) que realiza um diagnóstico da ocupação em diferentes regiões do município. De acordo com este estudo, o município de Laranjal do Jari convive com diferentes padrões de territorialidade, como terras indígenas e unidades de conservação, dentre elas: (i) Parte da terra indígena do Parque do Tumucumaque; (ii) Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque; (iii) Terra Indígena Waiãpi; (iv) Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru (RDS); (v) Parte da Estação Ecológica do Rio Cajari (1.962,23 km²).

A Gleba Patrimonial Urbana/Assentamento compreende uma área de 32 km² considerados como terras patrimoniais do município de Laranjal do Jari, incluindo o assentamento Maria de Nazaré Mineiro. Essas terras incluem o perímetro urbano e peri-urbano da sede municipal mais o Assentamento Agroextrativista do Rio Maracá (INCRA), cuja área é objeto de negociações conduzidas por INCRA, TERRAP e município.

Destaca-se também no Plano Diretor da cidade, a Propriedade da Jari Celulose (JARCEL) com 1.325,49 km² de área propriedade da empresa. A primeira porção, compreendida entre os limites da RDS até a estrada da Cachoeira de Santo Antônio e ramal do Retiro, é ocupada somente pelas comunidades de Iratapuru. A segunda porção, que vem sendo utilizada mais efetivamente pelo processo de ocupação rural, com várias comunidades e núcleos de colonização: Comunidades de Santo Antônio da Cachoeira, Padaria, Alto Igarapé Maicá, Retiro, Igarapé do Meio, Bacia Branca, Igarapé Branco, Igarapé Arapiranga, Tira Couro e São Brás.

O restante do território municipal de Laranjal do Jari são as terras mais intensamente utilizadas no processo de ocupação rural do município, onde se localizam toda a base da movimentação rural e do tráfego terrestre intermunicipal. Estudo organizado pelo IEPA, de 2004, constata que as diferentes formas de ocupação da área estão diretamente relacionadas às oportunidades extrativas das florestas e às vocações do solo. Assim, analisa a ocupação da área, subdividindo-a em quatro “grandes feições naturais”:

- predomínio de solos argilosos (setores territoriais de Santo Antônio da Cachoeira/Padaria - núcleos ribeirinhos do rio Jari - e Retiro), com predomínio da culturas de banana e mandioca e extração da casatinha-do-brasil;
- predomínio de solos arenosos (setores territoriais de Igarapé do Meio; Igarapé Branco; Igarapé Arapiranga; Setor BR 156, trecho Igarapé do Meio/entrada do Ramal do Tira Couro; e Setor BR 156, trecho entrada do ramal Tira Couro/sede municipal), onde se concentra a maior parte da população rural do município e se encontram as mais elevadas taxas de alteração da cobertura vegetal, influenciadas pela demanda de madeiras pela então empresa Jari Florestal, nas décadas de 70 e 80, e crescimento urbano de Laranjal do Jari;
- contato de solos arenosos e argilosos (setores territoriais de Tira Couro e Alto Igarapé Maicá), centrada na agricultura, tendo como principais produtos banana e mandioca;

- predomínio de várzeas e bordas de terra firme (São Brás), ocupada por agricultura de subsistência (principalmente mandioca) e pecuária.

O município de Mazagão ainda não dispõe de Plano Diretor municipal. No entanto, está disponível estudo elaborado pelo IEPA, que fornece informações sobre a ocupação em diferentes regiões do município. De todo o território de Mazagão, há uma parte da terra mais diretamente ligada à administração municipal e outra vinculada a outros poderes institucionais, dentre elas destacam-se:

- *Terras Indígenas e Unidades de Conservação:* (i) Terra Indígena Waiãpi, situadas na nascentes do rio Iratapuru, com uma área total 49,6 km² no município; (ii) Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru (RDS - 1412 km²) e (ii) A Reserva Extrativista do Rio Cajari (RESEX), com uma área de 2.172 km², criada em 1990, em atendimento às manifestações e interesses da população residente, se estende por Laranjal do Jari e Vitória do Jari. Das comunidades da RESEX localizadas no município de Mazagão, uma parte vive em função direta da utilização da várzea como base de suprimento extrativista e da pequena criação de gado bubalino. A outra parte, as comunidades que dispõem de terra firme, a base da renda é constituída pela lavoura tradicional de mandioca e demais gêneros consorciados e pelo extrativismo da castanha-do-brasil, que tem na comunidade de Santa Clara a maior referência de produção.
- *Áreas de Assentamento Rural:* (i) Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Maracá/INCRA: 5.692,10 km², criado em 1988, segundo nova modalidade de assentamento humano então criada pelo INCRA, sendo a expressão jurídica, no contexto da legislação fundiária vigente (Estatuto da Terra, 1964), da proposta das Reservas Extrativistas. O PAE Maracá representa 43,16% do território mazaganense e também é a sua área de maior expressividade na produção extrativista da castanha-do-brasil; (ii) Assentamento Pancada do Camaipi/INCRA: 240,5 km², criado em 1998; (iii) Assentamento Piquiazal/INCRA: 61,6 km², criado em 1987. Nos 40 km² de terra firme, a cobertura vegetal predominante é floresta densa. A extensão da floresta transformada em capoeira é de 17,75km². Há, ainda, 2,5 km² de áreas alagadiças. A produção de carvão vegetal é importante fonte de renda para a população da área.

O restante do território municipal são 3.591,9km² que não constam de vinculação institucional. O estudo do IEPA subdivide esta área em duas: uma menos extensa, que concentra a maior população rural do município”, e outra, mais extensa, praticamente em estado natural, com desenvolvimento da garimpagem e mineração localizadas.

Na área que concentra a maior parte da população do município, os principais setores ou núcleos de colonização são representados: 1) pelas ocupações ribeirinhas nos rios Vila Nova, Preto, Mutuacá, Mazagão, Furo do Mazagão e canal do Norte, onde a principal fonte de renda decorre das atividades de pesca artesanal do camarão e peixe (em menores proporções), extração de palmito e frutos de açaí e exploração madeireira, havendo ainda, secundariamente, atividade agrícola e pequenas e médias criações de bubalinos; 2) nas EAP-010 e EAP-020, além da população dispersa ao longo do percurso principal e ramais, destacam-se as vilas Carvão, Ajudante e Mazagão, onde são cultivados, principalmente, mandioca, tucupi e abacaxi, e é praticado o extrativismo, principalmente, de bacaba e açaí.

6.4.3.2 - Dinâmica de Circulação

Na região do empreendimento as vias de acesso utilizadas pela população residente, se dividem basicamente em duas categorias, a primeira relacionada pela movimentação dos moradores por terra. Assim sendo, duas rodovias seriam importantes para esse deslocamento dos moradores (BR-156 no Estado do Amapá e PA-254 no Estado do Pará). Além dessas vias “oficiais” outras vias secundárias conhecidas como ramais e setores são importantes rotas de deslocamento destas populações. Outra rota, de deslocamento, mas neste caso particular estaria concentrada nas terras do Projeto Jari e ligaria o Distrito de Monte Dourado com a sede do município de Almeirim, no Estado do Pará.

Outra importante via de circulação da população residente são os rios, neste caso os principais são o Amazonas, Paru, Chicaia e Jari. Além desses rios existem os igarapés que servem de ligação entre as comunidades e os rios maiores. Na Área de Influência Direta, esses tipos de vias foram mais encontradas nas comunidades que vivem entre os municípios de Prainha para Almeirim no Estado do Pará.

6.4.3.2.1 - Via Terrestre

As vias de terrestres são divididas em rodovia federal (BR-156), rodovia estadual (PA-254) e em estradas vicinais (ramais/estradas de setores). Essas vias cobertas por piçarreira normalmente encontram-se em condições ruins de circulação, que se agravam durante o período de chuvas.

Ressalta-se que na Área de Influência Direta apenas um trecho da LT que percorre a rodovia AP-010 (ligação entre os municípios de Santana e Macapá), que possui asfalto, as demais estradas ou rodovias na Área de Influência do empreendimento não possuem cobertura asfáltica.

Em alguns trechos principalmente no Estado do Pará, por causa das condições de tráfego, os moradores preferem utilizar os rios como forma de acesso entre os municípios, essa realidade faz com que em alguns trechos da estrada, apresentem traços de abandonos. De modo geral, o sistema de transportes da Amazônia Legal é tido como deficiente, precário, operando com baixos padrões de eficiência e sem a pavimentação adequada. (PAS, 2006).

BR-156

A principal rota de orientação da Linha de Transmissão no Estado do Amapá são as margens da BR-156. Essa rodovia aberta no início da década de 1990 inicia-se no município de Laranjal do Jari (Sul do Estado) e termina no Oiapoque (Norte do Estado). São cerca de 900 quilômetros de estrada que corta regiões de floresta e cerrado. No caso do empreendimento, a LT percorre em paralelo cerca de 270 km desta rodovia, ou seja, no trecho que compreende os municípios de Laranjal do Jari até capital do estado - Macapá.

Segundo Carvalho (2005), a BR-156 é considerada a espinha dorsal dos Transportes no Estado do Amapá. Ela liga a parte norte o Brasil com os países vizinhos Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. Atualmente o governo federal está construindo uma ponte para interligar via terrestre o Brasil a Guiana Francesa, no Oiapoque.

Os primeiros trechos da rodovia foram construídos no início da década de 1950 entre Macapá e Santana. No final da década de 70 foram concluídos os quilômetros que ligam Santana a Mazagão. O trecho entre Macapá e Laranjal do Jari foi concluído no início do ano de 1991, esse trecho está em processo de duplicação. Esse trecho tem aproximadamente 270 km, que são percorridos entre seis a 12 horas. Em alguns trechos a média de quilômetros percorridos é de 30 km por hora. No período da chuva a viagem pode levar mais tempo, por causa das condições da BR. Pois, grande parte da BR encontra-se em péssimo estado de conservação.



Figura 6.4.3-6 - Trecho da BR-156 no município de Macapá.



Figura 6.4.3-7 - Trecho da BR-156 no município de Laranjal do Jari.

Segundo Carvalho (2005), a BR-156 está asfaltada de Macapá, capital do estado, até o município de Tartarugalzinho. Os piores trechos são de Calçoene até Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa. As condições difíceis da estrada acabam causando sérios impactos na vida dos moradores que moram próximas a BR. Esses impactos são refletidos no custo do transporte, dos fretes e até mesmo dificultando o deslocamento das pessoas que residem ou trabalham ao longo da rodovia.

Em alguns lugares do traçado percorrido paralelo a BR-156 é possível avistar às margens da rodovia algumas áreas desmatadas. Essa paisagem se torna mais comum entre os municípios de Santana até Macapá. Durante a pesquisa de campo foi possível observar alguns veículos transportando toras de madeira, de áreas possivelmente desmatadas próximas a BR-156.



Figura 6.4.3-8 - "Jirico" transportando toras, na BR-156, próximo ao município de Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-9 - Área desmatada próximo as margens da BR-156 no município de Santana.

Diversos autores entre estes, Carvalho (2005) têm apontado que nos últimos anos segmentos da sociedade amapaense, vêm pressionando o governo para que a BR-156 seja toda asfaltada. Mas essas pressões, ainda não surtiram efeito e os recursos destinados para o asfaltamento da BR-156 fosse liberado.

"Em 2000, o governo Fernando Henrique Cardoso assumiu o compromisso de executar enfim a obra, e chegou a autorizar cerca de R\$ 26 milhões, mas somente liberou cerca de R\$ 3 milhões para que a empresa CR Almeida iniciasse as atividades, depois de dez anos de paralisação. (...) Já em 2005, foram dotados R\$ 97.147.359,00 e o mesmo valor foi autorizado. Todavia, até 20 de maio deste ano [2005] somente foram liquidados cerca de R\$ 1.402.231,00, ou 1,44% do total autorizado" (idem, 2005: 19-20)

Para o autor a possibilidade de asfaltamento da rodovia pode acirrar os conflitos que já existem nas proximidades das rodovias, conflitos estes relacionados principalmente por causa das questões fundiárias⁶. De um lado o grande latifúndio (pecuaristas, produtores de soja entre outros) e de outro, extrativistas, indígenas, quilombolas e sem-terras. É importante ressaltar que durante essa pesquisa de campo em outubro de 2008, uma equipe transdisciplinar encontrava-se no trecho entre Macapá e Laranjal do Jari realizando o estudo de impacto ambiental para obtenção da licença para o asfaltamento da rodovia.

Rodovia - PA-254

A rodovia estadual PA-254 fez parte de um processo de ocupação da região Oeste do Estado do Pará, construída em meados da década de 1970, tinha por objetivo ligar os municípios da margem esquerda do rio Amazonas, ou seja, os municípios de Prainha até Oriximiná, fronteira com o Estado do Amazonas. Nesse cerca de 300 quilômetros a rodovia passa pelos municípios de Prainha, Monte Alegre, Alenquer, Curuá, Óbidos e Oriximiná.



Figura 6.4.3-10 - Trecho da PA-254 no município de Prainha.



Figura 6.4.3-11 - Trecho da rodovia PA-254 entre Óbidos e Oriximiná.

A construção da PA-254 com o PIC de Monte Alegre contribuiu para intensificar a ocupação nessa região. Nesse sentido, Oliveira (2002), aponta que a abertura da estrada provocou mudanças na dinâmica da exploração do território e alteração da paisagem. Nesse período o aumento na formação das pastagens e das fazendas de gado foi visivelmente identificado.

⁶ Em seções futuras deste documento o tema conflitos socioambientais, será mais bem abordado

Recentemente na região a PA-254 foi construída uma ponte de madeira com aproximadamente 360 metros, no rio Curuá entre os municípios de Alenquer e Curuá, inaugurada em abril de 2008. De acordo com dados de funcionários da Prefeitura de Alenquer, esta ponte seria a maior ponte de madeira do mundo. A construção dessa ponte é cercada de polêmica e alvo de uma ação envolvendo o Ministério Público Estadual e a prefeitura de Alenquer responsável pela obra. A ação está relacionada a irregularidades durante a construção e a possíveis impactos ambientais.



Figura 6.4.3-12 - Ponte sobre o rio Curuá, na PA-254



Figura 6.4.3-13 - Identificação da inauguração da ponte.

Sobre as condições de tráfego a rodovia em toda a sua extensão é coberta por terra e piçarreira, o que contribui para as condições precárias que a rodovia se encontra. Principalmente, no trecho que compreende os municípios de Óbidos até Oriximiná. Em novembro de 2008 encontrava-se em péssimas condições de circulação, com bastantes buracos e erosões ao longo da pista. Segundo informações de um entrevistado no município do Óbidos, nessa época do ano (início das chuvas) a circulação na rodovia diminui bastante, sendo usado quase que exclusivamente pelos moradores que moram nas proximidades da PA.

6.4.3.2.2 - Ramais ou Estradas Vicinais

Além das rodovias, outra via de deslocamento nas proximidades da AID são as estradas vicinais conhecidas como “ramais”, nome dado pelos moradores da região para identificar aquelas estradas que servem de acesso a propriedades, setores, castanhais ou pequenos aglomerados. Além disso, essas pequenas estradas servem de ligação entre as rodovias principais e/ou para as margens de algum rio da região.



Figura 6.4.3-14 - Estrada vicinal no município de Alenquer (PA)



Figura 6.4.3-15 - Estrada de ramal na RESEX do Cajari.

Normalmente, essas estradas se encontram em péssimas condições de tráfego, sobretudo, por causa das chuvas e pela falta de manutenção. Segundo um informante entrevistado, as prefeituras da região se preocupam em arrumar essas estradas, durante o período das eleições. Destarte, essas condições difíceis de conservação das estradas contribuem para dificultar a circulação dos moradores e o escoamento da produção. Em alguns trechos só é possível entrar nestes ramais com carros traçados ou animais de carga (muas e cavalos).

Em termo de territorialização os ramais, servem como referência local para definir a ocupação de um grupo ou comunidade. Assim, esse tipo de classificação serve como uma forma de definição do espaço Essa realidade é mais expressa na região da RESEX do Cajari.

6.4.3.2.3 - Via Fluvial

Na Amazônia um dos principais ditos populares é que “as estradas dessa parte do país, são os rios”, assim sendo, foi possível identificar que os rios Amazonas, Paru, Chicaia, Jutai, Trombetas e Jari, são os principais rios que os moradores utilizam para o deslocamento fluvial. Esses rios são as principais rotas de navegação dos moradores que circulam nessa região, principalmente no baixo Amazonas. Além disso, essa região esta na rota fluvial de duas importantes capitais do Norte Belém e Manaus.

Desta maneira foi possível observar que em todos esses municípios que vão compor a área da AID, foi identificada a presença de pelo menos um porto em cada município, que são utilizados para o transporte de passageiros e de cargas. No Estado do Pará, um dos principais portos identificados

nessa região foi no município de Óbidos. Por ser uma das regiões mais estreitas do rio Amazonas foi instalada ali uma aduaneira com policia federal e órgãos de fiscalização fazendária. Neste local as embarcações que circulam entre Belém e Manaus são vistoriadas e fiscalizadas.



Figura 6.4.3-16 - Embarcação no Rio Amazonas entre Almeirim-Prainha.



Figura 6.4.3-17 - Porto na localidade de Chicaia no rio Amazonas, no município de Almeirim-PA.

Outro importante porto fica no município de Alenquer, isso porque, esta cidade esta praticamente na margem oposta da cidade de Santarém, principal município da região e por isso a viagem para essa cidade saindo dali seria mais rápida.

Além desses portos municipais em todas as comunidades ou fazendas ribeirinhas é possível encontrar portos menores conhecidos como trapiches. Esses trapiches são construídos com madeira formando uma plataforma suspensa que durante o período das cheias as águas ficam no nível desses portinhos.



Figura 6.4.3-18 - Trapiche na região do rio Jutai, no município de Almeirim.



Figura 6.4.3-19 - Trapiche na comunidade de Tucumanduba, no rio Amazonas, município de Almeirim.

6.4.3.2.4 - Serviços de Transporte

Na área de influência direta do empreendimento, os principais serviços de transportes utilizados pelos moradores nessa região são o transporte fluvial e terrestre. O transporte terrestre é feito pelas principais vias de acesso já descritas anteriormente.

No trecho entre Laranjal do Jari e Macapá, o transporte é feito por caminhão, motos ou carros particulares. Além destes recursos, nesse trecho foi identificada a presença de quatro linhas diárias de ônibus com ida e volta Laranjal do Jari - Macapá. Essa linha passa pelos povoados ao longo da BR-156, com parada obrigatória na Vila do Maracá, às margens da BR-156.



Figura 6.4.3-20 - Rodoviária de Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-21 - Ônibus entre as cidades de Laranjal do Jari e Macapá.

Nesse trecho do traçado as comunidades, também, recebem ajuda do governo do Estado para escoar a produção, o transporte para as feiras da capital é feito quinzenalmente, por caminhões que é cedido pelo governo do Estado.

Já na região da rodovia PA-254, que compreende entre os municípios de Prainha até Oriximiná, não foi identificado qualquer linha de ônibus que faz todo esse trajeto. No entanto, foi possível identificar linhas de ônibus interligando cidades vizinhas. Segundo um informante, a falta de linha regular de ônibus está relacionada com a opção dos moradores preferirem circular pelos rios.

Entretanto, na PA-254 durante a pesquisa de campo identificou-se que o transporte coletivo existe para atender o deslocamento das famílias dos ramais/setores até a sede dos municípios. Esse transporte é efetuado por ônibus ou carros particulares conhecidos como carro de horários.

Outro meio de transporte utilizado para percorrer pequenos trajetos são os carros de boi, geralmente esse transporte é utilizado para o deslocamento da propriedade até o povoado. Esse transporte serve também, para carregar cargas e uma pequena produção dos moradores da região. O cavalo e as mulas, também, são utilizados como meio de transporte dos moradores da região, em alguns casos utilizando-se desse meio para se deslocarem até a sede dos municípios.



Figura 6.4.3-22 - Carro de boi utilizados para transportar carga.



Figura 6.4.3-23 - Carro de boi transportando moradores na região da PA-254 município de Alenquer.

Além do transporte terrestre, na região que compreende entre os municípios de Óbidos até Almeirim, no Estado do Pará há, também, as embarcações, que podem ser divididas em grandes e pequenas.

As embarcações grandes normalmente fazem o trajeto de ida e volta Belém-Santarém-Manaus (esse trecho pelo rio Amazonas tem a duração de quatro dias) aportando nas cidades da região. Outra embarcação que se encaixaria como grande são as balsas que fazem o transporte de diversas mercadorias entre Belém-Santarém-Manaus, podendo ser ida e volta. No caso dos horários esses são variados e geralmente acontece à noite ou na madrugada.



Figura 6.4.3-24 - Embarcação utilizada para o transporte entre Belém para Manaus.



Figura 6.4.3-25 - Passageiros utilizando embarcações pequenas no rio Jutai.

Quanto às embarcações menores, estas são os barcos pequenos, catraias ou voadeiras (motor de 25 a 60 cavalos), rabetas (motor de 18 cavalos) e canoas confeccionadas por artesãos da região, que transportam os ribeirinhos de uma região a outra. Assim sendo, o transporte tanto de carga, quanto de passageiro é feito pelos rios, principalmente o rio Amazonas.

No caso de transportes aéreos, os aeroportos ou pista de pousos que foram identificados dois aeroportos em Almeirim um no distrito de Monte Dourado com capacidade de operar aeronaves com mais de 100 lugares e outro na sede do município com capacidade menor.

Além dessas pistas de pousos, no Estado do Pará foram identificados aeroportos com nos municípios de: Alenquer, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná esses aeroportos têm pistas de que variam de 1.200 a 1.600 metros e capacidade para receber aviões com cerca de 20 passageiros.

Também, no município de Oriximiná existe um aeroporto no distrito de Porto Trombetas, pertencente à empresa Mineração Rio do Norte com capacidade para receber aeronaves com cerca de 100 passageiros.

Já no Estado do Amapá existem, o Aeroporto Internacional de Macapá que possui pista pavimentada (tamanho: 2.088 m), opera *Boeing 737-300* e vôos noturnos. E, duas pistas sem pavimentação no município de Laranjal do Jari: á pista de pouso denominada Gaúcho e o aeródromo de Laranjal que fazem geralmente, vôos para os garimpos da região, para levar suprimento e garimpeiros.

6.4.3.3 - Hierarquia Urbana Região: Pólos Regionais e Locais

A hierarquização dos pólos aqui abordados está relacionada com a dinâmica de ocupação existente nos trechos atravessados pela LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná e ao respectivo grau de urbanização das cidades, seguindo os seguintes parâmetros: serviços de saúde, educação, saneamento, energia, comunicação, transporte, moradia e fluxos de pessoas e cargas.

A distribuição dos níveis hierárquicos no território é desigual, confrontando áreas que contam com uma rede urbana estruturada – com a presença de níveis encaixados e situados a intervalos regulares – e áreas onde há ausência de alguns níveis hierárquicos intermediários, reposicionando assim, a hierarquia urbana local.

Nesse sentido, levou em conta a classificação dos centros de gestão do território, a intensidade de relacionamentos e a dimensão da região de influência de cada centro, bem como as diferenciações regionais. Nesse aspecto considerou-se as principais redes de comunicação e circulação existentes na AID, tanto do ponto de vista da percepção dos moradores sobre o território e a importância destes centros no cotidiano das comunidades visitadas na AID, como pela própria infra-estrutura existente na região.

Dentre os elementos apontados pelos moradores e utilizados como critério para a classificação e hierarquização dos pólos encontrados na Área de Influência, podemos citar: escolas, posto de saúde, hospitais, supermercados, portos, aeroportos, rodoviárias, além de identificar os principais destinos da produção dessa população residente na AID.

Com relação a oferta de serviços públicos de saúde para a população residente na área de influência direta do empreendimento, observou-se que nem todos os serviços de saúde estão disponíveis diretamente aos residentes. Por isso, utilizou-se como critério os níveis de atenção à saúde disponível a população, sendo eles:

- **Atenção Básica:** os serviços de saúde no nível da atenção básica estão disponíveis aos residentes na área de influencia direta, através de unidades básicas de saúde localizadas nos pólos locais e pela atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que uma vez sediados nestes pólos atendem à população das demais comunidades. Os agentes concentram suas atividades nas ações de vigilância e promoção da saúde e em tese, desempenham um papel educativo e liderança, pois percorrem todas as localidades e são referência deste nível para a população.

- **Média complexidade:** é encontrado nas sedes dos municípios da Área de Influência Indireta. Neles são realizados exames patológicos e demais procedimentos especializados por profissionais de nível médio e superior e é para aonde a população da AID se dirige quando procura este serviço. Em geral, estes serviços são encontrados em centros médicos municipais, ou em unidades de saúde particulares conveniadas ao SUS.
- **Alta Complexidade:** em virtude de suas características é encontrado apenas nas sedes dos municípios de Oriximiná, Monte Alegre e Macapá. Contudo, a depender da distância do município do paciente e da especialidade exigida pelo caso é realizada a remoção para o município de Santarém que possui Gestão Plena do SUS para o atendimento.

Importante destacar que a área de influência do empreendimento é uma região menos densamente ocupadas, em termos demográficos e econômicos, apresentando alguns povoados indicativos de centralidade mais fracos do que os de centros localizados em outras regiões ou os estabelecidos pelo IBGE. No entanto, considerando os padrões de interações e importância na vida cotidiana da população residentes, estes locais assumem a o mesmo nível na hierarquia “centros locais”.

Com o objetivo de visualizar essa interação existente na área de Influência do empreendimento foi elaborado um fluxograma (Figura 6.4.3-26). Na Figura 6.4.3-26 as setas representam a circulação dos moradores na região do empreendimento, em relação às setas tracejadas significam os pólos que os moradores mantêm uma relação, porém não tão intensa quanto às setas sem o tracejado. Sobre o formato dos desenhos na figura tem o seguinte significado:

Figura em triângulo - pólos regionais; figura em retângulo - pólos municipais e figuras circulares - pólos locais. Já as cores significam os estados onde os municípios ou as localidades pertencem. Assim, Verde - Estado do Amazonas, Laranja - Estado do Pará e Azul - Estado do Amapá.

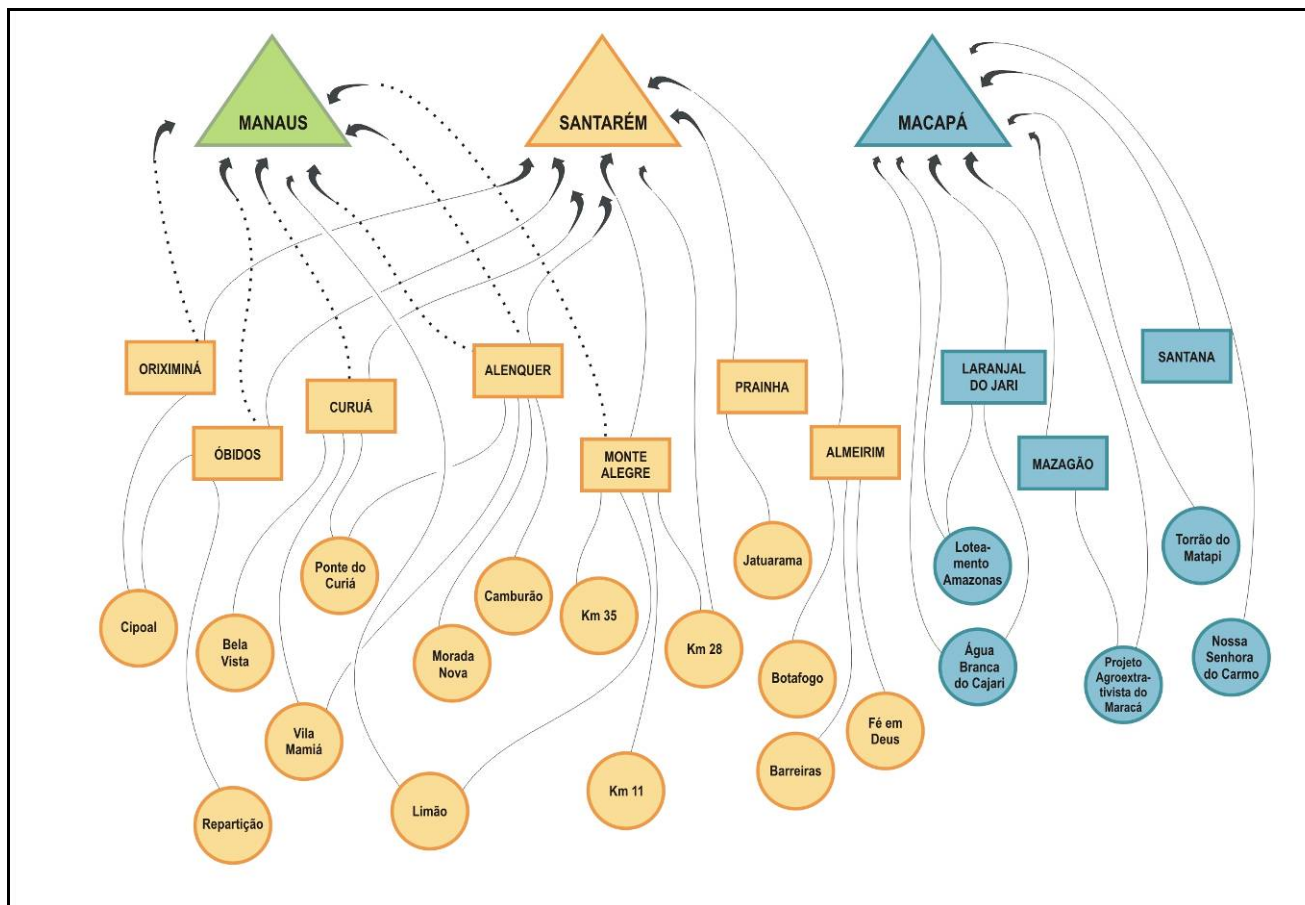
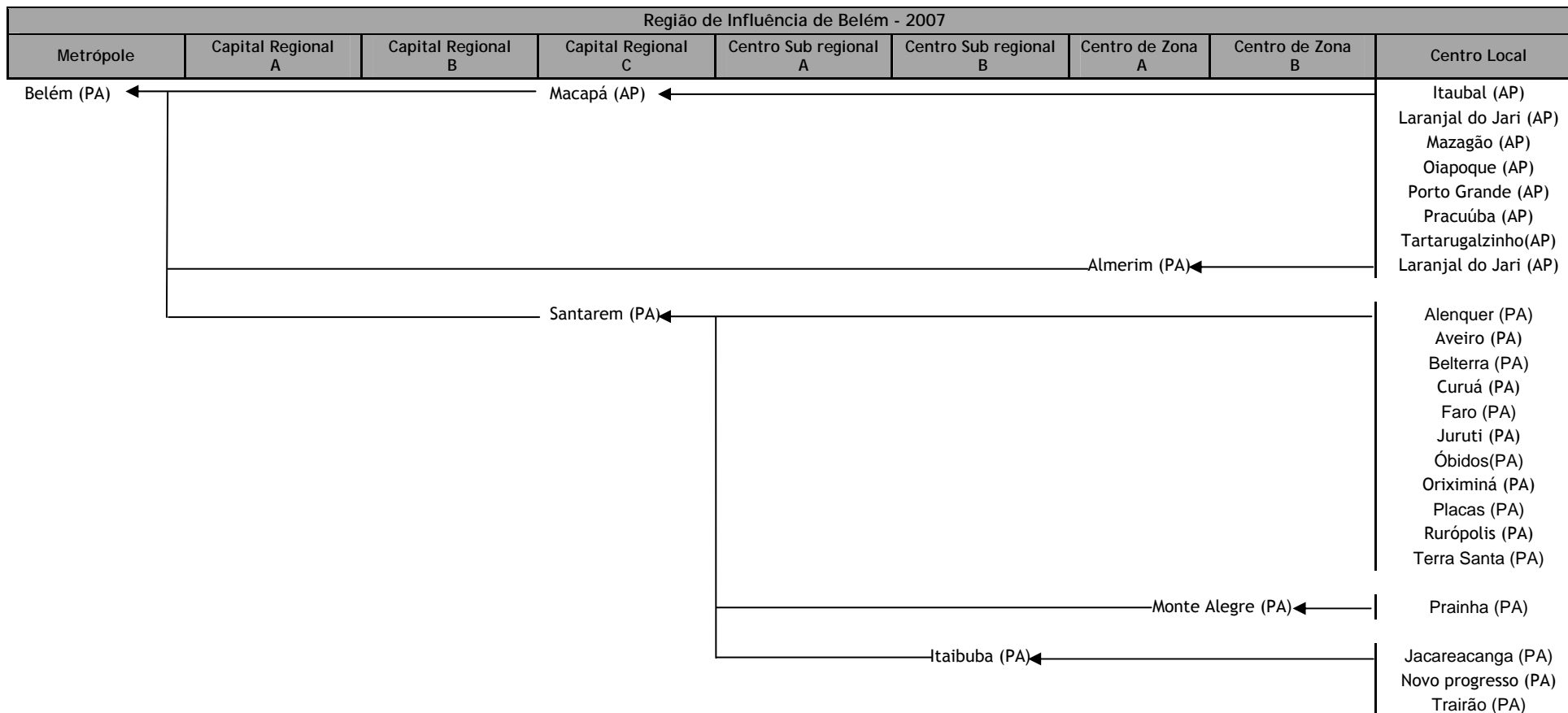


Figura 6.4.3-26 - Principais pólos de circulação dos moradores da AID

6.4.3.3.1 - Metrópoles

De acordo com as entrevistas realizadas com moradores da Área de Influência do empreendimento, a área em estudo está em primeiro nível sobre influência da cidade de Manaus, sendo a maior metrópole da região. No entanto, de acordo com a classificação e hierarquização dos centros urbanos utilizadas pelo IBGE, muitos municípios da área de influência apareçam sob a influência da região de Belém, capital do Pará, conforme pode ser visto no Quadro 6.4.3-14, a seguir.

Quadro 6.4.3-14 - Região de Influência de Belém e municípios da AI - 2007



Fonte: IBGE - Regiões de Influência das Cidades - REGIC, 2007.

6.4.3.3.2 - Capitais Regionais

A cidade de Macapá é a única capital regional existe no Estado do Amapá, sendo ela apontada pelos entrevistados como o principal pólo regional. Os moradores vão buscar neste município os principais recursos como: atendimento médico especializado e odontológico; compra de produtos como: eletrodomésticos, supermercados e combustível; encaminhamentos de demandas a órgãos públicos; serviços de bancos; busca de empregos; serviços de transporte (aeroporto, portos e rodoviária); além de ser o principal centro de escoamento da produção das comunidades. Nos casos da assistência médica e de patologias mais complexas que não são possíveis de resolverem na capital Macapá, os doentes são encaminhados para outros centros especializados como a cidade de Belém, capital do Pará.

Já no Estado do Pará, o principal pólo de influência na região do Baixo Amazonas é a cidade de Santarém, uma das principais cidades do interior do Pará. Nesta cidade se concentra os principais serviços médicos e educacionais; órgãos públicos (IBAMA, INCRA, órgãos estaduais); aeroporto interligando aos grandes centros do país; universidades públicas e privadas (que contribuem para produção científica - cultural na região); entrepostos de comercialização dos produtos, produzidos no Baixo Amazonas. Dali a produção da região é comercializada com outros grandes centros entre estes: Manaus no Estado da Amazônia e Macapá no Estado do Amapá. Segundo um produtor de hortaliça da comunidade do Limão no município de Monte Alegre, boa parte da produção dos moradores do povoado é destinada a cidade de Manaus, nesta mesma cidade alguns moradores do baixo Amazonas informaram que possuíram parentes morando em Manaus. Esses teriam sido atraídos pelos empregos da Zona Franca.

Com relação ao acesso da região da AID com Santarém esta é feita principalmente pelo rio Amazonas, a principal rota de navegação utilizada pelos moradores. Além do rio, alguns moradores na região do município de Monte Alegre, utilizam a rodovia PA-255 que liga em parte o município a Santarém, pois para finalizar a viagem é necessária a utilização de balsa para transportar os veículos de uma margem à outra do rio Amazonas.

6.4.3.3.3 - Centro Sub-regional

Na área em estudo, os Centro Sub-regionais e Centros Locais são entendidos como aqueles municípios que apresentam maior influência na região em relação aos demais, neles se

encontram os principais serviços, além de ter um comércio mais dinâmico. Neste caso, esses municípios por apresentarem infra-estrutura consolidada se destacam em relação aos demais.

O município de Monte Alegre é o principal Centro Sub-regional identificado na Área de Influência Direta do empreendimento, por ter um comércio dinâmico; escola técnica; rede hoteleira; acesso a PA-255 (Monte Alegre - Santarém) e o principal centro produtor de alimento, este município acaba sendo uma das principais cidades existentes na margem esquerda do rio Amazonas.



Figura 6.4.3-27 - Ruas do comércio de Monte Alegre.



Figura 6.4.3-28 - Hospital de Monte Alegre.

Segundo Oliveira (2002), o município de Monte Alegre por causa da facilidade de acesso e escoamento da produção local, tanto por terra, como por água é tido como o pólo mais dinâmico da margem esquerda do rio Amazonas. Também, é em Monte Alegre onde se encontra um dos primeiros Projetos de colonização dirigida (PIC), da região Amazônica, o qual contribuiu para a dinamização da exploração do setor primário do município.

6.4.3.3.4 - Centro Local

Na área de Influência do empreendimento foram identificados três Centros Locais, sendo eles Óbidos, Laranjal do Jari e Mazagão.

No caso do município de Óbidos, dentro da AID ele apresenta como importante centro local⁷, nele é possível encontrar serviços ligados a fiscalização de barcos que seguem a rota Manaus - Belém (ida e volta). Além desses serviços existe no município o posto da companhia DOCAS do Pará; fábricas de processamento de castanha-do-pará; o posto de atendimento da EMATER-PA; o posto do IBGE; Polícia Federal; museus e agências Bancárias.



Figura 6.4.3-29.- Feira dos produtores de Óbidos, com fortaleza centenária ao fundo.



Figura 6.4.3-30.- Hospital de Monte Alegre.

No Amapá além da capital se configurar como capital regional, o município de Laranjal do Jari, é citado como um importante centro local. Nesta cidade os moradores da AID, vão procurar os serviços disponíveis antes mesmo de procurar a capital, serviços tais como transporte (aéreo, terrestre ou fluvial); atendimento médico em casos menos complexos; serviços de banco; correios; compras de supermercados e combustível e empregos, devido ao grande número de prestadora de serviços para o Projeto Jari e a CADAM.

Foram identificados dois aeródromos na Área de Influência Direta do empreendimento, o aeródromo do Gaúcho situado a cerca de 1,5Km do eixo da LT e o aeródromo de Laranjal do Jari-AP situado a cerca de 500m do eixo do traçado da LT.

⁷ Nesta região depois do rio Curuá, o município de Oriximiná tem mais expressão, no entanto, no caso da AID, o município atingiria poucas localidades, pois o empreendimento afeta apenas sete quilômetros do território de Oriximiná.



Figura 6.4.3-31 - Cidade de Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-32 - Hospital de Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-33 - Mercado do Peixe na cidade de Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-34 - Desembarque em Laranjal do Jari.



Figura 6.4.3-35 - Aeródromo de Laranjal do Jari-AP. Coordenadas aproximadas: 334.291/9.912.170



Figura 6.4.3-36 - Aeródromo do Gaucho na região de expansão urbana. Coordenadas aproximadas: 332.608/9.908.258

6.4.3.3.5 - Outras Centralidades

Conforme apontado anteriormente, considerando a densidade demográfica da região, infraestrutura disponível e a interação entre os diferentes espaços identificados serão aqui descritas outras centralidades. Embora estes lugares apresentem uma centralidade mais fraca que Laranjal do Jari, Óbidos e Mazagão, estes lugares frequentemente, assumem a posição de Centro Local, haja visto que são locais onde os moradores primeiro procuram quando precisam de serviços como escolas; posto de saúde e pequenos estabelecimentos comerciais. Geralmente, esses locais são classificados pelos moradores locais, como povoados e quilômetros⁸ “*com mais estrutura*”.

No Quadro 6.4.3-15 logo abaixo, serão apresentados os principais centros locais identificados durante a pesquisa de campo.

Quadro 6.4.3-15 - Pólos locais identificados durante a pesquisa de campo

| UF | Município | Centros Locais |
|----|------------------|---|
| PA | Oriximiná | Porção |
| | Óbidos | Repartimento, Cipoal |
| | Curuá | Currutela ou Ponte do Curuá, Vila Mamiá |
| | Alenquer | Morada Nova e Camburão |
| | Monte Alegre | Limão, km 11, km 28 e km 35 |
| | Praíha | Jatuarana |
| | Almeirim | Barreiras (região do Paru), Fé em Deus e Botafogo (região do Chicaia) |
| AP | Laranjal do Jari | Água Branca do Cajari |
| | Mazagão | Projeto Agroextrativista do Maracá |
| | Santana/Macapá | Nossa Senhora do Carmo do Maruanã, Torrão do Matapi e loteamento Amazonas |

Fonte: Pesquisa de campo, outubro - novembro de 2008.

Nesses povoados, foi possível encontrar posto de saúde, escolas de ensino fundamental (1^a a 4^a série) e orelhões. Além disso, em alguns povoados, também, constatou-se a presença de escolas de ensino médio e escritórios de assistência técnica, que polarizariam as demais comunidades ao redor.

6.4.3.4 - Aspectos Demográficos e Populacionais

A Área de Influência Indireta (All) da Linha de Transmissão é composta por 11 municípios, quatro deles pertencentes ao Estado do Amapá e sete, situados no Estado do Pará. Juntos, estes onze municípios perfazem uma área de 290.682,90 km², com uma população total de 772.850 milhões de habitantes e densidade demográfica de 2,7 hab/km², conforme pode ser observado no

⁸ Essa classificação é mais usual em alguns trechos da rodovia PA-254. Sobre a classificação dos espaços, esta será discursada mais a frente ainda neste documento.

Quadro 6.4.3-16 a seguir. Os quatro municípios do Amapá pertencem à mesorregião do Sul do Amapá, sendo que o município de Santana integra a Região Metropolitana de Macapá. Os sete municípios paraenses integram a mesorregião do Baixo Amazonas e apresentam um perfil diferenciado em relação aos municípios do Amapá, ocupando 92% da área em estudo e apresentando baixa densidade demográfica. Desse modo, para melhor detalhamento da análise, a área em estudo foi dividida em All do Pará e All do Amapá.

Quadro 6.4.3-16 - Municípios, Regiões, Área do município, Área atravessada pela LT, População Residente e Densidade Demográfica - 2007

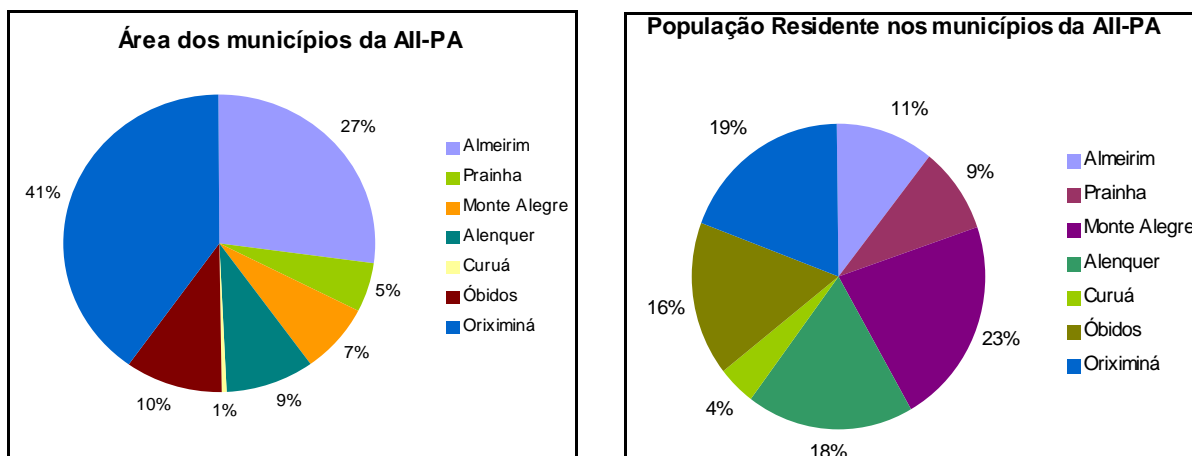
| Nome | UF | Microregião | Mesorregião | Total Atravessado (Km ²) | Área (Km ²) | População | Densidade Demográfica |
|------------------|----|-------------|----------------|--------------------------------------|-------------------------|----------------|-----------------------|
| Oriximiná | PA | Óbidos | Baixo Amazonas | 6,81 | 107.604,40 | 55.175 | 0,5 |
| Óbidos | PA | | | 55,9 | 26.706,00 | 46.793 | 1,8 |
| Curuá | PA | Santarém | | 12,2 | 1.473,60 | 11.928 | 8,1 |
| Alenquer | PA | | | 55,03 | 24.387,60 | 52.661 | 2,2 |
| Monte Alegre | PA | | | 117,26 | 19.977,00 | 61.350 | 3,1 |
| Prainha | PA | | | 34,21 | 13.834,00 | 26.436 | 1,9 |
| Almeirim | PA | Almeirim | | 169,55 | 72.961,40 | 30.903 | 0,4 |
| Laranjal do Jari | AP | Mazagão | Sul do Amapá | 69,15 | 2.482,50 | 37.491 | 15,1 |
| Mazagão | AP | | | 99,59 | 13.130,80 | 13.862 | 1,1 |
| Santana | AP | Macapá | | 30,66 | 1.592,50 | 92.098 | 57,8 |
| Macapá | AP | | | 39,07 | 6.533,10 | 344.153 | 52,7 |
| Total | | | | 689,43 km | 290.682,90 | 772.850 | 2,7 |

Fonte: elaboração própria a partir de dados do BGE, 2007

6.4.3.4.1 - Área de Influência Indireta - Pará

6.4.3.4.1.1 - Concentração e Crescimento Populacional

O conjunto dos sete municípios paraenses analisados responde por 24% da população residente na All, com 285.246 habitantes, mas o conjunto de seus territórios municipais ocupa 92% da área em estudo. Dentre os municípios em estudo nessa região, Oriximiná é que possui a maior área, conforme pode ser observado na Figura 6.4.3-37. Contudo, destaca-se que a LT atravessa apenas 6,81Km do território do município.



Fonte: IBGE, 2007

Figura 6.4.3-37 - Área dos Municípios e População Residente - AII - PA - 2007

A densidade demográfica mais elevada é de 8,1 hab/km², no município de Curuá, cujo território é de apenas 1.473km². O município mais populoso da AII do Pará, Monte Alegre (61.350 habitantes, em 2007), apresenta a segunda maior concentração populacional desta AII - 3,1 hab/km². O município de Oriximiná possui o maior território, ocupando 41% da área em estudo no Estado do Pará, e a densidade demográfica de apenas 0,5 hab/km², conforme pode ser observado no Quadro 6.4.3-17.

Quadro 6.4.3-17 - Área, População Residente e Densidade Demográfica - AII PA

| Municípios e AII | Área (km2) | População residente | Densidade demográfica |
|------------------|------------|---------------------|-----------------------|
| Almeirim | 72.961,40 | 30.903 | 0,4 |
| Prainha | 13.834,00 | 26.436 | 1,9 |
| Monte Alegre | 19.977,00 | 61.350 | 3,1 |
| Alenquer | 24.387,60 | 52.661 | 2,2 |
| Curuá | 1.473,60 | 11.928 | 8,1 |
| Óbidos | 26.706,00 | 46.793 | 1,8 |
| Oriximiná | 107.604,40 | 55.175 | 0,5 |
| All do Pará | 266.944,00 | 285.246 | 1,1 |

Fonte: IBGE, 2007

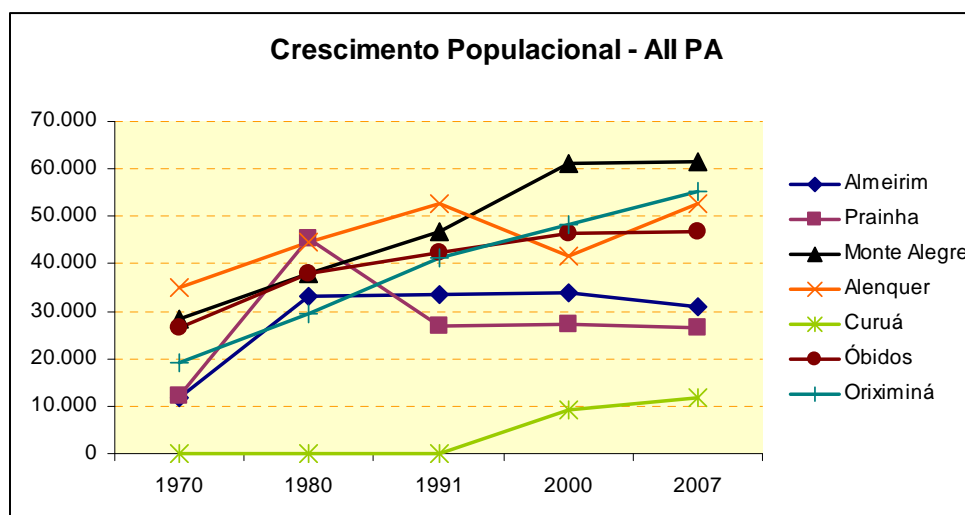
A AII paraense vem apresentando crescimento populacional ininterrupto desde 1970. De 1970 a 2007 a população total da AII dobrou, passando de 133.013 mil habitantes a 285.246 habitantes, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.3-18, a seguir. De 1970 a 1980, houve aumento significativo da população em todos os municípios analisados. A partir da década de 80, são observáveis algumas diferenciações.

Quadro 6.4.3-18 - Evolução da População Residente nos Municípios da All PA - 1970 - 2007

| Municípios e All | Período | | | | |
|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2007 |
| Almeirim | 11.889 | 33.077 | 33.442 | 33.957 | 30.903 |
| Prainha | 12.304 | 45.354 | 26.782 | 27.301 | 26.436 |
| Monte Alegre | 28.379 | 37.904 | 46.951 | 61.334 | 61.350 |
| Alenquer | 35.021 | 44.535 | 52.856 | 41.784 | 52.661 |
| Curuá | - | - | - | 9.224 | 11.928 |
| Óbidos | 26.426 | 38.009 | 42.307 | 46.490 | 46.793 |
| Oriximiná | 18.994 | 29.593 | 41.154 | 48.332 | 55.175 |
| All do Pará | 133.013 | 228.472 | 243.492 | 268.422 | 285.246 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

O município de Almeirim apresentou estagnação da população até o ano de 2000, tendo sido verificada diminuição da população na contagem realizada em 2007. No município de Prainha, após crescimento de quase 300% na década de 70, houve significativa redução verificada pelo Censo de 1991, e, dali em diante, estagnação até 2007. O município de Oriximiná apresentou trajetória populacional ascendente em todo o período analisado, enquanto que, em Óbidos e Monte Alegre, a ascensão verificada até o ano de 2000 não se repetiu entre o último Censo e a Contagem de População 2007. A Figura 6.4.3-38 a seguir ilustra o crescimento populacional dos municípios em estudo no período de 1970 - 2007.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

Figura 6.4.3-38 - Crescimento Populacional dos Municípios da All PA

6.4.3.4.1.2 - Distribuição da População e Situação do Domicílio

Na All Paraense, os domicílios em situação urbana só passaram a ser maioria a partir de 2007, quando, dos 61.663 domicílios existentes no conjunto de municípios paraenses em estudo, 31.590 (51,2%) se encontravam em situação urbana. No ano de 2000, a taxa de urbanização dos domicílios na All Paraense era de 48,7% e, em 1991, de 42,5%.

No entanto, os municípios em estudo apresentam perfis diferenciados quanto à situação dos domicílios. Os municípios de Monte Alegre, Prainha e Curuá apresentaram, em 2007, maioria dos domicílios em situação rural - 59,7%, 70,4% e 55,3%, respectivamente. Destaca-se a trajetória diferenciada do município de Monte Alegre, que sediou projetos de colonização instalados na década de 80. Em Óbidos, os municípios em situação urbana só passaram a predominar em 2007, ainda assim, por estreita diferença (50,4%). Os municípios de Alenquer e Almeirim são os mais urbanizados, com 60% e 63,1% dos domicílios em situação urbana, respectivamente.

Quadro 6.4.3-19 - Domicílios por situação - All do Pará

| Municípios e All | Ano | Situação do domicílio | | | | |
|------------------|------|-----------------------|--------|-----|--------|-----|
| | | Total | Urbana | % | Rural | % |
| Almeirim | 1991 | 5.665 | 2.855 | 50% | 2.810 | 50% |
| | 2000 | 6.774 | 3.954 | 58% | 2.820 | 42% |
| | 2007 | 6.755 | 4.261 | 63% | 2.494 | 37% |
| Prainha | 1991 | 4.053 | 737 | 18% | 3.316 | 82% |
| | 2000 | 4.816 | 1.287 | 27% | 3.529 | 73% |
| | 2007 | 5.496 | 1.623 | 30% | 3.873 | 70% |
| Monte Alegre | 1991 | 8.827 | 3.339 | 38% | 5.488 | 62% |
| | 2000 | 12.742 | 4.675 | 37% | 8.067 | 63% |
| | 2007 | 14.306 | 5.761 | 40% | 8.545 | 60% |
| Alenquer | 1991 | 9.731 | 4.145 | 43% | 5.586 | 57% |
| | 2000 | 8.073 | 5.046 | 63% | 3.027 | 37% |
| | 2007 | 10.808 | 6.483 | 60% | 4.325 | 40% |
| Curuá | 1991 | - | - | - | - | - |
| | 2000 | 1.722 | 590 | 34% | 1.132 | 66% |
| | 2007 | 2.404 | 1.062 | 44% | 1.342 | 56% |
| Óbidos | 1991 | 7.437 | 3.600 | 48% | 3.837 | 52% |
| | 2000 | 9.090 | 4.584 | 50% | 4.506 | 50% |
| | 2007 | 10.268 | 5.361 | 52% | 4.907 | 48% |
| Oriximiná | 1991 | 7.409 | 3.652 | 49% | 3.757 | 51% |
| | 2000 | 9.118 | 5.367 | 59% | 3.751 | 41% |
| | 2007 | 11.626 | 7.039 | 61% | 4.587 | 39% |
| All do Pará | 1991 | 43.122 | 18.328 | 43% | 24.794 | 57% |
| | 2000 | 52.335 | 25.503 | 49% | 26.832 | 51% |
| | 2007 | 61.663 | 31.590 | 51% | 28.513 | 46% |

Fonte: IBGE - Censo e Contagem de População

Com relação à distribuição da população residente na área atravessada pela LT, ela se concentra nas zonas rurais dos municípios atravessados. Em geral, esta população encontra-se distribuída de forma dispersa e reunida em bairros, povoados, localidades e assentamentos rurais. Estima-se que haja cerca de 2.242 famílias residentes em áreas rurais dos municípios paraenses da Área de Influência Direta da LT. Ressalta-se ainda, que existem cerca de 12.000 famílias residentes no distrito de Monte Dourado, município de Almeirim.

O Quadro 6.4.3-20 a seguir apresenta as comunidades encontradas ao longo do traçado da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná. A descrição do uso e ocupação e a dinâmica social das famílias residentes na Área de Influência Direta encontram-se descritas no item 6.4.7 - Dinâmica e Uso do Território.

Quadro 6.4.3-20 - Povoados, Vilas, Comunidades e Assentamentos ao longo do Corredor de 10Km do Traçado da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná - Estado do Pará (Trecho 01-02-03)

| Índice Mapa | Município | Descrição | Nº Famílias | Distancia da Linha | Km da Linha | X | Y |
|-------------|-----------|------------------------------|-------------|--------------------|-------------|---------|-----------|
| Trecho 01 | | | | | | | |
| 1 | Oriximiná | Comunidade de Poção | 05 | 8.576 | - | 638.077 | 9.823.050 |
| 6 | Óbidos | Comunidade de Novo Horizonte | 31 | 210 | 7,84 | 653.380 | 9.820.232 |
| 8 | Óbidos | Repartimento | 25 | 347 | 10,15 | 654.783 | 9.818.320 |
| 9 | Óbidos | Comunidade de Santa Luzia | 20 | 544 | 17,11 | 661.109 | 9.815.336 |
| 11 | Óbidos | Comunidade Chico Mendes | 15 | 40 | 20,92 | 664.122 | 9.812.932 |
| 12 | Óbidos | Comunidade do Cedro | 05 | 1.058 | 22,39 | 664.840 | 9.811.308 |
| 15 | Óbidos | Cipoal - Assentamento | 90 | 1.703 | 29,11 | 671.637 | 9.808.956 |
| 16 | Óbidos | Comunidade do Rio Branco | 40 | 810 | 34,88 | 675.959 | 9.814.286 |
| 18 | Curuá | Comunidade das Pedras | 20 | 318 | 56,89 | 693.943 | 9.826.926 |
| 19 | Curuá | Vila Mamiá | 85 | 390 | 69,33 | 705.448 | 9.828.668 |
| 20 | Curuá | Barreirinhas | 20 | 164 | 72,26 | 708.247 | 9.827.784 |
| 21 | Curuá | Areal | 05 | 240 | 76,93 | 712.800 | 9.826.800 |
| 22 | Curuá | Fé em Deus | - | 276 | 78,92 | 714.743 | 9.826.384 |
| 23 | Curuá | Bate Roupas | 30 | 322 | 83,15 | 718.872 | 9.825.468 |
| 24 | Curuá | Boa Floresta | 45 | 291 | 90,45 | 726.010 | 9.825.784 |
| 25 | Curuá | Bela Vista | 80 | 420 | 92,09 | 727.806 | 9.825.784 |
| 26 | Curuá | Currutela | 105 | 447 | 96,43 | 731.750 | 9.824.000 |
| 27 | Alenquer | Uirapuru | - | 148 | 97,26 | 732.375 | 9.823.384 |
| 28 | Alenquer | Novo Progresso 2 | 30 | 268 | 101,09 | 735.674 | 9.821.408 |
| 29 | Alenquer | Novo Progresso 1 | 20 | 229 | 105,10 | 739.602 | 9.820.426 |
| 31 | Alenquer | Comunidade de Morada Nova | 20 | 2.771 | 109,08 | 742.947 | 9.817.106 |
| 32 | Alenquer | Comunidade do Corrimão | 15 | 746 | 108,93 | 743.235 | 9.819.112 |
| 35 | Alenquer | Bom Princípio | 35 | 84 | 118,37 | 752.468 | 9.817.396 |
| 37 | Alenquer | Camburão | 300 | 147 | 124,26 | 758.071 | 9.815.584 |
| 38 | Alenquer | Boca Nova | 20 | 6.454 | 125,10 | 756.585 | 9.809.106 |
| 40 | Alenquer | Comunidade de Boa Água | - | 262 | 148,16 | 778977 | 9822830 |
| 41 | Alenquer | Comunidade de Santa Helena | - | 445 | 151,60 | 782365 | 9822188 |

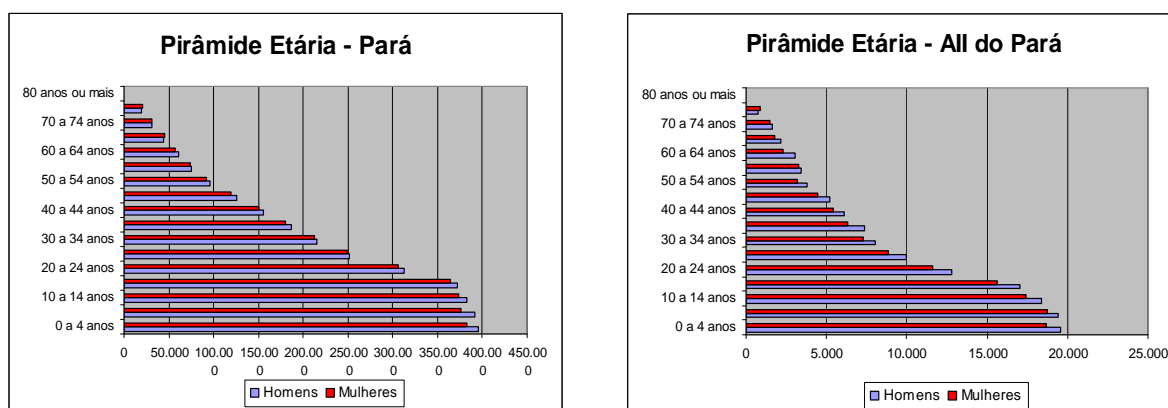
| Índice Mapa | Município | Descrição | Nº Famílias | Distancia da Linha | Km da Linha | X | Y |
|-------------|--------------|--------------------------------------|-------------|--------------------|-------------|---------|-----------|
| Trecho 02 | | | | | | | |
| 44 | Monte Alegre | Três Irmãs | 20 | 135 | 161,52 | 792264 | 9821436 |
| 45 | Monte Alegre | KM 35 | 130 | 1.289 | 172,33 | 802147 | 9825490 |
| 46 | Monte Alegre | KM 28 | - | 605 | 178,44 | 808566 | 9825260 |
| 49 | Monte Alegre | KM 11 | 150 | 505 | 193,94 | 823827 | 9822352 |
| 50 | Monte Alegre | KM 7 | 21 | 549 | 198,59 | 828.446 | 9.821.766 |
| 53 | Monte Alegre | Comunidade do limão | 400 | 76 | 207,98 | 170.150 | 9.821.850 |
| 54 | Monte Alegre | Patauá + Macaca | 15 | 89 | 215,59 | 177.466 | 9.823.780 |
| 55 | Monte Alegre | Comunidade de Água Branca do Paulino | 50 | 2.386 | 216,17 | 177.268 | 9.826.140 |
| 57 | Prainha | KM 13 | 10 | 432 | 221,78 | 183.213 | 9.826.112 |
| 58 | Prainha | KM 15 | 15 | 386 | 225,32 | 186.573 | 9.827.214 |
| 59 | Prainha | Retiro paraíso | 01 | 371 | 226,15 | 187.365 | 9.827.470 |
| 60 | Prainha | Ramal do Dejur | - | 3.848 | 229,66 | 189.557 | 9.831.896 |
| 61 | Prainha | KM 19 | 05 | 338 | 230,36 | 191.462 | 9.828.816 |
| 62 | Prainha | Comunidade de Jatuarana | 91 | 1.258 | 240,55 | 201.842 | 9.828.422 |
| 64 | Prainha | Comunidade de Patuá | 07 | 1.575 | 244,52 | 204.568 | 9.824.374 |
| 65 | Prainha | Comunidade de Majari | 05 | 4.688 | 245,53 | 204.417 | 9.821.106 |
| 68 | Prainha | Porto do Xicaia | - | 9.510 | 307,38 | 267494 | 9809556 |
| 69 | Prainha | Vila de São João no rio Jutai | 40 | 2.902 | 321,97 | 282019 | 9820752 |
| 71 | Almeirim | Livramento do Aramum | 25 | 2.330 | 324,93 | 284568 | 9822344 |
| 72 | Almeirim | Santo Antônio | 10 | 1.842 | 331,36 | 290321 | 9824768 |
| 73 | Almeirim | Tucumanduba | 20 | 1.445 | 334,03 | 292791 | 9825862 |
| 74 | Almeirim | Praia Verde | 40 | 993 | 341,20 | 299366 | 9827836 |
| 76 | Almeirim | Comunidade Fé em Deus | - | 2.745 | 345,26 | 304917 | 9826556 |
| 77 | Almeirim | Comunidade de Botafogo | 31 | 3.803 | 347,86 | 306921 | 9826544 |
| 78 | Almeirim | Comunidade Piníel | 50 | 4.643 | 350,51 | 309693 | 9826704 |
| 79 | Almeirim | Bacabal | - | 4.805 | 353,77 | 312796 | 9827716 |
| 80 | Almeirim | Itanduba | 10 | 836 | 356,12 | 312986 | 9833826 |
| 81 | Almeirim | Comunidade de Bela Vista | 25 | 2.786 | 353,38 | 309725 | 9834668 |
| 82 | Almeirim | Comunidade do Jurutuna | 10 | 6.090 | 350,69 | 306039 | 9836798 |
| 91 | Almeirim | Comunidade de Marauaru | 10 | 9.368 | 354,51 | 308437 | 9841222 |
| 95 | Almeirim | Fazenda Santa Rosa | - | 531 | 358,35 | 315554 | 9833344 |
| 96 | Almeirim | Ilha de Santa Cruz | - | 912 | 358,49 | 315817 | 9833036 |
| 97 | Almeirim | Comunidade do Jaburu | - | 4.529 | 360,68 | 319158 | 9830441 |
| 100 | Almeirim | Comunidade do Guete | 10 | 3.578 | 364,94 | 319.095 | 9.855.486 |

Fonte: pesquisa de campo, novembro de 2008.

6.4.3.4.1.3 - Composição da População por Sexo de Grupos de Idade

Em relação às tendências observadas para a pirâmide etária do Brasil, o Estado do Pará, bem como a All Paraense, apresentam um perfil diferenciado. Pode ser observado um suave estreitamento da base da pirâmide, mas as faixas da pirâmide que correspondem aos grupos de idade até 14 anos de idade continuam se constituindo nas mais largas, acusando lenta diminuição

da taxa de fecundidade. O alargamento do topo da pirâmide, que corresponderia a uma expectativa de vida mais elevada, tampouco parece expressivo. A tendência de diminuição da razão de sexo, especialmente nos grupos de idade de 15 a 34 anos, geralmente atribuída à sobremortalidade masculina por causas externas, tampouco se verifica na pirâmide etária do Estado do Pará. Na All paraense, inclusive, há predominância de habitantes do sexo masculino em todas as faixas etárias até 75 anos de idade.



Fonte: IBGE,2000

Figura 6.4.3-39 - Composição da População por Sexo e grupos de idade - Estado e All PA

No Quadro 6.4.3-6 são apresentados os dados de caracterização da população residente por sexo e grupo de idades para os municípios da All - PA.

Quadro 6.4.3-21 - População residente por sexo e grupos de idade - 2000

| Municípios e All | Sexo | Total | 0 a 4 anos | 5 a 9 anos | 10 a 19 anos | 20 a 29 anos | 30 a 39 anos | 40 a 49 anos | 50 a 59 anos | 60 a 69 anos | 70 a 79 anos | 80 anos ou mais |
|-------------------|----------|---------|------------|------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-----------------|
| Almeirim - PA | Homens | 17.902 | 2.394 | 2.380 | 4.286 | 3.113 | 2.467 | 1688 | 788 | 514 | 217 | - |
| | Mulheres | 16.055 | 2.324 | 2.353 | 4.127 | 2.828 | 1.996 | 1201 | 646 | 317 | 184 | - |
| Prainha - PA | Homens | 14.377 | 2.356 | 2.494 | 3.384 | 2.393 | 1.437 | 1024 | 646 | 434 | 180 | - |
| | Mulheres | 12.924 | 2.223 | 2.435 | 3.115 | 2.119 | 1.319 | 785 | 449 | 306 | 117 | - |
| Alenquer - PA | Homens | 32.121 | 4.381 | 4.384 | 8.176 | 5.271 | 3.414 | 2605 | 1721 | 1250 | 581 | - |
| | Mulheres | 29.213 | 4.186 | 4.216 | 7.377 | 4.543 | 3.040 | 2385 | 1555 | 1102 | 528 | - |
| Monte Alegre - PA | Homens | 21.530 | 3.200 | 3.097 | 5.662 | 3.247 | 2.062 | 1618 | 1103 | 866 | 566 | - |
| | Mulheres | 20.254 | 2.905 | 2.862 | 5.288 | 3.037 | 1.972 | 1620 | 1103 | 797 | 490 | - |
| Curuá - PA | Homens | 4.962 | 736 | 705 | 1.374 | 721 | 505 | 379 | 244 | 171 | 72 | - |
| | Mulheres | 4.262 | 701 | 686 | 1.108 | 562 | 416 | 294 | 210 | 156 | 72 | - |
| Óbidos - PA | Homens | 24.134 | 3.055 | 3.180 | 6.110 | 4.018 | 2.718 | 1872 | 1382 | 1092 | 516 | - |
| | Mulheres | 22.356 | 3.025 | 2.974 | 5.992 | 3.456 | 2.244 | 1790 | 1377 | 739 | 502 | - |
| Oriximiná - PA | Homens | 24.667 | 3.468 | 3.203 | 6.412 | 3.985 | 2.829 | 2086 | 1296 | 882 | 308 | - |
| | Mulheres | 23.665 | 3.331 | 3.253 | 6.079 | 3.912 | 2.643 | 1864 | 1170 | 690 | 522 | - |
| All do Pará | Homens | 139.693 | 19.590 | 19.443 | 35.404 | 22.748 | 15.432 | 11272 | 7180 | 5209 | 2440 | - |
| | Mulheres | 128.729 | 18.695 | 18.779 | 33.086 | 20.457 | 13.630 | 9939 | 6510 | 4107 | 2415 | - |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

6.4.3.4.1.4 - Evolução dos Indicadores Sociais: Esperança de Vida ao Nascer e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Na All do Pará, a Esperança de vida ao nascer apresentou sensível elevação, de 1991 a 2000. Em 1991, o indicador variava de 60,13 anos em Oriximiná a 66,56 anos em Almeirim. No ano de 2000, a Esperança de vida ao nascer era mais baixa em Alenquer - 67,4 anos - e mais elevada em Monte Alegre - 70,9 anos. Em termos relativos, a elevação menos significativa ocorreu no município de Almeirim, que já apresentava este indicador mais elevado em 1991.

Quadro 6.4.3-22 - Esperança de vida ao nascer - 1991/2000

| Municípios da All | Esperança de vida ao nascer - Ano | |
|-------------------|-----------------------------------|--------|
| | 1991 | 2000 |
| Almeirim | 66,561 | 69 |
| Prainha | 61,26 | 65,364 |
| Monte Alegre | 64,833 | 70,921 |
| Alenquer | 60,324 | 67,394 |
| Curuá | 61,26 | 69,429 |
| Óbidos | 62,493 | 69,003 |
| Oriximiná | 60,133 | 69,003 |

Fonte: Ipeadata

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), embora tenha havido elevação em todos os municípios analisados no Estado do Pará de 1991 a 2000, a totalidades destes municípios ainda se classificava como de médio desenvolvimento humano no ano de 2000, variando o IDH de 0,62 no município de Prainha a 0,74 em Almeirim.

Dos indicadores que compõem o IDH, aquele que mede a renda era o mais baixo em todos os municípios paraenses analisados, sendo que, no ano de 2000, os municípios de Prainha e Curuá se classificavam como de baixo desenvolvimento humano quanto ao IDH-Renda. No ano de 2000, o IDH-Longevidade variava de 0,67 no município de Prainha a 0,73 em Almeirim, Óbidos e Oriximiná. O IDH-Educação se constitui na componente mais elevada do IDH nos municípios paraenses em estudo, tendo os municípios de Almeirim, Óbidos e Oriximiná se classificado como de alto desenvolvimento humano no que tange à educação, em 2000.

Quadro 6.4.3-23 - Índice de Desenvolvimento Humano - 1991/2000

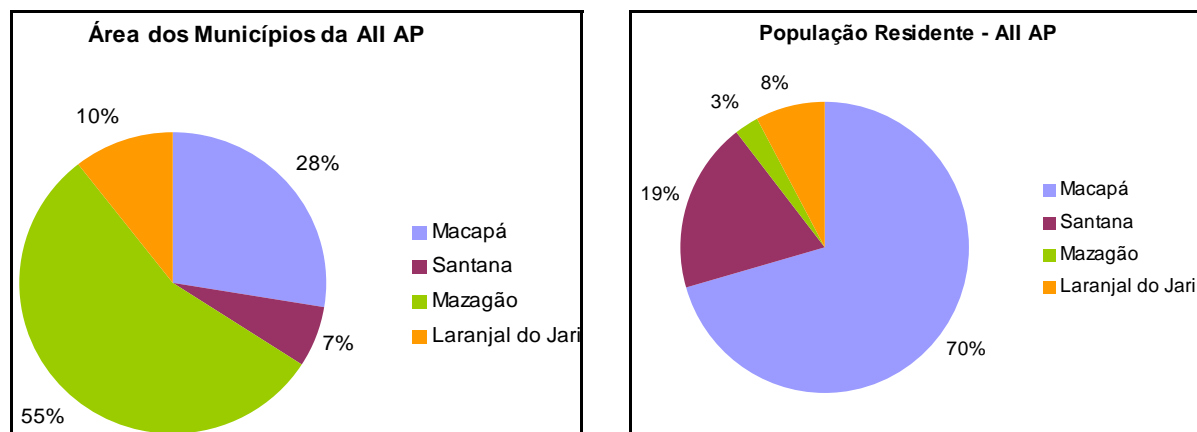
| Municípios da AII | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - renda | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - longevidade | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - educação | |
|-------------------|--|-------|--|-------|--|-------|---|-------|
| | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 |
| Almeirim | 0,662 | 0,745 | 0,61 | 0,695 | 0,693 | 0,733 | 0,682 | 0,807 |
| Prainha | 0,555 | 0,621 | 0,467 | 0,464 | 0,604 | 0,673 | 0,594 | 0,725 |
| Monte Alegre | 0,603 | 0,69 | 0,489 | 0,52 | 0,664 | 0,765 | 0,655 | 0,784 |
| Alenquer | 0,594 | 0,673 | 0,505 | 0,52 | 0,589 | 0,707 | 0,688 | 0,791 |
| Curuá | 0,557 | 0,668 | 0,457 | 0,467 | 0,604 | 0,74 | 0,611 | 0,796 |
| Óbidos | 0,616 | 0,681 | 0,509 | 0,509 | 0,625 | 0,733 | 0,713 | 0,8 |
| Oriximiná | 0,637 | 0,717 | 0,561 | 0,591 | 0,586 | 0,733 | 0,763 | 0,828 |

Fonte: Ipeadata

6.4.3.4.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

6.4.3.4.2.1 - Concentração e Crescimento Populacional

De acordo com a Contagem de População 2007, realizada pelo IBGE, o conjunto de municípios analisados no Estado do Amapá, ocupando apenas 8% da AII (e 16,6% da área do Estado do Amapá), possui 63,1% da população residente na área em estudo - 487.604 habitantes, 70% desta população reside na capital, Macapá, onde há 52,7 habitantes por km², como pode ser observado na Figura 6.4.3-40.



Fonte: IBGE, 2007.

Figura 6.4.3-40 - Área e População Residente nos Municípios da AII - AP - 2007

No entanto, a densidade demográfica mais elevada é apresentada pelo município de Santana (57,8 hab/km²), situado na Região Metropolitana de Macapá e detentor do menor território entre os municípios em estudo no Amapá - 1.592,50 km², como demonstra a Figura 6.4.3-40. O município de Mazagão, que ocupa 55% da área e onde reside apenas 3% da população em estudo no Estado do Amapá, apresenta densidade demográfica de apenas 1,1 hab/km².

Quadro 6.4.3-24 - Área, População e Densidade Demográfica - All AP

| Municípios e All | Área (km ²) | População residente | Densidade demográfica |
|------------------|-------------------------|---------------------|-----------------------|
| Macapá | 6.533,10 | 344.153 | 52,7 |
| Santana | 1.592,50 | 92.098 | 57,8 |
| Mazagão | 13.130,80 | 13.862 | 1,1 |
| Laranjal do Jari | 2.482,50 | 37.491 | 15,1 |
| All do Amapá | 23.738,90 | 487.604 | 20,5 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

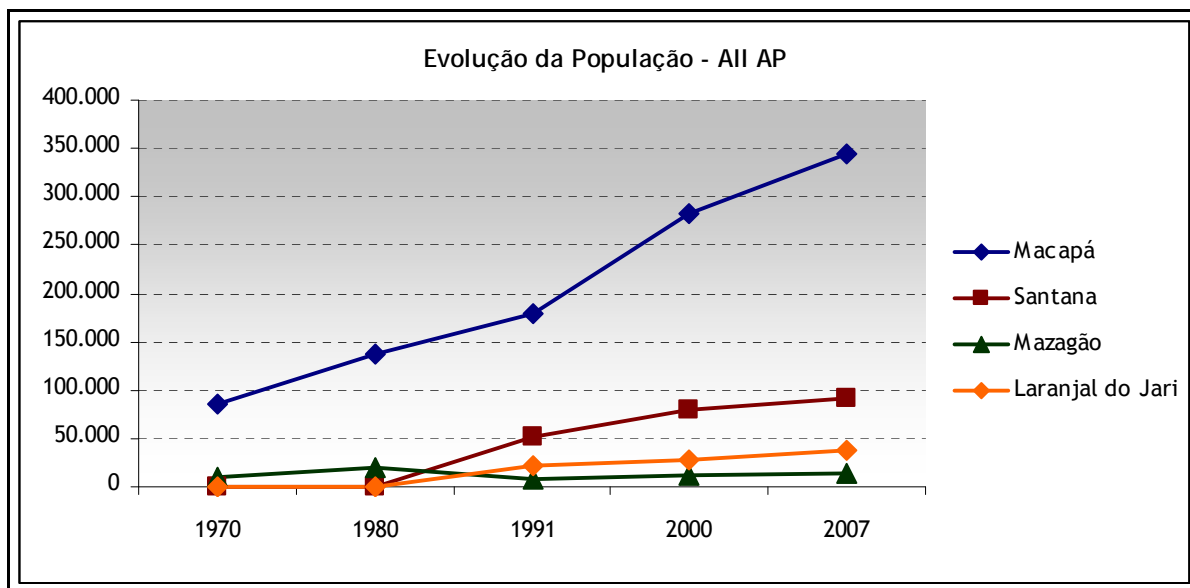
Todos os municípios em estudo do Estado do Amapá apresentaram crescimento populacional no período de 1970 - 2007, a exceção de Mazagão, chegou a ter cerca de 20.000 habitantes na década de noventa, decaindo para cerca 9.000 habitantes no período seguinte.

Quadro 6.4.3-25 - Evolução da População residente na All - Amapá

| Municípios e All | Período | | | | |
|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2007 |
| Macapá | 86.097 | 137.452 | 179.777 | 283.308 | 344.153 |
| Santana | - | - | 51.451 | 80.439 | 92.098 |
| Mazagão | 10.497 | 20.433 | 8.911 | 11.986 | 13.862 |
| Laranjal do Jari | - | - | 21.372 | 28.515 | 37.491 |
| All do Amapá | 96.594 | 157.885 | 261.511 | 404.248 | 487.604 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

Todos os municípios em estudo no Estado do Amapá apresentaram crescimento da população residente, no período compreendido entre o Censo 1991 e a Contagem de População 2007. Em relação a 1991, a população recenseada na All do Amapá no ano de 2000 apresentou crescimento de 54,6%. Do ano de 2000 ao ano de 2007, este crescimento foi de 20,6%. A capital, Macapá, apresentou crescimento levemente mais elevado nos dois períodos - 57,5% de 1991 a 2000 e 21,5% de 2000 a 2007.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

Figura 6.4.3-41 - Evolução da População Residente nos municípios da AII AP

6.4.3.4.2.2 - Distribuição da População e Situação do Domicílio

Para análise da situação urbana ou rural, a abordagem por domicílio permite a comparação com os dados disponíveis para o ano de 2007. De acordo com a Contagem de População (IBGE, 2007), em 2007, existiam 110.058 domicílios no conjunto dos municípios em estudo no Estado do Amapá, 95,5% dos quais classificados como em situação urbana. No ano de 2000, a proporção dos domicílios em situação urbana era de 94,5%, revelando alteração pouco significativa em relação ao panorama de 2007, mas sensível ampliação da proporção dos domicílios em situação urbana em relação àquela referente ao ano de 1991 - 84%. O município de Santana apresenta a maior taxa de urbanização dos domicílios, desde 1991, quando a proporção de domicílios em situação urbana era de 90%, chegando a 98,3% em 2007. O município de Mazagão, ao contrário, apresentou em todo o período a menor taxa de urbanização dos domicílios. Neste município, os domicílios em situação urbana só passaram a ser maioria em 2007 - 55,4%.

Quadro 6.4.3-26 - Distribuição dos Domicílios por situação nos Municípios da All - AP

| Municípios e All | Ano | Situação do domicílio | | | | |
|------------------|------|-----------------------|---------|-----|-------|-----|
| | | Total | Urbana | % | Rural | % |
| Macapá | 1991 | 33.233 | 28.554 | 86% | 4.679 | 14% |
| | 2000 | 60.400 | 58.053 | 96% | 2.347 | 4% |
| | 2007 | 78.938 | 75.914 | 96% | 3.024 | 4% |
| Santana | 1991 | 8.774 | 7.871 | 90% | 903 | 10% |
| | 2000 | 15.794 | 14.934 | 95% | 8 | 0% |
| | 2007 | 19.446 | 19.125 | 98% | 321 | 2% |
| Mazagão | 1991 | 1.450 | 685 | 47% | 765 | 53% |
| | 2000 | 2.215 | 1.089 | 49% | 1.126 | 51% |
| | 2007 | 2.764 | 1.531 | 55% | 1.233 | 45% |
| Laranjal do Jari | 1991 | 4.271 | 2.991 | 70% | 1.280 | 30% |
| | 2000 | 6.100 | 5.786 | 95% | 314 | 5% |
| | 2007 | 8.910 | 8.498 | 95% | 412 | 5% |
| All do Amapá | 1991 | 47.728 | 40.101 | 84% | 7.627 | 16% |
| | 2000 | 84.509 | 79.862 | 95% | 3.795 | 4% |
| | 2007 | 110.058 | 105.068 | 95% | 4.990 | 5% |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico e Contagem de População 2007

Com relação à distribuição da população residente na área atravessada pela LT, ela se concentra nas zonas rurais dos municípios atravessados, com exceção das áreas de expansão urbana dos municípios de Laranjal do Jari e Macapá. Em geral, esta população encontra-se distribuída de forma dispersa e reunida em bairros, povoados, localidades e assentamentos rurais. Estima-se que haja cerca de 7.500 famílias residentes nos municípios amapaenses da Área de Influência Direta da LT. Sendo 6.000 famílias em áreas de periferia urbana em expansão e 1.500 em área rurais.

O Quadro 6.4.3-27 a seguir apresenta as comunidades encontradas ao longo do traçado da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná. A descrição do uso e ocupação e a dinâmica social das famílias residentes na Área de Influência Direta encontram-se descritas no item 6.4.7 - Dinâmica e Uso do Território.

Quadro 6.4.3-27 - Povoados, Vilas, Comunidades e Assentamentos ao longo do Corredor de 10Km do Traçado da LT 230 kV Jurupari - Laranjal - Macapá e LT 500 kV Jurupari - Oriximiná - Estado do Amapá (trechos 04 - 05 - 06)

| Índice Mapa | Município | Localidade | Nº Famílias | Distância da Linha (m) | Km da Linha | X | Y |
|-------------|------------------|---|-------------|------------------------|-------------|---------|------------|
| Trecho 04 | | | | | | | |
| 103-109 | Laranjal do Jari | Área de periferia urbana em expansão de Laranjal do Jari* | 5.000 | Distância média 1.000 | 447,35 | 334.410 | 9.909.210 |
| 110 | Laranjal do Jari | Assentamento Nazaré Mineiro | 160 | 1.399 | 449,14 | 333.727 | 9.909.950 |
| Trecho 05 | | | | | | | |
| 118 | Laranjal do Jari | Ramal do Retiro | 04 | 4.982 | 478,09 | 345.126 | 9.933.568 |
| 119 | Laranjal do Jari | Comunidade do Martins | 27 | 1.274 | 485,08 | 355.680 | 9.936.026 |
| 121 | Laranjal do Jari | Comunidade do Açaizal | 10 | 682 | 492,08 | 362.291 | 9.938.384 |
| 122 | Laranjal do Jari | Ramal da Estação | 02 | 332 | 491,70 | 362.090 | 9.937.908 |
| 124 | Laranjal do Jari | Vila Nova do Água Branca do Cajari | 12 | 1.196 | 497,29 | 368.138 | 9.939.270 |
| 125 | Laranjal do Jari | Povoado da Água Branca do Cajari | 200 | 2.050 | 498,04 | 369.279 | 9.939.300 |
| 127 | Mazagão | Comunidade de São Pedro | 14 | 506 | 514,41 | 380.130 | 9.949.896 |
| 129 | Mazagão | Comunidade de Santa Clara | 70 | 2.072 | 514,69 | 381.540 | 9.947.650 |
| 131 | Mazagão | Comunidade da Sororoca | 17 | 631 | 534,46 | 393.738 | 9.963.366 |
| 133 | Mazagão | Comunidade de Laranjal do Maracá | 20 | 407 | 556,05 | 411.991 | 9.968.554 |
| 135 | Mazagão | Povoado do Assentamento Agroextrativista do Maracá | 250 | 981 | 569,45 | 418.142 | 9.980.024 |
| 136 | Mazagão | Retiro Sempre Com Deus (região de Itaupal) | 01 | 961 | 576,66 | 417.004 | 9.987.402 |
| Trecho 06 | | | | | | | |
| 137 | Mazagão | Comunidade do Braço do Breu | 25 | 603 | 584,96 | 421.493 | 9.994.666 |
| 138 | Mazagão | Comunidade do Rio Preto (Região do Hilário) | 10 | 401 | 590,83 | 424.832 | 9.998.766 |
| 140 | Mazagão | Retiro Cisne Branco (região do Bispo) | 01 | 953 | 600,96 | 429.107 | 10.006.678 |
| 141 | Mazagão | Vila Nova | 15 | 137 | 614,26 | 435.893 | 10.016.677 |
| 142 | Santana | Comunidade Limão I (região de assentamentos rurais) | - | 61 | 623,86 | 444.653 | 10.020.580 |
| 146 | Santana | Comunidade de São Raimundo do Maruanum | 12 | 336 | 644,55 | 463.234 | 10.025.804 |
| 147 | Macapá | Nossa Senhora do Carmo do Maruanum | 140 | 6.595 | 651,20 | 469.696 | 10.019.809 |
| 148 | Macapá | Santa Luzia do Maruanum | 10 | 4.806 | 651,02 | 469.522 | 10.021.599 |
| 149 | Macapá | Comunidade do Torrão do Matapi | 80 | 1.700 | 660,65 | 479.168 | 10.025.671 |
| 151 | Macapá | Campina Grande (quilombo) | - | 1.850 | 666,71 | 484.976 | 10.026.095 |
| 152 | Macapá | Quilombo do Rosa | 15 | 4.850 | 669,02 | 488.744 | 10.025.780 |
| 154 | Macapá | Ilha Redonda (quilombo) | 50 | 6.500 | 683,75 | 483.677 | 10.005.568 |
| 155 | Macapá | Retiro Santo Antonio | 01 | 3.350 | 679,55 | 483.109 | 10.014.140 |
| 156 | Macapá | Curralinho | 30 | 950 | 681,56 | 487.405 | 10.013.741 |
| 157 | Macapá | Loteamento Amazonas | 800 | 1.550 | 683,75 | 486.725 | 10.010.131 |

Fonte: pesquisa de campo, novembro de 2008. * Em Laranjal do Jari, existe um processo de reestruturação da ocupação urbana, que consiste na realocação de famílias das áreas alagadas próximo as margens do rio Jarí. Para as áreas de terra firme.

6.4.3.4.2.3 - Composição da População por Sexo e Grupos de Idade

A Síntese dos Indicadores Sociais 2005, elaborada pelo IBGE, aponta as tendências demográficas observadas no Brasil e nas suas grandes regiões. A análise da composição etária da população brasileira permite observar um estreitamento na base da pirâmide etária, associada à diminuição das taxas de fecundidade e natalidade. No entanto, “a distância que separa a fecundidade das mulheres menos instruídas das Regiões Norte e Nordeste da fecundidade das que possuem alta escolaridade do Sudeste e Sul é de mais de 3 filhos. Mesmo dentro de uma mesma região, as mulheres com até 3 anos de estudo chegam a ter, em média, mais que o dobro do número de filhos das mulheres com 8 anos ou mais de estudo” (IBGE 2006: p. 28).

Outras tendências, verificadas a nível nacional, são o incremento da população idosa acima de 70 anos de idade, ocasionando um alargamento do topo da pirâmide etária, e o declínio da razão de sexos, associada à sobremortalidade masculina, que é o quociente entre as taxas de mortalidade por idade de homens e mulheres e que, geralmente, apresenta seu valor máximo no grupo de 20 a 24 anos de idade. “No caso brasileiro, a incidência da mortalidade masculina, neste intervalo de idade, chega a ser quase 4,1 vezes superior à feminina, em 2004. Nas Unidades da Federação do Amapá, São Paulo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, os homens têm uma probabilidade cinco vezes maior de falecer entre os 20 e 24 anos de idade que as mulheres” (IBGE 2006: p.31-32).

Em relação a estas tendências nacionais, a pirâmide etária do Estado do Amapá, segundo dados do Censo 2000, reflete mais expressivamente a menor razão de sexos nas faixas etárias de 15 a 34 anos. O estreitamento da base da pirâmide ainda é suave, assim como o alargamento do topo em função do aumento da expectativa de vida.

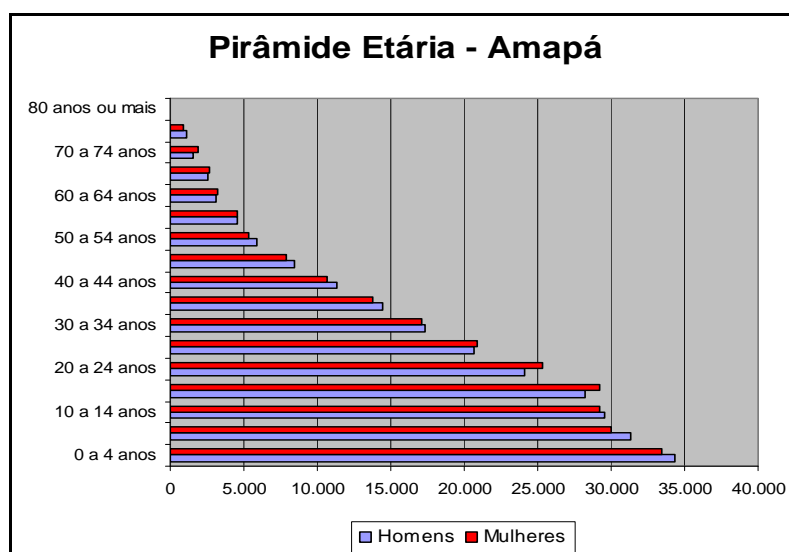


Figura 6.4.3-42 - População Residente por Sexo e Grupos de Idade - Estado AP

Na All do Amapá, a diminuição da razão de sexos, dos 15 aos 34 anos de idade, é ainda mais significativa. No grupo de idade que vai dos 20 aos 24 anos, a população feminina chegava a representar, no conjunto dos municípios em estudo no Estado do Amapá, no ano de 2000, 52,1% da população desta faixa etária. As mulheres se mantêm predominantes, percentualmente, até a faixa que termina aos 34 anos de idade, voltando a predominar a partir dos 55 anos, revelando uma expectativa de vida maior para as mulheres.

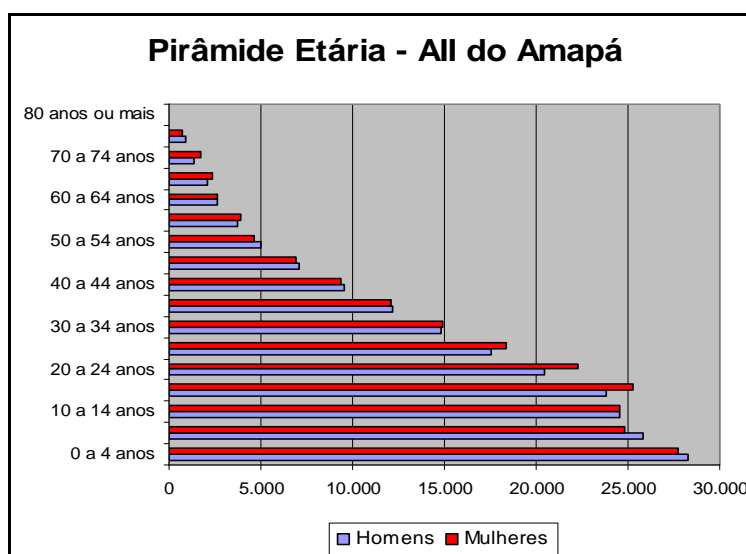


Figura 6.4.3-43 - População Residente por Sexo e Grupos de Idade - All AP

No Quadro 6.4.3-28 a seguir são apresentados os dados de caracterização da população residente por sexo e grupo de idades para os municípios da All -AP.

Quadro 6.4.3-28 - Composição da população por sexo e idade - 2000

| Municípios e All | Sexo | Total | 0 a 4 anos | 5 a 9 anos | 10 a 19 anos | 20 a 29 anos | 30 a 39 anos | 40 a 49 anos | 50 a 59 anos | 60 a 69 anos | 70 a 79 anos | 80 anos ou mais |
|-----------------------|----------|---------|------------|------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-----------------|
| Macapá - AP | Homens | 139.344 | 19.190 | 17.464 | 33.229 | 27.032 | 19.255 | 11.817 | 6.012 | 3.325 | 1469 | - |
| | Mulheres | 143.964 | 18.912 | 16.759 | 34.548 | 29.478 | 19.832 | 11.943 | 6.081 | 3.605 | 1839 | - |
| Santana - AP | Homens | 40.328 | 5.842 | 5.549 | 10.178 | 7.294 | 4.868 | 3.118 | 1.827 | 901 | 497 | - |
| | Mulheres | 40.111 | 5.594 | 5.238 | 10.371 | 7.706 | 4.869 | 2.976 | 1.682 | 1.052 | 418 | - |
| Mazagão - AP | Homens | 6.317 | 1.025 | 952 | 1.621 | 981 | 676 | 432 | 309 | 197 | 108 | - |
| | Mulheres | 5.669 | 1.016 | 884 | 1.464 | 863 | 561 | 367 | 250 | 130 | 99 | - |
| Laranjal do Jari - AP | Homens | 14.694 | 2.237 | 1.873 | 3.305 | 2.739 | 2.158 | 1.282 | 581 | 305 | 162 | - |
| | Mulheres | 13.821 | 2.234 | 1.896 | 3.461 | 2.567 | 1.787 | 994 | 501 | 260 | 88 | - |
| All do Amapá | Homens | 200.683 | 28.294 | 25.838 | 48.333 | 38.046 | 26.957 | 16.649 | 8.729 | 4.728 | 2236 | - |
| | Mulheres | 203.565 | 27.756 | 24.777 | 49.844 | 40.614 | 27.049 | 16.280 | 8.514 | 5.047 | 2444 | - |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.3.4.2.4 - Evolução dos Indicadores Sociais: Esperança de Vida ao Nascer e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Os ganhos sobre a mortalidade e, como conseqüência, os aumentos da expectativa de vida, associam-se à relativa melhoria no acesso da população aos serviços de saúde, às campanhas nacionais de vacinação, aos avanços tecnológicos da medicina, ao aumento do número de atendimentos pré-natais, bem como do acompanhamento clínico do recém-nascido e do incentivo ao aleitamento materno, ao aumento do nível de escolaridade da população, aos investimentos na infra-estrutura de saneamento básico e à percepção dos indivíduos com relação às enfermidades. O aumento da esperança de vida ao nascer em combinação com a queda do nível geral da fecundidade resulta no aumento absoluto e relativo da população idosa. De fato, a esperança média de vida ao nascer no Brasil era, em 2004, de 71,7 anos de idade, ocupando a 82a posição no *ranking* de 192 países analisados pela Organização das Nações Unidas. A vida média ao nascer, entre 1991 e 2004, incrementou-se em 4,7 anos, com as mulheres em situação bem mais favorável que a dos homens (70,9 para 75,5 anos, no caso das mulheres, e 63,2 para 67,9 anos, para os homens).

Na All do Estado do Amapá, no ano de 2000, a expectativa de vida ainda se situava abaixo dos 69 anos, variando de 67,89 em Macapá a 68,67 nos demais municípios. Nos municípios de Macapá e Mazagão, o aumento deste indicador foi pouco expressivo em relação ao ano de 1991. Os municípios de Santana e Laranjal do Jari, que apresentavam expectativa de vida de 63 e 64 anos, respectivamente, em 1991, equipararam-se aos outros dois municípios da All no ano de 2000, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.3-29, a seguir.

Quadro 6.4.3-29 - Indicadores Sociais - Esperança de vida ao nascer - 1991/2000

| Municípios da All | Esperança de vida ao nascer - Ano | |
|-------------------|-----------------------------------|--------|
| | 1991 | 2000 |
| Macapá | 66,39 | 67,89 |
| Santana | 63,003 | 68,677 |
| Mazagão | 67,068 | 68,677 |
| Laranjal do Jari | 64,064 | 68,677 |

Fonte: Ipeadata

O Índice de Desenvolvimento Humano foi criado pela ONU no início da década de 90 e trouxe uma inovação ao introduzir, em sua concepção, além da variável econômica (renda), tradicionalmente utilizada nas comparações do grau de desenvolvimento entre países, outras variáveis que visam captar aspectos das condições de vida da população. Ainda que tenham

ocorrido algumas alterações em sua metodologia de cálculo, o IDH tem mantido a sua concepção básica ao longo dos anos, sendo composto de três índices, aos quais são atribuídos pesos iguais: longevidade (esperança de vida ao nascer), educação (número médio de anos de estudo e taxa de analfabetismo) e renda (renda familiar *per capita* média ajustada). O IDH varia entre 0 e 1 e classifica países, estados e municípios segundo três níveis de desenvolvimento humano: baixo desenvolvimento humano (IDH até 0,5); médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8) e alto desenvolvimento humano (IDH acima de 0,8).

Em 2000, de acordo com a lista dos 175 países avaliados pela ONU, no que se refere ao IDH, o Brasil ficou com a 65ª posição, com um IDH de 0,757. Em 2004, o Brasil se classificou em 72º lugar, com índice 0,775, entre 177 países. O IBGE constatou que, entre os anos de 1991 e 2000, ocorreu uma melhoria dos índices em 83% das 5.507 cidades existentes no País, sendo que o subíndice de educação cresceu 25%, enquanto o subíndice de longevidade apresentou aumento de 12% e o subíndice de renda cresceu 11%.

Na AII do Amapá, de 1991 a 2000, todos os municípios em estudo se classificam como de médio desenvolvimento humano. Neste período, houve melhoria de todos os indicadores que compõem o IDH (renda, longevidade e educação) em todos os municípios, sendo que, no ano de 2000, à exceção do município de Mazagão, todos os municípios em estudo no Estado do Amapá se classificaram como de alto desenvolvimento humano no que tange à educação.

Quadro 6.4.3-30 - Índice de Desenvolvimento Humano - AII AP

| Municípios da AII | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - renda | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - longevidade | | Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - educação | |
|-------------------|--|-------|--|-------|--|-------|---|-------|
| | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 |
| Macapá | 0,73 | 0,772 | 0,683 | 0,697 | 0,69 | 0,715 | 0,817 | 0,904 |
| Santana | 0,651 | 0,742 | 0,601 | 0,622 | 0,633 | 0,728 | 0,72 | 0,875 |
| Mazagão | 0,572 | 0,659 | 0,503 | 0,519 | 0,701 | 0,728 | 0,511 | 0,73 |
| Laranjal do Jari | 0,635 | 0,732 | 0,624 | 0,617 | 0,651 | 0,728 | 0,63 | 0,852 |

Fonte: Ipeadata

6.4.4 - Organização Social, Serviços Públicos e Vulnerabilidades

Para se dimensionar melhor a realidade socioeconômica de uma determinada sociedade, é de fundamental importância conhecer seus padrões de vida, avaliando sua qualidade.

Dentre outras observações, deve-se verificar se os serviços e a infra-estrutura em geral oferecidos a um grupo social satisfazem suas necessidades físicas, sociais e psicológicas, permitindo um sentimento de satisfação, segurança e conforto. As condições materiais de vida podem afetar a percepção do indivíduo, seus sentimentos e comportamentos relacionados com o seu dia-a-dia, incluindo sua condição de saúde física e mental.

Sendo assim, serão analisadas, neste capítulo, as condições infra-estruturais dos municípios que compõem a Área de Influência Indireta do Empreendimento, através de estudos sobre aspectos básicos e primordiais para a vida dos indivíduos, logo, da sociedade, tais como saneamento básico, saúde e educação.

6.4.4.1 - Saneamento Básico

O saneamento básico é um importante indicador das condições de vida, uma vez que interfere diretamente nas condições de saúde e na qualidade de vida da população. Os indicadores de saneamento básico são os serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo.

A Organização Mundial de Saúde - OMS - define o saneamento como o controle de todos os fatores do meio físico do homem que exercem, ou podem exercer, efeitos nocivos sobre a saúde. Nesta definição, estão incluídas as medidas que visam a prevenir e controlar doenças, sejam elas transmissíveis ou não. A OMS apurou, recentemente, que 65% dos leitos dos hospitais do país são ocupados por pacientes com problemas de saúde relacionados à falta de saneamento.

De acordo com os dados do IBGE/PNAD, em 2003, 17% dos domicílios brasileiros não eram atendidos por serviço de rede geral de distribuição de água e 52% dos domicílios brasileiros não eram atendidos por serviço de coleta de esgoto sanitário, sendo estes, em sua grande maioria, localizados em áreas rurais. De posse desses dados, o governo Federal vem implementando o Programa Saneamento Básico, através do Ministério da Saúde, da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA e de convênios com as Prefeituras municipais para obras de saneamento básico, como medida de prevenção e controle de doenças e agravos, com destaque para a redução da mortalidade infantil. Além da melhoria dos serviços de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário e gestão de resíduos sólidos urbanos, o programa visa a melhoria no manejo dos sistemas de drenagem urbana para áreas endêmicas de malária, melhoria habitacional para controle da doença de Chagas, melhorias sanitárias domiciliares e ações de saneamento em comunidades indígenas e quilombolas.

De acordo com a FUNASA (2006), a utilização de água potável é vista como o fornecimento de alimento seguro à população. O sistema de esgoto promove a interrupção da “cadeia de contaminação humana”. A melhoria da gestão dos resíduos sólidos reduz o impacto ambiental e elimina ou dificulta a proliferação de vetores. A drenagem urbana tem sido utilizada para eliminação da malária humana.

Na área em estudo, a situação do abastecimento de água revela-se insuficiente. Em 2000, apenas 51% dos domicílios recebiam água da rede geral e possuíam-na canalizada em pelo menos um cômodo. A situação de abastecimento de água pela rede geral é melhor, proporcionalmente, em municípios maiores como Laranjal do Jari, Almeirim e Oriximiná. Ao contrário, em municípios como Mazagão, Monte Alegre, Alenquer e Curuá, a precariedade do sistema de abastecimento é preocupante. No município de Monte Alegre, no Pará - o mais populoso da All- PA, apenas 31% dos domicílios são abastecidos por rede geral. Ou seja, há 8.789 domicílios, neste município, que não recebem água tratada, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.4-1. O mesmo observa-se em Macapá, onde 52% dos domicílios recebiam água tratada. Destaca-se que água de boa qualidade para o consumo humano e seu fornecimento contínuo asseguram a redução e controle de: diarreias, cólera, dengue, febre amarela, tracoma, hepatites, conjuntivites, poliomielite, escabioses, leptospirose, febre tifóide, esquistossomose e malária (FUNASA, 2008).

Para analisar a infra-estrutura de saneamento na área em estudo, optou-se por observar o perfil do conjunto de domicílios de cada All mesorregional.

6.4.4.1.1 - Área de Influência Indireta - Pará

6.4.4.1.1.1 - Abastecimento de Água

Considerando-se o conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará, o percentual de domicílios atendidos por rede geral de água, no ano de 2000, chegava a 46,7%, havendo ainda 32,9% dos domicílios abastecidos por poço ou nascente e 20,4% de “outra forma”. No entanto, os municípios tomados um a um apresentavam diferenciações significativas.

O município de Almeirim se destacava pela maior abrangência da rede de abastecimento de água, que chegava a 67,5% dos domicílios. O segundo colocado era o município de Oriximiná, com 62,5% dos domicílios atendidos por rede geral.

O município de Monte Alegre, que concentra o maior percentual de domicílios da All do Pará - 24,3%, ou 12.742 domicílios, em 2000 - ao contrário, merece destaque negativo quanto ao

abastecimento de água, pois mais da metade dos domicílios (52,2%) se abasteciam de água por meio de poço ou nascente. A situação também era preocupante no município de Óbidos, que apresentava o maior percentual de domicílios que captavam água de “outra forma” - 30,6%, ou 2.777 domicílios.

Quadro 6.4.4-1 - Domicílios particulares permanentes por abastecimento de água por município da All PA - 2000

| Municípios e All | Total | Rede geral | (%) | Poço ou nascente (na propriedade) | (%) | Outra forma | (%) |
|------------------|--------|------------|------|-----------------------------------|------|-------------|------|
| Almeirim | 6.774 | 4.574 | 67,5 | 1.223 | 18,1 | 977 | 14,4 |
| Prainha | 4.816 | 1.948 | 40,4 | 2.315 | 48,1 | 553 | 11,5 |
| Monte Alegre | 12.742 | 3.953 | 31,0 | 6.652 | 52,2 | 2.137 | 16,8 |
| Alenquer | 8.073 | 2.795 | 34,6 | 3.399 | 42,1 | 1.879 | 23,3 |
| Curuá | 1.722 | 608 | 35,3 | 559 | 32,5 | 555 | 32,2 |
| Óbidos | 9.090 | 4.847 | 53,3 | 1.466 | 16,1 | 2.777 | 30,6 |
| Oriximiná | 9.118 | 5.699 | 62,5 | 1.625 | 17,8 | 1.794 | 19,7 |
| All PA | 52.335 | 24.424 | 46,7 | 17.239 | 32,9 | 10.672 | 20,4 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.1.2 - Esgotamento Sanitário

A situação do esgotamento sanitário, no ano de 2000, era bastante precária em toda a área em estudo no Estado do Pará. Os domicílios que tinham seu esgoto coletado por rede geral de esgoto e pluvial representavam apenas 2,1% de todos os domicílios da All paraense. O município de Oriximiná dispunha da maior rede geral de esgoto, que atendia 775 domicílios (apenas 4,6% do total de domicílios do município). Em Almeirim, em termos relativos, a rede geral de esgoto ou pluvial apresentava a maior cobertura - 8,5% dos domicílios do município (311 domicílios).

Em uma mesorregião predominantemente rural, como o Baixo Amazonas, é natural que a rede geral não seja a forma predominante de coletar esgotos domiciliares. A fossa séptica também é considerada uma forma adequada para este fim. No entanto, na All do Pará, no ano de 2000, apenas 16,5% dos domicílios particulares permanentes se encontravam equipados com fossas sépticas. A maior parte deles (2.920 domicílios) se situava em Almeirim, onde representavam 43,1% dos domicílios do município. O outro município que se situava acima da média da All em equipamento dos domicílios por fossa séptica era Alenquer, com 21,2% dos domicílios (ou 1711 domicílios com fossas sépticas).

Embora o município de Monte Alegre apresentasse 1.808 domicílios equipados com fossa séptica, no ano de 2000, era o município da All paraense cuja situação sanitária se situava entre as mais

preocupantes. Dos 9,3% domicílios da AII do Pará que não dispunham de banheiro ou sanitário, no ano de 2000, 1.788 se situavam em Monte Alegre, onde representavam 14% dos domicílios do município. Em Monte Alegre, 8.967 domicílios tinham seus esgotos coletados por fossa rudimentar - 70,4% dos domicílios do município (mesmo percentual apresentado por Alenquer), enquanto 8,6% despejavam seus esgotos na vala. No município de Prainha, onde a maior parte dos domicílios despejavam seus esgotos em fossas rudimentares (58,8%), era elevado o percentual de domicílios sem banheiro ou sanitário - 12,6%. Em Curuá e em Óbidos, era elevado o percentual de domicílios que utilizavam para este fim a vala - 33,6% e 24,7%, respectivamente.

Quadro 6.4.4-2 - Domicílios particulares permanentes por tipo de esgotamento sanitário por município da AII PA - 2000

| Municípios e AII | Total | Rede geral de esgoto ou pluvial | Fossa séptica | Fossa rudimentar | Vala | Rio, lago ou mar | Não tinham banheiro nem sanitário | Outro escoadouro |
|---------------------------|--------|---------------------------------|---------------|------------------|-------|------------------|-----------------------------------|------------------|
| Número de Unidades | | | | | | | | |
| Almeirim | 6.774 | 311 | 2.920 | 2.109 | 317 | 183 | 825 | 109 |
| Prainha | 4.816 | 3 | 247 | 2.834 | 690 | 404 | 606 | 32 |
| Monte Alegre | 12.742 | 18 | 1.808 | 8.967 | 143 | 8 | 1.788 | 10 |
| Alenquer | 8.073 | 1 | 1.711 | 5.681 | 139 | 4 | 525 | 12 |
| Curuá | 1.722 | - | 4 | 977 | 579 | 1 | 158 | 3 |
| Óbidos | 9.090 | 12 | 516 | 5.652 | 2.241 | 32 | 596 | 41 |
| Oriximiná | 9.118 | 775 | 1.406 | 6.149 | 374 | 4 | 365 | 45 |
| AII PA | 52.335 | 1.120 | 8.612 | 32.369 | 4.483 | 636 | 4.863 | 252 |
| Percentual | | | | | | | | |
| Almeirim | 100 | 4,6 | 43,1 | 31,1 | 4,7 | 2,7 | 12,2 | 1,6 |
| Prainha | 100 | 0,1 | 5,1 | 58,8 | 14,3 | 8,4 | 12,6 | 0,7 |
| Monte Alegre | 100 | 0,1 | 14,2 | 70,4 | 1,1 | 0,1 | 14 | 0,1 |
| Alenquer | 100 | 0 | 21,2 | 70,4 | 1,7 | 0 | 6,5 | 0,1 |
| Curuá | 100 | | 0,2 | 56,7 | 33,6 | 0,1 | 9,2 | 0,2 |
| Óbidos | 100 | 0,1 | 5,7 | 62,2 | 24,7 | 0,4 | 6,6 | 0,3 |
| Oriximiná | 100 | 8,5 | 15,4 | 67,4 | 4,1 | 0 | 4 | 0,6 |
| AII PA | 100 | 2,1 | 16,5 | 61,8 | 8,6 | 1,2 | 9,3 | 0,5 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.1.3 - Destino do Lixo

No conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará, no ano de 2000, na maior parte dos domicílios (53,4%), o lixo era queimado na propriedade. O serviço de coleta de lixo atendia 31,

9% dos domicílios e era preocupante o percentual de domicílios onde o lixo era jogado em terreno baldio - 8,9%.

Em termos relativos, a maior cobertura do serviço de coleta de lixo era apresentada pelo município de Almeirim - 60,5%. Em termos absolutos, era superado pelos municípios de Oriximiná, com 4.619 domicílios atendidos (50,7% do total de domicílios do município), e Monte Alegre, com 4.270 domicílios atendidos (33,5% do total do município).

No ano de 2000, a queima do lixo na propriedade era prática predominante em todos os municípios da All do Pará, exceto Almeirim. Os maiores percentuais de domicílios que queimavam o lixo eram apresentados por Curuá (84,2%), Alenquer (70,8%) e Prainha (68,5%). Em termos absolutos, predominava Monte Alegre, com 6.867 domicílios efetuando a queima do lixo na propriedade. O município de Monte Alegre apresentava, também, o maior número de domicílios que jogavam o lixo em terreno baldio ou logradouro - 1.173, ou 9,2% dos domicílios do município.

Quadro 6.4.4-3 - Domicílios particulares permanentes por destino do lixo por município da All PA - 2000

| Municípios e All | Total | Coletado | Queimado (na propriedade) | Enterrado (na propriedade) | Jogado em terreno baldio ou logradouro | Jogado em rio, lago ou mar | Outro destino |
|---------------------------|--------|----------|---------------------------------|----------------------------------|---|-------------------------------------|------------------|
| Número de Unidades | | | | | | | |
| Almeirim | 6.774 | 4.095 | 1.365 | 75 | 535 | 656 | 48 |
| Prainha | 4.816 | 298 | 3.300 | 340 | 369 | 498 | 11 |
| Monte Alegre | 12.742 | 4.270 | 6.867 | 211 | 1.173 | 52 | 169 |
| Alenquer | 8.073 | 1.320 | 5.713 | 138 | 748 | 33 | 121 |
| Curuá | 1.722 | 18 | 1.450 | 33 | 188 | 22 | 11 |
| Óbidos | 9.090 | 2.097 | 5.909 | 167 | 824 | 68 | 25 |
| Oriximiná | 9.118 | 4.619 | 3.366 | 208 | 846 | 69 | 10 |
| All PA | 52.335 | 16.717 | 27.970 | 1.172 | 4.683 | 1.398 | 395 |
| Percentual | | | | | | | |
| Almeirim | 100 | 60,5 | 20,2 | 1,1 | 7,9 | 9,7 | 0,7 |
| Prainha | 100 | 6,2 | 68,5 | 7,1 | 7,7 | 10,3 | 0,2 |
| Monte Alegre | 100 | 33,5 | 53,9 | 1,7 | 9,2 | 0,4 | 1,3 |
| Alenquer | 100 | 16,4 | 70,8 | 1,7 | 9,3 | 0,4 | 1,5 |
| Curuá | 100 | 1 | 84,2 | 1,9 | 10,9 | 1,3 | 0,6 |
| Óbidos | 100 | 23,1 | 65 | 1,8 | 9,1 | 0,7 | 0,3 |
| Oriximiná | 100 | 50,7 | 36,9 | 2,3 | 9,3 | 0,8 | 0,1 |
| All PA | 100 | 31,9 | 53,4 | 2,2 | 8,9 | 2,7 | 0,8 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.1.4 - Saneamento Ambiental

A pesquisa sobre meio ambiente, no âmbito do Perfil dos Municípios Brasileiros, realizado pelo IBGE, junto às prefeituras municipais, indica a presença ou não de alterações ambientais relevantes que afetam as condições de vida.

Na All do Pará, no ano de 2002, não foram registradas alterações ambientais relevantes nos municípios de Prainha e Curuá. Em Monte Alegre, a única alteração ambiental relevante mencionada é o deslizamento de encosta. No município de Alenquer, a população convive com a contaminação de nascentes, doença endêmica e poluição do ar.

Em Oriximiná, há contaminação de rios, baías, etc e deslizamentos de encostas. A população enfrenta, ainda, a presença de lixão, de vetor e doença endêmica.

Os municípios de Almeirim e Óbidos apresentam, em comum, problemas de redução do estoque pesqueiro e queimadas. Em Óbidos, ocorre, também, a contaminação de rios e baías e deslizamentos de encostas. O município de Almeirim é aquele que apresenta o maior número de alterações ambientais relevantes em toda a All paraense, ocorrendo, além dos problemas já mencionados, desmatamento, presença de lixão e poluição do ar.

Quadro 6.4.4-4 - Alterações ambientais relevantes que afetam as condições de vida da População Residente - All do Pará - 2002

| Alterações Ambientais | Municípios | | | | | | |
|--|------------|---------|----------|--------------|-------|--------|-----------|
| | Almeirim | Prainha | Alenquer | Monte Alegre | Curuá | Óbidos | Oriximiná |
| Contaminação de nascente | Não | Não | Sim | Não | Não | Não | Não |
| Contaminação de rio, baía, etc. | Não | Não | Não | Não | Não | Sim | Sim |
| Contaminação de recurso solo | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Deslizamento de encosta | Não | Não | Não | Sim | Não | Sim | Sim |
| Desmatamento | Sim | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Escassez de água | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Inundação | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Doença endêmica | Não | Não | Sim | Não | Não | Não | Sim |
| Ocupação desordenada do território | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Poluição do ar | Sim | Não | Sim | Não | Não | Não | Não |
| Poluição sonora | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Presença de lixão | Sim | Não | Não | Não | Não | Não | Sim |
| Presença de vetor | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Sim |
| Esgoto céu aberto | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Queimadas | Sim | Não | Não | Não | Não | Sim | Não |
| Redução do estoque pesqueiro | Sim | Não | Não | Não | Não | Sim | Não |
| Tráfego pesado área urbana | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |
| Outras alterações ambientais relevantes nos últimos 2 anos | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não |

Fonte: Perfil dos Municípios Brasileiros - IBGE

6.4.4.1.1.5 - Serviços de Energia e Telecomunicação

Na All paraense, o percentual de moradores de domicílios equipados com energia elétrica, no ano de 2000, era reduzido variando de 35,3% em Curuá a 78,2% em Almeirim. O serviço de telefonia fixa era ainda mais precário, com o percentual de moradores que dispunham deste serviço variando de 0,8% em Curuá a 19,3% em Oriximiná. Não foi registrada a presença de domicílios subnormais nos municípios em estudo no Estado do Pará.

Quadro 6.4.4-5 - Pessoas em domicílios com energia elétrica, telefone e domicílios subnormais nos municípios da All do Pará - 2000

| Municípios da All | Número de Domicílios particulares permanentes | Domicílios - com energia elétrica - pessoas - (%) | Domicílios - com telefone - pessoas - (%) | Domicílios - subnormais - pessoas - (%) |
|-------------------|---|---|---|---|
| Almeirim | 6774 | 78,2 | 17,8 | 0 |
| Praíha | 4816 | 43,2 | 1,2 | 0 |
| Monte Alegre | 12742 | 49,7 | 5,3 | 0 |
| Alenquer | 8073 | 63,8 | 8,0 | 0 |
| Curuá | 1722 | 35,3 | 0,8 | 0 |
| Óbidos | 9090 | 63,7 | 10,4 | 0 |
| Oriximiná | 9118 | 74,2 | 19,3 | 0 |

Fonte: Ipeadata

6.4.4.1.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

6.4.4.1.2.1 - Abastecimento de Água

Na All do Amapá, no ano de 2000, a rede geral de água abastecia 53,3% do total de domicílios, enquanto 38,8% deles captavam água de poço ou nascente e 7,8% captavam água de “outra forma”.

Ao contrário do que era de se esperar, considerando-se a presença da capital, Macapá, na área em estudo, a maior cobertura da rede geral de água, no ano de 2000, em termos relativos, era apresentada pelo município de Laranjal do Jari, onde 80,2% dos domicílios eram abastecidos de água desta forma. Na capital, que concentrava, em 2000, 77,2% dos domicílios da área em estudo no Estado do Amapá, a cobertura do abastecimento de água por rede geral atendia 52,1% dos domicílios, enquanto 41% dos domicílios captavam água de poço ou nascente e 6,9% o faziam de outra forma. Assim, Macapá “puxa” a média da All para baixo quando se trata de abastecimento de água, uma vez que apenas o município de Mazagão, o menos populoso, apresentava percentual mais elevado de domicílios que se abasteciam por poço ou nascente - 57,1%.

Quadro 6.4.4-6 - Domicílios particulares permanentes por abastecimento de água por município da AII AP - 2000

| Municípios e AII | Total | Rede Geral | (%) | Poço ou nascente (na propriedade) | (%) | Outra forma | (%) |
|------------------|---------|------------|------|-----------------------------------|------|-------------|------|
| Laranjal do Jari | 6.100 | 4.893 | 81,7 | 395 | 6,5 | 812 | 13,3 |
| Mazagão | 2.215 | 306 | 13,8 | 1.265 | 57,1 | 644 | 29,1 |
| Santana | 15.794 | 8.681 | 55,0 | 5.942 | 37,6 | 1.171 | 7,4 |
| Macapá | 81.855 | 42.635 | 52,1 | 33.533 | 41,0 | 5.687 | 6,9 |
| AII AP | 105.964 | 56.515 | 53,3 | 41.135 | 38,8 | 8.314 | 7,8 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.2.2 - Esgotamento Sanitário

A situação do esgotamento sanitário se apresentava bastante precária na área em estudo no Estado do Amapá, no ano de 2000. A maior parte dos domicílios, em todos os municípios analisados (exceto Laranjal do Jari), tinham seus esgotos coletados por fossas rudimentares. Em Laranjal do Jari, a situação era ainda mais preocupante, uma vez que a maior parte dos domicílios despejava seus esgotos em rio, lago ou mar (47,6%), enquanto 38,6% o faziam em fossas rudimentares.

A rede geral de esgoto ou pluvial atendia, em 2000, apenas 6,5% dos domicílios da AII amapaense. A capital Macapá apresentava a maior rede de esgoto, atendendo 4.934 domicílios, que representavam apenas 8,2% do total de domicílios do município. O número de domicílios que não dispunham de banheiro ou sanitário era elevado em Macapá - 3.341 domicílios, ou 5,5% do total de domicílios da capital. Em termos relativos, o município de Mazagão apresentava o maior percentual de domicílios nesta situação - 11,9%, seguido de Laranjal do Jari, com 7,9%.

Quadro 6.4.4-7 - Domicílios particulares permanentes por tipo de esgotamento sanitário por município da AII AP - 2000

| Municípios e AII | Total | Rede geral de esgoto ou pluvial | Fossa séptica | Fossa rudimentar | Vala | Rio, lago ou mar | Outro escoadouro | Não tinham banheiro nem sanitário |
|------------------|--------|---------------------------------|---------------|------------------|-------|------------------|------------------|-----------------------------------|
| Unidades | | | | | | | | |
| Laranjal do Jari | 6.100 | 6 | 51 | 2.356 | 126 | 2.905 | 172 | 484 |
| Mazagão | 2.215 | 86 | 217 | 1.248 | 30 | 266 | 105 | 263 |
| Santana | 15.794 | 460 | 2.742 | 8.064 | 1.159 | 2.140 | 533 | 696 |
| Macapá | 60.400 | 4.934 | 14.344 | 26.979 | 1.874 | 7.617 | 1.311 | 3.341 |
| AII AP | 84.509 | 5.486 | 17.354 | 38.647 | 3.189 | 12.928 | 2.121 | 4.784 |

| Municípios e All | Total | Rede geral de esgoto ou pluvial | Fossa séptica | Fossa rudimentar | Vala | Rio, lago ou mar | Outro escoadouro | Não tinham banheiro nem sanitário |
|------------------|-------|---------------------------------|---------------|------------------|------|------------------|------------------|-----------------------------------|
| Percentual | | | | | | | | |
| Laranjal do Jari | 100 | 0,1 | 0,8 | 38,6 | 2,1 | 47,6 | 2,8 | 7,9 |
| Mazagão | 100 | 3,9 | 9,8 | 56,3 | 1,4 | 12 | 4,7 | 11,9 |
| Santana | 100 | 2,9 | 17,4 | 51,1 | 7,3 | 13,5 | 3,4 | 4,4 |
| Macapá | 100 | 8,2 | 23,7 | 44,7 | 3,1 | 12,6 | 2,2 | 5,5 |
| All AP | 100 | 6,5 | 20,5 | 45,7 | 3,8 | 15,3 | 2,5 | 5,7 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.2.3 - Destino do Lixo

O destino do lixo é a única componente dos indicadores de saneamento básico na qual a capital, Macapá, e o município de Santana, integrante da sua Região Metropolitana, no ano de 2000, se destacavam dos demais municípios que compõem a All amapaense, “puxando” a média da All para cima. Assim sendo, cabe analisar os municípios um a um, pois os números referentes ao conjunto da All não expressam suas realidades específicas.

Em Macapá e em Santana, a cobertura do serviço de coleta de lixo, em 2000, atingia 80,7% e 79,2% dos domicílios, respectivamente. Na capital, em 10% dos domicílios, o lixo ainda era queimado na propriedade no ano de 2000.

Quanto ao destino do lixo, a situação mais precária era apresentada por Laranjal do Jari, onde, embora o serviço de coleta de lixo chegasse a atingir 37,9% dos domicílios (bastante acima do vizinho Mazagão, onde este serviço atendia somente 18,8% dos domicílios), em 41,6% dos domicílios, o lixo era jogado em rios, lagos ou no mar. Em Mazagão, predominava a queima do lixo na propriedade - 47,9% dos domicílios.

Quadro 6.4.4-8 - Domicílios particulares permanentes por destino do lixo por município da All AP - 2000

| Municípios e All | Coletado | Queimado (na propriedade) | Enterrado (na propriedade) | Jogado em terreno baldio ou logradouro | Jogado em rio, lago ou mar |
|------------------|----------|---------------------------|----------------------------|--|----------------------------|
| Unidades | | | | | |
| Laranjal do Jari | 2.312 | 752 | 40 | 428 | 2.538 |
| Mazagão | 417 | 1.060 | 57 | 309 | 330 |
| Santana | 12.513 | 1.808 | 112 | 791 | 494 |
| Macapá | 48.723 | 6.051 | 179 | 2.487 | 2.608 |
| All AP | 63.965 | 9.671 | 388 | 4.015 | 5.970 |

| Municípios e All | Coletado | Queimado (na propriedade) | Enterrado (na propriedade) | Jogado em terreno baldio ou logradouro | Jogado em rio, lago ou mar |
|------------------|----------|---------------------------|----------------------------|--|----------------------------|
| Percentual | | | | | |
| Laranjal do Jari | 37,9 | 12,3 | 0,7 | 7,0 | 41,6 |
| Mazagão | 18,8 | 47,9 | 2,6 | 14,0 | 14,9 |
| Santana | 79,2 | 11,4 | 0,7 | 5,0 | 3,1 |
| Macapá | 80,7 | 10 | 0,3 | 4,1 | 4,3 |
| All AP | 75,7 | 11,4 | 0,5 | 4,8 | 7,1 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Dados da Amostra

6.4.4.1.2.4 - Saneamento Ambiental

A pesquisa sobre meio ambiente, no âmbito do Perfil dos Municípios Brasileiros, realizado pelo IBGE, junto às prefeituras municipais, indica a presença ou não de alterações ambientais relevantes que afetam as condições de vida.

Na área em estudo no Estado do Amapá, destaca-se, pela qualidade ambiental, o município de Mazagão, onde, no ano de 2002, não foi registrada nenhuma alteração ambiental relevante, mesmo sendo o município maior produtor de madeira em tora da All amapaense.

Algumas alterações ambientais, em 2002, eram comuns aos municípios de Laranjal do Jari, Santana e Macapá: contaminação de rios, baías, etc.; desmatamento; queimadas; inundações; esgoto a céu aberto; doença endêmica; presença de vetor e ocupação desordenada do território. Laranjal do Jari apresenta, também, problemas de redução do estoque pesqueiro e contaminação de nascentes.

Macapá e Santana, constituintes da Região Metropolitana, apresentaram alterações ambientais comuns a muitas cidades: contaminação do solo; poluição do ar; poluição sonora; presença de lixo e de “outras alterações ambientais relevantes”. Além disso, na capital amapaense, a população lida também com a contaminação de nascentes, a escassez de água e o tráfego pesado em área urbana.

Quadro 6.4.4-9 - Alterações ambientais relevantes que afetam as condições de vida - All do Amapá - 2002

| Tipo de Alteração Ambiental | Municípios da All do Amapá | | | |
|---------------------------------|----------------------------|---------|---------|--------|
| | Laranjal do Jari | Mazagão | Santana | Macapá |
| Contaminação de nascente | Sim | Não | Não | Sim |
| Contaminação de rio, baía, etc. | Sim | Não | Sim | Sim |
| Contaminação de recurso solo | Não | Não | Sim | Sim |
| Deslizamento de encosta | Não | Não | Não | Não |

| Tipo de Alteração Ambiental | Municípios da All do Amapá | | | |
|--|----------------------------|---------|---------|--------|
| | Laranjal do Jari | Mazagão | Santana | Macapá |
| Desmatamento | Sim | Não | Sim | Sim |
| Escassez de água | Sim | Não | Não | Sim |
| Inundação | Sim | Não | Sim | Sim |
| Doença endêmica | Sim | Não | Sim | Sim |
| Ocupação desordenada do território | Sim | Não | Sim | Sim |
| Poluição do ar | Não | Não | Sim | Sim |
| Poluição sonora | Não | Não | Sim | Sim |
| Presença de lixo | Não | Não | Sim | Sim |
| Presença de vetor | Sim | Não | Sim | Sim |
| Esgoto céu aberto | Sim | Não | Sim | Sim |
| Queimadas | Sim | Não | Sim | Sim |
| Redução do estoque pesqueiro | Sim | Não | Não | Não |
| Tráfego pesado área urbana | Não | Não | Não | Sim |
| Outras alterações ambientais relevantes nos últimos 2 anos | Não | Não | Sim | Sim |

Perfil dos Municípios Brasileiros - IBGE

6.4.4.1.2.5 - Serviços de Energia e Telecomunicação

Na área em estudo no Estado do Amapá, no ano de 2000, o percentual de pessoas vivendo em domicílios com energia elétrica era satisfatório em Macapá (98,7%), Santana (98,2%) e Laranjal do Jari (95,6%). No município de Mazagão, somente 62,8% dos moradores de domicílios particulares permanentes dispunham de energia elétrica.

Quanto à telefonia fixa, apenas 52,9% das pessoas vivendo em domicílios particulares permanentes dispunham deste serviço na capital. O percentual era ainda mais baixo em Santana (29,8%), Laranjal do Jari (12,2%), chegando a apenas 4,4% no município de Mazagão.

Chama a atenção o elevado percentual de moradores de domicílios considerados subnormais no município de Laranjal do Jari - 52,7%. Nos demais municípios, o percentual variava de 2,8% em Mazagão a 3,6% em Macapá, no ano de 2000.

Quadro 6.4.4-10 - Pessoas em domicílios com energia elétrica, telefone e domicílios subnormais nos municípios da All do Amapá - 2000

| Municípios da All | Domicílios - particulares permanentes - número | Domicílios - com energia elétrica - pessoas - (%) | Domicílios - com telefone - pessoas - (%) | Domicílios - subnormais - pessoas - (%) |
|-------------------|--|---|---|---|
| Macapá | 60400 | 98,7 | 52,9 | 3,6 |
| Santana | 15794 | 98,2 | 29,8 | 3,4 |
| Mazagão | 2215 | 62,8 | 4,4 | 2,8 |
| Laranjal do Jari | 6100 | 95,6 | 12,2 | 52,7 |

Fonte: Ipeadata

6.4.4.2 - Saúde

A infra-estrutura de saúde da área em estudo é constituída por 265 unidades de saúde públicas e 5 unidades de saúde filantrópicas. Há, ainda, 102 unidades de saúde privadas, 96 das quais situadas no município de Macapá, capital amapaense. A maior parte das unidades de saúde públicas é constituída por postos, centros e unidades de vigilância em saúde, presentes em todos os municípios em estudo. No entanto, nos casos de maior gravidade ou de necessidade de serviços mais especializados, de uma maneira geral, é preciso recorrer a municípios próximos que polarizam este atendimento.

O município de Santarém polariza todos os municípios paraenses em estudo, mesmo os melhor equipados como Oriximiná e Almeirim. A população dos municípios de Almeirim e Alenquer também recorre à capital, Belém, para casos de alta complexidade. O município de Macapá polariza todos os municípios amapaenses em estudo, concentrando 806 dos 952 leitos oferecidos nos 4 municípios do Amapá. A capital amapaense, sozinha, oferece mais leitos hospitalares do que todos os municípios paraenses em estudo - 471 leitos.

As endemias mais recorrentes em toda a área em estudo são a malária e a leishmaniose tegumentar americana.

A leishmaniose tegumentar americana é uma doença infecciosa crônica, não contagiosa, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, transmitida de animais (mamíferos silvestres) a humanos através de um vetor, um inseto flebotômico (popularmente conhecido como mosquito palha, birigui ou cangalhinha). Este inseto é facilmente reconhecível pelo seu comportamento ao voar em saltitos e pousar com as asas entreabertas e ligeiramente levantadas, em vez de se cruzarem sobre o dorso. Vive, preferencialmente, ao nível do solo, próximo a vegetação em raízes e/ou troncos de árvores, podendo ser encontrados em tocas de animais. Gostam de lugares com pouca luz, úmidos, sem vento e que tenham alimento por perto.

Na área em estudo, os casos da doença apresentaram variações ao longo dos últimos cinco, mas houve diminuição em relação ao ano de 2004, quando foram notificados 1.375 casos de leishmaniose tegumentar americana no conjunto de municípios em estudo. O ano de menor incidência da doença foi 2006, quando foram notificados 628 casos nos municípios em estudo. No ano de 2008, os 11 municípios em estudo somaram 762 casos de leishmaniose tegumentar americana.

De forma potencialmente grave, a malária é uma doença provocada por protozoários do gênero *plasmodium*, que penetram no homem através da picada do mosquito *anopheles*, quando infectado. Popularmente, o mosquito é conhecido como carapanã, ou muriçoca, e vive principalmente em regiões tropicais, onde o clima favorece sua proliferação. A cadeia de transmissão da malária é mantida pela fêmea do mosquito que, quando pica uma pessoa infectada, contrai o Plasmodium e passa a transmitir a doença. Como o ciclo de vida do vetor é curto (30 a 35 dias), o homem é o principal elo de manutenção da malária. Após o terceiro dia dos primeiros sintomas da doença, que surgem entre sete e 14 dias, a pessoa vira fonte de infecção para mosquitos sadios. Portanto, as fêmeas do mosquito Anopheles nascem, crescem, se infectam e transmitem a doença. O diagnóstico rápido é fundamental para iniciar o tratamento e eliminar do organismo o protozoário causador da malária. Além disso, a pessoa deixa de ser uma fonte de infecção de mosquitos sadios enquanto estiver sob os efeitos da medicação.

A região amazônica é composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. O risco de contrair a doença não é uniforme nesta região. Este risco é medido pela Incidência Parasitária Anual (IPA), que corresponde à quantidade de lâminas positivas dividido pela população sob risco e multiplicado por uma constante, geralmente 1.000. As áreas endêmicas são classificadas como de transmissão alta, média e de baixo risco, de acordo com a IPA. As áreas endêmicas de alto risco apresentam IPA maior ou igual a 50 (ou seja, 50 casos para cada 1000 habitantes). As áreas de médio risco são aqueles cujo IPA se encontra situado entre 10 e 49 casos por mil habitantes. As áreas de baixo risco apresentam IPA inferior a 10 casos por mil habitantes.

Todos os municípios a serem atravessados pela Linha de Transmissão se situam em áreas consideradas endêmicas de transmissão de malária. No ano de 2001, em toda a área em estudo, foram realizados 20.039 exames positivos de malária, 55,8% dos quais no conjunto de municípios paraenses em estudo (All do Pará). Neste mesmo ano, os municípios de Prainha, Alenquer e Mazagão apresentaram IPA superior a 50 casos para cada mil habitantes, classificando-se como áreas de alto risco de transmissão de malária. A maior parte dos municípios em estudo se classificava, então, como de médio risco - Almeirim, Oriximiná, Santana, Laranjal do Jari e Macapá. Os municípios classificados como de baixo risco foram Curuá, Óbidos e Monte Alegre.

De 2000 a 2007, foram notificados 326 casos de AIDS na área em estudo, 250 dos quais na capital amapaense, 50 nos demais municípios amapaenses em estudo e apenas 26 casos na All paraense.

6.4.4.2.1 - Área de Influência Indireta - Pará

6.4.4.2.1.1 - Serviços de Saúde

Quanto à oferta de serviços de saúde, o município de Santarém polariza todos os municípios paraenses em estudo, mesmo os melhor equipados como Oriximiná e Almeirim. No município de Monte Alegre, a população recorre à Central de Marcação de Consultas, em Santarém, e a passagem é paga pela prefeitura. A população dos municípios de Almeirim e Alenquer também recorre à capital, Belém, para casos de alta complexidade.

No conjunto de municípios em estudo no Estado do Pará, há 123 estabelecimentos de saúde públicos, 2 filantrópicos e 6 privados. No entanto, a análise a nível municipal permite estabelecer diferenciações. Nos municípios de Almeirim e Oriximiná, existem dois hospitais gerais, públicos. Há, ainda, um hospital geral filantrópico em Alenquer e outro em Óbidos.

Os centros ou unidades básicas de saúde, vinculados à rede pública, estão presentes em todos os municípios paraenses em estudo, variando de um em Alenquer e Curuá a doze no município de Prainha. Há uma unidade de vigilância em saúde em cada um dos municípios da All do Pará, havendo ainda uma unidade mista em Prainha e outra em Alenquer. Em toda a All do Pará, há somente uma unidade de serviço de apoio a diagnose e terapia pública (para realização de exames, por exemplo), situada no município de Óbidos.

A Prefeitura de Prainha fornece a lista dos centros de saúde que recebem recursos do SUS. Há centros de saúde nas localidades de Boa Vista e Pacoval. Os postos de saúde estão presentes nas localidades de Guajará, Barreirinha, Vila Canaã, Tamuataí, A. Branca e Km 13.

No município de Monte Alegre, onde reside a maior população municipal da área em estudo paraense, a rede de saúde pública está estruturada em 36 postos de saúde, 7 centros ou unidades básicas de saúde, 1 consultório isolado, 1 unidade mista e 1 unidade móvel terrestre. O Hospital Municipal de Monte Alegre, embora tenha 140 leitos hospitalares vinculados ao SUS, não é classificado como hospital na categorização dos estabelecimentos de saúde fornecida pelo DATASUS. O mesmo ocorre com o Hospital Municipal Wilson Ribeiro, situado no município de Prainha. Na classificação do SUS, consta Unidade Mista de Saúde Wilson Ribeiro, que disponibiliza um ambulatório, um laboratório, uma sala de Raio X, uma internação hospitalar com 20 leitos e emergência funcionando 24 horas. Além da unidade Wilson Ribeiro, três centros de saúde também são referência em Prainha: Pacoval, Boa Vista e Jatuarana.

No município de Oriximiná, de acordo com relatório técnico elaborado para subsidiar o Plano Diretor, existe uma concentração das unidades de saúde nas áreas centrais urbanas, enquanto

inexistem estruturas e serviços básicos em alguns bairros e suas áreas adjacentes, como Penta, Novo Horizonte, São Pedro, São Lázaro, Área Pastoral, Santíssimo, São José Operário e Barreirinha. A zona rural, seguindo esta análise, apresenta a mesma falta de infra-estrutura, tanto nas áreas ribeirinhas, quanto nas áreas de terra firme e de planalto.

Quadro 6.4.4-11 - Numero de Unidades Públicas de Saúde por tipo de Estabelecimentos nos município da All - agosto/2008

| Município | Centro de saúde | Hospital geral | Posto de saúde | Unidade de vigilância | Unidade mista | Consultório isolado | Unidade móvel terrestre | Unidade de serviço de apoio | Total |
|--------------|-----------------|----------------|----------------|-----------------------|---------------|---------------------|-------------------------|-----------------------------|-------|
| Almeirim | 6 | 2 | 9 | 1 | | | | | 18 |
| Prainha | 12 | | | 1 | 1 | | | | 14 |
| Monte Alegre | 7 | | 36 | 1 | 1 | 1 | 1 | | 47 |
| Alenquer | 1 | | 3 | 1 | | | | | 5 |
| Curuá | 1 | | 2 | 1 | | | | | 4 |
| Óbidos | 2 | | 12 | 1 | | | | 1 | 16 |
| Oriximiná | 5 | 2 | 11 | 1 | | | | | 19 |
| All PA | 34 | 4 | 73 | 7 | 2 | 1 | 1 | 1 | 123 |

Fonte: DATASUS

Destaca-se que nos municípios paraense em estudo, a rede privada de saúde se resume a uma clínica especializada em Almeirim, um consultório isolado em Óbidos, 2 unidades de apoio à diagnose e terapia e 2 unidades mistas no município de Monte Alegre, conforme pode-se observar no Quadro 6.4.4-12, a seguir.

Quadro 6.4.4-12 - Numero de Unidades Particulares de Saúde por tipo de Estabelecimentos nos município da All - agosto/2008

| Municípios e All | Filantropico | Privado | Unidade de serviço de apoio de diagnose e terapia | Unidade mista | Consultório isolado |
|------------------|----------------|---|---|---------------|---------------------|
| | Hospital geral | Clínica especializada/ambulatório especializado | | | |
| Almeirim | 0 | 1 | | | |
| Prainha | 0 | | | | |
| Monte Alegre | 0 | | 2 | 2 | |
| Alenquer | 1 | | | | |
| Curuá | | | | | |
| Óbidos | 1 | | | | 1 |
| Oriximiná | | | | | |
| All PA | 2 | 1 | 2 | 2 | 1 |

Fonte: DATASUS

No conjunto dos municípios em estudo no Estado Pará há um total de 452 leitos hospitalares disponíveis. Entre os municípios em estudo no Estado do Pará, Almeirim é aquele que disponibiliza o maior número de leitos hospitalares - 112 leitos, todos eles vinculados ao SUS, distribuídos nas áreas de cirurgia, clínica, obstetrícia e pediatria. O segundo é Alenquer, com 98

leitos, seguido de Oriximiná, com 62, e Monte Alegre, com 60. O município de Prainha é o que apresenta o menor número de leitos - 19, todos distribuídos nas quatro áreas supracitadas. Somente nos municípios de Monte Alegre, Alenquer e Óbidos, há leitos hospitalares não vinculados ao SUS: 32 leitos, 7 leitos e 4 leitos, respectivamente.

Quadro 6.4.4-13 - Leitos hospitalares por especialidade e vinculação ao SUS nos municípios da AII PA - agosto de 2008

| Município | Vinculação ao SUS | Cirúrgicos | Clínicos | Obstétrico | Pediátrico | Hospital/DIA | Outras Especialidades | Complementares | Total |
|--------------|-------------------|------------|----------|------------|------------|--------------|-----------------------|----------------|-------|
| Almeirim | SUS | 23 | 28 | 28 | 30 | 3 | | | 112 |
| | Não vinculados | | | | | | | | 0 |
| Prainha | SUS | 2 | 8 | 3 | 5 | | 1 | | 19 |
| | Não vinculados | | | | | | | | 0 |
| Monte Alegre | SUS | 12 | 22 | 12 | 14 | | | | 60 |
| | Não vinculados | 3 | 10 | 14 | 5 | | | | 32 |
| Alenquer | SUS | 10 | 45 | 20 | 22 | | 1 | | 98 |
| | Não vinculados | | 4 | | | | | 3 | 7 |
| Curuá | SUS | | | | | | | | 0 |
| | Não vinculados | | | | | | | | 0 |
| Óbidos | SUS | 12 | 20 | 12 | 13 | | | 1 | 58 |
| | Não vinculados | 1 | 1 | 1 | 1 | | | | 4 |
| Oriximiná | SUS | 15 | 22 | 16 | 9 | | | | 62 |
| | Não vinculados | | | | | | | | |
| AII PA | | 78 | 160 | 106 | 99 | 3 | 2 | 4 | 452 |

Fonte: DATASUS

Nos municípios paraenses em estudo, a cobertura da população pela Programa de Saúde da Família (PSF) ainda é reduzida, variando de 6,12% da população, em Óbidos, a 26,2% em Almeirim. A população do município de Curuá não conta com este serviço conforme pode ser observado no Quadro 6.4.4-14, a baixo.

Quadro 6.4.4-14 - População coberta pelo Programa de Saúde da Família (PSF) nos municípios da AII PA - 2007

| Município | % população coberta pelo PSF |
|--------------|------------------------------|
| Almeirim | 26,2 |
| Prainha | 13,52 |
| Monte Alegre | 16,96 |
| Alenquer | 18,6 |
| Curuá | - |
| Óbidos | 6,13 |
| Oriximiná | 12,65 |

Fonte: DATASUS

No município de Alenquer, na região atravessada pela Linha de Transmissão há duas unidades do Programa de Saúde da Família (PSF) em funcionamento: Maria Helena Coutinho e Planalto (Figura 6.4.4-1).



Figura 6.4.4-1 - PSF Maria Helena Coutinho e PSF Planalto

O município de Alenquer conta, ainda, com 104 Agentes Comunitários de Saúde. No município de Óbidos, o Programa Comunidade Assistida, desenvolvido com recursos municipais, realiza serviços de atendimentos básicos às comunidades da zona rural, dispendo de médicos, equipe de enfermagem e laboratório, voltados para a prevenção, com periodicidade mensal. As comunidades que sediam os atendimentos são: Cipoal, Curumú, Flexal, Matá, Igarapé Açu e Santa Rita.

No ano de 2000, entre os municípios em estudo no Estado do Pará, só havia médicos residentes em Almeirim, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Todos se encontravam abaixo da proporção de médicos por habitante considerada adequada, que seria de 1 médico para cada mil habitantes. A proporção é mais elevada em Almeirim, onde existem 0,581 médicos para cada mil habitantes. Quanto à porcentagem de enfermeiros residentes com curso superior, variava de 0,01% em Oriximiná a 17,72% em Monte Alegre, sendo elevada também em Alenquer (15,8%), Prainha (15,06%) e Óbidos (12,78%).

Quadro 6.4.4-15 - Médicos residentes e enfermeiros residentes com curso superior nos municípios da AII PA - 2000

| Municípios da AII | Enfermeiros residentes com curso superior - (%) | Médicos residentes (por mil habitantes) |
|-------------------|---|---|
| Almeirim | 0,014 | 0,581 |
| Prainha | 15,058 | 0 |
| Monte Alegre | 17,725 | 0,317 |
| Alenquer | 15,8 | 0 |
| Curuá | 2,629 | 0 |
| Óbidos | 12,874 | 0,197 |
| Oriximiná | 0,01 | 0,195 |

Fonte: Ipea

Dados mais recentes fornecidos pelas prefeituras municipais e secretarias municipais de saúde permitem inferir uma melhora deste quadro, referente ao ano de 2000, até a presente data, nos municípios sobre os quais há informação disponível.

No município de Prainha, o quadro profissional atual revela a presença de um médico, 4 enfermeiras e 37 auxiliares de enfermagem, contando a população do município, ainda, com 72 agentes comunitários.

Quadro 6.4.4-16 - Estrutura profissional em saúde - Prainha

| Profissional | QT | Profissional | QT |
|------------------------|----|---------------------|----|
| MÉDICO | 01 | Agente Comunitário | 72 |
| Enfermeira | 04 | Parteira Cadastrada | 06 |
| Auxiliar De Enfermagem | 37 | PSF | 01 |
| Agentes De Postos | 35 | SERVIÇOS GERAIS | 60 |
| Técnico De Patologia | 01 | TÉC. DE ENFERMAGEM | 02 |
| Agente De Vigilância | 05 | Agente Em Malária | 02 |
| Motorista | 04 | Digitadores | 04 |
| Aux. Odontológico | 01 | Tec. Radiologia | 01 |

Fonte: Prefeitura Municipal de Prainha

No município de Alenquer, no ano de 2008, o quadro profissional da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) permite constatar a disponibilidade de 7 médicos, 8 enfermeiros e 13 técnicos de enfermagem, além de outros profissionais, como psicólogo e nutricionista.

Quadro 6.4.4-17 - Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Saúde de Alenquer - 2008

| Profissional / Função | Quantidade |
|--|------------|
| Médico | 7 |
| Enfermeiro | 8 |
| Técnico de Enfermagem | 13 |
| Psicólogo | 1 |
| Farmacêutico | 1 |
| Bioquímico | 3 |
| Assistente Social | 1 |
| Nutricionista | 1 |
| Odontólogos | 4 |
| Auxiliar de Consultório Dentário | 3 |
| Técnico de Higiene Dentário | 3 |
| Assistente técnico de Laboratório de Análises Clínicas | 5 |
| Agente Comunitário de Saúde | 103 |
| Biólogo | 1 |
| Auxiliar Administrativo | 4 |
| Assistente Administrativo | 10 |
| Auxiliar de enfermagem | 11 |
| Vigia | 10 |
| Agente de Endemias | 23 |
| Agente de Vigilância Sanitária | 2 |
| Contador | 1 |
| Advogado | 2 |
| Administrador de Empresa | 1 |
| Motorista para veículos leves | 5 |
| Carpinteiro | 1 |
| Vigilância Epidemiológica | 2 |

Fonte: SEMSA - Alenquer

6.4.4.2.1.2 - Incidência de Endemias

Na All do Pará, as endemias mais recorrentes são a malária, cujo número de casos notificados vem declinando a cada ano, e a leishmaniose tegumentar americana, que também tem apresentado redução dos casos confirmados notificados nos municípios paraenses em estudo.

De forma potencialmente grave, a malária é uma doença provocada por protozoários do gênero *Plasmodium*, que penetram no homem através da picada do mosquito *Anopheles*, quando infectado. Popularmente, o mosquito é conhecido como carapanã, ou muriçoca, e vive principalmente em regiões tropicais, onde o clima favorece sua proliferação. A cadeia de transmissão da malária é mantida pela fêmea do mosquito que, quando pica uma pessoa

infectada, contrai o *Plasmodium* e passa a transmitir a doença. Como o ciclo de vida do vetor é curto (30 a 35 dias), o homem é o principal elo de manutenção da malária. Após o terceiro dia dos primeiros sintomas da doença, que surgem entre sete e 14 dias, a pessoa vira fonte de infecção para mosquitos sadios. Portanto, as fêmeas do mosquito *Anopheles* nascem, crescem, se infectam e transmitem a doença. O diagnóstico rápido é fundamental para iniciar o tratamento e eliminar do organismo o protozoário causador da malária. Além disso, a pessoa deixa de ser uma fonte de infecção de mosquitos sadios enquanto estiver sob os efeitos da medicação.

- **Transmissão:** o período de maior transmissão da malária ocorre quando as chuvas diminuem, ao contrário do mosquito da dengue. O mosquito transmissor, *Anopheles*, se reproduz nos lgarapés - locais com água limpa, parada e sombreada - e na beira dos rios. Por isso, são esses os locais de maior risco, o que não impede que o vetor circule por toda a mata.
- **Sintomas:** a febre é o sintoma mais marcante da malária, mas há outros como calafrios, fadiga, náuseas, dor de cabeça e, em alguns casos, falta de apetite.
- **Tratamento imediato:** assim que é diagnosticada, o tratamento da malária é imediatamente iniciado. Os medicamentos são administrados de acordo com o protozoário que contaminou a pessoa (7 dias quando a infecção é por *P. vivax* e 3 por *P. falciparum*).

Em âmbito nacional, o Programa Nacional de Controle da Malária (PNCM), do Ministério da Saúde, tem como estratégias:

- Apoio à estruturação dos serviços locais de saúde;
- diagnóstico e tratamento;
- fortalecimento da vigilância da malária;
- capacitação de recursos humanos;
- Educação em saúde, Comunicação e Mobilização social (ESMS);
- controle seletivo de vetores;
- monitoramento do PNCM;
- sustentabilidade política.

Os dados quantitativos relativos à evolução dos casos de malária se referem ao Estado do Pará. De acordo com o DATASUS, o Índice parasitário anual (IPA) de malária vem diminuindo, no Estado

do Pará, desde 2000, quando era de 44,93, chegando a 14,31 em 2006. Este índice consiste no número de exames positivos por mil habitantes.

Quadro 6.4.4-18 - IPA de malária por ano - 2000 - 2006

| Unidade da Federação | Período | | | | | | | Total |
|----------------------|---------|-------|------|-------|-------|------|-------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | |
| Pará | 44,93 | 29,43 | 23,1 | 17,59 | 16,09 | 17,7 | 14,31 | 22,91 |

Fonte: DATASUS

De acordo com uma nova avaliação do Ministério da Saúde, os casos da doença notificados em 2008 totalizaram 309.419 registros na região da Amazônia Legal, 32,4% menos que o acumulado em 2007, que chegou a 457.569 casos na região. O Pará acompanha a tendência de queda verificada na Amazônia Legal, formada pelos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão. De acordo com o coordenador do Programa Estadual de Controle da Malária da Secretaria Saúde do Pará (Sespa), Waldir de Sousa Miranda, 67 mil pessoas contraíram malária, em 2008, contra 76.300, em 2007, o que corresponde a uma queda de 10,9%. Em 2000, no estado, foram confirmadas 279.300 notificações. Na comparação com 2008, ocorreu uma queda de 76%, em menos de dez anos, no Pará.

Todos os municípios paraenses em estudo são considerados áreas endêmicas de malária. No ano de 2001, os municípios de Prainha e Alenquer se classificavam como de alto risco de transmissão de malária, com IPAs superiores a 50 casos por mil habitantes, chegando este índice a 205,1 em Prainha, onde, naquele ano, foram notificados 6077 casos de malária.

Quadro 6.4.4-19 - Exames positivos e Incidência Parasitária Anual (IPA) - 2001- All do Pará

| Município | Positivo | IPA |
|--------------|----------|-------|
| Prainha | 6077 | 205,1 |
| Alenquer | 2756 | 66,5 |
| Almeirim | 840 | 24,7 |
| Oriximiná | 1150 | 23,4 |
| Curuá | 56 | 6 |
| Monte Alegre | 250 | 4,1 |
| Óbidos | 62 | 1,3 |

Fonte: Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Programa Nacional de Prevenção e Controle da Malária - PNCM

Alenquer é um município que apresenta regiões com diversos determinantes para a transmissão da malária, fazendo parte do grupo de municípios prioritários para o controle da doença. As características sociais, econômicas, ecológicas e a dispersão de comunidades que ocupam tais regiões aumentam as dificuldades para ações de controle e facilitam o ciclo homem - vetor-

homem. Atualmente, o município mantém o controle em determinadas áreas de alto risco, como é explicitado no “Plano conjunto de ações para prevenção e controle da malária no município de Alenquer”, produzido pela Secretaria Municipal de Saúde em 2008. Segundo este documento, houve redução nos casos de malária no município a partir de 2007.

Quadro 6.4.4-20 - Número de Casos de Malária positivos em Alenquer

| Município | Período | | | |
|-----------|---------|-------|-------|------|
| | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
| Alenquer | 2.364 | 2.302 | 1.138 | 720 |

Fonte: SEMSA - Prefeitura Municipal de Alenquer

Atualmente o Setor de Endemias, da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) do município de Alenquer está estruturado em seu próprio espaço físico, composto por equipamentos e materiais necessários ao andamento das atividades pertencentes ao referido setor. Os recursos humanos consistem em coordenadores locais para malária, leishmaniose, calazar e dengue, além de um coordenador geral e 23 Agentes de Endemias. O documento elaborado pela SEMSA projeto ações de atenção ao usuário (diagnóstico e tratamento), vigilância epidemiológica e capacitação de recursos humanos. Segundo funcionário municipal em entrevista, o pico de malária ocorre de agosto a novembro.

Quanto ao município de Prainha, o documento “Levantamento de dados da saúde para o Plano Diretor” cita a malária e DST entre os principais agravos, sendo que a estrutura profissional de saúde municipal conta com dois agentes de malária. Em entrevista, os profissionais responsáveis pelo Plano Diretor do município identificam a existência de endemias de malária, nas áreas urbanas e rurais, e leishmaniose, mais freqüente nas áreas rurais.

Os municípios de Almeirim e Oriximiná, com IPA 24,7 e 23,4, respectivamente, em 2001, eram áreas de médio risco, apresentado Incidência Parasitária Anual inferior à apresentada pelo Estado do Pará naquele ano (29,43). No município de Almeirim, segundo secretária do Prefeito, ocorrem endemias de malária, com dois picos - o primeiro em fevereiro e o segundo, no final de setembro, na baixa das águas. Em Oriximiná, nas áreas rurais, também há incidência de malária, com predominância no período de exploração da castanha e, durante todo o ano nas atividades de exploração de garimpos, concentrando sua incidência e prevalência nas áreas indígenas e comunidades do Alto Trombetas/Erepecuru/Cuminã (Cachoeira Porteira, Cachoeira da Pancada, Porcos, Espírito Santo, Araçá, Boa Vista do Cuminã, Jauari, entre outros) e de planalto (Rio dos Peixes, principalmente).

Curuá, Monte Alegre e Óbidos, com IPA inferior a 10 casos por mil habitantes, constituíam-se em áreas de baixo risco.

A taxa de incidência de Leishmaniose tegumentar americana, ao contrário dos indicadores relativos à malária, continua elevada no Estado do Pará, embora tenha havido redução no período analisado (2000 a 2005). Esta taxa consiste no número de casos a cada 100.000 habitantes.

Quadro 6.4.4-21 - Taxa de incidência de Leishmaniose tegumentar americana

| Unidade da Federação | Período | | | | | | Total |
|----------------------|---------|-------|-------|-------|------|------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | |
| Pará | 89,87 | 41,77 | 60,06 | 74,62 | 79,6 | 60,2 | 57,3 |

Fonte: DATASUS

Nos municípios em estudo no Estado do Pará, de uma maneira geral, o número de casos notificados de leishmaniose tegumentar americana vem diminuindo nos últimos cinco anos (de 2004 a 2008), destacando-se a redução de 48% dos casos notificados no município de Almeirim, em relação a 2004.

A exceção é o município de Oriximiná, onde, após um pico de 150 casos notificados em 2007, o número de casos apresentado pelo município em 2008 se reduz a 79 casos, pouco acima dos 72 casos notificados em 2004. Os casos de leishmaniose tegumentar americana ocorrem especialmente nas regiões do Médio Trombetas (Samaúma, Xiriri, Curupira, Caipuru), e na zona de planalto (Jatuarana, Campo Alegre, Jaramacaru, Baixo Grande, Piririma, Balo Alto).

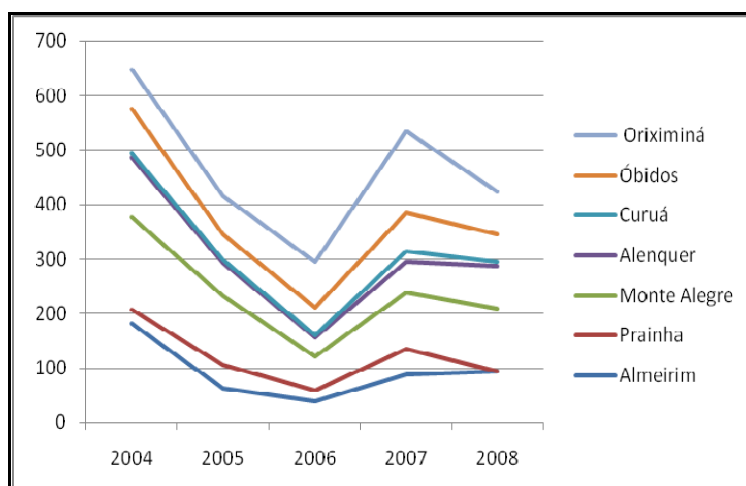


Figura 6.4.4-2 - Casos confirmados notificados de Leishmaniose Tegumentar Americana - All do Pará

No município de Oriximiná, de acordo com o “Relatório de Leitura Técnica da Realidade Municipal”, elaborado como subsídio para o Plano Diretor da cidade, alguns fatores determinam os riscos de endemias no município:

“A orla da cidade, assim como, todo o Município, com exceção do Distrito Industrial de Porto Trombetas, não dispõe de rede de esgotos e, em sua maioria, as edificações fazem lançamentos diretamente no rio. Grande parte da orla é ocupada por estabelecimentos que comercializam e/ou manipulam alimentos, em sua maioria, sem os devidos cuidados de higiene e armazenamento o que favorece a produção de lixo orgânico e proliferação de vetores (roedores, insetos rasteiros e voadores), assim como, também é utilizada para “atracamento” de embarcações de transporte de passageiros e cargas entre estados e municípios vizinhos e de ribeirinhos. Acrescenta-se que esta é uma área de intenso fluxo migratório e imigratório.

Os fatores determinantes dos riscos são:

- Estas situações, sazonalmente, cronificam-se em períodos de seca, em toda extensão de praia é possível observar o escoamento de esgotos e deposição de resíduos sólidos. Em períodos de cheia, observa-se que não ocorre a drenagem de efluentes para o rio represando água nas vias públicas.
- Terrenos baldios, em grande número, na área urbana, representam riscos na medida em que são utilizados pela comunidade para deposição de lixo, assim como, deposição de “ferro velho”, proporcionando ambiente favorável à proliferação de vetores (insetos rasteiros e voadores, roedores etc).
- As características climáticas, somadas aos outros fatores acima mencionados, também favorecem a proliferação de vetores e aumento da incidência de doenças e agravos.”

De acordo com este relatório, os principais agravos transmitidos por vetores, no município de Oriximiná, são dengue e leptospirose, principalmente nos bairros ou áreas desprovidos de infraestrutura sanitária adequada, de alta densidade populacional e com o maior número de terrenos baldios.

Quadro 6.4.4-22 - Leishmaniose Tegumentar Americana - Casos confirmados Notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN - All do Pará

| Município Notificação | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|-----------------------|------|------|------|------|------|
| Almeirim | 181 | 62 | 39 | 87 | 94 |
| Prainha | 26 | 44 | 20 | 48 | - |
| Monte Alegre | 169 | 126 | 63 | 104 | 115 |
| Alenquer | 110 | 62 | 35 | 56 | 78 |
| Curuá | 8 | 5 | 3 | 19 | 8 |
| Óbidos | 81 | 46 | 52 | 71 | 50 |
| Oriximiná | 72 | 71 | 83 | 150 | 79 |

Fonte:Ministério da Saúde - DATASUS - SINAN

A leishmaniose visceral é bem mais rara no território paraense, embora tenha havido crescimento da taxa de incidência no período analisado.

Quadro 6.4.4-23 - Taxa de incidência de Leishmaniose visceral

| Unidade da Federação | Período | | | | | | Total |
|----------------------|---------|------|------|------|------|------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | |
| Pará | 2,76 | 2,2 | 2 | 2,84 | 5,24 | 6,23 | 3,05 |

Fonte: DATASUS

A dengue, de uma maneira geral, não figura entre os principais agravos no Estado do Pará, tendo sido notificados 9 casos em 2005 e 10 em 2006.

Quadro 6.4.4-24 - Numero de Casos confirmados de dengue

| Unidade da Federação | Período | | | |
|----------------------|---------|------|------|------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
| Pará | | | 9 | 10 |

Fonte: DATASUS

A AIDS tampouco figura entre os agravos mais freqüentes. Os casos notificados de infecção por HIV nos municípios em estudo no Estado do Pará podem ser cotados nos dedos, sendo que, nos municípios de Prainha e Curuá, não houve sequer notificação de casos da doença no período de 2000 a 2007.

Quadro 6.4.4-25 - Notificação de casos de AIDS

| Municípios e All | Período | | | | | | | | Total |
|------------------|---------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | |
| Almeirim | | 1 | | | | 1 | 3 | 1 | 6 |
| Prainha | | | | | | | | | |
| Monte Alegre | | | | | | 1 | | | 1 |
| Alenquer | 1 | | | | | | 2 | | 3 |
| Curuá | | | | | | | | | |
| Óbidos | | | | | 1 | | | | 1 |
| Oriximiná | 4 | 1 | 1 | 2 | 4 | | 1 | 2 | 15 |
| All | 5 | 2 | 1 | 2 | 5 | 2 | 6 | 3 | 26 |

Fonte: DATASUS

No município de Óbidos, de acordo com o vice-prefeito, muitos dos casos de malária e de dengue notificados no município ocorrem em pacientes provenientes de municípios vizinhos. Ele chama a atenção para a ocorrência de 27 casos de AIDS, embora somente 4 tenham sido notificados, e de um caso de leptospirose. O município conta com 25 Agentes de Endemias e programas de Controle do Calazar (zona urbana e rural), Controle da Dengue (zona rural) e Controle da Raiva (zona urbana e rural).

6.4.4.2.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

6.4.4.2.2.1 - Serviços de Saúde

A rede de hospitais públicos nos municípios atravessados pela Linha de Transmissão no Estado do Amapá é composta por 142 Unidades. Os municípios de Laranjal do Jari e Mazagão apresentam uma infra-estrutura de estabelecimentos de saúde bastante mais reduzida e menos diversificada do que Macapá e Santana, que se constituem em pólos na busca de serviços de saúde.

A população de Laranjal do Jari conta com um hospital geral, 3 postos de saúde, 5 centros ou unidades básicas de saúde e uma unidade de vigilância em saúde. Ainda existem setores que não contam com equipamentos básicos de saúde, como as comunidades de Retiro e São Brás. Há 40 leitos hospitalares no município, todos vinculados ao SUS, nas especialidades de cirurgia, clínica, obstetrícia, pediatria e leitos complementares.

No município de Mazagão, de acordo com o DATASUS, existem 31 postos de saúde, 1 unidade de vigilância em saúde e dois centros ou unidades básicas de saúde. Quanto aos leitos hospitalares, há no município 9 leitos clínicos, 3 obstétricos e 4 pediátricos, todos vinculados ao SUS. De

acordo com documento produzido pelo IEPA (Benedito 2005: 62), a maior referência em saúde para a população local é o hospital de Mazagão, localizado na sede do município.

Ainda segundo o documento, o atendimento à saúde, dispensado à população através da rede de saúde do Estado e do município, se concentra na área peri-urbana de Mazagão - eixo principal da rodovia Mazagão a Mazagão Velho e eixo principal e vicinais do ramal do Camaipi. Os postos de saúde municipais das localidades de Carvão, Ajudante, Piquiazal e Mazagão Velho funcionam com falhas e carências estruturais, de profissionais e de medicamentos. Por conta destas dificuldades, a população recorre, freqüentemente, ao hospital de Mazagão (sede) que, por não dispor de especialidades médicas, encaminha os casos mais graves para os municípios de Macapá e Santana.

A população ribeirinha tem condições deficitárias de acesso ao atendimento convencional de saúde, tendo em conta a baixa densidade demográfica dessas áreas e as grandes distâncias a que se situam dos núcleos populacionais que dispõem de recursos médicos. Os casos de emergência da região, quando dispõem de transporte, são encaminhados ao posto de saúde de Mazagão Velho e hospital de Mazagão, ou para os municípios de Macapá e Santana. As campanhas de vacinação, que funcionam com relativa eficiência nos núcleos comunitários de terra firme, raramente chegam aos ribeirinhos, que sequer são avisados a tempo de se deslocarem aos postos de vacinação. Existe um agente comunitário que, mensalmente, distribui hipoclorito aos moradores.

O uso da medicina caseira, de base natural, com utilização das essências animais e vegetais (gorduras, cascas, folhas, raízes, ervas e outros), além de rezas e benzeduras. Merece destaque a participação das parteiras tradicionais, que continuam a ser as principais agentes dessa prática de atendimento (*op. cit.* 2005: 32).

Na capital, Macapá, e no município de Santana, integrante da sua Região Metropolitana, ocorre maior diversificação dos serviços públicos de saúde, com a presença de um hospital geral em cada um dos municípios, maior quantidade de centros ou unidades básicas de saúde, clínicas especializadas e unidades de apoio à diagnose e terapia, unidades móveis e, no caso de Macapá, dois hospitais especializados. Há ainda um hospital geral e uma policlínica filantrópicas em Macapá, e um centro ou unidade básica de saúde filantrópica no município de Santana. Em ambos os municípios, existem, também, estabelecimentos de saúde da rede privada, que é bem mais ampla na capital, com 16 clínicas especializadas, 44 consultórios isolados e dois hospitais gerais.

Quadro 6.4.4-26 - Estabelecimentos de saúde públicos por tipo nos municípios da AII AP - agosto 2008

| Tipos de Unidades | Município | | | | |
|---|------------------|-----------|-----------|-----------|------------|
| | Laranjal do Jari | Mazagão | Santana | Macapá | AII AP |
| Centro de saúde/unidade básica de saúde | 5 | 2 | 9 | 18 | 34 |
| Hospital geral | 1 | | 1 | 1 | 3 |
| Posto de saúde | 3 | 31 | 11 | 34 | 79 |
| Unidade de vigilância em saúde | 1 | | 1 | 1 | 3 |
| Unidade mista | | 1 | | | 1 |
| Clinica especializada/ambulatório especializado | | | 1 | 4 | 5 |
| Unidade de serviço de apoio de diagnose e terapia | | | 1 | 2 | 3 |
| Unidade móvel de nível pré-hosp-urgência/emergência | | | 7 | | 7 |
| Central de regulação de serviços de saúde | | | | 1 | 1 |
| Farmácia | | | | 1 | 1 |
| Hospital especializado | | | | 2 | 2 |
| Laboratório Central de Saúde Pública - LACEN | | | | 1 | 1 |
| Pronto socorro geral | | | | 1 | 1 |
| Unidade móvel terrestre | | | | 1 | 1 |
| Total | 10 | 34 | 31 | 67 | 142 |

Fonte: DATASUS

Conforme apontado acima e demonstra o Quadro 6.4.4-27 abaixo, a rede de saúde filantrópica ou particular disponível nos municípios em estudo é concentrada na capital, Macapá, apresentando algumas unidades no município de Santana.

Quadro 6.4.4-27 - Estabelecimentos de saúde filantrópicos e privados por tipo disponíveis nos municípios da AII AP - agosto de 2008

| Municípios e AII | Filantrópico | | | Privado | | | | | |
|------------------|---|----------------|-------------|---|---------------------|----------------|--------------|---|------------------------|
| | Centro de saúde/unidade básica de saúde | Hospital geral | Policlínica | Clinica especializada/ambulatório especializado | Consultório isolado | Hospital geral | Hospital dia | Unidade de serviço de apoio de diagnose e terapia | Hospital especializado |
| Laranjal do Jari | | | | | | | | | |
| Mazagão | | | | | | | | | |
| Santana | 1 | | | 1 | 3 | 1 | 1 | 2 | |
| Macapá | | 1 | 1 | 16 | 44 | 2 | | 23 | 3 |
| AII AP | 1 | 1 | 1 | 17 | 47 | 3 | 1 | 25 | 3 |

Fonte: DATASUS

No entanto, dado o porte populacional destes municípios, a infra-estrutura de saúde ainda é deficitária. O município de Santana disponibiliza 90 leitos hospitalares, 74 dos quais vinculados ao SUS, nas áreas de cirurgia, clínica, obstetrícia, pediatria e leitos complementares. Na capital,

Macapá, há 806 leitos, 647 dos quais vinculados ao SUS. Além das especialidades anteriormente citadas, existem no município 17 leitos destinados a “outras especialidades”.

Quadro 6.4.4-28 - Leitos hospitalares por vinculação ao SUS nos municípios da AII AP - agosto de 2008

| Município | Vinculação ao SUS | Cirúrgicos | Clinicos | Complementares | Obstétrico | Pediátrico | Outras Especialidades | Total |
|------------------|-------------------|------------|----------|----------------|------------|------------|-----------------------|-------|
| Laranjal do Jari | SUS | 5 | 17 | 2 | 8 | 8 | | 40 |
| | Não vinculados | | | | | | | |
| Mazagão | SUS | | 9 | | 3 | 4 | | 16 |
| | Não vinculados | | | | | | | |
| Santana | SUS | 12 | 10 | 4 | 32 | 16 | | 74 |
| | Não vinculados | 2 | 7 | 2 | | 5 | | 16 |
| Macapá | SUS | 120 | 201 | 45 | 150 | 115 | 16 | 647 |
| | Não vinculados | 34 | 33 | 44 | 30 | 17 | 1 | 159 |
| AII AP | | 173 | 277 | 97 | 223 | 165 | 17 | 952 |

Fonte: DATASUS

O índice de atendimento à população pelo Programa de Saúde da Família (PSF) é bastante elevado nos municípios de Santana e Laranjal do Jari - 97,6% e 96,1%, respectivamente. No município de Mazagão, a cobertura da população pelo PSF é de 69,07%. A capital, Macapá, é o município que apresenta o menor índice de atendimento da população pelo programa - 13,13%, conforme pode ser observado no Quadro 6.4.4-29.

Quadro 6.4.4-29 - Cobertura da população pelo Programa de Saúde da Família (PSF) nos municípios da AII AP - 2007

| Município | % população coberta PSF |
|------------------|-------------------------|
| Laranjal do Jari | 96,1 |
| Mazagão | 69,07 |
| Santana | 97,59 |
| Macapá | 13,13 |

Fonte: DATASUS

No ano de 2000, a proporção de profissionais de saúde por habitantes ainda era bastante baixa em toda a AII amapaense. Em Macapá, havia 0,63 médicos residentes para cada mil habitantes e 9,9% de enfermeiros residentes com curso superior. Considerando-se que a capital recebe a

demanda de atendimento da população de diversos municípios vizinhos, como foi visto anteriormente, a deficiência de profissionais se torna ainda mais grave.

Em 2000, o município de Laranjal do Jari não dispunha de médicos residentes. A proporção destes profissionais era mais elevada em Mazagão - 0,43 médicos residentes para cada mil habitantes - do que no município de Santana - 0,27 med/1000 hab. A porcentagem de enfermeiros residentes com curso superior variava de 0,02% em Laranjal do Jari a 4,7% em Santana.

Quadro 6.4.4-30 - Médicos residentes e enfermeiros residentes com curso superior nos municípios da AII AP - 2000

| Municípios e AII | Enfermeiros residentes com curso superior - (%) | Médicos residentes (por mil habitantes) |
|------------------|---|---|
| Laranjal do Jari | 0,016 | 0 |
| Mazagão | 0,114 | 0,431 |
| Santana | 4,726 | 0,266 |
| Macapá | 9,868 | 0,631 |

Fonte: Ipea

6.4.4.2.2.2 - Incidência de Endemias

As endemias de maior ocorrência no Estado do Amapá são a malária e a leishmaniose tegumentar americana.

No Estado do Amapá, o Índice Parasitário Anual (IPA) de malária, que corresponde ao número de exames positivos por mil habitantes, tem se mostrado elevado no início deste século, embora, no ano de 2006 (última data observada), seja constatada uma diminuição de 26,4% em relação ao ano de 2000, quando o IPA de malária no Estado do Amapá era de 73,95. Apesar de ter havido uma diminuição deste índice entre 2002 e 2004, ele voltou a subir, chegando a 47,6 em 2006.

Quadro 6.4.4-31 - Índice Parasitário Anual (IPA) de malária

| Unidade da Federação | Período | | | | | | | Total |
|----------------------|---------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | |
| Amapá | 73,95 | 49,16 | 31,47 | 31,13 | 36,05 | 47,19 | 47,57 | 44,8 |

Fonte: DATASUS

No ano de 2001, com exceção do município de Mazagão, os municípios amapaenses em estudo se situavam na faixa de médio risco de transmissão de malária. Apresentavam Índice Parasitário Anual de malária bastante inferior ao apresentado pelo Estado do Amapá como um todo - 49,16. Naquele ano, o IPA, nestes três municípios, variava de 14,8 em Macapá a 21,2 em Santana.

O município de Mazagão era o único da All do Amapá a apresentar elevado IPA de malária - 167,6 casos por mil habitantes, em 2001, encontrando-se em área de alto risco de transmissão da doença, com 2080 exames positivos.

Quadro 6.4.4-32 - Número de Exames positivos e Índice Parasitário Anual (IPA) de Malária - 2001 - All do Amapá

| Município | Exames Positivo | IPA |
|------------------|-----------------|-------|
| Mazagão | 2080 | 167,6 |
| Santana | 1789 | 21,2 |
| Laranjal do Jari | 601 | 20,3 |
| Macapá | 4378 | 14,8 |

Fonte: Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Programa Nacional de Prevenção e Controle da Malária - PNCM

A dengue, ao contrário, parece sob controle no Estado do Amapá, com apenas 9 casos notificados de 2003 a 2006.

Quadro 6.4.4-33 - Número de Casos confirmados de dengue

| Unidade da Federação | Período | | | |
|----------------------|---------|------|------|------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
| Amapá | 1 | 6 | 2 | 0 |

Fonte: DATASUS

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de Macapá, nos oito primeiros meses do ano de 2008, o município apresentou redução dos casos de dengue e malária, em relação ao mesmo período de 2007, e, até o momento, nenhum óbito causado por estas doenças havia sido registrado no município no ano corrente. No caso da malária, esta melhoria se deve a medidas adotadas pela secretaria, tais como: ampliação e descentralização da rede de laboratórios para diagnóstico, contemplando todas as áreas de alto risco de transmissão da doença, especialmente os distritos da zona rural; cumprimento das normas e diretrizes de controle químico (pulverização de inseticida) do vetor; remoção mecânica dos criadouros do vetor e intensificação das ações de manejo ambiental (drenagem de águas paradas); implantação de barreira sanitária

no terminal rodoviário; ações de educação e saúde; e integração do trabalho da secretaria municipal com os agentes de endemias e a população.

Quanto à dengue, a divulgação do Levantamento do Índice Rápido do Aedes (Lira) pela secretaria municipal de saúde revela que Macapá apresenta um Índice de Infestação Predial (IIP) de 0,4, ou seja abaixo de 1,0, demonstrando que a situação de dengue se encontra controlada no município até o presente momento.

Enquanto a leishmaniose visceral parece um problema eliminado no Estado do Amapá, a leishmaniose tegumentar americana tem apresentado elevada taxa de incidência, embora tenha havido redução de 199,87 em 2004, ano em que a taxa atingiu o seu ápice no Estado, para 96,03 em 2005 (último período com dados disponíveis).

Quadro 6.4.4-34 - Taxa de incidência de leishmaniose no Estado do Amapá

| Tipo da Doença | Período | | | | | | Total |
|-----------------------------------|---------|-------|-------|--------|--------|-------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | |
| leishmaniose visceral | | 0,2 | | | | | 0,03 |
| leishmaniose tegumentar americana | 124,1 | 25,69 | 62,92 | 106,39 | 199,87 | 96,03 | 87,42 |

Fonte: DATASUS

Entre os municípios amapaenses em estudo, Laranjal do Jari apresenta a situação mais preocupante em relação à leishmaniose tegumentar americana, com significativo crescimento do número de casos confirmados notificados nos anos de 2007 e 2008.

Quadro 6.4.4-35 - Leishmaniose Tegumentar Americana - Casos confirmados Notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN - All do Amapá

| Municípios | Período | | | | |
|------------------|---------|------|------|------|------|
| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
| Laranjal do Jari | 158 | 88 | 63 | 200 | 213 |
| Mazagão | 24 | 1 | 1 | 12 | 2 |
| Santana | | | 9 | | |
| Macapá | 546 | 221 | 260 | 169 | 123 |

Fonte: DATASUS

Na capital, Macapá, embora o número de casos da doença notificados em 2008 tenha sido elevado (123 casos), significa expressiva redução em relação ao ano de 2004, quando foram notificados 546 casos no município. Em Mazagão, no ano de 2008, foram notificados apenas 2

casos da doença, contra 24 em 2004. O município de Santana figura nas tabelas do DATASUS apenas no ano de 2006, com 9 casos de leishmaniose tegumentar americana.

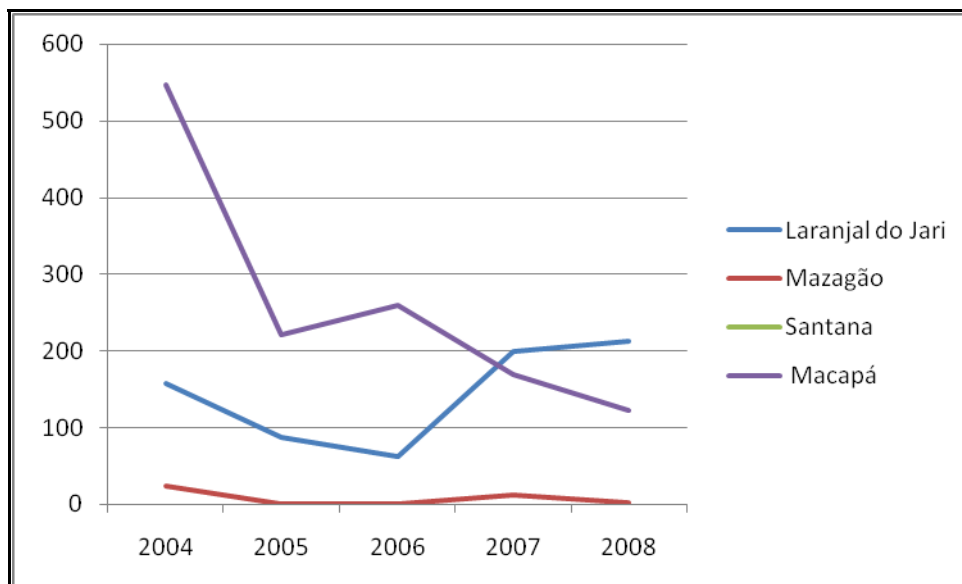


Figura 6.4.4-3 - Casos confirmados notificados de leishmaniose tegumentar americana - All do Amapá

De 2000 a 2007, foram notificados 300 casos de AIDS no conjunto dos municípios amapaenses em estudo, 250 dos quais na capital, Macapá, 38 no município de Santana, 11 em Laranjal do Jari e apenas 1 em Mazagão. Na capital, onde se concentram os casos notificados, a sua notificação não apresenta uma evolução regular, tendo variado de 5 casos em 2007 a 61 casos em 2006.

Quadro 6.4.4-36 - Notificação de casos de AIDS

| Municípios e All | Período | | | | | | | | Total |
|------------------|---------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | |
| Laranjal do Jari | 4 | 1 | 3 | | | 2 | | 1 | 11 |
| Mazagão | | | | | | 1 | | | 1 |
| Santana | | 2 | 4 | 2 | 9 | 6 | 14 | 1 | 38 |
| Macapá | 15 | 29 | 40 | 10 | 40 | 50 | 61 | 5 | 250 |
| All AP | 19 | 32 | 47 | 12 | 49 | 59 | 75 | 7 | 300 |

Fonte: DATASUS

6.4.4.3 - Educação

Na área em estudo, da Pré-escola ao Ensino Médio, o ensino regular é oferecido pela rede pública em todos os municípios analisados.

No nível de creche, no ano de 2007, foram realizadas 3.302 matrículas na rede municipal de ensino e 861 na rede privada. No nível da Pré-escola, em toda a área em estudo, ocorreram 1.132 matrículas na rede estadual (todas na All do Amapá), 24.498 na rede municipal e 4.842 na rede privada.

O Ensino Fundamental é o nível de ensino que concentra o maior número de matrículas em toda a área em estudo - 175.084 matrículas no ano de 2007, 60,2% das quais nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Deste total de matrículas, 77.264 foram realizadas na rede estadual - 2.263 no município paraense de Alenquer e todas as demais nos municípios amapaenses em estudo. A maior parte das matrículas no Ensino Fundamental, no entanto, coube à rede municipal de ensino, tendo ocorrido, ainda, 10.607 matrículas na rede privada.

O Ensino Médio e o Ensino Profissional de nível médio são oferecidos exclusivamente pelas redes estadual e privada, em toda a All. No ano de 2007, foram realizadas 43.995 matrículas no Ensino Médio no conjunto de municípios em estudo, 93,7% das quais na rede estadual. Já no nível do Ensino Profissional médio, predomina, na área em estudo, as vagas oferecidas pela rede privada - 1.055 matrículas em 2007, contra 646 na rede estadual.

Quando à Educação de Jovens e Adultos, no ensino regular, foram matriculados 23.078 alunos no Ensino Fundamental e 5.132 no Ensino Médio em toda a área em estudo, no ano de 2007.

6.4.4.3.1 - Área de Influência Indireta - Pará

Em todos os municípios da All paraense, são ofertadas vagas em todos os níveis de ensino: creche, pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nos municípios de Prainha e Óbidos, inexistente rede privada de ensino.

No nível de creche, as matrículas na educação pública, exclusivamente municipal, variam de 162 em Alenquer a 1.006 em Óbidos. Dado o porte populacional dos municípios de Oriximiná e Alenquer, chama a atenção o reduzido número de matrículas em creches municipais, complementadas por 60 matrículas em creches privadas em Oriximiná e 18 em Alenquer. Inexistem creches privadas no município de Almeirim.

No nível da pré-escola, são ofertadas vagas públicas exclusivamente na rede municipal. No ano de 2007, as matrículas neste nível de ensino variaram de 788 em Almeirim a 3.673 em Monte Alegre.

O Ensino Fundamental, nível de ensino no qual se encontram matriculada a maior parte dos alunos em todos os municípios em estudo no Estado do Pará, a educação pública cabe à rede municipal, exceto no município de Alenquer, onde, além das 10.955 matrículas na rede municipal, há 926 matrículas nos anos iniciais e 1.337 matrículas nos anos finais do Ensino Fundamental ministrado pela rede estadual de ensino. Em Monte Alegre, Alenquer e Curuá, só ocorrem matrículas na rede privada nos anos iniciais do Ensino Fundamental - 8, 115, e 118, respectivamente.

No Ensino Médio público cabe às escolas estaduais em todos os municípios analisados, variando as matrículas de 548 em Curuá a 2.959 em Oriximiná. Somente nos municípios de Oriximiná e Almeirim ocorre matrículas na rede privada neste nível de ensino.

A educação profissionalizante de nível médio só é oferecida no município de Monte Alegre, onde há 193 matrículas na rede pública estadual e 85 matrículas na rede privada de ensino. Este município também é o único da All paraense a oferecer Educação de Jovens e Adultos no nível do Ensino Médio, pela rede estadual.

A Educação de Jovens e Adultos no nível do Ensino Fundamental é oferecida em todos os municípios paraenses em estudo, pela rede municipal, e, no município de Alenquer, também pela rede estadual.

Quadro 6.4.4-37 - Matrícula inicial segundo nível de ensino nos municípios da AII PA - 2007

| Município | Dependência | Ed. Infantil | | Ensino Fundamental | | Ensino Médio | Educação Profissional (Nível Técnico) | Educação de Jovens e Adultos - EJA (presencial) | |
|--------------|-------------|--------------|------------|--------------------|-------------|--------------|---------------------------------------|---|--------------------|
| | | Creche | Pré-Escola | Anos Iniciais | Anos Finais | | | Fundamental ² | Médio ² |
| ALMEIRIM | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.793 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 374 | 788 | 4.844 | 2.359 | 0 | 0 | 884 | 0 |
| | Privada | 0 | 158 | 298 | 305 | 220 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 374 | 946 | 5.142 | 2.664 | 2.013 | 0 | 884 | 0 |
| PRAINHA | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 837 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 342 | 1.906 | 6.098 | 1.954 | 0 | 0 | 902 | 0 |
| | Total | 342 | 1.906 | 6.098 | 1.954 | 837 | 0 | 902 | 0 |
| MONTE ALEGRE | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.791 | 193 | 0 | 181 |
| | Municipal | 388 | 3.673 | 8.567 | 6.069 | 0 | 0 | 589 | 0 |
| | Privada | 13 | 21 | 8 | 0 | 0 | 85 | 0 | 0 |
| | Total | 401 | 3.694 | 8.575 | 6.069 | 2.791 | 278 | 589 | 181 |
| ALENQUER | Estadual | 0 | 0 | 926 | 1.337 | 2.002 | 0 | 549 | 0 |
| | Municipal | 162 | 3.369 | 7.586 | 3.232 | 0 | 0 | 396 | 0 |
| | Privada | 18 | 110 | 115 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 180 | 3.479 | 8.627 | 4.569 | 2.002 | 0 | 945 | 0 |
| CURUA | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 548 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 231 | 968 | 1.658 | 1.285 | 0 | 0 | 222 | 0 |
| | Privada | 14 | 89 | 118 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 245 | 1.057 | 1.776 | 1.285 | 548 | 0 | 222 | 0 |
| OBIDOS | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.655 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 1.006 | 1.854 | 6.583 | 3.775 | 0 | 0 | 1.427 | 0 |
| | Total | 1.006 | 1.854 | 6.583 | 3.775 | 2.655 | 0 | 1.427 | 0 |
| ORIXIMINA | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.959 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 167 | 3.027 | 9.250 | 5.380 | 0 | 0 | 1.505 | 0 |
| | Privada | 60 | 271 | 365 | 313 | 202 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 227 | 3.298 | 9.615 | 5.693 | 3.161 | 0 | 1.505 | 0 |

Fonte: INEP - Censo Escolar 2007

| Município | Dependência | EJA (semi-presencial) | | Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos) | | | | | | | |
|--------------|-------------|-----------------------|-------|--|------------|---------------|-------------|-------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|
| | | Fundamental | Médio | Creche | Pré-Escola | Anos Iniciais | Anos Finais | Médio | Ed. Prof. Nível Técnico | EJA Fund ^{1,2} | EJA Médio ^{1,2} |
| ALMEIRIM | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 1 | 1 | 74 | 0 | 0 | 0 | 8 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 1 | 1 | 74 | 0 | 0 | 0 | 8 | 0 |
| PRAINHA | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 0 | 4 | 11 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 0 | 4 | 11 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| MONTE ALEGRE | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 1 | 14 | 97 | 28 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 1 | 16 | 97 | 28 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| ALENQUER | Estadual | 0 | 160 | 0 | 0 | 49 | 3 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 0 | 2 | 19 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 0 | 160 | 1 | 3 | 68 | 9 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| CURUA | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| OBIDOS | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 3 | 14 | 65 | 7 | 0 | 0 | 10 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 3 | 14 | 65 | 7 | 3 | 0 | 10 | 0 |
| ORIXIMINÁ | Estadual | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 0 | 0 | 1 | 15 | 81 | 2 | 0 | 0 | 3 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 0 | 0 | 1 | 17 | 82 | 2 | 1 | 0 | 3 | 0 |

Em todo o Estado do Pará, há 26 instituições de Ensino Superior, 17 das quais situadas na capital, Belém, onde se incluem todas as universidades do Estado. As 8 instituições situadas no interior são faculdades, escolas e institutos (6 particulares e dois filantrópicos), além de uma instituição classificada como “faculdades integradas”, particular, situada no município de Santarém - cidade que polariza os municípios paraenses em estudo. Trata-se das Faculdades Integradas Tapajós, que oferece cursos nas áreas de Ciências Contábeis, Comunicação Social, Direito, Ciências Biológicas, Economia, Enfermagem e Medicina Veterinária. Além disso, localiza-se em Santarém o Instituto Esperança de Educação Superior (IESPES), que oferece 7 cursos de bacharelado, 4 cursos tecnológicos e licenciatura em educação infantil e no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

No município de Monte Alegre, a Universidade Vale do Acaraú (UVA, com sede no Ceará), a FAEME (Faculdade do Meio Norte) e o IBRASPE (Instituto Brasileiro Acadêmico Social de Pesquisa e Ensino), todos pertencentes à rede particular de ensino, oferecem formação de professores nas áreas de História, Biologia, Pedagogia, Filosofia e Geografia.

Quadro 6.4.4-38 - Número de Instituições de Ensino Superior - PA- 2007

| Unidade da Federação/ Categoria Administrativa | Instituições | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------------------------|---------|----------|---------------|---------|----------|------------------------|---------|----------|-----------------------|---------|----------|----------------------------------|---------|----------|-----------|---------|----------|---|
| | Total Geral | | | Universidades | | | Centros Universitários | | | Faculdades Integradas | | | Faculdades, Escolas e Institutos | | | CET / FaT | | | |
| | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | |
| Total | 26 | 17 | 9 | 4 | 4 | - | 1 | 1 | - | 1 | - | 1 | 18 | 10 | 8 | 2 | 2 | - | |
| Pública | Total | 4 | 4 | - | 3 | 3 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 | - | |
| | Federal | 3 | 3 | - | 2 | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 | - | |
| | Estadual | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| | Municipal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| Privada | Total | 22 | 13 | 9 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | - | 1 | 18 | 10 | 8 | 1 | 1 | - |
| | Particular | 19 | 12 | 7 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | 1 | - | 1 | 15 | 9 | 6 | 1 | 1 | - |
| | Comun/ Confes/ Filant | 3 | 1 | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 | 1 | 2 | - | - | - |

Fonte: INEP - Censo do Ensino Superior

6.4.4.3.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

Na área em estudo no Estado do Amapá, da Pré-escola ao Ensino Médio, o ensino regular é oferecido pela rede pública em todos os municípios analisados.

No nível de creche, inexistem matrículas na rede pública no município de Laranjal do Jari, e há apenas 12 matrículas na rede particular. No município de Mazagão, todas as 204 matrículas na creche ocorreram na rede municipal de ensino. Nos municípios de Santana e Macapá, no nível da creche, predominam as matrículas na rede particular de ensino.

O nível da Pré-escola, em todos os municípios amapaenses em estudo, é oferecido pelas redes estadual e municipal, predominando, no ensino público, as matrículas na rede municipal. No município de Mazagão, não há matrículas na rede particular no nível pré-escolar.

O Ensino Fundamental é o nível de ensino que concentra o maior número de matrículas em toda a área em estudo amapaense - 113.239 matrículas no ano de 2007, no conjunto dos municípios analisados, 59% das quais nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao contrário do que ocorre na All paraense e na maioria dos municípios brasileiros, nos municípios em estudo no Estado do Amapá, no Ensino Fundamental, predominam as matrículas na rede estadual de ensino, embora, em todos estes municípios, sejam ofertadas vagas também na rede municipal, à exceção dos anos finais do Ensino Fundamental no município de Mazagão, onde só há matrículas na rede estadual. Os anos iniciais do Ensino Fundamental também são oferecidos pela rede privada em todos os municípios, exceto Mazagão. Há matrículas na rede particular nos anos finais do Ensino Fundamental em Mazagão, Macapá e Santana; em Laranjal do Jari, este segmento não é oferecido pela rede privada. Em Macapá, nos anos finais do Ensino Fundamental, as matrículas na rede privada superam as da rede pública.

O Ensino Médio público é oferecido somente pela rede estadual em todos os municípios em estudo. Em Laranjal do Jari, não há Ensino Médio na rede particular.

A educação profissional de nível técnico é oferecida exclusivamente pela rede particular e inexistente no município de Laranjal do Jari.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), no nível do Ensino Fundamental, é oferecida pelas redes municipal, estadual e privada em todos os municípios amapaenses analisados. No nível do Ensino Médio, somente pela rede estadual em Laranjal do Jari, e pelas redes estadual e privada em Santana e Macapá; em Mazagão, não há EJA no nível do Ensino Médio.

Quadro 6.4.4-39 - Matrículas na rede de ensino nos municípios da AII AP - 2007

| Município | Dependência | Matrícula Inicial | | | | | | | | | |
|------------------|-------------|-------------------|------------|--------------------|-------------|--------------|---|---|--------------------|-----------------------|-------|
| | | Ed. Infantil | | Ensino Fundamental | | Ensino Médio | Educação Profissional I (Nível Técnico) | Educação de Jovens e Adultos - EJA (presencial) | | EJA (semi-presencial) | |
| | | Creche | Pré-Escola | Anos Iniciais | Anos Finais | | | Fundamental ² | Médio ² | Fundamental | Médio |
| LARANJAL DO JARI | Estadual | 0 | 170 | 3.025 | 2.116 | 2.261 | 0 | 908 | 473 | 10 | 0 |
| | Municipal | 0 | 760 | 2.727 | 1.402 | 0 | 0 | 1.282 | 0 | 27 | 0 |
| | Privada | 12 | 279 | 216 | 0 | 0 | 0 | 39 | 0 | 16 | 0 |
| | Total | 12 | 1.209 | 5.968 | 3.518 | 2.261 | 0 | 2.229 | 473 | 53 | 0 |
| MAZAGAO | Estadual | 0 | 229 | 1.762 | 1.161 | 785 | 0 | 300 | 0 | 0 | 0 |
| | Municipal | 204 | 683 | 1.340 | 0 | 0 | 0 | 132 | 0 | 0 | 0 |
| | Privada | 0 | 0 | 0 | 137 | 122 | 22 | 72 | 0 | 0 | 0 |
| | Total | 204 | 912 | 3.102 | 1.298 | 907 | 22 | 504 | 0 | 0 | 0 |
| SANTANA | Estadual | 0 | 241 | 6.295 | 7.025 | 5.805 | 0 | 1.615 | 843 | 0 | 0 |
| | Municipal | 59 | 1.880 | 4.115 | 988 | 0 | 0 | 611 | 0 | 33 | 0 |
| | Privada | 186 | 1.401 | 1.945 | 905 | 503 | 45 | 98 | 36 | 0 | 0 |
| | Total | 245 | 3.522 | 12.355 | 8.918 | 6.308 | 45 | 2.324 | 879 | 33 | 0 |
| MACAPA | Estadual | 0 | 492 | 25.454 | 28.163 | 18.808 | 453 | 7.310 | 3.527 | 44 | 36 |
| | Municipal | 369 | 5.590 | 16.575 | 1.765 | 0 | 0 | 1.853 | 0 | 0 | 0 |
| | Privada | 558 | 2.513 | 3.366 | 2.757 | 1.704 | 903 | 158 | 342 | 0 | 0 |
| | Total | 927 | 8.595 | 45.395 | 32.685 | 20.512 | 1.356 | 9.321 | 3.869 | 44 | 36 |

Fonte: INEP - Censo Escolar

Em todo o Estado do Amapá, há somente 12 instituições de Ensino Superior, 11 delas situadas em Macapá: uma universidade pública federal; 9 faculdades, escolas ou institutos da rede privada; e um centro de ensino técnico (CET/Fat) da rede privada.

No entanto, de acordo com a Seed (Secretaria de Estado de Educação do Amapá), existem em Macapá 2 universidades públicas - Universidade Federal do Amapá (UFAP) e Universidade Estadual do Amapá (UEAP) -, além de 14 faculdades privadas, registradas no Conselho Estadual de Educação: Atual (Centro de Ensino Atual), Ceap (Centro de Ensino Superior do Amapá), Ceninter (Pertence à Facinter), Cete (Faculdade de Tecnologia do Amapá), Facinter (Faculdade Internacional de Curitiba; Fama (Faculdade de Macapá), Famap (Faculdade do Amapá), Fatec (Faculdade de Teologia), IBPEX (Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão), Iesap (Instituto de Ensino Superior do Amapá), IMMES (Instituto Macapaense de Ensino Superior), Seama (Associação Educacional da Amazônia), Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina - pública, representada em Macapá pelo Instituto Fontoura de Azevedo, Fontaz) e UVA (Universidade Vale do Acaraú, com sede no Ceará).

Quadro 6.4.4-40 - Instituições de Ensino Superior - 2007

| Unidade da Federação/Categoria Administrativa | | Instituições | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------|--------------|---------|----------|---------------|---------|----------|------------------------|---------|----------|-----------------------|---------|----------|----------------------------------|---------|----------|-----------|---------|----------|
| | | Total Geral | | | Universidades | | | Centros Universitários | | | Faculdades Integradas | | | Faculdades, Escolas e Institutos | | | CET / FaT | | |
| | | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior | Total | Capital | Interior |
| Total | | 12 | 11 | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 10 | 9 | 1 | 1 | 1 | - |
| Pública | Total | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | Federal | 1 | 1 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | Estadual | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | Municipal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Privada | Total | 11 | 10 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 10 | 9 | 1 | 1 | 1 | - |
| | Particular | 11 | 10 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 10 | 9 | 1 | 1 | 1 | - |
| | Comun/Confes/Filant | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

Fonte: INEP - Censo do Ensino Superior

6.4.4.4 - Segurança Pública

6.4.4.4.1 - Área de Influência Indireta - Pará

Na área em estudo no Estado do Pará, a Defesa Civil está presente somente no município de Óbidos, onde há uma Coordenação Municipal de Defesa Civil. No entanto, para este serviço, a população dos municípios de Alenquer e Monte Alegre recorre à Coordenação Municipal de Defesa Civil do município de Santarém, enquanto os moradores de Almeirim recorrem à capital, Belém.

O Corpo de Bombeiros de Santarém também é acionado por todos os municípios da All do Pará.

A Polícia Militar está presente em todos os municípios paraenses em estudo. Em Almeirim, há um destacamento da PM com 35 homens e uma delegacia. O município de Oriximiná conta com a presença de um posto policial. Em Alenquer, há uma delegacia da Polícia Civil com um delegado, 2 investigadores e 2 escrivães. No município de Prainha, há uma delegacia e um posto da PM. No município de Óbidos, há uma delegacia da Polícia Civil, com 4 funcionários, e um destacamento da Polícia Militar com 20 homens.

6.4.4.4.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

A capital amapaense centraliza as demandas pelos diversos serviços em segurança pública na All do Amapá: Defesa Civil, Polícia Militar e Bombeiros. A população de Laranjal do Jari conta com a presença de um posto policial.

6.4.4.5 - Infra-estrutura

6.4.4.5.1 - Acesso Rodoviário

No Estado do Pará, existem 4.386 km de rodovias federais, dos quais apenas 1.189km se encontram pavimentados. As rodovias estaduais somam 6.186km, 2.428km dos quais pavimentados. A maior malha rodoviária existente é a municipal (26.676km), em sua imensa maioria sem pavimentação (23.563km).

Na área em estudo no Estado do Pará, a rodovia federal mais próxima é a BR-163 (Cuiabá-Santarém), que chega até Santarém, à margem direita do rio Amazonas.

Em relação às rodovias Estaduais, a principal rodovia que serve os municípios da área em estudo é a PA 254, implantada mas sem pavimentação, saindo do município de Prainha, passando por Monte Alegre, Alenquer (onde tem pequeno trecho pavimentado), Curuá, Óbidos e Oriximiná. As principais rodovias de acessos aos municípios em estudo são:

- Rodovia PA 254, que com 288 km, liga as localidades de Onças (município de Oriximiná) e Jutuarana (município de Prainha), beneficiando os municípios de Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Prainha e, através da intermodalidade, Juruti, Terra Santa e Faro. Esta rodovia segue paralela ao rio Amazonas e é o principal eixo rodoviário da Calha Norte, interligando os dez municípios da área. O Governo do Estado está implantando o trecho Prainha-Almeirim, via Monte Dourado. Outra ampliação, já efetivada na PA-254, é o ramal do Flexal, integrando o recém-criado município de Curuá e a localidade de Flexal, em Óbidos, ao eixo da PA-254. Entre Curuá e Alenquer há uma rampa de embarque e desembarque para travessia do rio Curuá, com 180 m de extensão, funcionando 24 horas por dia. A duração da viagem é de dez minutos. No local será construída uma ponte em concreto com 260 m, criando outra alternativa ao transporte.
- Rodovia PA 427, que, com uma extensão de 24 km, liga o município de Alenquer à PA-254, na altura do povoado de São João, no mesmo município. Esta rodovia serve basicamente à Alenquer, integrando o município ao eixo rodoviário (PA-254). No passado, esta rodovia era uma trilha das mais difíceis, palco do Raid do Cuamba, que atraía jipeiros de todo o Estado. Hoje o ramal do Cuamba já não pode mais ser utilizado para esse esporte radical, pois foi completamente recuperado e serve às comunidades agrícolas, que finalmente podem escoar a produção e garantir o abastecimento da cidade
- Rodovia PA 255/423, que é o principal acesso rodo-fluvial entre Santarém, Monte Alegre e outros municípios da Calha Norte. Tem 47 km. O acesso entre Santarém e Monte Alegre é feito através da travessia de Santana do Tapará, que acontece uma vez ao dia em balsa rebocável.
- PA 257, conhecida como Translago. Essa rodovia liga Santarém a Juruti, beneficiando toda a região do Lago Grande. Tem 170 km e, através da rampa da localidade de Patacho, proporciona acesso rodo-fluvial entre os dois municípios, com duração média de três horas de viagem, em embarcação de médio porte, na época de vazante do rio.

A área em estudo no Estado do Amapá é atendida pela BR 156, que o município de Laranjal do Jari e Macapá, passando pelo município de Tartarugalzinho, em trecho pavimentado, e segue até o Oiapoque em trecho apenas implantado, sem pavimentação em 265 Km.

Em relação às rodovias Estaduais, a principal rodovia que serve os municípios da área em estudo são a rodovia estadual AP 010, em trecho pavimentado, passando pelo município de Santana, até a sede do município de Mazagão. Da sede até o distrito de Mazagão Velho, a rodovia AP-010 segue em trecho não pavimentado. A extensão de Mazagão Velho ao município de Laranjal do Jari se encontra planejada.



Fonte: /Ministério dos Transportes

Figura 6.4.4-5 - Mapa rodoviário do Estado do Amapá

No Anuário Estatístico Rodoviário de 2006, produzido pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), as informações referentes aos Estados do Pará são apresentadas em conjunto com as do Estado do Amapá, não sendo possível desagregar estes dados. Assim sendo, no ano de 2005, 567.947 passageiros utilizaram o transporte rodoviário nos Estados do Pará e do Amapá, o que representa um aumento de 17% em relação ao número de passageiros transportados em 2002. Em 2005, nestes dois Estados, foram realizadas 23.248 viagens rodoviárias, 2.628 a mais do que em 2002.

Quadro 6.4.4-41 - Evolução dos dados operacionais de Transporte Terrestre (PA-AP) - 2002, 2003, 2004 e 2005

| Controle Operacional | Anos | | | |
|---------------------------|---------|---------|---------|---------|
| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 |
| Transporte de passageiros | 485.532 | 476.704 | 496.029 | 567.947 |
| Viagens realizadas | 20.620 | 22.408 | 22.920 | 23.248 |

Fonte: Anuário Estatístico Rodoviário 2006 - ANTT

6.4.4.5.2 - Acesso Ferroviário

Na área em estudo no Estado do Pará, existe a Estrada de Ferro do Jarí (EFJ), com 68km, localizada no norte do Estado, próximo à divisa com o Amapá. Saindo de Pacanari, foi construída para transportar madeira de até a fábrica de celulose do Projeto Jarí, situada em Mungubá. E ainda a Estrada de Ferro Trombetas (EFT), de cunho industrial, que liga Oriximiná ao Porto Trombetas.

No Estado do Amapá, a Estrada de Ferro Amapá (EFA), com 194 km de extensão, tem início no município de Santana, passa pela capital, Macapá, e segue até o município de Serra do Navio, passando por Platon, Cupixi, Mungubá e Cachorrinho. Estrada de Ferro do Amapá, inaugurada em 1957, com o objetivo de transportar minério de manganês (90% da carga transportada) extraído e beneficiado na Serra do Navio (AP) e embarcado para exportação pelo Porto de Santana. As outras mercadorias transportadas são ferro-silício, minério da cromita e outras utilizadas no mercado interno. Possui uma bitola de 1,435 m. Atualmente um trecho de 194 Km une o Porto de Santana e a região dos rios Amapari e Araguaí. Está em operação sob regime de concessão pela empresa Indústria e Comércio de Minério S/A - ICOMI.

Um passeio de barco, margeando as grandes cidades do Estado do Pará possibilita a observação de centenas de portos, a maioria com capacidade para barcos pequenos. Esse meio de transporte, comum no estado, serve à populações ribeirinhas, que fazem do rio um meio de sobrevivência. A navegação fluvial é intensa, permitindo o escoamento da produção para grandes portos, nacionais e estrangeiros, e facilitando o deslocamento dos moradores da região. O Pará tem 14 portos de grande importância para sua economia. Nove são administrados pela Companhia Docas do Pará (Belém, Altamira, Itaituba, Marabá, Óbidos, Santarém, São Francisco, Vila do Conde e Miramar). Os demais são de uso exclusivo das empresas Mineração Rio do Norte, Jari Celulose, Cadam, Pará Pigmentos e Rio Capim Caulim.

No Estado do Pará, há cinco hidrovias, nos rios Amazonas, Xingu, Tapajós, Trombetas e Tocantins. Duas delas - do Amazonas e do Trombetas - estão inseridas na área em estudo. Além disso, a hidrovia do Tapajós, indiretamente, atende aos municípios em estudo, uma vez que se situa no município pólo de Santarém.

a) Hidrovia do Rio Amazonas

De toda a malha hidroviária brasileira, o rio Amazonas é a principal via de escoamento de cargas gerais, passageiros, grãos e minérios, além de constituir-se na mais importante via de transporte para a população que vive às margens de seus afluentes. É via de transporte de grande parte da produção de grãos que é transportada pelo rio Madeira e de toda a bauxita que escoar pelo rio Trombetas, além de ser a principal via de transporte de graneis líquidos e de insumos e produtos, oriundos da Zona Franca de Manaus.

No baixo Amazonas, é uma hidrovia natural com potencial de transporte de cargas gerais, passageiros, grãos e minérios.

A hidrovia do rio Amazonas oriental tem, aproximadamente, 1.100 km de extensão, no trecho compreendido entre sua foz, no estado do Pará, e a divisa com o estado do Amazonas, que se encontra totalmente balizada.

Possui largura média de 3.000 m e uma declividade média de 2 cm/km, sendo que o seu regime hidrológico tem como período de águas baixas os meses de setembro a dezembro e de águas altas de janeiro a junho.

Na calha principal do rio, suas maiores larguras estão entre as cidades de Almeirim e Monte Alegre, onde alcança valores médios da ordem de 9.500m. Sua menor largura está no través da cidade de Óbidos, com dimensão da ordem de 1.500 m.

b) Porto de Óbidos

O Porto foi construído na margem esquerda do rio Amazonas, na cidade de Óbidos. Sua inauguração data de 18.08.76. A principal frente acostável do Porto tem 39 metros de comprimento e é ligada ao pátio por intermédio de duas passarelas com piso em peças de madeira de lei e a infra-estrutura em perfis metálicos do tipo TR-25 e TR-32. O calado é de 10m e o Porto pode receber navios de 7.000 TDW. Embarcações de pequeno porte podem operar nas duas plataformas laterais e na frente secundária que possui 46 metros de extensão.

Na década de 80, a exportação no Porto de Óbidos foi bastante expressiva em relação à importação. Já em 1991, devido ao baixo preço no mercado internacional da juta e da madeira serrada, deixaram esses produtos de contribuir para a movimentação daquele Porto.

c) Rio Trombetas: Porto Trombetas

O trecho navegável é de 260 km, da foz, em Oriximiná, até Cachoeira Porteiras. A principal carga transportada é bauxita. O Porto possui um armazém com 420 m² de área construída, escritório e pátio pavimentado com 600m².

Porto Trombetas, denominação atribuída ao terminal de embarques de minério de propriedade da companhia, adjacente à Vila Residencial, fica no Estado do Pará, a 80 quilômetros da cidade de Oriximiná, sede do município do mesmo nome.

Quadro 6.4.4-42 - Acessos ao Porto Trombetas

| Vias | Acessos |
|-------------|---|
| Rodoviário | 880 km a distância em linha reta do Porto de Trombetas e a capital do Estado |
| Ferroviário | 30 km até as instalações de beneficiamento entre à margem do Rio Trombetas e Rio Amazonas |
| Hidroviário | 1.130 km por vias fluviais |

Os graneleiros que aportam em Trombetas têm comprimento máximo de 245 m, largura máxima de 40m e calado livre (isto é, a distância entre a linha d'água e o topo da boca da escotilha) de 13,5 metros. A capacidade dos navios varia de 15.000 a 51.600 toneladas

métricas. O embarque do produto nos navios se faz pela gravidade através de carregadores lineares de lança deslizante com capacidade nominal de 6.000t/hora.

d) Rio Tapajós

Não atende diretamente os municípios da Área de Influência do empreendimento, mas o município de Santarém, que polariza os municípios em estudo no Estado do Pará.

A hidrovia Tapajós-Teles Pires possui 1043 km de extensão, sendo 851 Km no rio Tapajós, entre Santarém, PA e a confluência dos rios Teles Pires e Juruena, e 192 Km no rio Teles Pires, entre sua foz e cachoeira Rasteira.

É considerada rota principal para a exportação de grãos de todo o centro norte do estado de Mato Grosso, com importante incremento no comércio exterior. Além disso, é via interior de transporte de cargas advindas da região norte do País em direção ao centro do estado do Mato Grosso.

e) Porto de Santarém

Localizado na margem direita do Rio Tapajós, próximo à confluência com o Rio Amazonas, na cidade de Santarém, no Pará. Possui 10.400 m² de área total, profundidade do cais variando de 10m a 16m, e 520m de comprimento. As principais cargas embarcadas são minério hidratado, gasolina, veículos, óleo diesel, farinha de mandioca, madeira e refrigerantes.

Na área em estudo no Estado do Amapá, existem as hidrovias do Rio Amazonas e do Rio Jari.

f) Porto de Macapá

Inaugurado em 1980, possui 3 berços e 260m de cais. Localiza-se na margem esquerda do rio Amazonas, no canal de Santana. O acesso se dá pelo rio Amazonas e seus afluentes, e o acesso marítimo pelo rio Amazonas. O acesso rodoviário é feito pela AP-010 /BR-210, distando 20 km da cidade de Macapá. Não há acesso ferroviário.

É administrado pela Companhia Docas do Pará. A principal carga embarcada é casca de pinus, e a principal carga importada é adubo.

g) Hidrovia do Rio Jari

O rio Jari é navegável até a cachoeira de Santo Antônio, no Km 110. As profundidades disponíveis são de 4m nas cheias e de 2,40m nas estiagens. Da foz de Monguba (Monte

Dourado), o rio foi dragado para permitir o tráfego de navios de 12.000 tpb, por interesse do antigo projeto Jari. As principais cargas transportadas são caulim e casca de madeira.

Há linhas regulares para Macapá, Belém e Santarém, entre outros destinos.

6.4.4.5.4 - Acessos Aéreos

No Estado do Pará, existem 20 aeroportos, sendo principais acessos aéreos são feitos a partir dos aeroportos de Altamira, Santarém e Tucuruí. Além desses aeroportos a área de estudo dispõe ainda de aeroportos instalados nos municípios de:

- MONTE ALEGRE, com pista de concreto asfáltico com 1.200 metros, operando com aeronaves de até vinte passageiros;
- ORIXIMINÁ, com dois aeroportos, um deles fica em Porto Trombetas, distrito de Oriximiná (pertencente à empresa Mineração Rio do Norte. Opera até com aeronaves tipo boeing 737, com 110 assentos) e outro na sede do município com pista asfaltada de 1.600 m, apta a receber aviões com até 20 passageiros;
- ÓBIDOS, com pista de pouso e decolagem de 1.500 m de asfalto e pode receber aeronaves com até 20 assentos;
- ALMEIRIM, que possui dois aeroportos: um na sede do município, com pista asfaltada de 1.200 m, com capacidade para até 20 passageiros, e outro em Monte Dourado, com 1.800 metros, capaz de operar com boeings de até 110 lugares;

No Estado do Amapá, o principal acesso é feito através do Aeroporto de Macapá. Na área em estudo foram identificados os seguintes aeroportos.

- Aeroporto Internacional de Macapá que possui pista pavimentada (tamanho: 2.088 m), opera Boeing 737-300 e vôos noturnos. O transporte aéreo em Macapá movimenta cerca de 200 mil passageiros ao ano. Apresenta predomínio de passageiros embarcados e desembarcados em vôos nacionais e uma tendência média de crescimento de 6% a.a., a partir de 1993. Quanto aos vôos internacionais, apresenta uma tendência de diminuição da demanda, que em 1996 chegou a 1.484 passageiros.
- Aeródromo de Monte Dourado/PA, servido por vôos diários de empresas regionais, que dada sua proximidade com a área de estudo atende também a sua demanda.

- Laranjal do Jari conta com uma pista de pouso sem pavimentação situada na periferia urbana, usada pelas aeronaves que abastecem os garimpos de ouro da região.

6.4.4.6 - Organização Social

6.4.4.6.1 - Migração e Deslocamento

Para analisar a migração são utilizados dois indicadores. As informações fornecidas pela Contagem de População 1996, do IBGE, relacionam todos os habitantes do município que não residiam naquele município em 1º de setembro de 1991, por origem do movimento migratório. Ao todo havia 9.657 imigrantes no momento da pesquisa. Diferentemente do que foi observado na All do Amapá, a maior parte dos migrantes recentes (52,3%), que se estabeleceram nos municípios em estudo no Estado do Pará a partir de setembro de 1991, são provenientes de outros municípios paraenses, enquanto 46% são oriundos de outras unidades da federação.

Quadro 6.4.4-43 - Migração e Deslocamento - Pessoas não residentes no município em 1º de setembro de 1991

| Municípios da All | Total | Outra unidade da federação | Mesma unidade da federação | País estrangeiro | Ignorado |
|-------------------|-------|----------------------------|----------------------------|------------------|----------|
| Almeirim | 4.771 | 2.888 | 1.809 | 5 | 69 |
| Prainha | 455 | 67 | 383 | - | 5 |
| Monte Alegre | 1.116 | 292 | 809 | 11 | 4 |
| Alenquer | 546 | 227 | 284 | - | 35 |
| Curuá | | | | | |
| Óbidos | 1.025 | 367 | 646 | 1 | 11 |
| Oriximiná | 1.744 | 605 | 1.117 | 4 | 18 |
| All do Pará | 9.657 | 4.446 | 5.048 | 21 | 142 |

Fonte: IBGE - Contagem de População 1996

As informações do Censo 2000 relacionam a população residente por região de nascimento e pela unidade da federação, independente de há quanto tempo estes habitantes estão estabelecidos no município. No momento da pesquisa havia no conjunto dos municípios em estudo, um total de 268.422 imigrantes na área em estudo. No conjunto de municípios paraenses em estudo, a imensa maioria da população nasceu no próprio Estado do Pará - 93,7%. O restante da população, em proporções mais significativas, é oriundo da Região Nordeste (3,6%), de outros Estados da Região Norte (1,8%) e da Região Sudeste (0,4%).

Quadro 6.4.4-44 - População residente por local de nascimento - 2000

| Municípios da All | Total | Região Norte | Pará | Região Nordeste | Região Sudeste | Região Sul | Região Centro-Oeste | Brasil sem especificação | País estrangeiro | Exterior | Exterior naturalizados brasileiros | Exterior estrangeiros |
|-------------------|---------|--------------|---------|-----------------|----------------|------------|---------------------|--------------------------|------------------|----------|------------------------------------|-----------------------|
| Almeirim | 33.957 | 29.629 | 28.636 | 3.644 | 399 | 111 | 130 | - | 44 | - | - | - |
| Prainha | 27.301 | 26.953 | 26.645 | 303 | 29 | - | 16 | - | - | - | - | - |
| Monte Alegre | 61.334 | 58.423 | 57.715 | 2.310 | 263 | 126 | 167 | - | 44 | - | - | - |
| Alenquer | 41.784 | 40.399 | 39.538 | 1.240 | 31 | 69 | 25 | 10 | 10 | - | - | - |
| Curuá | 9.224 | 9.135 | 9.055 | 64 | 8 | 6 | 8 | - | 4 | - | - | - |
| Óbidos | 46.490 | 45.418 | 44.805 | 869 | 74 | 78 | 37 | - | 14 | - | - | - |
| Oriximiná | 48.332 | 46.494 | 45.212 | 1.241 | 387 | 90 | 89 | 11 | 19 | - | - | - |
| All do Pará | 268.422 | 256.451 | 251.606 | 9.671 | 1.191 | 480 | 472 | 21 | 135 | - | - | - |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

As informações fornecidas pela Contagem de População 1996, do IBGE, relacionam todos os habitantes do município que não residiam naquele município em 1º de setembro de 1991, por origem do movimento migratório. Já as informações do Censo 2000 relacionam a população residente por região de nascimento e pela unidade da federação, independente de há quanto tempo estes habitantes estão estabelecidos no município.

Em 1996, na All do Amapá, havia 44.934 habitantes que não residiam no município atual em 1º de setembro de 1991. 87,8% deles eram provenientes de outras unidades da federação e 11% eram provenientes de outros municípios do Estado do Amapá.

Quadro 6.4.4-45 - Pessoas não residentes no município em 1º de setembro de 1991

| Municípios da All | Total | Outra unidade da federação | Mesma unidade da federação | País estrangeiro | Ignorado |
|-------------------|--------|----------------------------|----------------------------|------------------|----------|
| Macapá | 28.711 | 26.280 | 1.989 | 303 | 139 |
| Santana | 9.419 | 7.266 | 2.056 | 64 | 33 |
| Mazagão | 538 | 182 | 348 | 2 | - |
| Laranjal do Jari | 6.266 | 5.709 | 538 | 2 | 17 |
| All do Amapá | 44.934 | 39.437 | 4.931 | 371 | 189 |

Fonte: IBGE - Contagem de População 1996

No ano de 2000, 65,9% da população residente no conjunto dos municípios em estudo no Estado do Amapá era nascida no próprio Amapá e 26,5% era nativa de outros estados da Região Norte. Dentre os habitantes provenientes de outras regiões do país ou de países estrangeiros, os únicos

a representar proporção significativa em meio aos habitantes dos municípios em estudo eram os provenientes da Região Nordeste - 6,2%.

Quadro 6.4.4-46 - População residente por lugar de nascimento - 2000

| Municípios da All | TOTAL | Região Norte | Amapá | Região Nordeste | Região Sudeste | Região Sul | Região Centro-Oeste | Brasil sem especificação | País estrangeiro | Exterior | Exterior naturalizados brasileiros | Exterior estrangeiro |
|-------------------|---------|--------------|---------|-----------------|----------------|------------|---------------------|--------------------------|------------------|----------|------------------------------------|----------------------|
| Macapá | 283.308 | 260.964 | 189.817 | 17.914 | 1.777 | 842 | 1.314 | 3 | 495 | - | - | - |
| Santana | 80.439 | 76.851 | 50.835 | 2.665 | 423 | 117 | 264 | - | 118 | - | - | - |
| Mazagão | 11.986 | 11.832 | 10.733 | 127 | 21 | - | 5 | - | - | - | - | - |
| Laranjal do Jari | 28.515 | 23.718 | 15.026 | 4.420 | 132 | 51 | 161 | 6 | 26 | - | - | - |
| All do Amapá | 404.248 | 373.365 | 266.411 | 25.126 | 2.353 | 1.010 | 1.744 | 9 | 639 | - | - | - |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

6.4.4.6.2 - Os Conflitos Agrários e Tensões Sociais

De acordo com a literatura e as informações levantadas em campo, os conflitos existentes na Área de Influência da Linha de Transmissão estão ligados a ausência de ordenamento territorial e aos conflitos de usos e apropriação dos recursos naturais, concentrando sobre, as disputas por terras e conseqüentemente pela posse e utilização dos recursos naturais.

A rigor, estes conflitos na região de influência do empreendimento podem ser classificados de conflitos agrários e envolvem basicamente dois grupos distintos um composto pelas comunidades tradicionais (ribeirinhos, extrativistas, assentados e posseiros) e o segundo grupo composto, principalmente por empresas, políticos, fazendeiros e grileiros.

No caso das comunidades tradicionais estas são formadas principalmente, por atores sociais que estão na região há longo tempo sobrevivem do extrativismo, principalmente da castanha, açaí, pesca e palmito, além da produção baseada na agricultura de subsistência, tendo na família sua unidade primária de produção e de consumo. Esse tipo de agrupamento vive de seus conhecimentos⁹ empíricos adquiridos no seu cotidiano. Esse *metier* é que vai orientar as formas e os usos de exploração do solo, das plantas e do território que ocupam. Assim, estes agrupamentos estão sempre criando mecanismo de exploração que visem à conservação e auto-preservação do meio ambiente aonde vivem.

⁹ Toledo (1990) procurou apontar que esses conhecimentos envolvem elementos histórico, geográfico, físico, florestal e biológico.

Do outro lado, estão os grupos de fazendeiros, garimpeiros, empresas de mineração, florestais, madeireiros e carvoeiros que estão interessados na exploração dos recursos naturais disponíveis e, conseqüentemente nas terras, sob o argumento de terras disponíveis, sem propriedades e desocupadas.

6.4.4.6.3 - Antecedentes Históricos

O processo de ocupação da Amazônia é marcado por ciclos de exploração dos recursos naturais e das terras. Essa política de ocupação iniciada a partir do século XVIII, pelos portugueses através da política expansionista daquele país, trouxeram grandes conseqüências para os povos da região. Num primeiro momento, os primeiros impactados com essa ocupação são os povos indígenas formados por diversas etnias como Waiãpi, Aparai, Wayana, Tiriyo, katxuayana, Karanã, Kastumi entre outras, tantas que existem ou existiram na região Amazônica.

Em seguida veio o ciclo da seringueira entre início e meados do século XIX, época considerada áurea para região Amazônica principalmente para cidades como Belém e Manaus. Outro momento, importante no ciclo da borracha foi durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde o governo de Getulio Vargas estimulou a migração de nordestino para área trabalharem nos seringais como 'Soldados da Borracha'.

Esses momentos de estímulo de migração para região Amazônia contribuem para que, fazendeiros, caboclos, ribeirinhos e nordestinos viessem para região para ocuparem terras com intuito de desenvolverem a extração da borracha, atividade econômica fortemente difundida na região.

Para Sousa (2006), esses trabalhadores que chegavam para trabalhar nos "Xiringais"¹⁰ o faziam em busca de dinheiro, sonhos e para fugir das sucessivas secas que assolavam o Nordeste brasileiro no século XIX.

Esses migrantes trabalhavam em pequenos grupos nas colocações, dos coronéis¹¹ da região e mantinham relações com os indígenas, com que aprenderam a caçar, a pescar e a práticas agrícolas desenvolvidas pelos indígenas da região.

Sobre a migração nordestina para a região Amazônica Facó (1978) apontou que só no ano de 1878 estima-se que cerca de 120.000 pessoas se deslocaram do interior do Ceará para a região para trabalhar na exploração dos seringais.

¹⁰ Sousa (2006) aponta que "Xiringais" era expressão utilizada pelos migrantes que viam trabalhar nos seringais amazônicos

¹¹ Coronel era uma designação dada aos grandes fazendeiros de terras no Brasil do século XIX e início do Século XX

Assim, a movimentação da economia da região favoreceu a migração de milhares de trabalhadores, sobretudo de nordestinos vindos principalmente do Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Essa população migrada nessa época juntamente com grupos indígenas, vão formar em muitos locais as comunidades tradicionais que existem na região.

A forma de relação de trabalho imposta nas terras pelos coronéis da época o aviamento, modelo implantado nos seringais, que consiste numa espécie de relação trabalhista imposta pelos senhores de terras da região Amazônica.

Sobre o aviamento Castelo (1999) aponta que este mecanismo de relações trabalhista era a forma de expropriação imposta pelos fazendeiros aos trabalhadores. Dentro do sistema de aviamento o fazendeiro ficava responsável por fornecer ao trabalhador a crédito, bens de consumo, mercadorias de que necessitava e instrumento de trabalho. E o trabalhador ficava obrigado a vender sua produção ao barracão do fazendeiro. Caso o trabalhador não entregasse a produção ao barracão do fazendeiro as punições eram severas.

Destarte, além desse processo de 'submissão' os trabalhadores eram alijados ao direito pela posse da terra, o que favoreceu para o surgimento de um terreno fértil para expropriação da terra desses trabalhadores, o que vai acontecer com mais freqüência a partir da década de 1950.

Nas décadas de 1960 e 1970 o modelo de ocupação imposto para região pelo Estado Militar, que objetivaram a ocupação da Amazônia, através do estímulo a instalação de grandes empreendimentos na região, através de incentivos fiscais, juros muito baixos e financiamentos via Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e do Banco da Amazônia (BASA).

Esse período pode classificado como o ciclo do capital, onde o favorecimento dessas políticas contribui para que as terras ora ocupadas por comunidades tradicionais, sejam griladas por empresas e fazendeiros, pecuaristas, sojicultores, entre outros, que vão dar outra tonalidade no processo histórico de ocupação da Amazônia.

Assim, é importante ressaltar que essa ocupação da região estimulada pelo Estado militar não considerou as populações que ocupavam tradicionalmente a terra na região e que de certa forma participaram dos ciclos econômicos experimentado pela região. Essa realidade acabou contribuindo para esse cenário de grilagem e conflitos que passaram a ser praticas cotidiana da região Amazônica.

6.4.4.6.4 - Os Conflitos Agrários no Presente

Na pesquisa de campo foi possível ouvir alguns relatos sobre os conflitos que aconteceram nos últimos anos na região. Além disso, num levantamento feito por autores como Carvalho (2005), foi possível identificar a presença de outros conflitos que são ou foram presentes na área. No Quadro 6.4.4-47 são apresentados alguns destes conflitos ocorridos e registrados nos últimos anos na região.

Quadro 6.4.4-47 - Conflitos nos municípios de passagem da LT

| Município/Estado | Tipo de Conflito |
|---------------------------|--|
| Laranjal do Jari | <ul style="list-style-type: none"> - Latifundiários querem ter acesso aos castanhais existentes na região; - Invasão de posseiros na RESEX do Cajari; - Conflitos entre posseiros e o Projeto Jari. |
| Macapá | <ul style="list-style-type: none"> - Criação desordenada de búfalo (Comunidade do Torrão do Matapi e Curiaú); - Pescaria predatória nos igarapés do Torrão; - Conflito fundiário com plantadores de soja e arroz (Comunidades: Coração, Porto do Céu, Curiaú, Ilha Redonda, Lagoa dos Índios, Rosa e Torrão do Matapi); - Na área do município de Macapá ainda identificou-se outros conflitos por grilagem de terra, e ocupação de terras públicas. |
| Santana | <ul style="list-style-type: none"> - Conflito por terra, assentamento: Matão do Piaçacá. |
| Mazagão | <ul style="list-style-type: none"> - Conflitos por terra (grilagem); - Invasão de garimpeiro, fazendeiros e madeireiros em projetos de assentamentos na região de Maracá (I, II, III). |
| Almeirim (Estado do Pará) | <ul style="list-style-type: none"> - Conflitos entre posseiros e o Projeto Jari; - Conflitos entre madeiros e comunidades tradicionais. |
| Prainha | <ul style="list-style-type: none"> - Ameaça de morte a lideranças de trabalhadores rurais. Por disputa de terra. |
| Alenquer | <ul style="list-style-type: none"> - Ocupações de terra em dois trechos da PA-254, próximos a divisa com o município de Óbidos. |
| Curuá | <ul style="list-style-type: none"> - Disputa de área de castanhais entre fazendeiros e comunidades próximas a PA-254. |
| Óbidos | <ul style="list-style-type: none"> - Disputa de área de castanhais entre fazendeiros e comunidades próximas a PA-254. |

Fonte: Carvalho (2005), Comissão Pastoral da Terra (2007) e pesquisa de campo, 2008.

6.4.4.6.5 - Conflitos Agrários na Região do Sul do Amapá

Na mesorregião do Sul do Amapá, os principais atores envolvidos do conflito agrário são os fazendeiros, madeireiros e o Projeto Jari¹², este último sendo apontado como um dos principais geradores de conflitos agrários na região, devido à concentração de terras destinada ao Projeto.

¹² Mais a frente nesta mesma seção será abordado mais detalhadamente sobre o Projeto Jari.

Além do Projeto Jari a abertura de estradas como a BR-156 também, é apontada como fomentadora de conflitos na região. Nesse sentido Raiol citado por Carvalho (2007) aponta que a abertura de estradas no Estado no Amapá serviu como instrumento para o avanço da fronteira agrícola no seu território. Essa situação favorece o aparecimento de problemas semelhantes aos ocorridos em outras regiões do país. Nesses locais, por causa da disputa de terra e grilagem o êxodo rural tende a intensificar.

Nesse sentido, Carvalho (2005), ressalta a necessidade de maior atenção por parte dos governos, sobretudo o federal, para o Estado do Amapá, considerando que 88,63% do seu território estão sob domínio da União e, por isso, ele seria o principal responsável por fiscalizar e por evitar esses confrontos presentes no Estado.

As terras no Estado do Amapá sob responsabilidade do governo federal estão divididas em áreas de assentamentos, reservas ambientais e reservas indígenas, conforme pode-se observar no Quadro 6.4.4-48, a seguir.

Quadro 6.4.4-48 - Terras do Amapá sobre responsabilidades de Órgãos Federais

| Órgão responsável | % de terras |
|---|-------------|
| Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ¹³ | 66,26 |
| Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA) | 14,20 |
| Fundação Nacional do Índio (FUNAI) | 8,17 |
| Total | 88,63 |

Fonte: Carvalho (2005).

Este fato tem proporcionado pressões do setor ligado ao agronegócio a União, para que esse repasse as terras para o controle Estado, com o intuito de liberar a terra para exploração agropecuária. Essa realidade tem preocupado a Comissão Pastoral da Terra - CPT e sindicatos dos trabalhadores rurais que, temem o aumento da grilagem de terras na região. Esse novo cenário acaba contribuindo para o surgimento de conflitos de diversas naturezas, no entanto, quase todos eles relacionados com a questão fundiária.

Nesse sentido, Torrinha (2006) a partir dos dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Estado do Amapá elaborou um levantamento das principais ocorrências dos conflitos no campo no Estado do Amapá na década de 1990. De acordo com o autor, cerca de 48% destes conflitos

¹³ Em 1973 foi criado o Projeto Fundiário do Amapá e administrado pelo INCRA. Atualmente além do INCRA, o Instituto de Terras do Amapá TERRAP, é responsável pela questão fundiária do Estado.

estavam relacionados à disputa de terras e a grilagem; 23% invasão de área de posseiros por fazendeiros que objetivavam a criação de gado, sobretudo, búfalos, além da abertura de estradas; 11% ações trabalhistas movidas por trabalhadores rurais contra empresas; 9% pressão de grileiro para venda de benfeitorias, nas terras de posseiros e 9% relacionados com outras ocorrências.

a) Projeto Jari

Para entender os atuais conflitos no território do Vale do Jari envolvendo o Projeto Jari, Estado e comunidades se faz necessário um breve resgate histórico de elementos que ajudam entender esse mosaico de conflitos e concentração de terras que existem na região entre o município de Almeirim no Estado do Pará e o Sul do Estado do Amapá.

Assim sendo, esse histórico pode ser dividido em três momentos históricos bem delineados aquilo que Picanço (2005), definiu como: a fase da *expropriação e controle individual* (Coronel José Júlio); a fase do *controle pela empresa comercial extrativista* (Grupo de Portugueses) e a *fase de controle pelo grande capital* (Ludwig e pós Ludwig).

Primeira fase: expropriação e controle individual

O Coronel José Júlio de Andrade é um emigrante cearense natural da cidade Uruburetama que veio para a região do Vale do Jari para explorar as riquezas da floresta, no final do século XIX. A principal atividade econômica explorada por ele foi à castanha do Pará. Na época o Coronel ostentou o título de “rei da castanha” e também, o título de um dos maiores latifundiários que a região Amazônica já conheceu. Segundo Lins (2001), o Coronel chegou a registrar em seu nome mais de três milhões de hectares nos atuais estados do Amapá e Pará.

Assim, essa fase é marcada pelo controle individual, que até para pescar os moradores precisavam de autorização do coronel e a pesca era permitida apenas para o sustento da família sendo proibida a comercialização. Além disso, o Coronel era tido como um hábil comerciante e político de sua época, o Coronel foi deputado e senador pelo Estado do Pará.

“O sucesso nos negócios levou-o a ser nomeado Intendente do Município de Almeirim, onde sua influência foi fundamental para acobertar as manobras cartoriais que originaram seu imenso latifúndio. (...) Essa informação é reforçada pela divulgação dos estudos do Grupo Executivo para a Região do Baixo-Amazonas -

*GEBAM, que identificou o processo de grilagem de terras ocorridas na região".
(Picanço, 2005: 41)*

Assim, a riqueza do Coronel Zé Júlio foi sendo alicerçada no acúmulo de terras e na economia extrativista de produtos como: borracha, maçaranduba, copaíba, andiroba, pecuária e ouro. E no seu principal produto a castanha que era explorada pelos migrantes principalmente nordestinos e caboclos da região. Nesse período varias Vilas foram fundadas ou consolidadas como Arumanduba, (sede das terras do Coronel Zé Julio) em Almeirim-PA e Santo Antônio (em Laranjal do Jari -AP). A influência do Coronel durou 49 anos de 1899 a 1948, data que as terras foram vendidas para cinco empresários portugueses, que ficou conhecido como o Grupo dos Portugueses.

A segunda fase: controle pela empresa comercial extrativista

Essa fase é marcada pelo ciclo dos portugueses além das atividades produtivas exploradas até o momento a atividade agropecuária foi intensificada, durou aproximadamente 19 anos (1948 a 1967). Nessa fase a exploração ganha o cunho da empresa comercial - extrativista. Com essa visão os portugueses fundaram três empresas: uma voltada para indústria e comércio, a segunda ocupada pela fabricação de aguarde e beneficiamento da castanha e a terceira relacionada com a navegação. (Filocreão, 2005).

Nesse período diferentemente da fase do Coronel, os portugueses foram aos poucos liberando algumas áreas de plantio para os trabalhadores. O excedente da produção era vendido para o grupo. Essa nova forma de exploração da área segundo Picanço (2005) pode ser uma explicação que ajuda a entender a fixação da população em torno dos barracões dando origem a povoados como Água Branca e Santana no rio Cajari.

No final da década de 1960 (1967), os portugueses com dificuldades em administrar a área, por causa dos conflitos com os posseiros e a entrada de outros compradores dos produtos como a castanha, fizeram com que o grupo vendesse as terras para o norte-americano Daniel Ludwig, idealizador do Projeto de produção agro-silvipastoril, conhecido como Projeto Jari.

Terceira fase: controle pelo grande capital

Essa fase pode ser dividida entre o período do norte americano Daniel Ludwig que durou 14 anos (1967-1981), passando pela nacionalização (1981) e a partir do ano de 2000, época que o Grupo Orsa passa administrar o projeto.

Assim, no ano de 1967, o norte americano fundou Jari Florestal e Agropecuária, que ficou conhecido com Projeto Jari, um grande complexo agroindustrial e mineral. O projeto receberia apoio do governo militar através da política integração nacional promovida pelo Estado militar na região Amazônica.

Sobre o tamanho da área adquirida pelo empresário, autores como Lins (2001), descrevem que, fisicamente, Ludwig recebeu uma área de 1.632.121 hectares sendo 1.174.391 ha no Estado do Pará, município de Almeirim e o restante no Sul do estado do Amapá em terras dos municípios de Mazagão, Laranjal do Jari e Vitória do Jari. (idem, ibidem, 151).

Segundo Picanço (2005), a fundação do Projeto Jari significou um marco na mudança das relações sociais, inter-relação com o ambiente e nos modos de vidas das populações que viviam na região. Para o autor:

“A instalação do Projeto Jari desencadeou uma série de conflitos com as comunidades locais, que desembocaram em uma redefinição do controle territorial (...). O processo de instalação do projeto impôs a movimentação de grandes máquinas (tratores, aviões, trem, fábrica, etc.), a construção da cidade de Monte Dourado (a “capital” do projeto) e a chegada da fábrica de celulose trazida do Japão montada sobre balsas em uma área onde, até então, ‘só existia floresta’, criando no seio da população local uma certa perplexidade, um estranhamento com essa nova realidade” (idem, 2005:26-27).

Na sua fase Ludwig explorou os seguintes projetos: projeto florestal para exploração de celulose, pecuária, agricultura de arroz de várzea e outras culturas como banana, dendê, jazidas de caulim e uma área industrial. Ademais, outros projetos de infra-estrutura, foram implementados como: construção do distrito de Monte Dourado, estradas, portos e trapiches, campo de aviação e rede elétrica.

Nessa fase, a região (Sul do Estado do Amapá) por causa da instalação do Projeto passou a ser foco de atração de migrantes que vinham em busca de trabalho no Projeto, sobretudo o município de Laranjal do Jari. Essa realidade acaba corroborando indiretamente para o acirramento de tensões na região.

De acordo com Lins (2001), no início da década de 1980 foram os mais difíceis para Ludwig, assim sendo, o autor cita desestímulo do empresário com o projeto, problemas referentes à

própria empresa, a dificuldade em oficializar a posse definitiva das terras, o incêndio do prédio da empresa, entre outras.

Dado as dificuldades enfrentadas a partir do ano de 1981, o Projeto Jari passa ser administrado por um consórcio de 23 empresários brasileiros, liderados pelo Grupo CAEMI, financiados pelos Bancos do Brasil e BNDES. Esse período é conhecido como a nacionalização do Projeto, (Lins, 2001).

Nesse período, o Projeto por falta de matéria-prima para fabricação de celulose investe maciçamente no desmatamento da floresta e dos castanhais, que eram explorados há anos pelas comunidades locais. Nessa nova fase onde o desmatamento passou a ser mais intenso é o momento que os conflitos mais se acirraram e as comunidades organizadas mobilizaram para que providências fossem tomadas, entre estas estavam à reivindicação do direito de permanecer na terra.

Essa reação da comunidade contribuiu para que no início da década de 1990 fosse criada a Reserva Extrativista do Rio Cajari¹⁴ através de Decreto Federal número 98.897, de 30 de janeiro de 1990, que tinha por objetivo a exploração sustentável dos moradores da região do Cajari. Assim, a reserva foi declarada de interesse ecológico e social.

Essa ação levou a uma disputa jurídica envolvendo o IBAMA¹⁵ e os controladores do Projeto Jari, que questionavam os valores proposto para a indenização. Sobre estes valores teriam sido depositado em juízo pelo IBAMA, cerca de R\$ 5.707.089,23 (cinco milhões, setecentos e sete mil e oitenta e nove reais e vinte e três centavos). (Filocreão, 2007).

Para Picanço (2005), essa ação era motivada porque o grupo que controla o Projeto Jari questionava a legitimidade da reserva e reivindicava 80% da área onde foi criada a reserva.

“Deve-se destacar, que a legislação que institucionalizou as Reservas Extrativistas, permite a destinação de uma área para criação de RESEX sem que tenha ocorrido, necessariamente, sua desapropriação. É com base nisso que, mesmo sem definição da regularização fundiária, várias ações vêm sendo feitas no sentido de implementação dessas unidades de conservação - UC” (idem, 2005:73).

¹⁴ A criação das reservas extrativistas no Brasil é uma conquista dos movimentos extrativistas, principalmente do Conselho Nacional de Seringueiros. Que propôs ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e órgãos ambientais. A criação de projetos de assentamentos nestas áreas, os chamados projeto de assentamentos agro-extrativistas

¹⁵ O IBAMA representa o interesse da União e das comunidades agroextrativistas da RESEX

Além disso, o Picanço (2005) ressalta que mesmo não concordando com a criação da RESEX, o “Projeto Jari paralisou as grandes derrubadas da floresta nesse espaço, além de retirar todo seu gado da área” (idem, ibidem, 73).

O período atual é marcado a partir do ano de 2000, quando a Saga Investimentos e Participações, holding de capital 100% nacional controlada por Sergio Amoroso do Grupo Orsa, passa a ser dona do Projeto Jari. (Lins, 2001)

Sobre os conflitos posteriores a criação da reserva do rio Cajari Picanço (2005) descreve que a partir do ano de 2000, quando o grupo Orsa assume o Projeto Jari, alguns elementos conflituosos são tensionados na região. A rigor, o autor cita o evento, aonde a nova diretoria do Projeto determina a colocação de Placas ao longo da BR-156 que corta a RESEX, demarcando áreas que para o grupo pertenceriam ao Projeto Jari. Essa atitude provocou a mobilização das comunidades da RESEX, que imediatamente arrancaram todas as placas

Atualmente o projeto investe na exploração de Celulose, criação de gado, manejo sustentável da floresta, tem um projeto para construção de uma hidrelétrica no rio Jari, entre outras.

A rigor, trazer o histórico do Projeto Jari ajuda a entender que essa região conhecida como Vale do Jari, é marcada por conflitos e por concentração de terras, há mais de 100 anos, o que coloca de um lado moradores posseiros no local há gerações e de outro empresários, interessados em explorar as riquezas da região.

Além da pesquisa feita na literatura sobre o tema, durante a pesquisa de campo procurou identificar as principais ocorrências conflitivas envolvendo o Projeto Jari, desta forma os conflitos mais comuns que foram levantados em campo foram:

Sobre a concentração de terras do Projeto, autores como Torrinha (2006), descreve que o Projeto Jari tem o título de segundo maior latifúndio do país, nas palavras deles:

“Jari Florestal e Agropecuária Ltda., em Almeirim-PA e Mazagão-AP, considerado o segundo maior latifúndio do Brasil com 2.918.829 hectares” (idem, 2006:64)

Essa concentração de terras fez que a Corregedoria do Tribunal de Justiça do Estado do Pará no ano de 2004 decretasse o cancelamento do registro de um milhão de hectares de terras da Jari, no município paraense de Almeirim por acreditar que as terras teriam sido adquiridas de

forma irregular. O Estado do Pará só reconheceria o direito às benfeitorias realizadas não à propriedade das terras.

“A Corregedoria de Justiça das Comarcas do Interior cancelou e bloqueou a matrícula, registro e averbação de quase um milhão de hectares de títulos de imóveis rurais, que constam nos livros do cartório de registro de imóveis da Comarca de Monte Alegre. Registradas em nome da empresa Jari Celulose S/A, subsidiária do Grupo Orsa, as terras estão localizadas no município de Almeirim. A Justiça chegou à conclusão que a empresa é detentora apenas da posse dos imóveis e que os registros são ilegais” (O Liberal, 10/03/04).

Ainda em relação aos títulos de posse do Projeto Jari, um técnico da Agência de Desenvolvimento Rural do Pará da cidade de Almeirim, explicou que o Estado do Pará havia cancelado alguns títulos da de terra da empresa Jari, por considerar que essas terras seriam pertencentes ao Estado e que seriam destinadas as comunidades rurais que vivem no município de Almeirim.

Sobre a expulsão de moradores essa ação teria ficado mais acintosa a partir do cancelamento de alguns títulos de terra do Projeto Jari no ano de 2004. Nas entrevistas foi comum ouvir relatos em comunidades localizadas no município de Almeirim, dizendo que suas roças e casas eram destruídas por funcionários da Jari e que nos últimos anos viam sendo pressionados para que deixassem a área. A própria governadora então senadora Ana Júlia na época [2005] em seu discurso de abril de 2005, alerta aos senadores sobre esse fato.

“É urgente que o IBAMA reavalie o Plano de Manejo Florestal Empresarial explorado pela Jari. Uma das denúncias mais graves dos trabalhadores rurais é que esse plano vem sendo usado como fachada para exploração ilegal e predatória. É importante, também, que as corregedorias da PM e da Polícia Civil, investiguem o envolvimento de alguns de seus integrantes nas ações de “jagunçagem” em favor da Jari” (Agência Senado, 29 de Abril de 2005).

No momento da pesquisa foi possível encontrar técnicos do governo do Estado do Pará, cadastrando e georeferenciando todas as comunidades da região de Almeirim, para que posteriormente fossem emitidos documentos atestando a posse coletiva da terra das famílias que moram no local há gerações. Segundo ele essa era uma ação que visava principalmente discriminar o que era terra da propriedade da Jarí, terras que era de propriedade das comunidades e o que eram terras devolutas.

Entre o distrito de Monte Dourado e Almeirim, existe uma única estrada de terra batida localizada nas terras do Projeto Jari, são mais de 100 km de estrada. Ressalta-se que a LT acompanharia o traçado dessa estrada.

A estrada segundo um entrevistado seria a única via de ligação entre esses dois pontos. No entanto, apesar de ser a única via de ligação costuma ser fechada por máquinas e toras colocadas na pista, por trabalhadores do Projeto Jari. Essa ação é justificada pela empresa por causa das operações que são realizadas nas proximidades da rodovia.

Porém, o fechamento da via acaba interferindo no direito dos moradores do município de circular na rodovia entre Almeirim e o distrito de Monte Dourado, o que acaba causando um clima de descontentamento junto aos usuários da rodovia.

b) Implantação da BR-156

Um dos principais conflitos relativos à abertura da BR-156 foi o próprio impacto que a rodovia, causou nas famílias de agroextrativistas que viviam na região. A rodovia que tem aproximadamente 280 km entre Macapá e Laranjal do Jari foi construída no final da década de 1980 e início da década de 1990.

Nesse sentido, Torrinha (2006) aponta que um dos principais impactos da abertura da rodovia sob a população local foi desestruturação das famílias que moravam na região com o território que ocupavam. O autor a aponta, como principais causas da desestruturação, a expulsão dos moradores do seu local de moradia para as margens da BR-156. Além disso, alterou a dinâmica de circulação local, passando de fluviais para o transporte terrestre e o aumento da ocupação humana na região. Com a nova reestruturação da BR-156, vários núcleos de extrativistas e agricultores foram surgindo próximos às margens da BR-156. De acordo com o autor, essas transformações foram mais sentidas nas famílias das comunidades próximas aos rios de Vila Nova, Maracá, Bispo, Rio Preto e Cajari.

A rigor, a construção da BR-156 favoreceu ao acesso a regiões ora ocupadas por mata e castanhais e conseqüentemente contribui para a pressão em áreas de exploração de castanhais nativos. No entanto, essa situação não foi mais drástica por um lado, por causa dos extrativistas que 'brigaram' para manutenção e a preservação dos castanhais e por outro lado, pela constituição da RESEX do Rio Cajari. Sobre essa questão, autores como Filocreão (2007), apontam que as áreas próximas a BR-156 que ainda estão preservadas são justamente aquelas que estão dentro da RESEX do Cajari. O que corrobora para entender que a criação da

RESEX teria contribuído para frear o desmatamento na área. É importante ressaltar, que a BR-156 corta a reserva do rio Cajari na parte denominada Alto do Cajari.

Outro elemento que já é apontado como uma atividade que já gera conflito e é impactante é a produção de carvão vegetal. Sobre essa questão alguns relatos, apontaram que nas áreas fora da RESEX a atuação dos madeireiros e carvoeiros seria intensa. Pois, a abertura de acesso a novas áreas contribuíram para as investidas desses personagens.

c) Conflitos no entorno da Resex do rio Cajari

Outros conflitos mais recentes na região Sul do Amapá são as invasões de terras nas áreas próximas ao entorno da RESEX, essas invasões são cometidas por pequenos produtores que na maioria dos casos são migrantes vindos principalmente dos estados do Pará, Maranhão e Piauí que chegaram em busca de oportunidades na região. Não encontrando essas oportunidades alguns destes migrantes passaram a ocupar terras no entorno do município de Laranjal do Jari e conseqüentemente em áreas da RESEX. Segundo dados do MMA (2008) essas ocupações teriam ficado mais intensa nos últimos sete anos¹⁶.

É importante ressaltar que por causa do Projeto Jari e de outros empreendimentos como a CADAM, o Sul do Estado do Amapá, sobretudo o município de Laranjal do Jari é foco de atração de migrantes que vêm em busca de trabalho no Projeto. Essa realidade acaba corroborando indiretamente para o acirramento de tensões na região.

Além da invasão cometida por esses pequenos agricultores, outra modalidade de invasores identificada no entorno da RESEX são aquelas promovidas por grandes fazendeiros, políticos e comerciantes dos municípios próximos a RESEX.

Nesse sentido, Filocreão (2007) aponta que uma grande invasão que marcou a região teria sido promovida por um agriculto do Estado de Goiás com apoio de políticos ligados ao governo do Estado e da prefeitura de Laranjal do Jari.

“Pretendia-se fazer um assentamento agrícola estadual em áreas de castanhais denominado de Centro Novo no entorno da reserva. Esses castanhais eram explorados por moradores da RESEX. A partir de denúncias sobrescritas pelo CNS-RA,

¹⁶ Por causa do aumento desta ocupação o MMA, através Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, da Diretoria de Unidades de Conservação de Uso Sustentável e Populações Tradicionais-DIUSP. Juntamente com a Unidade Avançada Reserva Extrativista do Rio Cajari-RESEX-CA. Promoveram um diagnóstico com objetivo de elaborar um retrato socioeconômico, ambiental e histórico da ocupação irregular na região da reserva, principalmente na região do Alto Cajari. (MMA, 2008).

SINTRA, ASTEX-CA, ATEXMA, CUT e Grupo de Trabalho da Amazônia (GTA), o IBAMA é obrigado a organizar uma ação com o apoio do Ministério público Estadual ao local, onde encontra desmatamentos irregulares, derrubada de barracos de extrativistas, piqueteamento de lotes, utilizando-se de dois tratores do governo do Estado (FILOCREÃO, 1994). A partir dessa ação e seus desdobramentos jurídicos e administrativos, conseguiu-se conter a invasão.” (Filocreão, 2007:316-317).

Assim como ocorre em outras regiões do País, na área em estudo, as disputas por terra ou exploração dos recursos florestais são, de modo geral, resolvidas através da violência. Assim, um dos casos de violência por disputa de terra emblemáticos da região da AID, foi o assassinato da sindicalista e líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), no município de Laranjal do Jari, Maria Nazaré de Sousa Mineiro em 1988.

Segundo Torrinha (2006), o assassinato da líder sindical causou muita comoção na região além de contribuir para a tensão na época.

“(...) foi assassinada com tiros nas mãos e na cabeça, pois seu trabalho consistia em remanejar moradores das palafitas e promover o assentamento em terra firme, incomodava especuladores de terras.” (idem, 2006:68)

Em homenagem a sindicalista foi criado um assentamento no município de Laranjal do Jari próximo a BR-156, chamado de assentamento Nazaré Mineiro. Segundo lideranças do assentamento, entrevistadas durante a fase de pesquisa de campo¹⁷ atualmente a maioria dos moradores do local, vieram para região atraídos pelo sonho de trabalhar direta ou indiretamente para o Projeto Jari. Como muitos não conseguiram emprego, resolveram tentar a “sorte” no assentamento.

6.4.4.6.6 - Os Assentamentos Rurais no Estado do Amapá

Uma forma de atenuar essa questão dos conflitos pela terra tem sido a criação dos assentamentos rurais. Sobre à criação dos assentamentos a técnica do INCRA, apontou que a partir de 1988, com a criação do Estado, a migração para o Amapá e a pressão dos movimentos sociais a partir da metade década de 1990, o número de assentamentos no Estado aumentaram. Nos municípios de passagem da Linha de Transmissão foram identificados 14 assentamentos

¹⁷ Pesquisas realizadas no ano de 2008

(rurais e agro-extrativista) com cerca de 3.326 famílias assentadas em dezembro de 2007. Além desses, assentamentos existem na região de influência da Linha da Transmissão, remanescente de quilombos e extrativistas na RESEX do Cajari.

Quadro 6.4.4-49 - Assentamentos Rurais do INCRA nos municípios de passagem da LT no Estado do Amapá

| Município | Quantidade de assentamentos | Número de Famílias* |
|------------------|-----------------------------|---------------------|
| Macapá | 08 | 1.254 |
| Santana | 02 | 425 |
| Mazagão | 03 | 1.547 |
| Laranjal do Jari | 01 | 100 |
| Total | 14 | 3.326 |

Fonte: Superintendência do Estado do Amapá - SR (21).

* se refere a famílias assentadas até dezembro de 2007, pois, a capacidade do assentamento geralmente é maior, neste caso o número de famílias pode crescer.

Segundo uma funcionaria do INCRA, entrevistada na Superintendência do Estado do Amapá - SR (21), a questão fundiária do Amapá seria muito delicada e até mesmo complexa.

Assim, a partir das entrevistas e observações de campo, da literatura consultada e da entrevista no INCRA foi possível apontar os principais atores sociais que fazem parte dessa dinâmica.

- **Estado:** possui grande parte das terras do Estado do Amapá (sobre responsabilidade do INCRA, TERRAP, FUNAI e IBAMA);
- **Fundiário ou posseiros:** aquele trabalhador que mora na terra e não tem o título da terra, conhecidos como posseiros pela literatura. Já para um técnico do INCRA do AP, esse ator é definido como fundiário. Assim, esse ator seria o personagem mais frágil nessa classificação, pois não tem acesso a créditos, assistência técnica ou financiamentos e ainda suas terras são os principais alvos de grilagem.
- **Extrativistas:** Aquele que mora na terra, não tem o título individual da terra, mas possui o título coletivo no caso dos moradores de áreas de Reservas, geralmente contam com o apoio do IBAMA;
- **Quilombolas:** são as comunidades reconhecidas como descendentes de escravos e possui o título de posse comunitário da terra;
- **Fazendeiros:** Possui grandes extensões de terra com o título de posse da terra, registrados em cartório, geralmente são criadores de gado ou búfalo;

- **Titulados:** tem o título de propriedade da terra e geralmente possui pequenas extensões de terra. Para ser titulado é preciso ter o registro em cartório;
- **Grileiros:** possui grandes extensões de terra, forjam o título de propriedade. Ainda é comum, apossarem da terra pelo uso da força e da violência;
- **Assentamentos rurais:** são aqueles moradores que moram em um lote ou parcela financiado pelo INCRA, e, portanto, são de responsabilidade do órgão.

6.4.4.6.7 - Conflitos Agrários no Estado do Pará

Ao longo da pesquisa de campo e junto às entrevistas realizadas, tal como no Amapá, os principais conflitos estão relacionados à posse da terra e a disputa por recursos naturais. Sobre a disputa de terras, os atores envolvidos e a realidade é semelhante a encontrada no Sul do Amapá, ou seja, o principal conflito é entre o Projeto Jari versus comunidades tradicionais. Nesse bojo também, foi possível ouvir relatos da presença de madeireiros em áreas próximas aos rios Paru, Chicaia e Amazonas que também, provocam conflitos na área.

Sobre essa questão, autoridades municipais entrevistadas e comunidades da região, ambos os grupos foram incisivos em afirmar que o Projeto Jari descrito logo acima contribuiria para acirrar os ânimos na região, sobretudo, no que diz respeito à questão da posse da terra. Além do conflito envolvendo o Projeto Jari, na região da AID foram identificados alguns conflitos ao longo da PA-254 que será descrito logo abaixo.

a) Conflitos na PA-254

Outro conflito identificado nos municípios de passagem da LT, estão localizados nas proximidades da PA-254, neste local entre os municípios de Alenquer e Óbidos. Foram relatados que com a ocupação da região da rodovia conhecida por terra firme, por pecuarista, o número de castanheira foi reduzido a quase ao extermínio, e as poucas que restaram, os proprietários em sua maioria proprietários vindo de outros estados estão proibindo os agro-extrativistas de coletarem a castanha. Essa nova realidade nas proximidades da PA-254 tem causado segundo informações locais tensões entre pecuaristas e comunidades que explorariam esses castanhais.



Figura 6.4.4-7 - Área recém desmatada próxima a PA-254, no município de Alenquer-PA.



Figura 6.4.4-8 - Região desmatada da PA-254 no município de Óbidos-PA.

Além dessas questões relativas ao desmatamento da floresta e do extermínio da castanheira, foi possível observar a presença de ocupações de terra na divisas dos municípios de Alenquer e Óbidos. Essa ocupação era organizada por famílias de trabalhadores sem-terra, que estariam ocupando fazendas improdutivas da região, os nomes das áreas segundo um morador entrevistado era Progresso I e II. Ressalta-se, que não foi encontrado nestas ocupações nenhum movimento aos moldes do MST ou MLST, ou seja, essas famílias não seriam filiadas a nenhuma organização.

6.4.4.6.8 - Assentamentos Rurais Localizados no Pará (AII)

Por causa desse cenário, o INCRA na região resolveu tomar algumas medidas, uma delas foi criar a Superintendência Regional do INCRA SR - (30) em Santarém, e a desapropriação de terra com intuito de criar Projetos de assentamentos, Assentamentos Agro-extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável. Ao todo nestes municípios paraense que compõem a AII da LT, somaram em dezembro de 2007 um total de 66 assentamentos criados na região, com 12.574 famílias assentadas. A maioria absoluta destes assentamentos, ou seja, 60 foram criados depois do ano de 2005. Por se tratarem de assentamentos novos, a maioria dos assentamentos consta no INCRA como criados ou em fase de implantação.

Quadro 6.4.4-50 - Assentamentos Rurais do INCRA nos municípios de passagem da LT no Estado do Pará

| Município | Quantidade de assentamentos | Número de Famílias* |
|--------------|-----------------------------|---------------------|
| Alenquer | 11 | 2.203 |
| Curuá | 04 | 1.099 |
| Monte Alegre | 20 | 3.485 |
| Óbidos | 12 | 2.469 |
| Oriximiná | 09 | 1.823 |
| Prainha | 10 | 1.495 |
| Total | 66 | 12.574 |

Fonte: Superintendência Regional de Santarém - SR (30).

* Se refere a famílias assentadas até dezembro de 2007, pois, a capacidade do assentamento geralmente é maior, neste caso o número de famílias pode crescer.

No Quadro 6.4.4-50 foram excluídos os Projetos Integrados de Colonização (PIC), criados nas décadas de 1970 e 1980 e as áreas remanescentes de quilombolas. Neste mesmo quadro é possível observar que o município de Monte Alegre e Óbidos são os que apresentam o maior número de famílias assentadas os dois juntos somariam 5.954 famílias.

Sobre as principais atividades destas famílias um técnico da EMATER em Óbidos, explicou que esses assentados trabalham com agricultura de subsistência com destaque para a mandioca para fabricação de farinha, alguns possuem um pequeno rebanho de gado, bem como vivem da exploração dos produtos da floresta, como a castanha, madeira, açaí e do pescado no caso dos assentamentos próximos aos rios ou igarapés.

Destaca-se que, o município de Almeirim, um dos maiores desta região do Pará, não existe nenhum projeto de assentamento rural sobre a tutela do INCRA, até dezembro de 2007. Tal fato pode estar relacionado ao litígio envolvendo o Estado e o Projeto Jari, sendo este, um possível motivo, que justifique a ausência assentamentos rurais no município.

6.4.5 - Atividades Econômicas, Mercado de Trabalho e Finanças Públicas

No ano de 2005, o PIB total da área em estudo (soma dos PIBs municipais), a preços básicos¹⁸, foi de R\$ 3.139.434.000,00. Os quatro municípios em estudo no Estado do Amapá, que incluem a capital do Estado, Macapá, geraram 66,6% deste valor, correspondendo a 81,6% do PIB do Estado

¹⁸ O PIB a preços básicos corresponde ao valor bruto do PIB, antes do decréscimo da imputação da intermediação financeira

do Amapá em 2005. Os 22.240.014.000,00 gerados pelos 7 municípios paraenses em estudo, no ano de 2005, correspondem a 4,7% do PIB do Estado do Pará.

Quadro 6.4.5-1 - Composição do PIB Estadual (Valor Adicionado a Preço Correto) por setor de Atividade - 2005

| Unidades da Federação | PIB Estadual agropecuária* | (%) | PIB Estadual - indústria* | (%) | PIB Estadual - serviços* | (%) | Total dos setores |
|-----------------------|----------------------------|------|---------------------------|-------|--------------------------|-------|-------------------|
| PARÁ | 1989554,3 | 8,95 | 7370245,7 | 33,14 | 12880214 | 57,91 | 22240014 |
| AMAPÁ | 81960,103 | 3,20 | 291356,24 | 11,38 | 2187015,6 | 85,42 | 2560331,9 |

Fonte: IPEA

*valor adicionado - preços básicos - R\$ de 2000(mil) - Deflacionado pelo Deflator Implícito do PIB nacional

6.4.5.1 - Área de Influência Indireta - Pará

6.4.5.1.1 - Composição do Produto Interno Bruto (PIB) por Setor da Economia

No ano de 2005, a soma dos PIBs dos sete municípios paraenses em estudo correspondeu a 4,7% do PIB gerado no Estado do Pará. O maior PIB foi gerado no município de Oriximiná - R\$ 458.739.700,00, correspondendo a 45% do PIB gerado na All do Pará. O município de Almeirim foi responsável por 25% do PIB da All paraense em 2005, seguido por Monte Alegre (10%), Óbidos (8%), Alenquer (6%), Prainha (5%) e Curuá (2%).

Considerando-se a All do Pará como um todo, sobressaem as atividades do setor industrial, responsáveis por 47,4% do PIB em 2005, seguidas do setor terciário, com 39%, ficando o setor primário com 13,6% do PIB gerado. No entanto, os municípios em estudo apresentam significativas diferenciações. A elevada participação do setor secundário na composição do PIB da All do Pará se deve à importância deste setor nos dois municípios que geraram os maiores PIBs, Oriximiná e Almeirim, onde as atividades do setor industrial responderam, em 2005, por 68,1% e 59,6% do PIB, respectivamente. Nos demais municípios em estudo, o setor secundário é bem menos expressivo, variando de 6,8% do PIB em Alenquer a 9,3% em Curuá.

À exceção de Oriximiná e Almeirim, o setor terciário predomina na composição dos PIBs municipais, variando de 47,1% no município de Prainha a 63,4% em Alenquer.

O setor primário é bastante expressivo na formação do PIB dos municípios em estudo, salvo Almeirim. Mesmo em Oriximiná, onde preponderam as atividades industriais, o setor agropecuário respondeu por 19,1% do PIB, no ano de 2005. As maiores participações do setor

primário na composição do PIB são encontradas em Prainha e Curuá, onde corresponde a 43,9% e 40,8% do PIB, respectivamente.

Quadro 6.4.5-2 - Composição do PIB Municipal (Valor Adicionado a Preço Correto) por setor de Atividade - All PA (2005)

| Municípios e All | PIB Municipal agropecuária * | (%) | PIB Municipal - indústria * | (%) | PIB Municipal - serviços * | (%) | Total dos setores* |
|------------------|------------------------------|------|-----------------------------|------|----------------------------|------|--------------------|
| Almeirim | 18594,39 | 7,0 | 158738,7 | 59,6 | 89110,82 | 33,4 | 266444 |
| Prainha | 23625,72 | 43,9 | 4859,435 | 9,0 | 25375,02 | 47,1 | 53860,17 |
| Monte Alegre | 29335,56 | 28,9 | 8092,963 | 8,0 | 64009,24 | 63,1 | 101437,8 |
| Alenquer | 20372,73 | 29,8 | 4655,276 | 6,8 | 43321,03 | 63,4 | 68349,03 |
| Curuá | 6886,946 | 40,8 | 1567,476 | 9,3 | 8414,642 | 49,9 | 16869,06 |
| Óbidos | 27704,67 | 33,0 | 7376,633 | 8,8 | 48979,01 | 58,3 | 84060,32 |
| Oriximiná | 16086,55 | 19,1 | 312617,6 | 68,1 | 130035,6 | 28,3 | 458739,7 |
| All PA | 142606,6 | 13,6 | 497908,1 | 47,4 | 409245,3 | 39,0 | 1049760 |

Fonte: IPEA

* VA - preços básicos - R\$ de 2000(mil) - Deflacionado pelo Deflator Implícito do PIB nacional

a) Setor primário

No ano de 2005, no conjunto de municípios paraenses em estudo, as atividades do setor agropecuário geraram um PIB de R\$ 141.606.600,00, que correspondeu a 7,2% do PIB gerado pelo setor primário no Estado do Pará. Os municípios cujas atividades agropecuárias mais contribuíram para a composição deste valor foram Monte Alegre (20,6%), Óbidos (19,4%) e Prainha (16,6%).

Em todos os municípios em estudo, há rebanhos bovino, eqüino, bubalino, asinino, muar, suíno, caprino, ovino, galinhas, galos, frangas, frangos e pintos. Há, também, criação de coelhos em Óbidos e Oriximiná, e de codornas em Óbidos. Em todos os municípios estudados, o maior rebanho é o bovino, que totaliza 757.070 cabeças na All do Pará no ano de 2006, destacando-se os municípios de Monte Alegre e Alenquer como os maiores criadores (25,9% e 21,3%, respectivamente). Estes dois municípios possuem, também, os maiores rebanhos eqüinos e as maiores criações de galinhas, galos, frangas, frangos e pintos. Quanto ao rebanho bubalino, destacam-se como maiores criadores os municípios de Almeirim e Prainha. Este último município, juntamente com Monte Alegre e Oriximiná, se destaca pela criação de suínos.

Quadro 6.4.5-3 - Efetivo de rebanho por município - All PA (2006)

| Municípios e All | Bovino | Equino | Bubalino | Asinino | Muar | Suíno | Caprino | Ovino | Frangos etc. | Galinhas | Codornas | Cochilos |
|------------------|---------|--------|----------|---------|------|--------|---------|--------|--------------|----------|----------|----------|
| Almeirim | 23.976 | 770 | 29.173 | 18 | 60 | 4.172 | 816 | 1.508 | 5.783 | 2.568 | - | - |
| Prainha | 100.986 | 4.816 | 30.410 | 150 | 100 | 13.027 | 1.841 | 2.013 | 35.653 | 10.637 | - | - |
| Monte Alegre | 196.200 | 7.475 | 8.010 | 33 | 151 | 14.915 | 1.091 | 5.506 | 77.900 | 67.450 | - | - |
| Alenquer | 161.306 | 5.622 | 5.651 | 47 | 123 | 9.837 | 832 | 3.510 | 74.451 | 63.998 | - | - |
| Curuá | 26.646 | 2.129 | 1.790 | 24 | 18 | 3.490 | 320 | 1.430 | 15.423 | 2.720 | - | - |
| Óbidos | 124.526 | 5.396 | 4.501 | 11 | 43 | 16.088 | 766 | 3.010 | 43.200 | 14.400 | 275 | 31 |
| Oriximiná | 123.430 | 3.508 | 4.342 | 115 | 81 | 16.800 | 2.800 | 6.322 | 34.145 | 10.782 | - | 52 |
| All PA | 757.070 | 29.716 | 83.877 | 398 | 576 | 78.329 | 8.466 | 23.299 | 286.555 | 172.555 | 275 | 83 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

São produzidos leite e ovos de galinha em todos os municípios paraenses em estudo. Óbidos produz, também, ovos de codorna. Há produção de mel de abelha em Almeirim, Prainha, Óbidos e Oriximiná. Em termos de valor da produção, o leite é responsável por 93,1% da produção de origem animal na All do Pará, ficando os ovos de galinha com 6,8%. O município de Óbidos é o maior produtor de leite, seguido por Monte Alegre, que é também o maior produtor de ovos de galinha. O maior valor da produção de mel é oriundo de Oriximiná.

Quadro 6.4.5-4 - Valor da produção de origem animal por tipo de produto (Mil reais) - All PA (2006)

| Municípios e All | Total | Leite | Ovos de galinha | Ovos de codorna | Mel de abelha |
|------------------|--------|--------|-----------------|-----------------|---------------|
| Almeirim | 1.450 | 1.426 | 23 | - | 1 |
| Prainha | 3.966 | 3.888 | 77 | - | 1 |
| Monte Alegre | 5.022 | 4.415 | 607 | - | - |
| Alenquer | 2.470 | 1.980 | 490 | - | - |
| Curuá | 907 | 873 | 34 | - | 0 |
| Óbidos | 5.034 | 4.843 | 186 | 3 | 2 |
| Oriximiná | 3.840 | 3.701 | 136 | - | 3 |
| All PA | 22.689 | 21.126 | 1.553 | 3 | 7 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

No ano de 2006, o valor da produção das lavouras temporárias foi de R\$ 61.404.000,00. 76,5% deste valor se deve à produção de milho (em grão). Em todos os municípios paraenses em estudo, há lavouras temporárias de milho, arroz e feijão. Em 2006, o município de Monte Alegre foi responsável por 70,2% do valor gerado pela produção de milho e 57,6% do valor da produção de feijão. Na produção de arroz (em casca), destacam-se, pela porcentagem do valor da produção, os municípios de Alenquer (32,1%), Monte Alegre (28,7%) e Oriximiná

(18,1%). Há, ainda, lavouras temporárias de amendoim (em casca) nos municípios de Monte Alegre e Prainha.

Quadro 6.4.5-5 - Valor da produção da lavoura temporária nos Municípios da AII PA - (Mil reais) 2006

| Municípios e AII | Total | Amendoim (em casca) | Arroz (em casca) | Feijão (em grão) | Milho (em grão) |
|------------------|--------|---------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Almeirim | 464 | - | 137 | 190 | 137 |
| Prainha | 7.343 | 3 | 625 | 235 | 6.480 |
| Monte Alegre | 39.690 | 12 | 1.605 | 5.088 | 32.985 |
| Alenquer | 9.381 | - | 1.792 | 2.508 | 5.081 |
| Curuá | 402 | - | 25 | 53 | 324 |
| Óbidos | 1.916 | - | 390 | 326 | 1.200 |
| Oriximiná | 2.208 | - | 1.014 | 431 | 763 |
| AII PA | 61.404 | 15 | 5.588 | 8.831 | 46.970 |

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Embora o valor da produção das lavouras permanentes na AII do Pará, em 2006, tenha correspondido a apenas 19,3% do valor gerado pelas lavouras temporárias, os municípios paraenses em estudo, apresentam, de uma maneira geral, uma razoável diversificação da produção (à exceção de Curuá, que só produz, nas lavouras permanentes, banana e laranja). A banana e a laranja são produzidas em todos os municípios analisados no Estado do Pará, e alcançam as maiores porcentagens do valor da produção das lavouras permanentes na AII - 45% e 29,3%, respectivamente - sendo os municípios de Monte Alegre e Alenquer os maiores produtores de ambas.

O cacau, o café e o coco-da-baía são cultivados em todos os municípios paraenses em estudo, exceto Curuá. Alenquer é o maior produtor de cacau e café, sendo superado por Prainha e Monte Alegre quanto ao coco-da-baía.

O município de Monte Alegre é o que apresenta a mais diversificada produção de lavouras permanentes, apresentando, além dos produtos já citados, produção de borracha (látex coagulado), castanha de caju, goiaba, limão, mamão, maracujá, pimenta-do-reino, tangerina e urucum. Na produção de maracujá, é superado, em termos de valor da produção, pelo município de Almeirim. A importância da agricultura em Monte Alegre se deve às suas especificidades históricas, tendo sido o único dos município em estudo a sediar projetos de colonização agrícolas.

Quadro 6.4.5-6 - Valor da produção da lavoura permanente por município - All PA (Mil reais), 2006

| Municípios e All | TOTAL | Banana | Borracha (látex coagulado) | Cacau (em amêndoa) | Café (beneficiado) | Castanha de caju | Coco-da-baía | Goiaba | Laranja | Limão | Mamão | Maracujá | Pimenta-do-reino | Tangerina | Urucum (semente) |
|------------------|--------|--------|----------------------------|--------------------|--------------------|------------------|--------------|--------|---------|-------|-------|----------|------------------|-----------|------------------|
| Almeirim | 733 | 347 | - | 61 | 38 | - | 25 | - | 7 | - | 48 | 87 | 120 | - | - |
| Prainha | 1.241 | 81 | - | 3 | 13 | - | 180 | - | 760 | 144 | - | - | 48 | - | 12 |
| Monte Alegre | 4.628 | 2.264 | 3 | 10 | 17 | 11 | 210 | 11 | 1.200 | 240 | 185 | 62 | 171 | 5 | 239 |
| Alenquer | 3.321 | 1.596 | - | 300 | 109 | - | 135 | - | 998 | 14 | 29 | 44 | 94 | - | 2 |
| Curuá | 230 | 180 | - | - | - | - | - | - | 50 | - | - | - | - | - | - |
| Óbidos | 946 | 521 | - | 21 | 6 | - | 79 | - | 249 | 70 | - | - | - | - | - |
| Oriximiná | 732 | 336 | - | - | 48 | - | 53 | - | 196 | 44 | - | 43 | - | 12 | - |
| All PA | 11.831 | 5.325 | 3 | 395 | 231 | 11 | 682 | 11 | 3.460 | 512 | 262 | 236 | 433 | 17 | 253 |

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Na All do Pará, no ano de 2006, o extrativismo vegetal superou as lavouras permanentes e a produção de origem animal com relação ao valor da produção, destacando-se a produção de madeira em tora, responsável por 68,6% do valor produzido por atividades extrativistas. 85,5% desta madeira é proveniente do município de Almeirim. Este município responde por 62,5% do valor da produção do extrativismo vegetal na All paraense, seguido por Oriximiná (17,2%) e Óbidos (10%).

Em todos os municípios paraenses analisados, ocorre, também, a extração de lenha (22,8% do valor da produção do extrativismo vegetal na All do Pará), cuja maior produção provém de Oriximiná e Óbidos; açaí (1,6% do valor produzido), cujos maiores produtores são Óbidos e Prainha; e carvão vegetal (0,9%).

A extração de castanha-do-Pará é praticada em todos os municípios da All paraense, exceto Monte Alegre, e responde por 5,1% do valor da produção do extrativismo vegetal nesta All. Os maiores produtores são Óbidos e Oriximiná. Os territórios quilombolas do município de Oriximiná são formados por extensas áreas de floresta ainda conservadas, que registram ocorrências de castanhais, bem como outras áreas de extrativismo. Essas comunidades estão localizadas na Bacia do Rio Trombetas.

Destacamos, ainda, a extração de cumaru (amêndoa), responsável por 0,9% do valor da produção do extrativismo vegetal no conjunto de municípios paraenses em estudo, e praticada nos municípios de Oriximiná, Óbidos, Curuá e Alenquer, sendo este último o maior produtor.

Quadro 6.4.5-7 - Valor da produção da extração vegetal por município da All PA (Mil reais) - 2006

| Municípios e All | TOTAL | Alimentícios | Açaí (fruto) | Castanha de caju | Castanha-do-Pará | Aromáticos, medicinais, tóxicos e corantes | Hevea (látex coagulado) | Carvão vegetal | Lenha | Madeira em tora | Oleaginosos | Copaíba (óleo) | Cumaru (amêndoa) | Outros |
|------------------|--------|--------------|--------------|------------------|------------------|--|-------------------------|----------------|--------|-----------------|-------------|----------------|------------------|--------|
| Almeirim | 38.781 | 268 | 80 | - | 187 | - | - | 6 | 2.128 | 36.380 | - | - | - | - |
| Prainha | 1.789 | 291 | 266 | - | 25 | - | - | 21 | 59 | 1.418 | - | - | - | - |
| Monte Alegre | 496 | 18 | 18 | - | - | 8 | 3 | 6 | 300 | 155 | 6 | - | - | 6 |
| Alenquer | 1.843 | 367 | 17 | 3 | 347 | - | - | 12 | 520 | 450 | 494 | 1 | 490 | 3 |
| Curuá | 2.288 | 253 | 95 | - | 158 | - | - | 40 | 1.440 | 540 | 14 | 2 | 12 | 1 |
| Óbidos | 6.174 | 1.128 | 407 | 1 | 720 | - | - | 187 | 3.204 | 1.600 | 54 | 16 | 37 | 2 |
| Oriximiná | 10.672 | 1.834 | 80 | - | 1.755 | - | - | 272 | 6.490 | 2.000 | 75 | 50 | 22 | 3 |
| All PA | 62.043 | 4.159 | 963 | 4 | 3.192 | 8 | 3 | 544 | 14.141 | 42.543 | 643 | 69 | 561 | 15 |

Fonte: Produção da Extração Vegetal e Silvicultura - IBGE

O município de Almeirim é o único de toda a área em estudo onde o IBGE encontrou produção na silvicultura. O valor desta produção supera, no entanto, o valor da produção da extração vegetal na All paraense, tendo gerado a silvicultura de Almeirim o valor de R\$ 111.379.000,00, no ano de 2006. O total deste valor corresponde à produção de madeira em tora, 75,4% para papel e celulose e o restante para outras finalidades.

O município de Almeirim, historicamente, tem sido palco de conflitos fundiários associados à concentração de terras, envolvendo o Projeto Jari, de fabricação de celulose, que é apontado por alguns autores como o segundo maior latifúndio do Brasil (Torrinha 2006). Desde 1981, o Projeto Jari passou a ser controlado pelo grande capital. Nesta fase, o projeto investiu maciçamente no desmatamento da floresta e dos castanhais, que eram explorados há anos pelas comunidades locais, que passaram a se organizar e mobilizar, com o acirramento dos conflitos. Essa reação da comunidade contribuiu para que, no início da década de 1990, fosse criada a Reserva Extrativista do Rio Cajari. A partir do ano 2000, o Projeto Jari passou a ser controlado por uma *holding* de capital nacional, o Grupo Orsa, financiado pelo Banco do Brasil e pelo BNDES, tensionando alguns elementos conflituosos na região. Nas entrevistas, houve relatos, em comunidades localizadas no município de Almeirim, de que suas roças e casas eram destruídas por funcionários da Jari e de que, nos últimos anos, vinham sendo

pressionados para que deixassem a área. Atualmente o projeto investe na exploração de Celulose, criação de gado, manejo sustentável da floresta, tem um projeto para construção de uma hidrelétrica no rio Jari, entre outras.

Quadro 6.4.5-8 - Valor da produção na silvicultura por tipo de produto da silvicultura (Mil reais) - 2006

| Município | Madeira em tora | Madeira em tora para papel e celulose | Madeira em tora para outras finalidades |
|-----------|-----------------|---------------------------------------|---|
| Almeirim | 111.379 | 83.980 | 27.398 |

Fonte: Produção da Extração Vegetal e Silvicultura - IBGE

b) Setor secundário

A elevada participação do setor secundário na composição do PIB da All do Pará se deve à importância deste setor nos dois municípios que geraram os maiores PIBs, Oriximiná e Almeirim, onde as atividades do setor industrial responderam, em 2005, por 68,1% e 59,6% do PIB, respectivamente. Nos demais municípios em estudo, o setor secundário é bem menos expressivo, variando de 6,8% do PIB em Alenquer a 9,3% em Curuá.

De acordo com o Cadastro Central de Empresas, do IBGE, no ano de 2006, o município de Almeirim responde por 48,9% do pessoal ocupado em estabelecimentos do setor secundário na All paraense, enquanto Oriximiná responde por 43,7%. As indústrias de construção empregam 23,1% do pessoal ocupado em estabelecimentos industriais na All do Pará. Nos municípios de Alenquer, Monte Alegre, Prainha e Óbidos, com relação à geração de empregos, destacam-se as indústrias de fabricação de produtos alimentícios e bebidas. Em Alenquer e em Óbidos, merece destaque, também a fabricação de produtos de madeira. No município de Curuá, são registrados apenas 2 estabelecimentos empresariais do setor secundário, na atividade de fabricação de produtos de madeira, e não consta pessoal ocupado neste setor no município.

Em Oriximiná, a posição de destaque do setor industrial se deve à exploração da bauxita, em Porto Trombetas, pela empresa Mineração Rio do Norte, que é a fonte mais expressiva dos recursos gerados pelo município. A exploração da bauxita em Porto Trombetas teve início na segunda metade da década de 70, após a aprovação do projeto da Mineração Rio do Norte pela SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia)¹⁹, com isenção de imposto de renda por 10 anos, bem como outros incentivos concedidos pelo Governo.

¹⁹ O projeto foi integrado ao POLAMAZÔNIA, programa do Governo Federal que tinha como objetivo promover o desenvolvimento da região amazônica.

O empreendimento foi implantado na margem direita do rio Trombetas, na localidade denominada Porto Trombetas, distando cerca de 80 km da sede do município de Oriximiná e 110 km da embocadura do rio Amazonas. Em agosto de 2002, entrou em operação a exploração de uma nova mina - Almeidas. No ano de 2005, a produção anual ultrapassou os 12 milhões de toneladas. Desde o início do empreendimento, já foram embarcadas mais de 200 milhões de toneladas de bauxita.

De acordo com o Cadastro Central de Empresas, do IBGE, no ano de 2006, as indústrias extrativas do município de Oriximiná empregavam 30,4% do pessoal ocupado em estabelecimentos empresariais do setor secundário de toda a Al paraense.

O município de Almeirim se constitui em área de concentração de projetos agropecuários e agroindustriais, beneficiados por políticas de incentivos fiscais do Governo Federal que visam diminuir o custo dos investimentos na região amazônica, devido à sua localização privilegiada às margens do rio Amazonas e à sua grande extensão territorial.

Ao longo dos anos 70 e 80, instalaram-se no município grandes empreendimentos econômicos do setor madeireiro e mineral, como as empresas Caulim da Amazônia (CADAM) e MSL Minerais S.A. O principal empreendimento instalado no município é o "Projeto Jari", de fabricação de celulose.

Quando começou a operar, em 1979, a fábrica de celulose pertencia ao empresário norte-americano Daniel Ludwig. Além de toda a infra-estrutura para produção de celulose (que inclui um porto fluvial, 71 km de ferrovia e o aeroporto Serra do Areão), Ludwig implantou na região a CADAM e a Mineração Santa Lucrécia, para extração e beneficiamento de caulim e bauxita refratária, respectivamente. Dois anos depois, o controle acionário do Projeto Jari passou para um consórcio de 23 empresas brasileiras, lideradas pelo Grupo Caemi. No ano de 2000, a Saga Investimentos e Participações, de propriedade da família Amoroso (Grupo ORSA) assumiu o controle acionário da Jari. Em 2001, a Jari atingiu o seu recorde de produção anual, com 326,3 mil toneladas de celulose. Em 2003, a empresa atingiu seu recorde de produção anual, mensal e diário.

Quadro 6.4.5-9 - Estabelecimentos empresariais do setor secundário por município da AII PA - 2006

| Setor Secundário - Atividades | Municípios e AII - Número de Estabelecimentos | | | | | | | |
|---|---|-------|--------------|---------|-------|--------|-----------|--------|
| | Almeirim | Praia | Monte Alegre | Alequer | Curuá | Obidos | Oriximiná | AII PA |
| Total | 56 | 13 | 41 | 29 | 2 | 29 | 72 | 242 |
| Indústrias extrativas | 7 | - | 2 | 1 | - | - | 4 | 14 |
| Extração de minerais metálicos | 3 | - | - | - | - | - | 1 | 4 |
| Extração de minerais não-metálicos | 4 | - | 2 | 1 | - | - | 3 | 10 |
| Indústrias de transformação | 26 | 11 | 32 | 20 | 2 | 21 | 33 | 145 |
| Produtos alimentícios e bebidas | 2 | 1 | 10 | 4 | - | 5 | 8 | 30 |
| Produtos do fumo | - | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| Produtos têxteis | 1 | - | - | - | - | 1 | - | 2 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 4 | - | 6 | 1 | - | 2 | 5 | 18 |
| Artefatos de couro | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Produtos de madeira | 5 | 9 | 3 | 5 | 2 | 5 | 2 | 31 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 2 | - | - | - | - | - | - | 2 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | - | - | 2 | 1 | - | 2 | 5 | 10 |
| Produtos químicos | 1 | - | 1 | - | - | 1 | - | 3 |
| Minerais não-metálicos | 3 | - | 3 | 1 | - | 2 | 3 | 12 |
| Produtos de metal | - | - | - | 1 | - | - | 2 | 3 |
| Máquinas e equipamentos | 2 | - | - | - | - | - | - | 2 |
| Aparelhos Eletrônicos e de comunicações | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Equipamentos médico-hospitalares, ópticos e de precisão | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | - | - | - | - | - | 1 | 1 | 2 |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 5 | 1 | 6 | 7 | - | 2 | 5 | 26 |
| Produção e distribuição de eletricidade, gás e água | 3 | 2 | 4 | 4 | 1 | 4 | 3 | 21 |
| Eletricidade, gás e água quente | 3 | 1 | 3 | 3 | 1 | 3 | 2 | 16 |
| Captação, tratamento e distribuição de água | - | 1 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | 5 |
| Construção | 23 | 2 | 7 | 8 | - | 8 | 35 | 83 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Segundo o Cadastro Central de Empresas, do IBGE, em 2006, a fabricação de celulose, papel e produtos de papel, no município de Almeirim, emprega 20,2% do pessoal ocupado em estabelecimentos do setor industrial de toda a AII do Pará, além de 7,8% empregados na fabricação de produtos de madeira e 7,7% empregados na fabricação de produtos de minerais não-metálicos.

Quadro 6.4.5-10 - Pessoal ocupado em estabelecimentos empresariais do setor secundário por município da AII PA - 2006

| Setor Secundário - Atividades | Municípios e AII - - Número de Estabelecimentos | | | | | | | |
|--|---|-----------|--------------|-----------|----------|------------|--------------|--------------|
| | Almeirim | Praíha | Monte Alegre | Alenquer | Curuá | Óbidos | Oriximiná | AII PA |
| Total | 2.094 | 42 | 95 | 71 | - | 108 | 1.872 | 4.282 |
| Indústrias extrativas | 4 | - | X | X | - | - | 1.300 | 1.304 |
| Extração de minerais metálicos | 3 | - | - | - | - | - | X | 3 |
| Extração de minerais não-metálicos | 1 | - | X | X | - | - | 3 | 4 |
| Indústrias de transformação | 1.598 | 42 | 82 | 49 | X | 82 | 95 | 1.948 |
| Produtos alimentícios e bebidas | X | X | 23 | 15 | - | 21 | 28 | 87 |
| Produtos têxteis | X | - | - | - | - | X | - | 0 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 7 | - | 6 | X | - | X | 4 | 17 |
| Produtos de madeira | 334 | 40 | 5 | 5 | X | 46 | X | 430 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 908 | - | - | - | - | - | - | 908 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | - | - | X | X | - | X | 11 | 11 |
| Produtos químicos | - | - | X | - | - | X | - | 0 |
| Minerais não-metálicos | 331 | - | 33 | X | - | X | 41 | 405 |
| Produtos de metal | - | - | - | X | - | - | X | 0 |
| Máquinas e equipamentos | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Aparelhos Eletrônicos e de comunicações | - | - | - | - | - | - | X | 0 |
| Equipamentos médico-hospitalares, ópticos e de precisão | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | - | - | - | - | - | X | - | 0 |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 18 | X | 9 | 8 | - | X | 5 | 40 |
| Produção e distribuição de eletricidade, gás e água | 2 | X | 15 | 8 | X | 16 | 14 | 55 |
| Eletricidade, gás e água quente | 2 | X | 6 | 3 | X | 4 | X | 15 |
| Captação, tratamento e distribuição de água | - | X | X | X | - | X | X | 0 |
| Construção | 490 | X | 13 | 14 | - | 10 | 463 | 990 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

c) Setor terciário

Com relação ao setor terciário, destaca-se, em termos de unidades empresariais, o comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos, em todos os municípios paraenses analisados. Chama a atenção, também, a existência de 496 estabelecimentos dedicados a atividades associativas, presentes em todos os municípios em estudo no Estado do Pará, variando de 7 em Curuá a 145 em Alenquer, no ano de 2006.

Quadro 6.4.5-11 - Estabelecimentos empresariais do setor terciário por município da All PA - 2006

| Setor Terciário - Atividades | Municípios e All - Número de Estabelecimentos | | | | | | | |
|--|---|---------|--------------|----------|-------|--------|-----------|--------|
| | Almeirim | Prainha | Monte Alegre | Alenquer | Curua | Óbidos | Oriximiná | All PA |
| Total | 537 | 62 | 447 | 413 | 14 | 368 | 600 | 2441 |
| Comércio | 311 | 33 | 276 | 224 | 4 | 224 | 365 | 1437 |
| Reparação de veículos comércio de combustíveis | 30 | 4 | 38 | 21 | 1 | 17 | 26 | 137 |
| Comércio por atacado e representantes comerciais | 14 | 2 | 15 | 20 | - | 21 | 15 | 87 |
| Comércio varejista | 267 | 27 | 223 | 183 | 3 | 186 | 324 | 1213 |
| Alojamento e alimentação | 25 | - | 7 | 4 | - | 7 | 16 | 59 |
| Transporte, armazenagem e comunicações | 62 | 1 | 12 | 10 | 1 | 14 | 41 | 141 |
| Transporte terrestre | 37 | - | 4 | 1 | - | 3 | 8 | 53 |
| Transporte aquaviário | 5 | - | 4 | 6 | - | 6 | 17 | 38 |
| Transporte aéreo | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Agências de viagem | 11 | - | 2 | 1 | - | 3 | 10 | 27 |
| Correio e telecomunicações | 9 | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 5 | 22 |
| Intermediação financeira, seguros e previdência | 8 | - | 14 | 9 | - | 10 | 7 | 48 |
| Intermediação financeira | 6 | - | 14 | 8 | - | 10 | 6 | 44 |
| Seguros e previdência complementar | 2 | - | - | 1 | - | - | - | 3 |
| Atividades auxiliares | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Atividades imobiliárias | 41 | - | 3 | 3 | - | 4 | 36 | 87 |
| Atividades imobiliárias | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos | 4 | - | 1 | 1 | - | - | 6 | 12 |
| Atividades de informática e serviços relacionados | 3 | - | - | - | - | - | 3 | 6 |
| Pesquisa e desenvolvimento | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 |
| Serviços prestados principalmente às empresas | 32 | - | 2 | 2 | - | 4 | 27 | 67 |
| Administração pública, defesa e seguridade social | 3 | 3 | 1 | 3 | 2 | 4 | 3 | 19 |
| Educação | 13 | - | 23 | 2 | - | 8 | 12 | 58 |
| Saúde e serviços sociais | 11 | - | 6 | 3 | - | 4 | 8 | 32 |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 63 | 25 | 105 | 155 | 7 | 93 | 112 | 560 |
| Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas | 1 | - | - | - | - | - | 2 | 3 |
| Atividades associativas | 51 | 22 | 98 | 145 | 7 | 81 | 92 | 496 |
| Atividades recreativas, culturais e desportivas | 7 | 1 | 6 | 8 | - | 12 | 12 | 46 |
| Serviços pessoais | 4 | 2 | 1 | 2 | - | - | 6 | 15 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

O pessoal ocupado em estabelecimentos do setor terciário (2.441 trabalhadores em toda a All do Pará) se encontra distribuído da seguinte maneira: 38,1% em Oriximiná; 26,2% em Almeirim; 15,7% em Óbidos; 10,7% em Alenquer; 3,8% em Prainha e apenas 0,1% (ou 15 empregados) em Curuá.

Chama a atenção, na All paraense, o percentual de 50,4% do pessoal ocupado no setor terciário em atividades de administração pública, defesa e seguridade social. Nos municípios

de Curuá e Prainha, no entanto, não consta pessoal ocupado nestas atividades. Nestes dois municípios, aliás, o setor de comércio e serviços apresenta pouca diversificação.

Na AII do Pará, no ano de 2006, 16,6% do pessoal ocupado no setor terciário exercia atividades no comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos; 6,7% trabalhavam em atividades de alojamento e alimentação; 8%, em atividades associativas; e 9,6% em outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

Quadro 6.4.5-12 - Pessoal ocupado em estabelecimentos empresariais do setor terciário por município da AII PA - 2006

| Setor Terciário - Atividades | Municípios e AII - Número de Estabelecimentos | | | | | | | |
|---|---|---------|--------------|----------|-------|--------|-----------|--------|
| | Almeirim | Prainha | Monte Alegre | Atenquer | Curuá | Óbidos | Oriximiná | AII PA |
| Total | 3414 | 501 | 691 | 1397 | 15 | 2045 | 4954 | 13017 |
| Comércio | 639 | 35 | 480 | 273 | 9 | 544 | 744 | 2724 |
| Reparação de veículos e comércio de combustíveis | 112 | 7 | 71 | 25 | X | 37 | 58 | 310 |
| Comércio por atacado e representantes comerciais | 60 | X | 22 | 19 | - | 107 | 38 | 246 |
| Comércio varejista | 467 | 26 | 387 | 229 | 7 | 400 | 648 | 2164 |
| Alojamento e alimentação | 133 | - | 11 | 4 | - | 19 | 702 | 869 |
| Transporte, armazenagem e comunicações | 305 | X | 27 | 14 | X | 48 | 219 | 613 |
| Transporte terrestre | 174 | - | 5 | X | - | 3 | 74 | 256 |
| Transporte aquaviário | 8 | - | 12 | 6 | - | 37 | 99 | 162 |
| Transporte aéreo | - | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Agências de viagem | 108 | - | X | - | - | 3 | 31 | 142 |
| Correio e telecomunicações | 15 | X | X | X | X | X | 15 | 30 |
| Intermediação financeira, seguros e previdência | 43 | - | 36 | 40 | - | 35 | 32 | 186 |
| Intermediação financeira | 39 | - | 36 | 40 | - | 35 | 31 | 181 |
| Seguros e previdência complementar | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Atividades auxiliares | - | - | - | - | - | - | X | 0 |
| Atividades imobiliárias | 268 | - | 5 | 2 | - | 8 | 97 | 380 |
| Atividades imobiliárias | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos | 5 | - | X | X | - | - | 9 | 14 |
| Atividades de informática e serviços relacionados | 31 | - | - | - | - | - | 26 | 57 |
| Serviços prestados principalmente às empresas | 230 | - | X | X | - | 8 | 62 | 300 |
| Administração pública, defesa e seguridade social | 1.581 | 443 | X | 498 | X | 1.247 | 2.787 | 6556 |
| Educação | 111 | - | 16 | X | - | 2 | 16 | 145 |
| Saúde e serviços sociais | 27 | - | 28 | 118 | - | 8 | 108 | 289 |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 307 | 23 | 88 | 448 | 6 | 134 | 249 | 1255 |
| Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas | X | - | - | - | - | - | X | 0 |
| Atividades associativas | 257 | 21 | 75 | 435 | 6 | 111 | 132 | 1037 |
| Atividades recreativas, culturais e desportivas | 23 | - | 11 | 13 | - | 23 | 45 | 115 |
| Serviços pessoais | 4 | X | X | - | - | - | 11 | 15 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

6.4.5.1.2 - Finanças Públicas

Com relação às finanças públicas, os dados disponíveis que permitem comparar todos os municípios paraenses em estudo se referem ao ano de 2003.

O município de Oriximiná apresenta a maior receita tributária municipal - R\$ 8176767,39, no ano de 2003 - correspondendo a 58,4% da soma das receitas tributárias dos municípios que estão sendo comparados. A receita tributária do município de Almeirim corresponde a 31% deste total, enquanto Curuá é o município que apresenta a menor receita tributária municipal, com 3,2% do total da AII paraense. Oriximiná absorve, também 41,9% das transferências correntes de tributos estaduais aos municípios, ficando Almeirim com 38,1%,..

O município de Monte Alegre é o que recebe a maior parte do valor total da cota-parte no fundo de participação municipal recebida pelos municípios paraenses em estudo - 18,8%, enquanto Almeirim recebe 16,7% e Oriximiná, 16,2%. A menor participação é, também, do município de Curuá - 4,9%. No ano de 2003, Monte Alegre também obteve expressiva receita de capital, R\$ 682.602,26, representando 15,3% do total obtido com receita de capital pelos municípios paraenses Almeirim obteve 33,2%.

Quadro 6.4.5-13 - Discriminação da receita municipal - AII PA (2005)

| Municípios da AII | Cota-parte do fundo de participação - municipal - R\$ | Transferências correntes de tributos estaduais para os municípios - R\$ | Receita tributária - municipal - R\$ | Receita de capital - municipal - R\$ |
|-------------------|---|---|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Almeirim | 6222760,42 | 14776981,29 | 4368070,42 | 109647,09 |
| Prainha | 4241139,87 | 1281457,73 | 105475,98 | 774572 |
| Monte Alegre | 6973275,72 | 2105515,84 | 552327,88 | 682602,26 |
| Alenquer | 5940147,97 | 1852810,56 | 286561,03 | 347629,12 |
| Curuá | 1804626,94 | 694207,63 | 62710,56 | 490000 |
| Óbidos | 5895524,97 | 1811729,36 | 452572,45 | 572000 |
| Oriximiná | 6015128,52 | 16264971,31 | 8176767,39 | 1482100 |

Fonte: IPEA

6.4.5.1.3 - Emprego

A População Economicamente Ativa Rural representa parcela expressiva da PEA total em toda a área em estudo no Estado do Pará, sendo predominante nos municípios de Prainha (68,4%), Curuá (67,9%), Monte Alegre (65,8%) e Óbidos (51,4%). Nos demais municípios, a PEA rural varia de 36,1% em Oriximiná a 44,1% em Alenquer. O desemprego, no ano de 2000, era menor em meio à PEA rural, variando a população ocupada rural de 88,1% em Oriximiná a 97,7% em Alenquer. Em

áreas urbanas, a proporção da população ocupada urbana sobre a população economicamente ativa urbana variava de 77,1% no município de Prainha a 94,8% em Curuá.

Quadro 6.4.5-14 - População Economicamente Ativa e População Ocupada nos municípios da AII PA- 2000

| Municípios da AII | População Economicamente Ativa - Total - Pessoa | População Economicamente Ativa- Rural - Pessoa | População Ocupada- Rural - Pessoa | (%) | População Economicamente Ativa- Urbana - Pessoa | População Ocupada- Urbana - Pessoa | (%) |
|-------------------|---|--|-----------------------------------|------|---|------------------------------------|------|
| Almeirim | 13033,257 | 5507,8708 | 5144,344 | 93,4 | 7525,3857 | 6299,2289 | 83,7 |
| Prainha | 8535,7341 | 5835,8187 | 5472,8274 | 93,8 | 2699,9154 | 2080,531 | 77,1 |
| Monte Alegre | 22417,497 | 14745,05 | 14295,696 | 97,0 | 7672,447 | 6791,6443 | 88,5 |
| Alenquer | 15456,484 | 6819,9289 | 6664,0279 | 97,7 | 8636,555 | 7026,1593 | 81,4 |
| Curuá | 2765,8177 | 1878,4911 | 1805,4176 | 96,1 | 887,32665 | 841,55192 | 94,8 |
| Óbidos | 18451,257 | 9485,7537 | 9078,9031 | 95,7 | 8965,5033 | 7754,6552 | 86,5 |
| Oriximiná | 17648,051 | 6368,749 | 5613,7091 | 88,1 | 11279,302 | 9144,3594 | 81,1 |

Fonte: IPEA

6.4.5.2 - Área de Influência Indireta - Amapá

6.4.5.2.1 - Composição do Produto Interno Bruto (PIB) por Setor da Economia

No conjunto de municípios em estudo no Estado do Amapá, no ano de 2005, o setor primário foi responsável por 1,2% do PIB, o setor secundário, por 9,4%, e o setor terciário, por 89,4%. O setor de comércio e serviços é largamente preponderante na composição do PIB de todos os municípios analisados, variando de 84% em Mazagão a 90,4% em Macapá. A participação do setor industrial é mais expressiva no município de Santana (13,4%), enquanto o setor primário merece destaque no município de Mazagão, onde respondeu por 10% do PIB, em 2005.

Quadro 6.4.5-15 - Composição do PIB municipal - AII AP (2005)

| Municípios e AII | PIB Municipal - agropecuária* | (%) | PIB Municipal - indústria * | (%) | PIB Municipal - serviços * | (%) | Total dos setores |
|------------------|-------------------------------|------|-----------------------------|------|----------------------------|------|-------------------|
| Macapá | 11989,01 | 0,7 | 143875,3 | 8,8 | 1473801 | 90,4 | 1629666 |
| Santana | 4121,833 | 1,3 | 42008,99 | 13,7 | 260986,3 | 85,0 | 307117,1 |
| Mazagão | 4232,64 | 10,0 | 2576,057 | 6,1 | 35616,58 | 84,0 | 42425,28 |
| Laranjal do Jari | 3755,93 | 3,4 | 7986,493 | 7,2 | 98722,97 | 89,4 | 110465,4 |
| AII AP | 24099,41 | 1,2 | 196446,9 | 9,4 | 1869127 | 89,4 | 2089674 |

Fonte: IPEA

* valor adicionado - preços básicos - R\$ de 2000(mil) - Deflacionado pelo Deflator Implícito do PIB nacional

d) Setor Primário

No ano de 2005, o PIB gerado pelo setor agropecuário, na área em estudo, correspondeu a 29,4% do PIB gerado pelo setor primário em todo o Estado do Amapá.

Como é elevado o grau de informalidade neste setor, tanto no que se refere ao registro de unidades empresariais quanto com relação à contratação de pessoal, as atividades agropecuárias e a pesca costumam ser subrepresentadas em informações do Cadastro Central de Empresas do IBGE. Assim sendo, optou-se pela análise do setor primário através de informações sobre a produção animal e vegetal, fornecidas pela Pesquisa Pecuária Municipal, pela Produção Agrícola Municipal, e Produção da Extração Vegetal e Silvicultura, realizadas pelo IBGE.

Nos municípios em estudo no Estado do Amapá, existem rebanhos bovinos, eqüinos, bubalinos, asininos, muares, suínos, caprinos, ovinos, além de galinhas, galos, frangas, frangos e pintos. O maior rebanho é o de bubalinos, com 43.345 cabeças, no ano de 2006. Seguem-se o rebanho bovino (28.539 cabeças) e os galos, frangos, frangas e pintos (29.082 cabeças). Os maiores rebanhos (à exceção do muar) são criados na capital, Macapá.

Quadro 6.4.5-16 - Efetivo de rebanho por município da AII AP - 2006

| Municípios e AII | Bovino | Eqüino | Bubalino | Asinino | Muar | Suíno | Caprino | Ovino | Frangos etc. | Galinhas |
|------------------|--------|--------|----------|---------|------|--------|---------|-------|--------------|----------|
| Macapá | 17.730 | 1.330 | 24.151 | 87 | 94 | 11.732 | 570 | 410 | 23.730 | 1.120 |
| Santana | 6.171 | 179 | 8.145 | 69 | 101 | 1.504 | 248 | 101 | 1.732 | 410 |
| Mazagão | 2.450 | 128 | 8.930 | 61 | 94 | 1.667 | 281 | 113 | 1.890 | 248 |
| Laranjal do Jari | 2.178 | 86 | 2.119 | 78 | 88 | 1.877 | 117 | 95 | 1.730 | 320 |
| AII AP | 28.529 | 1.723 | 43.345 | 295 | 377 | 16.780 | 1.216 | 719 | 29.082 | 2.098 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

A produção animal, na AII do Amapá, se restringe a leite e ovos de galinha, sendo que a produção do leite correspondeu, em 2006, a 98,4% do valor da produção animal no conjunto de municípios em estudo no Estado do Amapá. A capital, Macapá, responde por 71,8% do valor da produção animal na área em estudo.

Quadro 6.4.5-17 - Valor da produção de origem animal por tipo de produto nos município da AII AP (Mil reais) - 2006

| Municípios e AII | Total | Leite | Ovos de galinha |
|------------------|-------|-------|-----------------|
| Macapá | 573 | 567 | 6 |
| Santana | 99 | 97 | 2 |
| Mazagão | 60 | 58 | 2 |
| Laranjal do Jari | 66 | 63 | 3 |
| All AP | 798 | 785 | 13 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

Os produtos de lavouras temporárias, cultivados em todos os municípios da AII do Amapá, são o milho (em grão), o arroz (em casca) e o feijão (em grão). No ano de 2006, em termos de valor da produção, predomina o milho, responsável por 42,7% do valor da produção das lavouras temporárias na área em estudo no Estado do Amapá, sendo Macapá e Laranjal do Jari os maiores produtores. Laranjal do Jari é, também, o maior produtor de feijão e arroz.

Quadro 6.4.5-18 - Valor da produção da lavoura temporária por município da AII AP (Mil reais) - 2006

| Municípios e AII | Total | Arroz (em casca) | Feijão (em grão) | Milho (em grão) |
|------------------|-------|------------------|------------------|-----------------|
| Macapá | 268 | 59 | 76 | 133 |
| Santana | 76 | 18 | 24 | 34 |
| Mazagão | 172 | 60 | 38 | 74 |
| Laranjal do Jari | 329 | 94 | 115 | 120 |
| All AP | 845 | 231 | 253 | 361 |

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Quanto às lavouras permanentes, são cultivados, em todos os municípios da AII do Amapá, laranja, banana e maracujá. Em Macapá, há, ainda, cultivos de mamão e goiaba. Em termos de valor da produção, predominam a laranja e a banana. No ano de 2006, a produção de laranja respondeu por 40,6% do valor da produção das lavouras permanentes na área em estudo do Amapá, sendo Macapá o maior produtor. A produção de banana gerou 39,1% do valor da produção das lavouras permanentes em 2006, sendo Laranjal do Jari o maior produtor.

Quadro 6.4.5-19 - Valor da produção da lavoura permanente por município da AII AP (Mil reais) - 2006

| Municípios e AII | Total | Banana | Goiaba | Laranja | Mamão | Maracujá |
|------------------|-------|--------|--------|---------|-------|----------|
| Macapá | 944 | 282 | 36 | 395 | 91 | 140 |
| Santana | 276 | 98 | - | 124 | - | 54 |
| Mazagão | 466 | 205 | - | 179 | - | 82 |
| Laranjal do Jari | 852 | 408 | - | 332 | - | 112 |
| All AP | 2538 | 993 | 36 | 1030 | 91 | 388 |

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

A extração vegetal é praticada em todos os municípios em estudo no Estado do Amapá. Os produtos obtidos em todos estes municípios são: açaí, palmito, carvão vegetal, lenha e madeira em tora. Nos municípios de Mazagão e Laranjal do Jari, também há extração de castanha-do-pará. Laranjal do Jari produz, ainda, borrachas (látex coagulado e látex líquido). Em termos de valor da produção, no ano de 2006, a extração de madeira em tora foi responsável por 60,3% do valor da produção na extração vegetal na área em estudo no Estado do Amapá, sendo Mazagão o maior produtor. Destacam-se, também, o açaí (15,2%) e a castanha-do-pará (11,5%), cujos maiores produtores são Mazagão e Laranjal do Jari, respectivamente.

Quadro 6.4.5-20 - Valor da produção da extração vegetal por município da AII AP - 2006

| Municípios e AII | TOTAL | Alimentícios | Açaí (fruto) | Castanha-do-Pará | Palmito | Borrachas | Hevea (látex coagulado) | Hevea (látex líquido) | Carvão vegetal | Lenha | Madeira em tora |
|------------------|-------|--------------|--------------|------------------|---------|-----------|-------------------------|-----------------------|----------------|-------|-----------------|
| Macapá | 544 | 212 | 185 | - | 27 | - | - | - | 42 | 61 | 229 |
| Santana | 281 | 98 | 96 | - | 2 | - | - | - | 14 | 37 | 132 |
| Mazagão | 1.562 | 361 | 219 | 134 | 8 | - | - | - | 43 | 86 | 1.072 |
| Laranjal do Jari | 1.090 | 294 | 29 | 265 | - | 76 | 4 | 72 | 11 | 45 | 664 |
| AII AP | 3477 | 965 | 529 | 399 | 37 | 76 | 4 | 72 | 110 | 229 | 2097 |

Fonte: Produção da Extração Vegetal e Silvicultura - IBGE

Não foi encontrada produção significativa, em termos estatísticos, da silvicultura, na área em estudo.

h) Setor Secundário

No ano de 2005, o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelo setor secundário, no conjunto de municípios em Estudo no Estado do Amapá, representou 67,4% do PIB gerado pelo setor industrial em todo o Estado.

De acordo com o Cadastro Central de Empresas, do IBGE, no ano de 2006, havia 1003 estabelecimentos empresariais do setor industrial na área em estudo no Estado do Amapá, 743 deles situados na capital, Macapá, como demonstra o Quadro 6.4.5-21. O conjunto de estabelecimentos industriais da área em estudo empregava, em 2006, 7.250 trabalhadores, 73,5% deles em Macapá, 21,9% em Santana, 2,9% em Mazagão e 1,7% em Laranjal do Jari.

As indústrias de transformação e de construção são responsáveis pela maior parte dos estabelecimentos industriais existentes na All do Amapá (49,2% e 46,5% dos estabelecimentos, respectivamente, em 2006). As indústrias de construção empregam 44,5% do pessoal ocupado em estabelecimentos industriais nesta All, 85,9% dos quais trabalham na capital, Macapá. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água é responsável por 7,6% do pessoal ocupado na All, sendo todos os empregos oferecidos em Macapá.

Quadro 6.4.5-21 - Estabelecimentos Empresariais no Setor Secundário por município da All AP - 2006

| Setor Secundário | Municípios da All | | | | |
|--|-------------------|---------|---------|------------------|--------------|
| | Macapá | Santana | Mazagão | Laranjal do Jari | All do Amapá |
| Total | 743 | 185 | 12 | 63 | 1003 |
| Indústrias extrativas | 12 | 10 | 4 | 5 | 31 |
| Extração de minerais metálicos | 7 | 9 | 4 | 1 | 21 |
| Extração de minerais não-metálicos | 5 | 1 | - | 4 | 10 |
| Indústrias de transformação | 347 | 119 | 6 | 21 | 493 |
| Produtos alimentícios e bebidas | 84 | 30 | 1 | 3 | 118 |
| Produtos do fumo | 1 | - | - | - | 1 |
| Produtos têxteis | 5 | 1 | - | - | 6 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 36 | 7 | - | 1 | 44 |
| Artefatos de couro | - | - | - | 1 | 1 |
| Produtos de madeira | 31 | 13 | 2 | 4 | 50 |
| Celulose, papel e produtos de papel | - | 3 | - | - | 3 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 46 | 5 | - | 1 | 52 |
| Refino de fabricação de derivados de Petróleo | - | 1 | - | - | 1 |
| Produtos químicos | 4 | 2 | 1 | 1 | 8 |
| Artigos de Borracha e Plástico | 1 | 1 | - | - | 2 |
| Minerais não-metálicos | 23 | 22 | 1 | 1 | 47 |
| Metalurgia básica | 3 | - | - | 1 | 4 |
| Produtos de metal | 30 | 10 | - | 1 | 41 |
| Máquinas e equipamentos | 19 | 2 | - | - | 21 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 4 | 4 | - | - | 8 |
| Aparelhos Eletrônicos e de comunicações | 5 | - | - | - | 5 |
| Equipamentos médico-hospitalares, ópticos e de precisão | 4 | 1 | - | - | 5 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | 5 | 1 | - | - | 6 |
| Outros equipamentos de Transporte | 2 | - | - | - | 2 |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 42 | 16 | 1 | 7 | 66 |
| Produção e distribuição de eletricidade, gás e água | 10 | 2 | - | 1 | 13 |
| Eletricidade, gás e água quente | 9 | 2 | - | 1 | 12 |
| Captação, tratamento e distribuição de água | 1 | - | - | - | 1 |
| Construção | 374 | 54 | 2 | 36 | 466 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Dentre as indústrias de transformação, quanto à geração de emprego, é mais expressiva a de fabricação de produtos alimentícios e bebidas, com 14,6% do pessoal ocupado em estabelecimentos industriais na All do Amapá, em 2006. A maior parte destes postos de trabalho - 629 - estão no município de Santana, representando 39,5% do pessoal ocupado no setor secundário no município.

No município de Santana, está situado o Distrito Industrial do Estado do Amapá, cujo parque industrial passa por constante ampliação. Lá se encontram instaladas, entre outras, as empresas Flórida e Equador, com fábricas de palmitos de açaí, a ISA Peixe (indústria de pescado) e a REAMA (que industrializa a Coca-cola no Estado).

O Quadro 6.4.5-22 abaixo, relaciona o pessoal ocupado nas diferentes classes de estabelecimentos empresariais do setor industrial. Na área em estudo, em termos de geração de postos de trabalho, chama a atenção, também, a fabricação de produtos de minerais não-metálicos, responsável por 6,7% do pessoal ocupado no setor secundário na All, gerando empregos em Macapá e Santana, com destaque para as fabricas de tijolos em Macapá. São significativas, ainda, as atividades de edição, impressão e reprodução de gravações (a maior parte destes empregos oferecidos na capital); fabricação de móveis e indústrias diversas (3,1% do pessoal ocupado no setor secundário na All) e fabricação de produtos de madeira, que gera empregos nos municípios de Macapá, Santana e Laranjal do Jari, merecendo destaque o fato de que o pessoal ocupado nesta atividade representa 9,4% do total do pessoal ocupado nos estabelecimentos do setor secundário no município de Santana.

As indústrias de extração de minerais metálicos empregam 85,5% do pessoal ocupado em estabelecimentos do setor secundário no município de Mazagão (177 trabalhadores), e 7,2%, no município de Santana (115 trabalhadores), que, somados aos 15 trabalhadores ocupados nestas atividades no município de Macapá, representam 4,2% do pessoal ocupado no setor industrial na área em estudo no Estado do Amapá.

Quadro 6.4.5-22 - Pessoal ocupado em estabelecimentos empresariais no setor secundário por município da AII AP - 2006

| Setor Secundário | Municípios e AII - Número de Estabelecimentos | | | | | | | |
|--|---|-----------|--------------|-----------|----------|------------|--------------|--------------|
| | Almeirim | Praia | Monte Alegre | Alenquer | Curua | Óbidos | Oriximiná | AII PA |
| Total | 2.094 | 42 | 95 | 71 | - | 108 | 1.872 | 4.282 |
| Indústrias extrativas | 4 | - | X | X | - | - | 1.300 | 1.304 |
| Extração de minerais metálicos | 3 | - | - | - | - | - | X | 3 |
| Extração de minerais não-metálicos | 1 | - | X | X | - | - | 3 | 4 |
| Indústrias de transformação | 1.598 | 42 | 82 | 49 | X | 82 | 95 | 1.948 |
| Produtos alimentícios e bebidas | X | X | 23 | 15 | - | 21 | 28 | 87 |
| Produtos têxteis | X | - | - | - | - | X | - | 0 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 7 | - | 6 | X | - | X | 4 | 17 |
| Produtos de madeira | 334 | 40 | 5 | 5 | X | 46 | X | 430 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 908 | - | - | - | - | - | - | 908 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | - | - | X | X | - | X | 11 | 11 |
| Produtos químicos | - | - | X | - | - | X | - | 0 |
| Minerais não-metálicos | 331 | - | 33 | X | - | X | 41 | 405 |
| Produtos de metal | - | - | - | X | - | - | X | 0 |
| Máquinas e equipamentos | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Aparelhos Eletrônicos e de comunicações | - | - | - | - | - | - | X | 0 |
| Equipamentos médico-hospitalares, ópticos e de precisão | X | - | - | - | - | - | - | 0 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | - | - | - | - | - | X | - | 0 |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 18 | X | 9 | 8 | - | X | 5 | 40 |
| Produção e distribuição de eletricidade, gás e água | 2 | X | 15 | 8 | X | 16 | 14 | 55 |
| Eletricidade, gás e água quente | 2 | X | 6 | 3 | X | 4 | X | 15 |
| Captação, tratamento e distribuição de água | - | X | X | X | - | X | X | 0 |
| Construção | 490 | X | 13 | 14 | - | 10 | 463 | 990 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

i) Setor Terciário

No ano de 2005, o setor terciário da economia respondeu por 89,4% do PIB gerado na AII do Amapá, tendo elevada participação na formação do PIB de todos os municípios em estudo no Estado do Amapá. O PIB gerado pelo setor de comércio e serviços, na área em estudo, foi de R\$ 1.869.127.000,00, correspondendo a 85,5% do PIB do setor terciário em todo o Estado. O setor recebeu significativo incremento com a criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), facilitando o acesso a uma ampla gama de produtos importados.

No conjunto de municípios em estudo no Estado do Amapá, em 2006, segundo o Cadastro Central de Empresas do IBGE, o setor terciário empregava 67.090 trabalhadores, como demonstra o Quadro 6.4.5-23, 91,6% dos quais na capital, Macapá. O município de Santana absorvia 6,7% do pessoal ocupado no setor de comércio e serviços, restando 1,5% em Laranjal

do Jari e apenas 0,2% no município de Mazagão, onde a maior parte dos 125 trabalhadores do setor terciário ocupava-se no comércio varejista e em bancos.

Quadro 6.4.5-23 - Estabelecimentos empresariais no setor terciário por município da AII AP - 2006

| Setor Terciário | Município da AII | | | | |
|--|------------------|---------|---------|------------------|--------------|
| | Macapá | Santana | Mazagão | Laranjal do Jari | AII do Amapá |
| Total | 4.940 | 947 | 85 | 448 | 6.420 |
| Comércio | 3.349 | 732 | 51 | 344 | 4.476 |
| Reparação de veículos e comércio de combustíveis | 346 | 43 | 1 | 13 | 403 |
| Comércio por atacado e representantes comerciais | 323 | 53 | 2 | 21 | 399 |
| Comércio varejista | 2.680 | 636 | 48 | 310 | 3.674 |
| Alojamento e alimentação | 289 | 20 | 7 | 15 | 331 |
| Transporte, armazenagem e comunicações | 229 | 54 | 2 | 23 | 308 |
| Transporte terrestre | 63 | 20 | - | 12 | 95 |
| Transporte aquaviário | 5 | 17 | - | 7 | 29 |
| Transporte aéreo | 7 | - | - | - | 7 |
| Agências de viagem | 99 | 12 | 1 | 2 | 114 |
| Correio e telecomunicações | 55 | 5 | 1 | 2 | 63 |
| Intermediação financeira, seguros e previdência | 237 | 37 | 15 | 35 | 324 |
| Intermediação financeira | 179 | 35 | 15 | 34 | 263 |
| Seguros e previdência complementar | 18 | 1 | - | - | 19 |
| Atividades auxiliares | 40 | 1 | - | 1 | 42 |
| Atividades imobiliárias | 526 | 77 | 7 | 20 | 630 |
| Atividades imobiliárias | 22 | 2 | - | - | 24 |
| Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos | 91 | 10 | - | 2 | 103 |
| Atividades de informática e serviços relacionados | 48 | 4 | 1 | - | 53 |
| Pesquisa e desenvolvimento | 3 | - | - | 1 | 4 |
| Serviços prestados principalmente às empresas | 362 | 61 | 6 | 17 | 446 |
| Administração pública, defesa e seguridade social | 35 | 6 | 1 | 2 | |
| Educação | 137 | 10 | -1 | 6 | 154 |
| Saúde e serviços sociais | 138 | 11 | 1 | 3 | 153 |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 515 | 73 | 15 | 50 | 653 |
| Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas | 8 | 1 | - | 1 | 20 |
| Atividades associativas | 298 | 46 | 13 | 31 | 388 |
| Atividades recreativas, culturais e desportivas | 119 | 23 | 2 | 8 | 152 |
| Serviços pessoais | 90 | 3 | - | 10 | 103 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Nota: Os dados com menos de 3 (três) informantes estão desidentificados com o caracter X.

O comércio varejista absorve a maior parte do pessoal ocupado na AII do Amapá. Destacam-se, ainda, as atividades bancárias, como pode ser verificado no Quadro 6.4.5-24. As atividades de administração pública, defesa e seguridade social respondem por uma porcentagem significativa dos empregados no setor terciário nos municípios de Macapá e Santana (48,2% e 29,4%, respectivamente). Estes dois municípios apresentam, também, maior diversificação dos estabelecimentos do setor terciário, com maior porcentagem de pessoal ocupado em atividades como o comércio no atacado, transporte, armazenagem e comunicações, atividades recreativas, serviços de saúde, educação e prestação de serviços a empresas. Há atividades que só geram empregos na capital, Macapá, como atividades imobiliárias, transporte aéreo, pesquisa e desenvolvimento e limpeza urbana, esgoto e atividades relacionadas.

Quadro 6.4.5-24 - Pessoal ocupado em estabelecimentos empresariais no setor terciário por município da AII AP - 2006

| Setor Terciário | Município da AII | | | | |
|---|------------------|---------|---------|------------------|--------------|
| | Macapá | Santana | Mazagão | Laranjal do Jari | AII do Amapá |
| Total | 4.940 | 947 | 85 | 448 | 6.420 |
| Comércio | 3.349 | 732 | 51 | 344 | 4.476 |
| Reparação de veículos e comércio de combustíveis | 346 | 43 | 1 | 13 | 403 |
| Comércio por atacado e representantes comerciais | 323 | 53 | 2 | 21 | 399 |
| Comércio varejista | 2.680 | 636 | 48 | 310 | 3.674 |
| Alojamento e alimentação | 289 | 20 | 7 | 15 | 331 |
| Transporte, armazenagem e comunicações | 229 | 54 | 2 | 23 | 308 |
| Transporte terrestre | 63 | 20 | - | 12 | 95 |
| Transporte aquaviário | 5 | 17 | - | 7 | 29 |
| Transporte aéreo | 7 | - | - | - | 7 |
| Agências de viagem | 99 | 12 | 1 | 2 | 114 |
| Correio e telecomunicações | 55 | 5 | 1 | 2 | 63 |
| Intermediação financeira, seguros e previdência | 237 | 37 | 15 | 35 | 324 |
| Intermediação financeira | 179 | 35 | 15 | 34 | 263 |
| Seguros e previdência complementar | 18 | 1 | - | - | 19 |
| Atividades auxiliares | 40 | 1 | - | 1 | 42 |
| Atividades imobiliárias | 526 | 77 | 7 | 20 | 630 |
| Atividades imobiliárias | 22 | 2 | - | - | 24 |
| Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos | 91 | 10 | - | 2 | 103 |
| Atividades de informática e serviços relacionados | 48 | 4 | 1 | - | 53 |
| Pesquisa e desenvolvimento | 3 | - | - | 1 | 4 |
| Serviços prestados principalmente às empresas | 362 | 61 | 6 | 17 | 446 |
| Administração pública, defesa e seguridade social | 29656 | 1321 | X | X | 3097 |
| Educação | 2338 | 79 | - | 14 | 2431 |
| Saúde e serviços sociais | 2171 | 59 | X | 22 | 2252 |

| Setor Terciário | Município da All | | | | |
|---|------------------|---------|---------|------------------|--------------|
| | Macapá | Santana | Mazagão | Laranjal do Jari | All do Amapá |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 2872 | 120 | 12 | 80 | 3084 |
| Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas | 435 | X | - | X | 435 |
| Atividades associativas | 1741 | 63 | 11 | 55 | 1807 |
| Atividades recreativas, culturais e desportivas | 502 | 48 | X | 10 | 560 |
| Serviços pessoais | 194 | 3 | - | 14 | 1921 |

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

6.4.5.2.2 - Finanças Públicas

Para analisar as finanças públicas, observa-se a participação dos municípios da All na cota-parte de fundo de participação municipal, nas transferências correntes de tributos estaduais para os municípios, na receita tributária municipal e nas receitas de capital, relacionadas no Quadro 6.4.5-25.

No ano de 2005, a capital do Estado, Macapá, absorveu 83% dos recursos destinados aos municípios em estudo provenientes da cota-parte de fundo de participação municipal e 70% das transferências correntes de tributos estaduais. O município de Santana ficou com 9,1% e 26,3% destes recursos, respectivamente. O município de Mazagão recebeu 2,6% dos recursos destinados aos municípios em estudo em 2005, de ambas as fontes. Laranjal do Jari recebeu 5,2% da cota-parte do fundo de participação municipal captada pelo conjunto de municípios da All, no ano de 2005, e 1,2% das transferências correntes de tributos estaduais aos municípios.

Em 2005, a receita tributária dos municípios em estudo no Estado do Amapá somou R\$ 18.060.381,83. A receita tributária de Macapá representou 78,3% deste total. Santana obteve, no mesmo ano, R\$ 3.303.443,29 de receita tributária municipal, correspondendo a 18,3% das receitas tributárias dos municípios da All do Amapá. A receita tributária do município de Mazagão representou somente 0,7% deste total, enquanto a receita tributária municipal de Laranjal do Jari correspondeu a 2,7% do total da All do Amapá. Somente Macapá e Laranjal do Jari obtiveram receitas de capital, no ano de 2005.

Quadro 6.4.5-25 - Discriminação da receita municipal - AII AP (2005)

| Municípios da AII | Cota-parte do fundo de participação - municipal - R\$ | Transferências correntes de tributos estaduais para os municípios - R\$ | Receita tributária - municipal - R\$ | Receita de capital - municipal - R\$ |
|-------------------|---|---|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Macapá | 73463530,96 | 40118969,6 | 14147574,42 | 3588613,16 |
| Santana | 8088125,81 | 15070365,16 | 3303443,29 | 0 |
| Mazagão | 2310893,15 | 661839,02 | 127941,93 | 0 |
| Laranjal do Jari | 4621786,38 | 1462324,26 | 481422,19 | 227114,93 |

Fonte: IPEA

6.4.5.2.3 - Emprego

No ano de 2000, à ocasião da realização do último Censo Demográfico, de uma maneira geral, predominava, nos municípios em estudo no Estado do Amapá, a População Economicamente Ativa (PEA) urbana. Merece destaque, como uma exceção, a proporção de 47,6% da PEA rural no município de Mazagão. Nos demais municípios em estudo, a PEA rural variava de 2,7% em Macapá a 5,6% em Santana. A proporção da PEA ocupada sobre a PEA é menor nas áreas urbanas em todos os municípios em estudo, ou seja, é maior o desemprego urbano, o que é agravado pelo fato de que a PEA urbana constitui larga maioria na área em estudo. A PEA urbana ocupada variava de 63,6% da PEA urbana, em Mazagão, a 80,6% em Macapá, em 2000. A PEA rural ocupada variava, no mesmo ano, de 81,1% da PEA rural, em Mazagão, a 100% em Laranjal do Jari.

Quadro 6.4.5-26 - População Economicamente Ativa e População Ocupada por município da AII AP - 2000

| Municípios da AII | População Economicamente Ativa - Total - Pessoa | Populacao Economicamente Ativa- Rural - Pessoa | Populacao Ocupada- Rural - Pessoa | (%) | Populacao Economicamente Ativa- Urbana - Pessoa | Populacao Ocupada- Urbana - Pessoa | (%) |
|-------------------|---|--|-----------------------------------|-------|---|------------------------------------|------|
| Macapá | 114812,88 | 3058,92 | 2786,2584 | 91,1 | 111753,96 | 90083,179 | 80,6 |
| Santana | 29018,285 | 1618,7446 | 1336,8878 | 82,6 | 27399,54 | 21223,84 | 77,5 |
| Mazagão | 3139,9429 | 1494,5564 | 1211,3976 | 81,1 | 1645,3865 | 1045,8322 | 63,6 |
| Laranjal do Jari | 10564,367 | 428,34687 | 428,34687 | 100,0 | 10136,02 | 8143,1983 | 80,3 |

Fonte: IPEA